

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

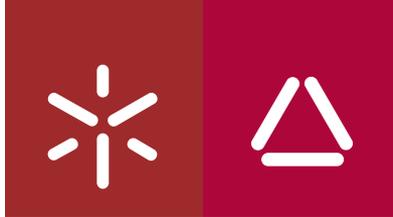
Ana Lúcia Pereira Carneiro

O potencial turístico do Património Mineiro de Ponte de Lima: um passado com futuro

Ana Lúcia Pereira Carneiro **O potencial turístico do Património Mineiro de Ponte de Lima: um passado com futuro**

UMinho | 2015

janeiro de 2015



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Ana Lúcia Pereira Carneiro

O potencial turístico do Património Mineiro de Ponte de Lima: um passado com futuro

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Património e Turismo Cultural

Trabalho realizado sob a orientação do
Professor Doutor José Manuel Lopes Cordeiro

DECLARAÇÃO

Nome: Ana Lúcia Pereira Carneiro

Endereço eletrónico: alcarneiro@portugalmail.pt

Número do Cartão do Cidadão: 10840538

Título da Dissertação: O potencial turístico do Património Mineiro de Ponte de Lima: um passado com futuro

Orientador: Professor Doutor José Manuel Lopes Cordeiro

Ano de conclusão: 2015

Designação do Mestrado: Património e Turismo Cultural

1. É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSE, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, ____/ ____/ _____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Considerando esta dissertação como resultado de uma caminhada, agradeço de antemão a todos os que, de alguma forma, passaram pela minha vida e contribuíram para a construção de quem sou hoje. E agradeço, particularmente, a algumas pessoas pela sua contribuição direta na elaboração deste trabalho, nomeadamente:

Ao meu orientador, José Manuel Lopes Cordeiro, por todo o apoio, por todas as suas sugestões, pelo constante incentivo, profissionalismo e disponibilidade na orientação do estudo;

Aos meus pais pelo apoio de sempre, suporte incondicional de estímulo e encorajamento.

Em particular ao meu marido, Paulo Pimenta, pela compreensão, pelo sacrifício pessoal, pelos momentos em que estive ausente e, principalmente, pelo apoio inexcedível e determinante para a elaboração desta tese.

Ao meu filho Guilherme, amor de e para sempre, comunhão de sonhos, conquistas, partilhas, brincadeiras, olhares atentos e sorrisos luminosos.

Ainda aos amigos e colegas, pelo incentivo e apoios constantes.

Finalmente a todos os que comigo trocaram conhecimentos e experiências imprescindíveis à realização deste estudo, principalmente ao Eng.º Abreu Lima pelas cruciais informações e contactos fornecidos que me encaminharam ao atual proprietário da 'Separadora'; ao Sr. José Lima e esposa por toda a gentileza, disponibilidade imediata e encaminhamento direto aos antigos homens e mulheres que trabalharam nas minas da Serra d'Arga e que comigo trocaram informações através de entrevistas; ao Dr. Anibal Marinho pela cedência de informações e pronta recetibilidade como interlocutor com a sua mãe Margarida Marinho, antiga secretária da 'Separadora' que me concedeu informações valiosas; e ao Sr. Óscar Ferraz por toda a simpatia e disponibilidade para me apresentar a antigos trabalhadores da 'Separadora' que cederam informações enriquecedoras para este estudo.

A todos o meu profundo agradecimento.

DEDICATÓRIA

Ao meu pai, desaparecido inesperadamente ao longo desta caminhada...

RESUMO

Nos últimos anos o turismo tem vindo a manifestar um papel de crucial relevância com a inclusão de estratégias inovadoras e concertadas de desenvolvimento do território que, alavancadas na promoção e consolidação dos valores patrimoniais e culturais, contribuem para o enriquecimento lúdico-cultural e para a qualidade de vida das populações.

Trata-se do turismo cultural que, alicerçado em recursos endógenos, gera uma forte ancoragem nas dinâmicas culturais locais e concebe um novo modelo de desenvolvimento económico, social e territorial.

Este tipo de turismo aposta em soluções específicas que diferenciam a região e aumentam o seu capital competitivo através de ofertas diferenciadoras e complementares colocando em curso iniciativas de aproveitamento e revitalização do seu património para fins turísticos.

Neste estudo as iniciativas de cariz turístico são concomitantemente associadas ao património mineiro e ao património industrial representando parte fundamental da história, da herança cultural e da identidade de uma localidade, como é o caso de Ponte de Lima, que apresenta um rico e diversificado património mineiro e industrial.

Este património aglutina as minas da Serra d'Arga que constituem um território mineiro significativo dedicado à exploração mineira, particularmente do volfrâmio e do estanho, e que estavam agregadas à 'Separadora' de Ponte de Lima.

Nesta conformidade, pretende-se difundir e valorizar o património industrial e mineiro da Serra d'Arga que apresenta um elevado potencial turístico e que, aliado a uma proposta de reabilitação de uma estrutura de índole industrial, poderá ser transformado num futuro 'Centro de Informação do Minério'.

A revitalização deste espaço originará a implementação de itinerários turístico-culturais às minas, que constituirão um instrumento de potenciação dos valores patrimoniais e culturais, e compreenderão as relações entre o meio, o ordenamento e a regeneração do território.

Este é um projeto de cooperação cultural que tem como missão promover a qualificação da região, valorizando o papel central do turismo enquanto setor dinamizador e promotor de desenvolvimento do território.

Palavras-chave: Ponte de Lima, património mineiro, volfrâmio, turismo, 'Separadora'.

ABSTRACT

For the last years tourism has been playing a crucial role by including innovative and concerted strategies for development of the territory that leveraged in the promotion and consolidation of cultural and heritage values contribute to recreational and cultural enrichment and to the population's quality of life.

It is a cultural tourism which supported by endogenous resources creates a strong anchoring in local cultural dynamics and generates a new model of economic, social and territorial development.

This kind of cultural tourism relies in specific solutions that distinguish the region and increase their competitive capital through distinctive and complementary offers, by putting in motion initiatives of optimization and revitalization of its heritage for tourist purposes.

In this study the initiatives of tourist are simultaneously connected to mining and industrial heritage, representing an essential part of the history, the cultural heritage and the identity of a village such as Ponte de Lima, which has a rich and diverse mining and industrial heritage.

This heritage joins the mines of Serra d'Arga which are a considerable mining territory dedicated to mining, especially of wolfram and tin, and that were aggregated to the 'Separadora' of Ponte de Lima.

Thereby, the purpose is to share and value the industrial and mining heritage of Serra d'Arga which offers a great tourist potential that together with a proposal of the rehabilitation of an industrial structure, might be transformed in a future "Centro de Informação do Minério".

This space will lead to the implementation of cultural and tourist routes to the mines which will be an instrument to enhance cultural and heritage values and will embrace the relationships with the surroundings, the planning and land regeneration.

This is a project of cultural cooperation with the purpose of promoting the qualifications of the region, valuing the central role of tourism as a driving force for the development of the territory.

Key words: Ponte de Lima, mining heritage, wolfram, tourism, 'Separadora'

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO

1. Apresentação do Tema	1
2. Objetivos	3
3. Metodologia	5
4. Estrutura e organização do trabalho	5

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. O Turismo Industrial: origem, definição e potencialidades	7
1.2. O Património Industrial Mineiro: identidade cultural com potencialidades turísticas	13
1.3. A relevância de itinerários turístico-culturais associados ao Património Mineiro	16

PARTE II – A EXPLORAÇÃO MINEIRA: CARATERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO E PATRIMÓNIO INDUSTRIAL MINEIRO DE PONTE DE LIMA

2.1. Caraterização geral do concelho	23
2.2. A exploração do minério no Alto Minho: contextualização histórica	25
2.3. A atividade mineira: condições de trabalho e modos de vida	30
2.4. A atividade mineira: formas e técnicas de trabalho	34
2.5. Descrição do território mineiro da Serra d' Arga	37
2.5.1. O edifício da “Separadora”: descrição geral	46
2.5.1.1. Enquadramento histórico do edifício	48
2.5.1.2. Estrutura do edifício e funcionamento da ‘Separadora’	53
2.5.1.3. Circuito do minério na ‘Separadora’	56

PARTE III – SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL MINEIRO DE PONTE DE LIMA: MEMÓRIAS E TESTEMUNHOS

3.1. O Património Material da herança mineira	60
---	----

3.1.1. A mina “Fulão”	60
3.1.2. A mina “Cumieira n.º 1”	65
3.1.3. A mina “Eiradas”	66
3.1.4. A mina “Escusa n.º 1”	67
3.1.5. A mina “Escusa n.º 2”	67
3.1.6. A mina “Lagoa”	68
3.1.7. A mina “Cavalinho”	68
3.1.8. A mina “Monteiros”	70
3.1.9. A mina “Pedrinhas Brancas n.º 1”	72
3.1.10. A mina “Pedrinhas Brancas n.º 2”	72
3.1.11. A mina “Mãos”	73
3.1.12. A mina “Escusa”	74
3.1.13. A mina “Ribeiro do Seixalvo”	75
3.1.14. A mina “Cabração n.º 1”	76
3.1.15. A mina “Braçal”	76
3.1.16. A mina “Monte de Formigoso”	76
3.1.17. A mina de “Santa Justa”	77
3.1.18. A mina do “Lousado”	78
3.1.19. A mina da “Balouca”	78
3.1.20. A mina de “Estorãos”	80
3.2. O Património Imaterial: histórias de vida mineira	82
3.2.1. Memórias e testemunhos da ‘Separadora’	84
3.2.2. Memórias e testemunhos da exploração mineira	87

PARTE IV – RECUPERAÇÃO E REVITALIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL MINEIRO: PROPOSTAS, OPORTUNIDADES E POTENCIALIDADES TURÍSTICAS

4.1. Reintegração do património industrial e mineiro no quotidiano da população limiana: património a recuperar, preservar e valorizar	103
4.2. Proposta de revitalização da ‘Separadora’ para fins turísticos: potencial e tendências de desenvolvimento	104

4.3. A criação de itinerários turísticos-culturais às minas da Serra d'Arga	110
4.3.1. Itinerários Turístico-Culturais: análise S.W.O.T.	112
4.3.2. Definição e descrição dos itinerários	117
4.3.2.1. Percurso da 'Separadora'	119
4.3.2.2. Percurso das Minas	124
4.3.2.3. Percurso da Venda do Minério	128
4.3.2.4. Percurso da Represa	131
4.4. Estabelecimento de parcerias nacionais e internacionais para promoção do património mineiro	136
Conclusão	141
Bibliografia	145
Anexos	158

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADRIL – Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Lima

ATA – Associação de Turismo de Aldeia

CENTER – Central Nacional do Turismo em Espaço Rural

CIIC - Comité Científico Internacional sobre Rotas Culturais

CIIC – Centro de Investigação Interdisciplinar e Intervenção Comunitária

CMN – Circunscrição Mineira do Norte

ERIH – Rota Europeia do Património Industrial

GR – Grande Rota

ICOMOS – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios

ISCET – Instituto Superior de Ciências Empresariais e Turismo

LNEG – Laboratório Nacional de Energia Geológica

MINARGA – Minas da Serra d'Arga

MIPOLI – Minas de Ponte de Lima

OMT – Organização Mundial de Turismo

PR – Pequena Rota

SWOT – Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats (Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças)

TICCIH – Comissão Internacional para a Conservação do Património Industrial

TIN – Transformadora Industrial do Norte, Limitada

TURIHAB – Associação de Turismo de Habitação

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

GLOSSÁRIO

ALUVIÃO – É um depósito de materiais provenientes da destruição das rochas e transportados pelas águas correntes para determinado lugar, originando por vezes jazigos de valiosos minérios. É, também, considerado um sítio onde se encontra minério que é explorado a céu aberto.

BATEIA – Recipiente para lavar minério; popularmente conhecido como gamela para lavagem do minério.

CORTA - Com a forma geométrica de uma elipse, a corta da mina, explorada a céu aberto e em profundidade, era o local de onde se extraíam os minérios.

ESCOMBREIRA – É uma grande concentração de minérios sem aproveitamento numa mina. As escombreiras impedem o desenvolvimento da vegetação e de qualquer atividade agrícola.

EXPLORAÇÃO A CÉU ABERTO – Diz-se quando as escavações realizadas para a exploração do minério estão em contacto com o ar livre.

FILÃO – Corpo natural constituído por rochas ou minerais que se apresentam de forma estreita e comprida, ininterrompidamente da mesma matéria. Em Portugal os filões são muito numerosos e de grande variedade, contendo minério que originou a exploração mineira.

GALERIA – Trata-se de um corredor subterrâneo de uma mina.

JAZIGO – Veio ou depósito natural de matérias minerais, geralmente com algum valor económico. Este termo é considerado um sinónimo de mina ou jazida. Trata-se, também, de um sítio onde existe minério.

LAVARIA – Local onde se procedia à lavagem do minério, que poderia ser de forma artesanal ou mecanizada, com mão-de-obra humana ou através de maquinaria própria para o efeito.

TRINCHEIRA – Escavação a céu-aberto feita no solo, neste caso específico oriunda de escavações efetuadas à procura de minério.

Fontes:

In *Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2015. [consult. 2014-12-16]. Disponível na Internet: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa>.

In *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013. [consult. 2014-12-16]. Disponível na Internet: <http://www.priberam.pt/DLPO/aluvião>.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Exploração de minério	25
Figura 2 – Gazetilha	25
Figura 3 - Negócios de minério	26
Figura 4 - A exploração de minérios de volfrâmio	36
Figura 5 - Édito de Concessão do Entreposto Mineiro do Minho para mina de volfrâmio e estanho denominada «Lagoa do Abade» situada na Serra d'Arga	40
Figura 6 - Édito de concessão que requereu José Maria Soares Vieira para mina de volfrâmio e estanho denominada «ESTORÃOS» situada na Serra d'Arga	43
Figura 7 - 'Separadora' - Fachada principal	47
Figura 8 - 'Separadora' - Fachada principal	47
Figura 9 - 'Separadora' - Aspeto exterior	48
Figura 10 - 'Separadora' - Aspeto interior	48
Figura 11 - Ação da empresa MIPOLI	49
Figura 12 - Escritura MIPOLI – Minas de Ponte de Lima S.A.R.L.	50
Figura 13 - T.I.N., L.da – Anúncio publicitário	51
Figura 14 - Entreposto Mineiro do Minho, Limitada – Anúncio publicitário	51
Figura 15 - Edifício da 'Separadora' em 1991	52
Figura 16 - Planta do edifício da antiga 'Separadora'	55
Figura 17 - Tipos de valores associados ao património mineiro	57
Figura 18 - Paiol	63
Figura 19 - 'Casa do Pessoal'	63
Figura 20 - 'Casa da Direção'	64
Figura 21 - Estrada aberta para a Serra d'Arga e jipe da direção da MIPOLI	65

Figura 22 - Galeria da concessão mineira do Cavalinho – fotografia atual	69
Figura 23 - Trincheira da concessão mineira do Cavalinho – fotografia atual	69
Figura 24 - Escombreira da concessão mineira do Cavalinho – fotografia atual	69
Figura 25 - Casa de xisto da antiga lavaria – fotografia atual	70
Figura 26 - Antigo paiol – fotografia atual	70
Figura 27 - Estruturas de apoio à mina de ‘Monteiro’ – fotografia atual	72
Figura 28 - Estruturas de apoio à mina de ‘Monteiro’ – fotografia atual	72
Figura 29 - Trincheira e láoide da mina da Balouca	79
Figura 30 - Galeria de “Estorãos” – fotografia atual	81
Figura 31 - Galeria de “Estorãos” – fotografia atual	81
Figura 32 – Património mineiro da Serra d’Arga (Ponte de Lima)	81
Figura 33 - Trabalhadores das minas da Serra d’ Arga	82
Figura 34 - Trabalhadores das minas da Serra d’ Arga	82
Figura 35 - Filipe Figueiro – fotografia atual	87
Figura 36 - Rosa Alves – fotografia atual	89
Figura 37 - Laurinda Afonso – fotografia atual	90
Figura 38 - Laurinda Afonso, preparada para ir à feira, em janeiro de 1950	94
Figura 39 – Maquinaria	107
Figura 40 – Fornos	107
Figura 41 – Fonte	108
Figura 42 – Pormenor do portão da entrada	109
Figura 43 - Tipos de Percursos Pedestres	117
Figura 44 - Escombreiras das Minas de Santa Justa	120
Figura 45 - Ribeiro da Água Levada	121

Figura 46 - Escombreiras das Minas de Água Levada	122
Figura 47 - Galeria da Mina de Estorãos	122
Figura 48 - Percurso da Separadora	123
Figura 49 - Escombreiras da Mina de Estorãos	125
Figura 50 - ‘Casa da Direção’ e escombreira da Mina de Fulão	126
Figura 51 - Percurso das Minas	127
Figura 52 - Casa de Montanha do Cerquido.....	129
Figura 53 - Escombreira da Mina do Fulão	129
Figura 54 - Percurso da venda do minério	131
Figura 55 - Represa do Lourinhal	132
Figura 56 - Percurso da Represa	134
Figura 57 - Casa do Pessoal – fotografia atual	135
Figura 58 - Casa da Direção – fotografia atual	136
Figura 59 - Centro de Interpretação e Vivência ativa da Natureza	137

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela n. 1 - Concessões em nome coletivo	41
Tabela n. 2 - Concessões em nome individual	44
Tabela n. 3 - Descrição semanal do trabalho efetuado e material consumido	61
Tabela n. 4 – Custos em Materiais e Salários	62

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 – Região Mineira da Serra de Arga	161
Anexo 2 - MINARGA – Minas da Serra d’ Arga	162
Anexo 3 A - Revogação de concessões em 1992	163
Anexo 3 B - Revogação de concessões em 1992	164
Anexo 4 - Guião do inquérito ao proprietário da ‘Separadora’	165
Anexo 5 - Guião de entrevista de antigos trabalhadores da ‘Separadora’	166
Anexo 6 - Guião de Entrevista dirigido a familiares dos trabalhadores e conhecedores da ‘Separadora’	168
Anexo 7 - Guião de Entrevista dirigido a antigos trabalhadores das minas	170
Anexo 8 - Guião de Entrevista dirigido a familiares dos antigos trabalhadores das minas	172
Anexo 9 A – Painel Informativo: Mina do Fulão	174
Anexo 9 B – Painel Informativo: Mina do Cavalinho	175
Anexo 9 C – Painel Informativo: Mina de Estorões	176
Anexo 9 D – Painel Informativo: Minas e Ribeiro da Água Levada	177
Anexo 9 E – Painel Informativo: Minas de Santa Justa	178
Anexo 10 - Requerimento de autorização de transmissão por venda da concessão mineira denominada “Pedrinhas Brancas”	179
Anexo 11 - Requerimento de solicitação de venda da concessão mineira denominada “Pedrinhas Brancas n.º 1” pela Sociedade Mineira do Arco, Lda.	180
Anexo 12 - Reclamação contra os pedidos de concessão feitos pela MIPOLI	181
Anexo 13 - Requerimento da Geomina, Limitada a solicitar o averbamento da concessão mineira denominada “Escusa”	182
Anexo 14 - Requerimento da empresa MIPOLI a solicitar suspensão da mina denominada “Escusa”	183

Anexo 15 - Percurso da 'Separadora'	184
Anexo 16 - Percurso das Minas	185
Anexo 17 - Percurso da Venda do Minério	186
Anexo 18 - Percurso da Represa	187

INTRODUÇÃO

1. Apresentação do tema

Atualmente o turismo é encarado como um instrumento de desenvolvimento e de promoção dos territórios.

Considerado um elemento dinamizador da estrutura económica é, também, uma atividade com um enorme potencial, que baseado nas especificidades locais e nos recursos endógenos, pode traduzir-se numa alternativa de regeneração económica e social de muitas localidades.

O município de Ponte de Lima apresenta todas estas especificidades de elevado potencial turístico e constitui um bom exemplo no seio de um conjunto de autarquias que mais tem investido na criação de equipamentos de apoio ao turismo, no desenvolvimento de iniciativas e projetos estruturantes para a área do turismo, que projetam a região em Portugal e além-fronteiras, atraindo visitantes e turistas.

Sendo um território detentor de uma diversidade única, é possuidor de recursos e produtos turísticos diferenciadores, alguns objeto de valorização e reconhecimento no presente, outros ainda subaproveitados.

Nesta rica diversidade, claramente valorizada, figura o património material e imaterial, nomeadamente o património natural e paisagístico, o património cultural com fortes tradições implementadas, e notoriamente apreciado.

No entanto, existe outro tipo de património de elevado valor cultural ainda pouco conhecido e/ou reconhecido e conseqüentemente pouco valorizado. Neste caso específico insere-se o património mineiro, expressão da identidade deste território, como manifestação de desenvolvimento económico e social de uma época.

Torna-se, assim, fundamental destacar este tipo de património, que deverá ser mobilizado numa estratégia de desenvolvimento capaz de atrair um segmento de turismo diversificado, regional, nacional e internacional que se posiciona por uma escolha clara e pela qualidade sustentável.

A singularidade deste tipo de turismo está fortemente relacionada com a cultura e com o património industrial de uma região, que se assume como uma herança cultural, crucial para projetar o futuro, em articulação com elementos de preservação, conservação e salvaguarda.

Assim, a temática a tratar neste trabalho tem como finalidade dar a conhecer o património mineiro de Ponte de Lima, a exploração do volfrâmio e suas memórias associadas, constituindo um processo de planeamento e reconversão do território e da valorização do património cultural.

Pretende-se, igualmente, focalizar o estudo no turismo industrial e conhecer as especificidades de delineamento de um projeto sobre uma estrutura de índole industrial com valor histórico e

cultural, denominado de ‘Separadora’, associando-lhe as minas que lhe estavam agregadas e com as quais trabalhavam diretamente, depositárias do minério explorado principalmente na Serra d’Arga.

Ambiciona-se, portanto, revitalizar esta antiga fábrica, denominada popularmente de ‘Separadora’, transformando-a num espaço reabilitado para a informação, educação, cultura e lazer, projetando-a e preservando-a para um novo uso turístico.

Assim, pode afirmar-se que o turismo constitui uma das soluções mais evocadas para muitas das áreas mineiras, muito embora o conteúdo e o alcance das iniciativas a ser implementadas deva ser objeto de profunda reflexão.

Os projetos de reconversão de edifícios industriais, que visam a sua adaptação para um novo uso adequado às exigências e necessidades atuais, devem responder simultaneamente a duas questões, nomeadamente a salvaguarda e a reabilitação do património.

Em Ponte de Lima pode observar-se testemunhos edificados relacionados com a atividade mineira, designadamente a referida ‘Separadora’ e outros edifícios situados ao longo da Serra d’Arga, particularmente antigas casas dos engenheiros e trabalhadores das minas, que se encontram atualmente obsoletas e em crescente estado de degradação, mas que merecem ser requalificadas.

Segundo vários autores (Mendes 2000, Custódio 2005 e Folgado 2004, citado por Serrano, 2010) a sociedade pós-industrial deveria ser capaz de reconhecer nos vestígios das atividades industriais, que pereceram e vão sendo suplantados, um valor a salvaguardar. Estas estruturas constituem uma fonte de conhecimento sobre a sociedade e a sua evolução, revelando materiais, texturas, espaços, técnicas de produção e modos de vida de outrora.

“Existe ainda a possibilidade da sua valorização enquanto património e bem cultural, e até da sua recuperação e integração na sociedade atual e vida contemporânea. A reconversão é uma das muitas possibilidades de intervenção no tecido edificado, sendo uma prática cada vez mais comum na Europa, mas ainda pouco explorada em Portugal, nomeadamente quando se trata da reabilitação de antigos edifícios industriais.”¹

Neste estudo cabe ainda proceder à identificação das minas associadas à antiga ‘Separadora’, concebendo-se um projeto relacionado com o desenvolvimento e organização de itinerários turístico-culturais, que será munido com sinalética adequada e interpretativa, minimizando alguns problemas ambientais e sociais que possam ocorrer após término das concessões industriais.

¹ SERRANO, Ana Catarina Bispo (2010) – **Reconversão de espaços industriais: três projectos de intervenção em Portugal** [em linha]. Lisboa: Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa [Consult. 21 out. 2013]. Disponível em WWW:<<https://dspace.ist.utl.pt/bitstream/2295/787437/1/Ana%20Serrano%20-%20Dissertacao.pdf>>.

As “rotas, circuitos, itinerários, convocando sítios e lugares como pontos de uma rede, representam caminhos válidos para a construção de marcas de identidade territorial, e constituem um estímulo para a articulação entre as diferentes peças e a construção de um sentido de pertença ao conjunto.

Assim, os circuitos turísticos e culturais surgem como um conjunto de traçados turísticos, em que é essencial desenhar e materializar ações de animação, difusão e promoção dos seus recursos nucleares, e dar argumentos aos visitantes para permanecer alguns dias.”²

A peculiaridade e o caráter atrativo deste tipo de turismo levar-nos-á, também, a promover sinergias com as redes e/ou rotas temáticas existentes a nível nacional e internacional, de modo a desenvolver-se uma metodologia harmoniosa que respeite a cultura e as necessidades locais, e consiga introduzir-se neste segmento turístico.

2. Objetivos

Este estudo tem como principal objetivo dar a conhecer o património mineiro de Ponte de Lima, com particular incidência na Serra d’Arga, contribuindo para o enriquecimento cultural, social e histórico da região e para a difusão do conhecimento sobre a antiga “Separadora” e minas associadas.

Pretende-se, assim, conceber um projeto de recuperação e revitalização para o edifício da ‘Separadora’, promovendo toda a sua história e recuperando toda a sua identidade, que neste caso específico, está também associado à exploração do minério, mais precisamente do volfrâmio.

Para este edifício, atualmente devoluto, perspetiva-se uma nova conversão, designadamente um ‘Centro de Informação do Minério’ com fins turísticos, pedagógicos, científicos e lúdicos, traduzindo-se na possibilidade de recuperação e reintegração de testemunhos industriais, e servindo de instrumento para a requalificação cultural e para a salvaguarda patrimonial.

Ambiciona-se, igualmente, explorar o processo inerente ao turismo cultural procurando definir diretrizes para intervenções futuras no âmbito da projeção de itinerários turístico-culturais alusivos ao património mineiro.

A criação destes itinerários deverá aglutinar os valores culturais, a memória histórica, o património cultural e a pluralidade de identidades deste território. Deste modo, a sua implementação versará sobre temáticas relevantes como Património, Natureza, Vida Rural e

² CARVALHO, Paulo (sem data) – **Património e Território: dos lugares às redes** [em linha]. Centro de Estudos Geográficos: Universidade de Coimbra [Consult. 21 out. 2013]. Disponível em WWW:< http://www.sper.pt/VCHER/Pdfs/Paulo_Carvalho.pdf >.

Tradição, que serão devidamente expostas, promovidas e divulgadas através de diferentes suportes.

Estes itinerários culturais deverão ser organizados e estruturados no sentido de se encaminharem para o estabelecimento de parcerias nacionais e internacionais, que contribuirão para promoção do património mineiro, constituindo um “instrumento fundamental de desenvolvimento local endógeno, que através da exploração turística poderão servir para dinamizar social, económica e culturalmente esta região” (Pereiro, 2002)³.

Visa-se, portanto, a consolidação de conhecimentos que contribuam para a salvaguarda e valorização deste tipo de património, como recurso e mais-valia para o desenvolvimento sustentável local.

Aliados ao objetivo geral, projetam-se os objetivos específicos que compreendem:

- Averiguar a origem e evolução da exploração do volfrâmio no Alto Minho, apresentando uma contextualização histórica;
- Identificar, descrever e caracterizar o património edificado, nomeadamente o edifício conhecido por ‘Separadora’ e minas associadas, através da apresentação de propostas teóricas, contribuindo para a salvaguarda, revitalização e valorização do património edificado e cultural, como alavanca do turismo industrial;
- Delimitar e descrever o conjunto de minas associadas à ‘Separadora’, sinalizando-as através de painéis informativos e criando itinerários turístico-culturais;
- Evidenciar aspetos referentes à comunidade local aliada à identidade mineira e industrial, promovendo as memórias e testemunhos de um passado, divulgando-os como herança cultural para gerações vindouras;

De acordo com os objetivos enunciados torna-se pertinente colocar algumas questões de partida, designadamente:

- Poderão os territórios mineiros abandonados tornar-se espaços seguros e de atratividade turística? De que forma?
- Como preservar a memória e a herança histórica e cultural do património industrial e mineiro?
- A região poderá ser beneficiada com a revitalização do edifício apelidado de ‘Separadora’ e com a criação de itinerários turístico-culturais às minas?
- Este tipo de turismo será potencializador de riqueza local?

³ PEREIRO PERÉZ, Xerardo (2002) – **Itinerários Turístico-culturais: análise de uma experiência na cidade de Chaves** [em linha]. Chaves: UTAD – Pólo de Chaves [Consult. 21 out. 2013]. Disponível em WWW:<http://home.utad.pt/~xperez/ficheiros/publicacoes/turismo_cultural/Itinerarios_Turismo_Cultural_Urbano.pdf>.

3. Metodologia

A metodologia adotada para a realização deste projeto prende-se, numa primeira fase, com a pesquisa bibliográfica sobre o tema, pretendendo-se aprofundar e adquirir conhecimentos sobre a temática.

Para a concretização deste objetivo procedeu-se à pesquisa de fontes documentais impressas e manuscritas, bem como, ao recurso de testemunhos orais, entrevistando-se intervenientes diretos e indiretos, para a partir desta memória coletiva recriar o espaço social, vivido no quotidiano da mina e na ‘Separadora’, complementando os conteúdos encontrados nas fontes impressas, que não são abundantes.

Esta investigação foi aprofundada com pesquisas em arquivos públicos (atas, jornais e livros de registos de minas), bibliotecas públicas e municipais (jornais, revistas e obras de referência), em fontes documentais de particulares, em Juntas de Freguesia (atas), no Instituto Geológico e Mineiro e na Biblioteca do LNEG (Laboratório Nacional de Energia Geológica), em Alfragide e também recorrendo às novas tecnologias, nomeadamente à internet.

O estudo prévio do território mineiro também foi explorado com o intuito de se conhecer o terreno, conceber estratégias, alicerçar e consolidar o projeto.

Realizou-se, igualmente, trabalho de campo, efetuando entrevistas a um público diversificado, desde a antigos trabalhadores da ‘Separadora’ e das minas, a familiares de pessoas que trabalharam nas minas ou conhecedores de histórias associadas à exploração do minério, mais especificamente do volfrâmio, com o objetivo de não se perder testemunhos, memórias, esforços e identidades das pessoas e comunidades cujas vidas, capacidade empreendedora e energia despendida fizeram chegar até aos nossos dias este precioso património.

Por último, procedeu-se à planificação de itinerários turístico-culturais às minas e concebeu-se estratégias de promoção e divulgação do projeto.

Ao longo da execução do projeto participámos em formações, congressos, seminários e conferências que contribuíram para o enriquecimento do tema e para o aprimoramento da qualidade do trabalho desenvolvido.

4. Estrutura e organização do trabalho

O presente estudo encontra-se organizado em quatro partes.

A primeira parte do trabalho constitui uma explanação de carácter teórico que versa sobre conceitos relacionados com o turismo e com o património industrial mineiro. Esta parte é

finalizada com a apresentação de uma exposição sobre a relevância de itinerários turístico-culturais associados ao património mineiro.

A segunda parte é dedicada à caracterização genérica do concelho de Ponte de Lima e à descrição geral do seu território mineiro, incidindo-se na atividade mineira, técnicas utilizadas, condições de trabalho e modos de vida. Efetua-se, também, uma abordagem histórica à exploração do minério no Alto Minho, incluindo a descrição do edifício da 'Separadora', assim como o seu antigo funcionamento.

Na terceira parte estão patentes considerações relacionadas com a salvaguarda do património mineiro de Ponte de Lima, incluindo o levantamento deste tipo de património associado à 'Separadora'. Aborda-se, também, o património material e imaterial, exemplos e descrição de minas, experiências de valorização inerentes a este tipo de património, com uma possibilidade de recuperação de testemunhos mineiros, fruto de uma herança cultural e patrimonial.

A quarta parte apresenta propostas de recuperação e revitalização da 'Separadora' para fins turísticos, assente em vertentes estratégicas potencializadoras de desenvolvimento e riqueza local, através da implementação de um 'Centro de Informação do Minério' e da criação de itinerários turístico-culturais às minas, apresentando-se, desta forma, uma análise SWOT e a definição e descrição dos percursos. Procura-se, ainda, definir diretrizes para intervenções futuras no âmbito do estabelecimento de parcerias nacionais e internacionais para promoção do património mineiro.

Por fim, apresenta-se as considerações finais resultantes de todo o estudo efetuado, respondendo aos objetivos propostos e sugerindo recomendações futuras.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Um povo sem património é um povo sem referências. Um povo sem referências é um povo sem memória. Um povo sem memória é um povo sem futuro.

Fonte: <http://desambientado.blogspot.pt/2009/09/um-povo-sem-memoria-e-um-povo-sem.html>

1.1. O Turismo Industrial: origem, definição e potencialidades

O turismo, segundo a Organização Mundial do Turismo, é o “conjunto de atividades que as pessoas realizam durante as suas viagens e permanência em lugares distintos dos que vivem, por um período de tempo inferior a um ano consecutivo, com fins de lazer, negócios e outros”⁴.

Este conceito remete-nos para o século XVIII onde o turista viajava principalmente por motivos educativos ou culturais. Assim, o viajante deveria ter em atenção os aspetos políticos, as leis de cada território, os costumes, a indústria, a tecnologia, o comércio, o governo local, entre outros fatores que eram de crucial importância para se conseguir interagir com a população, nomeadamente falar.

Depois da Segunda Guerra Mundial o turismo massifica-se e a perspetiva altera-se, convertendo-se o turismo numa forma de descanso e relação social (Capel, 1996).

No entanto, o termo turismo é uma invenção do início do século XIX, designado assim por Stendhal (*Mémoires d'un touriste*, 1838), sendo considerado uma prática de caráter lúdico, inspirada no uso aristocrático inglês de “tour”, que permitiam às jovens gerações descobrir o continente, os seus lugares, os centros culturais e seus centros artísticos. (Álvarez Areces, 2003).

A história do turismo está marcada por revoluções baseadas nos meios, incluindo o transporte, a comunicação e atualmente os meios eletrónicos. A primeira revolução que afetou o turismo foi a dos meios escritos, quando no século XVI se publicou a primeiro guia turístico intitulado “O guia dos caminhos em França”. Com este guia nasce um novo género literário, ainda presente na atualidade. Estes guias pretendiam educar o turista e provocaram o nascimento de um tipo de turista interessado em aprender e em cultivar-se⁵.

Elitista na sua origem, com fins educativos e culturais, o turismo foi-se democratizando e generalizou-se na época contemporânea, existindo presentemente diversos segmentos turísticos.

⁴ Consultado em <http://revistaecoturismo.com.br/turismo-sustentabilidade/turismo/>, em 30/01/2014.

⁵ Informação baseada nos conteúdos apresentados em http://catarina.udlap.mx/u_dl_a/tales/documentos/lhr/garcia_g_da/capitulo5.pdf, consultada em 31/01/2014.

O Turismo Industrial é um dos recentes segmentos turísticos, que está a ter um desenvolvimento notável nos últimos anos. Esta tipologia traduz-se, não só, em visitas a instalações industriais atuais que se encontram em funcionamento, mas também a antigas fábricas, edifícios e locais industriais já desativados.

Esta tipologia de turismo é oriunda da Inglaterra no período pós II Guerra Mundial e massifica-se no século XIX com as Exposições Universais, sendo que em 1851 com a Exposição de Londres, surgiu o 'Cristal Palace', o primeiro grande edifício de estrutura metálica e anos mais tarde, em Paris, eleva-se o mercado de 'Les Halles' (Álvarez Areces, 2003).

Também, no século XIX aparece um novo tipo de literatura associado a este tipo de turismo, a chamada literatura de viagens ilustradas, que se baseava no socialismo, na ciência e na indústria, divulgando-se pela primeira vez a ciência e a tecnologia de forma literária. Este tipo de literatura reunia conhecimentos científicos, geográficos, geológicos, tecnológicos, tratados de forma a atrair o público mais jovem (Sunyer, 1988)⁶.

Durante o século XX a arte foi a grande impulsionadora do turismo. No entanto, com as profundas crises económicas que geraram o encerramento de fábricas, inicia-se uma nova fase relacionada com a atração por instalações industriais, principalmente as abandonadas em espaços urbanos, dando-se lugar aos primeiros aproveitamentos turísticos como um bem cultural (Pardo Abad, 2004).

Ao promover-se o turismo industrial potencia-se, desta forma, uma alternativa económica para a localidade, valoriza-se a região, a cultura, a sociedade e permite-se a junção do património industrial, do património natural e do património cultural, evitando-se o desaparecimento destes e fomentando a identidade da comunidade (Álvarez Areces, 2003).

Foi, assim, *reconhecido nos finais dos anos 80 do século XX, e desenvolvido por um nicho de mercado muito específico.*

O Turismo Industrial remete o turista para o passado amplamente reconhecido pelo trabalho, pelo esforço, pela luta, apresentando a sua essência através de um património industrial e fabril (Ferreira, 2012:11)⁷.

Neste âmbito, Trancoso e Almirón (2005) consideram que o turismo industrial é uma forma de gerar recursos económicos para a gestão e preservação patrimonial.

Já Hospers (2002) identifica dois tipos de turistas que podem ser atraídos pelo turismo industrial. Em primeiro lugar, apresentam-se as gerações mais velhas, que procuram a

⁶ Informação baseado em conteúdos retirados de http://catarina.udlap.mx/u_dl_a/tales/documentos/lhr/garcia_g_da/capitulo5.pdf.

⁷ FERREIRA, Ana Catarina Gomes (2012) – **A Mina de São Domingos: passado industrial, futuro turístico** [em linha]. [Estoril]: Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril [Consult. 30 janeiro 2014]. Disponível em WWW:<http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0CDQQFjAB&url=http%3A%2F%2Fcomum.rcaap.pt%2Fbitstream%2F123456789%2F4444%2F1%2F2012.04.009_.pdf&ei=kYtCU7SPDLKV7AaKt4CQDQ&usg=AFQjCNE0DeHdFV_P1i_x2UcDtOMDqItQ&bvm=bv.64125504,d.ZWU>.

descoberta da nostalgia; em segundo lugar aparecem as novas gerações amantes da história. Afinal, o objetivo principal deste segmento turístico, segundo este autor, é preservar a identidade da região e explorar uma nova forma de desenvolvimento económico.

O mesmo autor, distingue, ainda, três grupos de atrações turísticas que são de interesse para o turismo industrial, nomeadamente:

1. Restos industriais existentes em locais de processo e produção, como é o caso das minas;
2. Restos industriais de transportes, podendo ser vias ferroviárias, caminhos e pontes;
3. Atrações socioculturais associadas ao passado industrial de uma região, como por exemplo as casas e lugares de vivências e lazer dos trabalhadores.

A OMT⁸ inclui o Turismo Industrial dentro do Turismo Cultural⁹ definindo este último como “todos os movimentos de pessoas (...) orientadas a elevar o nível cultural do indivíduo, facilitando novos conhecimentos, experiências e encontros”, identificando o turismo cultural como sendo “o movimento de pessoas essencialmente por motivos culturais, incluindo visitas de grupo, visitas culturais, viagens a festivais, visitas a sítios históricos e monumentos, folclore e peregrinação” (OMT, 1985).

O Turismo Industrial é, portanto, uma forma de turismo cultural cujo objetivo principal é difundir o património industrial (tanto o antigo como o atual), que se encontra intimamente relacionado com a tecnologia e o trabalho ou atividade industrial de uma determinada região.

As origens deste tipo de turismo interligam-se com o Turismo Cultural nas décadas de 70 e 80 quando grupos de pessoas, estudiosos, intelectuais, investigadores, historiadores, professores, associações e organizações se interessam pelo setor do turismo industrial, mais especificamente pelo património cultural enquanto legado cultural de valor histórico e de crucial importância que urge preservar, para que futuramente possa ser apreciado e desfrutado por outras pessoas.

Na verdade, constata-se que o leque de assuntos em torno do conceito é tão vasto quanto pertinente e interessante.

A sua abrangência remete-nos para uma tipologia bastante rica e variada.

A sua oferta é tão diversificada e atrativa quanto os seus domínios que vão desde a tecnologia à cultura científica, da arqueologia à arquitetura industrial, da cultura operária à investigação de ponta e da produção artesanal à manufatureira, altamente mecanizada ou informatizada.

⁸ Organização Mundial do Turismo.

⁹ A OMT através da Carta Cultural do Turismo estabeleceu que “o Turismo denominado cultural é originado pelo desejo de visitar e conhecer as diversas manifestações dos patrimónios natural, histórico-monumental e cultural propriamente dito das regiões e países que integram o planeta. O turismo cultural é considerado como aquele que motiva a viagem, a cultura e as obras dos povos recetores; segundo a maioria dos autores e especialista na área as motivações culturais estão crescentemente orientadas para o património histórico e natural.

Os seus locais são muito diversos, indo desde o local onde restam apenas vestígios às grandes empresas onde as visitas são feitas sob rigorosas medidas de segurança, passando do moinho isolado no campo aos grandes bairros operários ou às regiões mineiras. O Turismo Industrial permite viajar desde o passado, aprender como se faziam as coisas num outro tempo, como se deram as mudanças e como se fazem na atualidade (Ferreira, 2012).

O turismo industrial é, assim, uma realidade crescente que permite enriquecer a oferta turística e melhorar a perceção que o turista tem do destino, pois ultimamente quem viaja reclama novos conteúdos e novas experiências, que o transportem para a realidade do território e lhe mostrem as suas singularidades e parte da sua cultura.

Neste sentido, o turismo industrial aparece com uma interessante opção de valorização do destino, pois o consumidor de produtos turísticos é cada vez mais exigente e sofisticado, e requiere uma oferta que complemente o tradicional modelo de sol e praia, com produtos, por exemplo ligados à história e à cultura locais.

Além disso, o mercado turístico é cada vez mais heterogéneo, com multiplicidade de segmentos ou nichos que cabe posicionar-se e fazê-los fortes, entre os quais está o turismo industrial.

Nesta perspetiva, o turismo industrial é uma atividade que se aglutinou recentemente à oferta turística para completar a cultura do turista, como uma maneira de ampliar e conhecer a atividade económica dos povos.

Refere-se a um ramo de atividade turística que conduz o turista não só a instalações industriais, mas também a visitas a edifícios que se encontram desativados, relacionando-se, desta forma, com a tecnologia e com o trabalho, explorando-se elementos que anteriormente passavam despercebidos (Capel, 1996).

Esta será uma das mais-valias do turismo industrial, pois o turista é, cada vez mais, esclarecido e procura experiências únicas ligadas “à herança do desenvolvimento industrial e artesanal, bem como a atividades de coprodução ou de partilha de experiências, através de visitas a empresas” (Silva, 2008).

Considerando-se a conjuntura atual e a necessidade de se definir novos rumos que visam o crescimento económico é pertinente apostar neste segmento turístico que embora recente, “está intimamente ligado a um perfil de consumidor que se caracteriza por ser um turista que procura novas experiências ou emoções” (Oliveira, 2012), bem como conhecer mais profundamente o lugar escolhido para visitar. Na verdade, é um turismo que motiva pela componente histórica, como pela educativa, como pela cultural e social. Por outro lado, os possíveis interessados em usufruir deste tipo de turismo podem ser adultos e crianças, estudantes e investigadores, residentes e estrangeiros, entre outros grupos. O turismo industrial é dirigido a todo o tipo de

visitantes, proporcionando novos conhecimentos e aprendizagens, indo ao encontro das novas experiências que o atual turista procura.

Esta tipologia de turismo é um fenómeno já explorado noutros países como a Grã-Bretanha, Alemanha, Países Baixos, Bélgica, Áustria, França, Itália, Espanha e ultimamente em Portugal, que oferece novas experiências ou emoções, e permite conhecer mais e melhor o local que se está a visitar.

Amplamente generalizado, podemos citar numerosas instalações industriais que foram ajustadas para fins turísticos, nomeadamente: “a experiência do Parque Minero de Riotinto (Espanha), Guinness Storehouse (Dublin, Irlanda), Docklands (Inglaterra), Mina de Sal de Wieliczka (Polónia), Museu Industrial de Verla (Finlândia), planta siderúrgica de Völklingen (Alemanha), antigo Matadouro de Madrid (Espanha), convertido no Centro Criativo Contemporâneo e a Tate Modern (Londres, Inglaterra), antiga central elétrica de Londres” (Oliveira, 2012), entre outras que começam, igualmente, a ser divulgadas e que são consideradas motores de desenvolvimento económico das regiões.

Em Portugal podemos elencar a Rota da Cortiça, em S. Brás de Alportel promovendo a história do Homem e da cortiça; a Rota da Lã que possui na Serra da Estrela um autêntico mostruário e mais recentemente a rota do turismo industrial em São João da Madeira, que está a dar os primeiros passos, mas de uma forma clara, adequada e bem desenvolvida, sendo um exemplo valioso a seguir.

Em suma, a noção de turismo industrial abrange diversas opiniões e inclui vários pontos de vista.

Impera considerar o turismo industrial como uma área associada ao turismo cultural que se relaciona e interliga com outras tipologias turísticas. Assim, colocar o turismo industrial como uma tipologia isolada seria um equívoco, como certamente ocorreria com as restantes áreas.

No seguimento das considerações anteriores, poder-se-á sistematizar que a noção de turismo industrial tem sido abordada e tem gerado diversas reflexões em diferentes partes do mundo por distintos autores, especialistas, associações, ou mesmo amantes do assunto.

Não obstante esse relevante aspeto, é pertinente referir que este segmento turístico necessita de ser promovido para ganhar um maior reconhecimento e a devida valorização.

Este reconhecimento e valorização poderão constituir um importante fator na revitalização de territórios e localidades pela quantidade de atrações, atividades e experiências que potencialmente oferece aos locais. Este tipo de turismo contribui, seguramente, para a diversificação da oferta turística de uma região (Mota, 2011).

Será importante salientar que este segmento turístico inclui o turismo industrial mineiro, que remete as origens dos seus estudos nos trabalhos de Chon y Evans (1989) ao debruçarem-se

sobre a análise do processo de desenvolvimento desta tipologia de turismo no condado de *Wise*, em Virgínia, nos Estados Unidos, um território tradicionalmente mineiro com significativa atividade.

Posteriormente surgem diversos trabalhos que abordam a temática do turismo industrial mineiro que se podem agrupar em 5 grupos diferentes, designadamente:

a) Os estudos que utilizam uma metodologia empírica e se centram basicamente na análise da oferta e da procura (Chons y Evans, 1989; Balcar y Pearce, 1996; Vargas Sánchez, 2007).

b) Os estudos que descrevem o património mineiro, a sua potencialidade turística e projetos que levaram a cabo para desenvolvê-lo (Fernández Zambón y Guzmán Ramos, 2004; Hortelano Mínguez y Plaza Gutiérrez, 2004; Cañizares Ruiz, 2008; Cueto Alonso, 2009).

c) O estudo que analisa a identidade cultural no desenvolvimento deste tipo de turismo, numa ótica qualitativa (Ruiz Ballesteros y Hernández Ramírez, 2007).

d) O estudo que apresenta uma investigação sobre os dados económicos dos principais museus espanhóis relacionados com o turismo industrial mineiro (Puche Riart, 2006).

e) O estudo que analisa as oportunidades e obstáculos ao processo de transformação do recurso patrimonial mineiro em produto turístico, fazendo especial ênfase no papel dos atores em jogo mediante a análise dos estudos de caso (Valenzuela Rubio [et al.], 2008)¹⁰.

O êxito deste tipo de turismo correlaciona-se com uma diversidade de aspetos nomeadamente com a capacidade de se desenvolver um projeto baseado na integração da comunidade local desde o processo inicial da sua criação e implementação, assim como na união turística dos diferentes fatores endógenos da região, tornando-se, desta forma, uma projeto mais coeso e promissor. Todos estes elementos contribuirão para um benéfico desenvolvimento e para um destino turístico sustentável (Chon y Evans, 1989; Balcar y Pearce, 1996).

É relevante, também, evidenciar que esta tipologia de turismo deve complementar-se com outras formas de turismo (Balcar y Pearce, 2006; Ruiz Ballesteros y Hernández Ramírez, 2007; Vargas Sánchez, 2007) no sentido de captar público e difundir o património, sendo que atualmente é prioritário trabalhar em rede, cooperando conjuntamente, para se alcançar mais prestígio e consequentemente mais sucesso.

Conforme é referido em vários estudos desta especialidade o turismo industrial é considerado um importante motor económico para o desenvolvimento territorial, sendo a atividade mineira representativa de uma identidade cultural que urge preservar.

¹⁰ CASTILLO CANALEJO, Ana M. [et al.] (2010) – ***El turismo industrial minero como motor de desarrollo en áreas geográficas en declive: un estudio de caso***. In Estudios y Perspectivas en Turismo. Vol. 19. p. 382 -393 [em linha]. Espanha: Universidade de Córdoba [Consult. 30 janeiro 2014]. Disponível em WWW:< http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S185117322010000300004&script=sci_arttext>.

Nesta conformidade, Fernández Zambón y Guzmán Ramos (2004) indicam que o desenvolvimento deste tipo de turismo mineiro permite manter vigentes rasgos de uma cultura de trabalho que está em vias de desaparecer.

Também Cueto Alonso (2009) considera os projetos turísticos do património mineiro imprescindíveis para resgatar o passado mineiro de uma região.

Assim, este tipo de turismo deve ser considerado como uma oportunidade para valorizar e regenerar o património industrial, que de outro modo, ficaria abandonado e em progressiva deterioração, até ao seu total desaparecimento (Ruiz Ballesteros y Hernández Ramírez, 2007; Vargas Sánchez, 2007).

O turismo industrial mineiro oferece, assim, produtos singulares e originais, que ancorados no património industrial mineiro do passado, e alicerçados no presente serão projetados no futuro, através de múltiplos e significativos projetos turísticos.

1.2. O Património Industrial Mineiro: identidade cultural com potencialidades turísticas

A preocupação em estudar o património industrial mineiro é uma atitude recente, embora esteja a alcançar uma crescente importância mundial, pois o interesse e a apreciação que lhe são atribuídos são evidentes e irrefutáveis.

Os seus programas fundamentam-se em expor, comunicar e apresentar as potencialidades deste tipo de património que se debruça sobre a identidade cultural da região, território ou localidade, tornando-se uma alternativa de reativação económica com desenvolvimento social local, com uma finalidade turística e recreativa.

O património mineiro torna-se, assim, um recurso merecedor de uma gestão adequada pelo seu valor científico, cultural e pedagógico (Álvarez Areces, 2001).

Este tipo de património é testemunho e objeto de estudo de uma época passada, protagonista de uma grande revolução social e económica que modificou a sociedade e a converteu na sociedade pós-industrial atual (Casanelles Rahola, 2001).

No entanto, esta revolução não se desenvolveu homogeneamente em todas as localidades e países.

Por este motivo, este tipo de património é singular, já que faz parte da identidade de uma região e é considerado uma parte importante da história do local onde está implantado.

Por todos estes motivos o património mineiro e os traços da revolução industrial deixaram de ser uma relíquia para se converterem em novos bens culturais, que podem contribuir para garantir que a antiga memória coletiva não se perca e perca futuramente.

Neste sentido, não é de estranhar, o crescente interesse de muitos entusiastas, investigadores, estudiosos, associações e entidades, instituições públicas e privadas que manifestam interesse em projetos relacionados com este tipo de património, destacando o seu valor, a sua proteção e revitalização (Álvarez Areces, 2001).

A UNESCO¹¹, que se converteu na maior garantia de salvaguarda deste legado histórico, reconheceu que o património industrial é parte integrante do património cultural, distinguindo quatro tipos diferentes: os lugares de produção, as minas, os meios de comunicação e os sítios de engenharia arqueológica.

Este património é, deste modo, considerado um testemunho fundamental para compreender e documentar um período chave da nossa história e a conseqüente necessidade de articular as bases da sua conservação, já que se trata de um património em rápida transformação e deterioração, e, portanto, em grave perigo de desaparecimento.

Assim, ao longo dos tempos a atividade industrial gerou uma série de elementos que paulatinamente se foram considerando parte do nosso património cultural. Todos estes elementos desempenharam um importante papel na evolução das localidades, na formação de rasgos de identidade dos seus espaços e paisagens, e em geral na definição do ambiente vital concreto em que se desenvolveu a industrialização.

Nesta conformidade, será, igualmente, pertinente expor considerações de alguns autores sobre a noção de património industrial, que inclui naturalmente o património mineiro.

Podemos começar por referir que *o conceito de património, registado no pós-segunda guerra mundial, levou a considerar de interesse a salvaguarda dos vestígios materiais mais significativos do passado industrial das sociedades que desde os finais do século XVIII registaram um processo de transformação económica e social* (Costa e Cordeiro, 2013:483).

Neste sentido o património industrial de uma localidade “não se refere apenas aos monumentos e artefactos que persistiram, embora sejam importantes, mas também às pessoas e comunidades cujas vidas, capacidade empreendedora e energia despendida fizeram do local o que ele é (Erih, 2001:11, citado por Cole, 2004:481).

Edwards e Llurdés (1996) referem, ainda, que minas e fábricas não eram apenas locais de trabalho mas também focos de comunicação e desenvolvimento de crenças e tradições compartilhadas.

Por outras palavras, e sob uma perspetiva diferente, cada área industrial é única, devido, essencialmente, às características do seu património industrial, da estrutura económica regional,

¹¹ A **Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO** - acrónimo de **United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization**) fundou-se a 16 de Novembro de 1945 com o objetivo de contribuir para a paz e segurança no mundo mediante a educação, a ciência, a cultura e as comunicações.

das políticas nacionais e, não menos importante, da identidade cultural local e da existência de facilidades turísticas (Jansen-Verbeke, 1999).

Este conceito abarca *os bens móveis (instalações, equipamento) e imóveis (paisagens, sítios e edifícios) que testemunham a existência de atividades industriais, incluindo fontes de energia e matérias-primas utilizadas, locais de sociabilidade e de ócio, habitações, inovações nos transportes e comunicações, serviços de utilidade pública, e correspondente maquinaria; todos os documentos escritos, iconográficos, e outros testemunhos e registos de atividades e de sítios industriais, estruturas e equipamentos, incluindo os documentos de natureza técnica, legal, administrativa, e outros textos relacionados com o património industrial na generalidade; produtos industriais, na medida em que são essenciais para a compreensão das referidas atividades* (Costa e Cordeiro, 2013:483).

Debruçando-nos mais especificamente sobre o património mineiro e seguindo o raciocínio de Álvarez Areces (2001) este conceito engloba tudo aquilo que nos ajuda a conhecer como se desenvolveu uma atividade mineira, representando todos aqueles elementos próprios da atividade extrativa, incluindo a obtenção do metal.

Na sua perspetiva o património mineiro deve ser valorizado pelo seu valor científico, histórico, social e natural, constituindo-se como um recurso de grande importância para o desenvolvimento cultural e turístico da região.

Também refere que os locais detentores deste tipo de património são uma fonte primordial para o conhecimento da história dos povos que utilizaram os recursos minerais como caminho para o desenvolvimento e enriquecimento.

Toda esta temática requiere uma sensibilização social acerca da sua valorização cultural, e do seu fomento enquanto um novo bem cultural (Álvarez Areces, 2001).

Este novo bem cultural é caracterizado pela sua ligação à história e à memória da indústria que integra vestígios físicos, arquitetónicos e técnicos que urge dar a conhecer e, sobretudo, preservar.

A defesa e conservação deste património implica envolver os cidadãos, que se devem sentir orgulhosos da sua herança. O conhecimento é parte essencial para que uma comunidade possa advertir, contemplar e valorizar os bens patrimoniais da sua cultura como ferramentas testemunhais dos seus antecessores. Assim, todas as medidas e ações de conservação, investigação e difusão, incluem o conhecimento e valorização dos bens culturais (Potenzoni, 2002).

De acordo com a Comissão Internacional para a Conservação do Património Industrial, TICCIH (2003), o património industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetónico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e

maquinaria, oficinas, moinhos, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, armazéns e lojas, centros de produção, transmissão e utilização de energia, transportes e todas as suas infraestruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação.

De uma forma sucinta e objetiva, a TICCIH (2003) apresenta, assim, os valores do património industrial:

i. O património industrial representa o testemunho de atividades que tiveram e que ainda têm profundas consequências históricas. As razões que justificam a proteção do património industrial decorrem, essencialmente, do valor universal daquela característica, e não da singularidade de quaisquer sítios excepcionais.

ii. O património industrial reveste-se de um valor social que é parte do registo da vida de homens e mulheres comuns e, como tal, proporciona-lhes um importante sentimento de identidade. Na história da indústria, da engenharia e da construção, o património industrial apresenta-se, ainda, com valor científico e tecnológico, para além do carácter estético associado à qualidade da sua arquitetura, do seu design ou do seu planeamento.

iii. Estes valores são intrínsecos ao próprio sítio, às suas estruturas, aos seus elementos constitutivos, à sua maquinaria, à sua paisagem industrial, encerrados em documentação escrita e também em registos intangíveis contidos na memória dos Homens e nos costumes.

iv. A raridade, em termos de sobrevivência de processos específicos de produção, de tipologias de sítios ou de paisagens, acrescenta-lhe um valor particular e deve ser cuidadosamente avaliada. Os exemplos mais antigos, ou pioneiros, manifestam um valor especial.

O património industrial mineiro apresenta, assim, um elevado valor como manifestação de desenvolvimento económico e social da expressão da identidade de muitas regiões. Este tipo de património oferece, cada vez mais, grandes oportunidades como recursos turísticos, nomeadamente através da implementação de itinerários turístico-culturais ao território mineiro.

1.3. A relevância de itinerários turístico-culturais associados ao Património Mineiro

Numa sociedade cada vez mais competitiva onde imperam as novas tecnologias, o turismo atinge níveis elevados de procura e de oferta, gerando comportamentos de consumidores elevadamente exigentes.

Diferenciar e inovar adquire uma crucial importância em qualquer área do conhecimento e de atividade, e o turismo não é exceção.

Atendendo-se as estas novas motivações de viagens, ensejos e expetativas, um serviço turístico terá que apresentar metodologias indo ao encontro dos interesses, preferências e necessidades dos turistas que passam pela criação de itinerários turístico-culturais.

Evidentemente que estes itinerários se traduzem num envolvimento efetivo com os turistas e num desenvolvimento local eficiente, baseado numa sinergia de recursos existentes, designadamente os patrimoniais e as infraestruturas de apoio.

Este tipo de itinerários, que atualmente começam a surgir em Portugal, exploram a vastidão espacial que marca as regiões mineiras e vão ao encontro da atual caracterização dos concelhos rurais nas suas dimensões social, económica e patrimonial. (Bassière, 2000).

Neste contexto, como chaves de interpretação num itinerário propõe-se a inter-relação do património mineiro, do património natural e paisagístico e do património cultural para uma compreensão global.

Entende-se que é benéfica a defesa, a preservação, estudo e valorização do património mineiro que nos proporcionam elementos chave que relacionam o passado, o presente e o futuro do património, entendido como legado e herança dos nossos antecessores industriais.

O património mineiro demonstra possuir potencialidades turísticas a partir de rotas temáticas criadas e decorrentes da sua integração territorial.

Estas rotas devem estar devidamente sinalizadas para suscitem o devido reconhecimento turístico, assim como apresentar uma imagem integral a partir da complementaridade entre lugares, serviços e atrativos.

O poder de generalização de desenvolvimento endógeno é inquestionável para este tipo de projetos, mas devem agrupar uns quantos requisitos prévios. Em primeiro lugar as iniciativas devem abarcar a sociedade local, como principais intervenientes. Em segundo lugar é importante envolver o empresariado da região, dando-lhes a conhecer as possibilidades de rentabilidade económica da rota turística a curto, a médio ou a longo prazo. Em terceiro lugar elaborar uma promoção turística que garanta e envolva a participação prioritária da população e empresas turísticas locais e regionais. Ao garantir-se estes aspetos os benefícios criados pelas rotas de património são importantes e acabam por se converter numa expressão fundamental de identidade cultural.¹²

Entre os benefícios anteriormente referenciados pode enumerar-se outros de crucial interesse designadamente a dinamização da economia local e regional; a sensibilização para a importância do património mineiro na recuperação da identidade dos povos; a incorporação destes itinerários nas grandes rotas turísticas nacionais e europeias; a preservação deste tipo de

¹² PARDO ABAD, Carlos J. (2008) - **Turismo y patrimonio industrial : un análisis desde la perspectiva territorial**. Madrid : Síntesis. ISBN 978-84-975656-3-9. p. 77.

património aliado à difusão das condições de trabalho e técnicas produtivas utilizadas; e a articulação com agentes públicos e privados de forma a implementar-se rotas baseadas no património mineiro que gerem um desenvolvimento turístico local sustentável (Fernández Zambón e Ramos Schenk, 2005).

Uma rota permite a reconstrução de um lugar, a recuperação de práticas de vida de outras épocas, que se vinculam ao património industrial mineiro como valores associados.

Constituem, também, fortes atrativos turísticos, onde se concentram elementos de interesse patrimonial, cultural, histórico, social e natural.

Neste sentido, criar itinerários turísticos torna-se essencial, reconhecendo que estes determinam oportunidades de valorização da diversidade e das particularidades de uma região aliada a um segmento turístico, neste caso específico o património mineiro.

Antes de se avançar, será necessário compreender a amplitude do conceito de itinerário turístico-cultural e a sua ligação ao património cultural mineiro.

Em 1991 Gomez e Quijano¹³ definem itinerário como a descrição de um caminho ou rota que especifica os lugares por onde passa e vai propondo uma série de atividades e serviços no decurso do passeio.

Com a criação do Comité Científico Internacional sobre Rotas Culturais (CIIC), ICOMOS em 1998, surgem diversos estudos e publicações dispersos pelos quatro cantos do mundo, sobre “Itinerários Culturais”.

O itinerário surge, deste modo, como um bem patrimonial que poderá ser palco para diversas expressões e manifestações culturais.

Os itinerários devem, igualmente, contribuir para o enriquecimento cultural do turista, pelo que devem ser explicados e transmitidos de forma clara e elucidativa de modo a serem bem compreendidos. A apresentação do património cultural e a transmissão de conhecimentos deve ser uma experiência agradável para o turista de forma a estimular a curiosidade do mesmo. Os circuitos culturais constituem, assim, um instrumento para o desenvolvimento local, dinamizando social, económica e culturalmente uma cidade. (Pereiro Pérez, 2002)¹⁴.

Em 2008, e de acordo com a Carta Internacional dos Itinerários Culturais, ICOMOS, a categoria “itinerário”, permitiu um avanço e abriu novas perspetivas no campo da preservação. Insere-se num contexto natural e/ou cultural, como instrumento material ao serviço de um projeto desenhado ou resultante de atividade humana para cumprir um objetivo específico (CARTA ICOMOS, 2008) ou através de manifestações patrimoniais tangíveis relativas à sua funcionalidade.

¹³ GOMEZ, J., QUIJANO, C. (1991) – Rutas e Itinerarios Turísticos En Espanha. Madrid: Editorial Sintesis.

¹⁴ PEREIRO PERÉZ, X. (2002) – *Itinerários Turístico-culturais: Análise a uma experiência na cidade de Chaves*. Actas do II Congresso de Trás-os-Montes, Bragança.

Outros estudos surgem e vários autores vão desenvolvendo opiniões em torno desta área e desta noção de itinerário cultural.

Nesta conformidade e segundo Reis (2009:52), citado por Ferreira (2011:34)¹⁵, um “*Itinerário é definido como um caminho ou rota em que são especificados os lugares de passagem e onde são propostas um conjunto de actividades e serviços durante a sua realização, que poderá englobar circuito, rota ou visita*”.

Por sua vez, Ferreira (2012)¹⁶ afirma que um itinerário turístico-cultural fornece um produto turístico único, salientando o facto dos itinerários provocarem inúmeros benefícios para os destinos que apostam no seu desenvolvimento, quer cultural ou economicamente, bem como o facto de fomentarem a melhoria das condições educacionais e cívicas das comunidades locais.

Assim, denota-se que a procura de viagens em torno do património cultural está cada vez mais universalizada, nomeadamente a nível do património mineiro, como é exemplo pragmático a região da Galiza, em Espanha, que apresenta diversos projetos associados a este tipo de segmento turístico.

A aposta no desenvolvimento de itinerários turístico-culturais devem pautar-se pela inovação, dando resposta ao crescente número de novas motivações para viajar.

Neste sentido, pode aferir-se que uma experiência baseada num itinerário turístico-cultural pode, ainda, melhorar os índices de repetição e recomendação da visita (Ferreira, 2012)¹⁷.

Face ao exposto, entende-se que a criação de itinerários turístico-culturais contribuem para uma nova oferta e para o desenvolvimento de riqueza local.

Estes itinerários devem incluir a valorização do património material e imaterial, e constituir-se tendo por base “produtos inovadores capazes de gerar uma maior atratividade e competitividade do destino, respondendo, assim, a uma crescente procura deste tipo de produto turístico. Neste contexto, reforça-se o impacto positivo que a criação de itinerários culturais pode trazer para um destino e a oportunidade empreendedora de gerar negócios locais com um elevado potencial.”¹⁸

Denota-se, também, que apesar do itinerário ser considerado e transformado num produto turístico, esse não deverá ser seu único fim. Deve ser considerado um instrumento potenciador de valorização da diversidade cultural e um veículo de promoção e acesso à cultura.

¹⁵ FERREIRA, Fábio Daniel Almeida (2011) – **Percursos, Território e Património: o caso de Vila Nova de Gaia** [em linha]. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto [Consult. 30 janeiro 2014]. Disponível em WWW:< <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/57430/2/TESEMESFABIOFERREIRA000148513.pdf> >.

¹⁶ FERREIRA, Luís (2012) . **Percursos & Ideias: Revista Científica do ISCET**, número 3&4 – 2.ª série (On-line) 2011/2012. p. 2 [em linha]. s.n. : s.l. [Consult. 10 jan. 2014]. Disponível em WWW:< http://www.iscet.pt/sites/default/files/PercursosIdeias/N3_4/Revista20112012Tur_0.pdf >.

¹⁷ Idem, ibidem.

¹⁸ FERREIRA, Luís; AGUIAR, Lidia; PINTO, Jorge Ricardo (2012). **Turismo cultural, itinerários turísticos e impactos nos destinos** [em linha]. Cultur: Revista de Cultura e Turismo [Consult. 10 jan. 2014]. Disponível em WWW:< <http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/ano6-edicao2/7.turismo-cultural.pdf> >.

Nesta conformidade, o itinerário turístico-cultural poderá ser considerado um mecanismo de preservação capaz de articular o desenvolvimento social, ambiental, económico e cultural de uma região.

Stasiak, citado por Ana Paula Silva¹⁹ refere que um itinerário é composto por uma série de lugares ou sítios relacionados através de um tema, em que é elaborado um percurso (a pé, canoa, automóvel, etc), geralmente sinalizado, com infra-estruturas turísticas ao longo do mesmo.

De acordo com Pereiro Pérez um circuito poderá ser *marcado por sítios e etapas relacionados com um tema. Este tema deverá ser representativo de uma identidade regional própria, para favorecer um sentimento de pertença, de reconhecimento ancorado na memória coletiva.*

O conjunto organizado formado pelos sítios e etapas tem um valor emblemático e simbólico para a população local e para o conjunto de pessoas externas, denominadas de visitantes. (Pereiro Pérez, 2009:232-233)

Segundo este ponto de vista os itinerários turístico-culturais deverão firmar-se em especificidades locais aliadas a uma identidade assente na memória coletiva, na história, no valor e património cultural.

Por sua vez, Santa Olalla, citada por Célia Pontes²⁰ refere que do ponto de vista científico um itinerário cultural é um caminho com base territorial real, objetivo e fisicamente identificável (Santa Olalla, 2002, citado por Pontes, 2013:16).

Segundo esta definição uma rota terá que ser devidamente identificada e dotada de sinalização adequada.

No entanto, a criação de um itinerário comporta uma pluralidade de aspetos, nomeadamente um conjunto de bens, serviços e infraestruturas que visem a sua implementação de forma eficaz e viável. Para assegurar esta viabilidade financeira uma rota terá que necessariamente ter em atenção “ a sua comercialização”²¹.

Baseando-nos nesta afirmação será necessário incluir na rota alojamento, restauração, serviço de guia turística, eventos culturais e lúdicos, e outros recursos turísticos complementares de oferta como paisagens, monumentos, entre outros.

Depreende-se, assim, que a implementação de uma rota exige uma organização elevada capaz de satisfazer os interesses dos turistas.

¹⁹ SILVA, Ana Paula Amaral Simões (2011) – *Rotas turístico-culturais em Ílhavo* [em linha]. Aveiro: Universidade de Aveiro [Consult. 10 dez. 2013]. Disponível em WWW:< <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/7904/1/Rotas%20turistico-culturais%20em%20c3%adlhavo.pdf> >.

²⁰ PONTES, Célia Maria Vilela (2013) – *Casa Brasonadas de Guimarães: um itinerário turístico – cultural*, Vol. I [em linha]. Braga: Universidade do Minho [Consult. 22 fev. 2014]. Disponível em WWW:< <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/24389> >.

²¹ Stasiak, citado por Ana Paula Silva (Silva, 2011).

Para tal, torna-se imperativo um correto posicionamento com uma estratégia viável, suscetível de conceber uma imagem de marca, que estabeleça formas de dinamização social, económica mas, também, cultural e recreativa.

Em pleno século XXI é pertinente assegurar a criação de um itinerário turístico-cultural bem preparado, sinalizado e seguro, descrito em guias, se possível em diversas línguas (português, inglês, francês e espanhol).

Os turistas atuais aderem a rotas bem estruturadas, adaptadas às suas necessidades e interesses.

Tendo em consideração o crescente interesse pelo património mineiro enquanto legado cultural significativo torna-se relevante a criação de itinerários turístico-culturais para difundir este tipo de herança identitária de uma região.

PARTE II – A EXPLORAÇÃO MINEIRA: CARATERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO E PATRIMÓNIO INDUSTRIAL MINEIRO DE PONTE DE LIMA

2.1. Caraterização geral do concelho

Situada em pleno coração da Ribeira Lima, Ponte de Lima é uma das mais típicas vilas do Alto Minho, considerada a mais antiga vila de Portugal.

Com uma localização geográfica privilegiada e atrativa, este concelho é possuidor de uma variedade de recursos e potencialidades, envolto em excecionais paisagens, e apresentando recantos e espaços verdes de uma beleza única, singular e harmoniosa.

Terra de poetas, plena de história, sobressai pela sua riqueza cultural e paisagística.

Local de eleição para a prática de passeios repletos de história, património, música e dança, é aguçado pelos sabores da gastronomia local que testemunham encontros com culturas longínquas e marcam a herança deixada pelos antepassados ao longo dos séculos.

Sede de concelho, é embelezada pelo rio Lima orgulho das gentes limianas e ponto marcante dos setores turístico e ambiental.

Aliada à sua beleza natural encontra-se a opulência das casas senhoriais, o centro histórico que nos faz regressar à sua ancestralidade.

Terra cheia de rusticidade, situada entre o rio e a serra, influencia os usos e costumes da população, dedicada também ao artesanato local, ao folclore e à feira.

A feira quinzenal de Ponte de Lima é a mais antiga de Portugal, realizando-se no extenso areal do rio. É considerada, sociológica e historicamente, a mais rica em tradições, a que melhor retrata a autenticidade e espontaneidade do povo limiano, dinamizando a economia local e atraindo visitantes cativados pelos usos e costumes mergulhados nas origens de tempos distantes.

Vila lendária, elevada por carta de foral em 1125, pela Rainha D. Teresa, foi ponto de passagem dos romanos em direção ao Norte da Península. Por aqui passaram e passam milhares de peregrinos a caminho de Santiago de Compostela, com paragem no Albergue dos Peregrinos²².

O seu território com 321 km² e 39 freguesias é caracterizado pela autenticidade e hospitalidade das suas gentes e lugares.

²² O Albergue dos Peregrinos de Ponte de Lima abriu ao público com novas valências no dia 18 de junho de 2009. Acolhe centenas de Peregrinos que percorrem o Caminho Português e passam por Ponte de Lima em direção a Santiago de Compostela ou em sentido inverso em direção a Fátima.

Terra Rica da Humanidade é considerada a capital do Turismo de Habitação, pela existência de inúmeros solares, casas senhoriais e de lavoura, moinhos, azenhas e torres medievais, que proporcionaram desenvolvimento e competitividade à região.

Este tipo de oferta turística originou o aparecimento do Turismo no Espaço Rural, atualmente constituído por duas marcas inovadoras e excepcionais: os Solares de Portugal²³ e as Aldeias de Portugal²⁴.

O Turismo Rural, símbolo de identidade desta terra, mantém a autenticidade que o diferencia pela preservação do património.

O golfe contribui, também, para a evolução e procura turística desta localidade.

Estrategicamente localizada entre Porto e Vigo é atualmente provida por boas acessibilidades – a A3, a A27/28 – e próxima de excelentes infraestruturas logísticas como os portos de Viana do Castelo e Leixões, assim como o aeroporto Sá Carneiro no Porto, que permite desenvolvimento e fixação de pessoas atraindo um turismo sustentável.

Por diversas vezes galardoada como a Vila Mais Florida de Portugal é, também, promotora do Festival Internacional de Jardins²⁵.

Nas suas ecovias pode fazer-se passeios a pé, de bicicleta, de cavalo, em renovados trilhos, na sua maioria junto ao rio Lima.

Na Área de Paisagem Protegida de Bertandos e S. Pedro de Arcos pode admirar-se a envolvimento da natureza e descobrir as lagoas com toda a sua biodiversidade associada, assim como a Quinta Pedagógica de Penteiros que nos oferece uma panóplia de serviços e atividades lúdico-pedagógicas ligadas ao mundo rural.

Este concelho é caracterizado pela cor, alegria, sons da concertina, danças e cantares, festas e romarias que valorizam os usos e costumes da região, tal como a tradicional ‘Vaca das Cordas’²⁶ e as ‘Feiras Novas’²⁷.

Considerado destino Europeu de Turismo “o vale do Lima recebeu vários prémios que o distinguem pelo pioneirismo e qualidade da oferta turística”²⁸.

Relevante território do Alto Minho apresenta, também, um vasto património mineiro para explorar e difundir.

²³ Marca da TURIHAB – Associação do Turismo de Habitação – que congrega cerca de 120 casas de norte a sul do país, incluindo Madeira e Açores.

²⁴ A rede de **Aldeias de Portugal** foi criada pelas Associações de Desenvolvimento Local, atualmente consolidada pela ATA – Associação de Turismo de Aldeia, com sede em Ponte de Lima. Este produto/serviço turístico disponibiliza alojamento em aldeias rurais que preservam um passado de tradições expresso no seu edificado, nas suas gentes, cultura, usos e costumes.

²⁵ O Festival Internacional de Jardins foi implementado na vila de Ponte de Lima em 2005 e realiza-se, anualmente, entre maio e outubro. É uma iniciativa inédita em Portugal que proporciona aos seus visitantes um contacto direto com as novas abordagens da conceção de jardins, com diferentes tendências criativas, artísticas e inovadoras.

²⁶ Tradição secular de Ponte de Lima que se realiza anualmente na véspera do Dia de Corpo de Deus, traduzindo-se na saída para as ruas da Vaca das Cordas (atualmente um touro bravo).

²⁷ Grandiosa romaria do Alto Minho, visitada anualmente por milhares de turistas e vivida intensamente pelos residentes. Realiza-se em Ponte de Lima desde 1826 durante três dias consecutivos.

²⁸ CENTER (2011) – *Experimente e viva o Vale do Lima*. Ponte de Lima: ADRL .

2.2. A exploração do minério no Alto Minho: contextualização histórica

No caso específico do Alto Minho, verifica-se um fenómeno mineiro marcante principalmente nos períodos de intensa exploração, como foi o período romano e o período relacionado com a atividade extrativa realizada na primeira metade do século XX.

No período romano e, *atendendo à escala da região e aos vestígios conservados, o mais curial será admitir-se que a pesquisa mineira dificilmente terá sido atividade primordial destes povos castrejos. Foi, isso sim, atividade complementar (...), facto que lhes terá permitido obter alguns dividendos* (Almeida, 2003: 258).

No entanto, as referências bibliográficas acerca da exploração do minério no Minho não são abundantes. Existe, apenas, alguma informação escrita datada do século XVI, que descreve a extração do ouro nas margens dos rios Minho e Lima.

A exploração do minério a partir do século XX já começa a aparecer documentada nos livros de registos de minas e principalmente na imprensa local, nomeadamente no Jornal Cardeal Saraiva (ver figura 1, 2 e 3), onde figuram alguns artigos sobre a procura do minério maioritariamente na Serra d'Arga e patenteiam as concessões cedidas às empresas e particulares, nacionais e estrangeiras, interessados na exploração mineira.

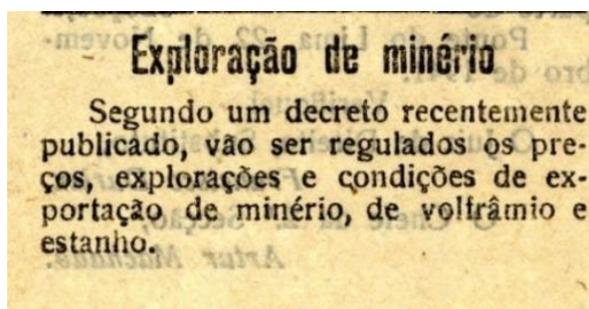


Figura 1 – Exploração de minério.

Fonte: *Jornal Cardeal Saraiva*, de 4 de dezembro de 1941.

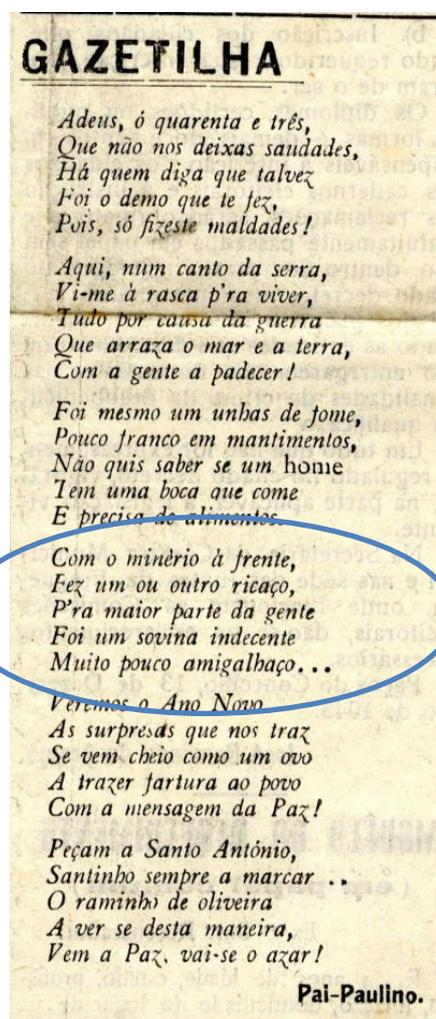


Figura 2 – Gazetilha.

Fonte: *Jornal Cardeal Saraiva*, de 8 de janeiro de 1944.

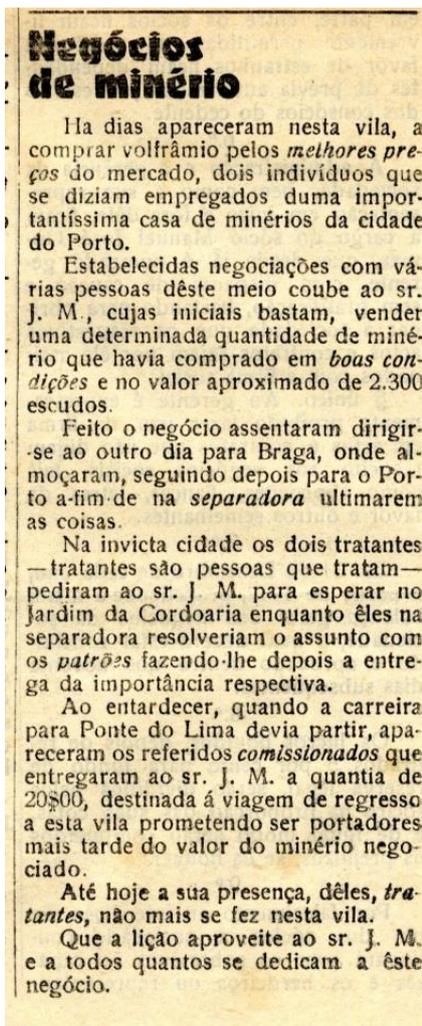


Figura 3 – Negócios de Minério.

Fonte: *Jornal Cardeal Saraiva*, de 15 de junho de 1944.

Esta região foi, deste modo, alvo de uma numerosa incrementação da atividade extrativa, autorizada ou não pelo Estado, denominada sociologicamente de “febre mineira”, que gerou uma movimentação de pessoas e bens, na procura do minério, nomeadamente de estanho e tungsténio (volfrâmio) e também nióbio, tântalo, titânio e berílio (na época referido como glucínio) (Lima, 2006).

Assim alguns especialistas admitem que existe uma correlação entre a arqueologia mineira da região minhota e os vestígios das vias romanas que permitiam o usufruto e um melhor escoamento dos recursos minerais (Moreira, 1982, citado por Lima, 2006). O delineamento da rede viária romana nesta região, elaborada por historiadores, foi baseado, principalmente em três fontes – os marcos miliários, os vestígios de pontes romanas e o documento conhecido

como “Itinerário de Antonino”²⁹. Este itinerário correspondia à estrada de mineração romana do litoral minhoto e servia a região envolvente da Serra d’Arga (Lima, 2006).

Segundo a mesma autora o topónimo ‘Minho’ atribuído ao rio tem origem latina e também poderá ter uma conotação mineira.

De acordo com Campos (1944), citado por Lima³⁰ deriva do latim “*mínio*”- designação ainda hoje atribuída ao óxido de chumbo cor de fogo, dizendo ter existido exploração romana deste mineral próximo das margens do rio. No entanto, não se conhecem atualmente depósitos significativos deste metal perto da fronteira portuguesa (Lima, 2006).

Já Saunier (1910), citado por Lima (2006), refere que a designação “*minium*” atribuída pelos romanos deriva da semelhança com a cor do mineral mínio, cor frequentemente ocre da água do rio Minho, resultante da constante lavagem do material aluvionar e argiloso.

Face ao exposto é evidente que a intensa mineração existente no Alto Minho requeria um eficaz sistema de comunicações entre o campo mineiro, a capital administrativa (Braga) e o porto de escoamento dos produtos. Apesar de não subsistirem vestígios notáveis que o comprovem, aponta-se para a existência de uma via secundária cuja finalidade primária seria o desenvolvimento mineiro (Lima, 2006).

Conforme comprovam os documentos e manuscritos existentes na Torre do Tombo, Campos (1957), citado por Lima (2006), confirmou que durante os primeiros séculos da monarquia portuguesa a produção de metais foi inferior às necessidades nacionais sendo estas satisfeitas pela importação.

Após a formação da nacionalidade e depois da consolidação da independência dedicaram-se à exploração de algumas minas como testemunham documentos existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

A partir do século XVI assiste-se à suspensão progressiva das minas do reino e também da atividade do setor privado. Este cenário é interrompido no limiar do século XIX, que marca um novo ciclo da indústria extrativa portuguesa (Lima, 2006: 118).

Neste seguimento, o desenvolvimento mineiro traduziu-se no aumento do número de concessões e consequentemente da produtividade, como revela a evolução da produção de minérios (Lima, 2006: 119).

²⁹ Este itinerário foi elaborado para fins estratégico-militares e fornece indicações para a determinação do traçado das vias romanas, onde são citadas cinco vias, incluindo a via que ligava Braga a Astorga, particularmente importante para a região minhota. Este documento constitui um testemunho indireto da existência de um campo mineiro de grandes proporções no litoral minhoto (Almeida, 1968), havendo necessidade de uma rede de estradas eficientes que permitisse o escoamento da produção mineira (Alarcão, 1980; Blasquez, 1974 e Moreira, 1982), citado por Lima (2006).

³⁰ LIMA, Maria Fernanda Domingues Lages (2006) – **Caracterização e estratégias de valorização sustentável de ocorrências geológicas com importância patrimonial** [em linha]. Braga: Universidade do Minho [Consult. 11 jan. 2012]. Disponível em WWW:<<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6022>>.

Para esta evolução positiva contribuíram diversos fatores, designadamente a existência de uma conjuntura internacional favorável e também a maior facilidade de escoamento da produção, proporcionada pelo desenvolvimento dos caminhos-de-ferro.

O período correspondente às décadas de 40 e 50 do século XX ficou conhecido por “febre do minério” ou “época dos milhões”, designações já utilizadas por Aquilino Ribeiro na sua obra *Volfrâmio*, de 1943. Traduziu-se pela corrida desenfreada às minas, sobretudo no norte e centro do país, para extração de minérios de estanho e volfrâmio. Esta atividade exercida, muitas vezes, sem licenciamento, era uma constante por parte dos populares que assim encontravam uma maneira fácil e rápida de enriquecimento. Este curto período de euforia, coincidiu com a elevada cotação do volfrâmio (600\$00/Kg) valor igual ao da prata, conforme referência constante num relatório da CMN³¹ sobre a situação dos minérios metálicos em 1951. Desenvolvendo um trabalho efêmero e inconveniente, na sua maioria, as pessoas não possuíam o respeito pelo direito de propriedade e chegavam a extrair das habitações pedras edificadas que consideravam conter volfrâmio, conforme refere o mencionado relatório.

Os dados expressos são reveladores deste período favorável de produção tungstífera, que se verificou a nível mundial como mostram as oscilações de produção determinadas pelas cotações de mercado.

Os anos de maior produção estão relacionados com a Segunda Guerra Mundial³², que durou de 1939 a 1945 e com a Guerra da Coreia, travada entre 1950 e 1953. Estas situações de conflito refletiram-se numa procura mineral seletiva, controlada pelas necessidades específicas da máquina de guerra. Para o fabrico do armamento ocorreu uma grande corrida ao volfrâmio que nos períodos de maior procura gerou diversas atividades clandestinas, nomeadamente explorações ilegais, contrabando e simultaneamente falsificações ou desvios de minério.

Entre 1944-45 a exploração e exportação foram proibidas pelo Governo português, devido às pressões dos aliados, para que Portugal se mantivesse politicamente neutro (Carvalho, 2010:12).

José Rosa Araújo³³, ilustre autor vianense já falecido, descreve muito bem o ocorrido no território mineiro da Serra d' Arga, referindo que

“Na última guerra toda a serra foi um formigueiro de gente em busca de volfrâmio que aparecia quase à superfície do solo apenas esgadanhando e inúmeras fortunas se fizeram e desfizeram, depois, pelas tabernas em vinho-fino, pão de ló e marmelada que os alarves, subitamente enriquecidos, esbanjavam às mãos largas.

³¹ Circunscrição Mineira do Norte.

³² Durante a Segunda Guerra Mundial Portugal foi um dos principais produtores de volfrâmio, tendo-se mantido neutro ao abastecer os alemães e os ingleses.

³³ ARAÚJO, José Rosa de (1955) – *A serra de Arga* (cont.), In Arquivo do Alto Minho. Viana do Castelo: Arquivo do Alto Minho. p. 97-110.

Ouro, prata, arsénio, volfrâmio, chelite. Só deste último metal possui a serra quantidades que dariam á farta para cobrir todas as despesas de exploração se outro grande país não detivesse os mercados.

Há empresas mineiras em laboração permanente, algumas estrangeiras, aqui estabelecidas há largos anos. Duas delas, bem regionais, a Mipoli, e a Minarga, por exemplo, são detentoras de vasta exploração, tendo já um valioso trabalho de valorização da serra com abertura de uma estradinha que de Estorãos através de vários quilómetros, leva à Cerdeirinha, em plena Arga de Cima. Emprega dezenas de operários e os seus terrenos apresentam tal teor de ouro e prata que encomendaram maquinismos moderníssimos que lhes permita uma exploração compensadora.(...) E a exploração do sub-solo da serra, com os meios que a ciência moderna colocou nas mãos dos homens, será um futuro para as gerações que hão-de vir e já para as de hoje.(...) Talvez um dia longínquo(...) ela se tornará num alvo para todos os olhares ansiosos dos homens que hoje buscam o pão duro pelos caminhos da emigração”.

Tanto a produção como o enfraquecimento do minério foram influenciados pelas oscilações nas cotações que, obviamente, afetaram principalmente as minas mais pequenas. Esta instabilidade originou que, a partir de 1958 (ano em que a cotação atinge o valor mínimo), a exploração do volfrâmio enfrentasse a maior crise de sempre, entrando em acentuado declínio e levando a inúmeros encerramentos de minas (Carvalho, 2010: 12).

A partir da década de 80, a tendência mundial do aproveitamento de recursos minerais manifesta-se acentuadamente em Portugal, através do decréscimo de importância do setor metálico, em detrimento dos minerais industriais.

As minas no norte de Portugal acabaram por cessar e após o seu encerramento, deixaram marcas perpetuadas no tempo, não só na paisagem mas também nas mentalidades, como é o caso de Ponte de Lima.

O encerramento e abandono das minas sem medidas de salvaguarda conduziu a uma rápida degradação das instalações e deterioração ambiental (Carvalho, 2010: 13).

Na atualidade, restam apenas ruínas de instalações mineiras, escombrelas e algumas memórias, podendo-se, ainda, recolher testemunhos orais preciosos de pessoas que, de um modo ou de outro, estiveram relacionadas com a mineração e refletem a tradição mineira deixada pelas vivências desta atividade.

Em suma, verifica-se que ao longo dos tempos, a exploração mineira constituiu-se uma atividade proporcionadora de valorização, colocando em evidência o elevado potencial mineiro existente no Alto Minho desde a antiguidade até à atualidade.

2.3. A atividade mineira: condições de trabalho e modos de vida

Num universo rural marcado pela agricultura e pela pastorícia, ambas de subsistência, surgiu uma nova atividade que veio alterar os modos de vida e de trabalho desta gente minhota.

Este concelho, caracterizado pela incidência de pobreza e desemprego, associa-se uma atividade mineira que gerou a invasão de “formigueiros de gente” (Ribeiro, 1944) mobilizados pela tão noticiada e efémera “Febre do Volfrâmio” (Carvalho, 2012:18).

A maioria dos trabalhadores envolvidos nesta exploração mineira dependia da agropecuária para sobreviver e para obter rendimentos que seriam muito limitados.

Neste contexto, verifica-se que uma elevada percentagem de mineiros eram trabalhadores agrícolas, que partilhavam tarefas entre a exploração mineira e o cultivo da terra. Na sua maioria eram camponeses que, conjuntamente com as suas famílias, aproveitavam as épocas mais paradas na agricultura para se dedicarem a explorar o volfrâmio. No fim do turno, de oito horas ou mais de trabalho no minério e, ainda, ao Domingo, dedicavam-se ao maneio da terra.

Confirma-se, também, que mão-de-obra mineira residia, maioritariamente, nas aldeias próximas das explorações e deslocavam-se, normalmente, em grupo, até às minas. Em conjunto, saíam de casa ao nascer do sol e regressavam ao anoitecer.

A duração do percurso diário até às explorações correspondia, geralmente, a uma ou duas horas de caminho, por trilhos ou carreiros, dependendo do local onde andavam a laborar. Habitualmente, o regresso a casa, no final do dia de trabalho, representava uma manifestação de constante alegria. Aproveitavam o esplendor da juventude para partilharem danças e cantares e, também, para namoriscar.

Além da população local esta atividade cativou, também, homens e mulheres de outros concelhos e de outras regiões, designadamente de Barcelos, Paredes de Coura, Famalicão, Vila Praia de Âncora, Caminha, entre outras localidades.

Estes forasteiros, homens e mulheres, permaneciam toda a semana na serra em habitações com poucas condições, sem eletricidade e com chão de terra ou madeira, pois, normalmente, os edifícios eram cedidos, sem qualquer custo ou contrapartida. Muitas vezes, residiam em currais ou mesmo ao ar livre junto às explorações em que estavam a trabalhar.

Conforme refere Fina d'Armada (2008:179) “ a febre das minas do volfrâmio atingiu a gente de Riba de Âncora³⁴” que se deslocou até à Serra d'Arga à procura do minério. O Cerquido foi a localidade escolhida para morarem, durante a semana, devido à proximidade das minas a explorar. No entanto, as condições de habitabilidade não eram as mais favoráveis. A família das Louridas, oriunda da mesma localidade, permanecia toda a semana na serra: “A Emília conheceu nos trabalhos do volfrâmio a Angelina. Tornaram-se amigas e passou a ficar na casa

³⁴ Freguesia de Riba de Âncora, concelho de Caminha.

da família dela. O pai Lázaro e o tio Domingos, como não tinham casa onde ficar, dormiam num lagar do vinho” (Armada, 2008:179).

Regressavam à terra de origem, somente, aos fins-de-semana com a finalidade de se abastecerem de bens, principalmente alimentícios, para toda a semana de trabalho.

O testemunho de Maria Laurinda³⁵, natural de Riba de Âncora, reflete esta realidade: *Íamos de segunda a sábado. Vinhamos passar o domingo a Riba de Âncora, por causa da missa e para levarmos alimentos para a semana inteira. Era muito longe, mais de seis horas para cada lado. Saíamos de cá de manhãzinha e chegávamos ao princípio da tarde. Até S. Lourenço, havia estrada. Depois tínhamos de subir a serra de Arga e passar para o lado de lá. Passou-se muito.*

“Trazíamos batatas, hortaliça, feijão, também toucinho. Comíamos migas e caldo de farinha. Também me lembro de comer sardinha e bacalhau, que era barato. Mungiam-se as vacas, deitávamos um pouco de água e pão e chamava-se ‘o leite feito’. Vinho não levávamos, bebíamos água” (Armada, 2008:188).

Os moradores locais recebiam estes externos com sentimentos de solidariedade e interajuda, cooperando com aquilo que possuíam e como podiam, nomeadamente na cedência de alojamento e na oferta de refeições. “Era gente muito boa. Não pagávamos nada pela hospedagem. E eles, quando coziavam pão, davam-nos bolo do forno” (Armada, 2008: 180).

No entanto, era uma época de grande precariedade e todos possuíam uma alimentação carenciada, com baixos níveis de consumo de alimentos e com ausências de comodidades pessoais ou habitacionais.

Geralmente as refeições destes trabalhadores era efetuada três vezes ao dia. Pela manhã, em casa, a alimentação consistia em sopa (ou caldo³⁶), pouco condimentada, acompanhada com pão. Depois, seguia-se o almoço que já era efetuado no local de trabalho. Todos tinham que ir munidos com a refeição, que comportava uma sardinha com broa, ou então, uma patanisca. Para os mais enriquecidos, já era possível almoçarem um bocadinho de bacalhau, muito fino, que transportavam num tacho com molho verde.

Porém, os trabalhadores de fora do concelho, que moravam no Cerquido durante a semana, recordam tempos de muita pobreza referindo: “A viagem do Cerquido às minas era aí de meia hora. Olha pelo caminho dava-nos fome e íamos à saca e comíamos já tudo pelo caminho. Depois não tínhamos mais nada para o resto do dia. (...) Matavam um porco e levávamos toucinho, pão, sardinhas... Leite bebíamos de manhã à noite. Havia muito leite porque não se vendia”³⁷.

³⁵ Informação retirada de ARMADA, Fina d' (2008) – *Mulheres de Riba de âncora na febre do estanho e do volfrâmio*. In *Estudos Regionais*, II Série, n.º 2, p. 177.

³⁶ Expressão típica das aldeias minhotas.

³⁷ ARMADA, Fina d' (2008) – *Mulheres de Riba de âncora na febre do estanho e do volfrâmio*. In *Estudos Regionais*, II Série, n.º 2, p. 188.

Habitualmente bebiam água corrente, dos ribeiros, fontes ou nascentes do monte por onde passavam ou próximo das explorações mineiras onde exerciam funções.

O jantar consistia nas sobras diárias. Alimentavam-se com “caldo” de hortaliça ou feijão temperado com banha ou azeite.

O vestuário também era escasso e limitado. Os trabalhadores mineiros possuíam uma ou duas mudas de roupa e andavam, maioritariamente descalços ou com socas.

Não existia roupa e calçado adaptado à atividade mineira, utilizando vestuário pouco adequado e, muitas vezes, molhado.

Apesar de todas as contingências, esta atividade mineira originou um aumento populacional e consequentemente uma maior circulação de dinheiro e de bens que, inevitavelmente, gerou o aparecimento de novas categorias profissionais e serviços associados a este tipo de atividade, nomeadamente Ferreiros, Padeiras, Cozinheiras e Empregadas Domésticas.

A diversidade das categorias profissionais desta atividade dividia-se em “funcionários administrativos e chefias intermédias, fiéis de armazém, motoristas e guardas; operários de lavra subterrânea e da lavra a céu aberto, da separação e transformação de minérios; trabalhadores de serviços para construção de edifícios e estradas”³⁸ dependentes, normalmente, de empresas ou minas com estrutura industrial, como é o caso paradigmático de uma empresa que laborava na Serra d’Arga denominada MIPOLI.

Nas explorações mineiras de natureza artesanal encontravam-se frequentemente outras profissões, nomeadamente “capatazes e guardas, entivadores e trabalhadores eventuais (homens e rapazes, mulheres e raparigas)”³⁹.

Neste tipo de atividade surgiram diversas ilegalidades associadas, como referiu João Nunes⁴⁰

“Disputavam-se, quer a compra de minérios e de concentrados no “mercado livre”, quer a aquisição de empresas concessionárias, de novas concessões, de oficinas de separação; montavam-se redes de contrabando, espionagem e propaganda; negociavam-se e/ou impunham-se acordos comerciais, quotas de aquisição, modalidades de financiamento/pagamento e transporte; denunciavam-se as actividades do bloco adversário e as facilidades concedidas pelas autoridades portuguesas (eventualmente violadoras dos compromissos e do estatuto de neutralidade)” (NUNES:1998:72).

Os mineiros nas atividades informais não usufruíam de qualquer tipo de seguro de trabalho, laborando, maioritariamente, em condições ilegais, sendo afetados por doenças como a silicose.

³⁸ NUNES, João Paulo Avelãs (2007) – *Efeitos colaterais do “fomento industrial”. O exemplo do subsector português do volfrâmio até à década de 1950*. In Revista da Faculdade de Letras, III Série, vol. 8, p. 273-297. [em linha]. Porto: Faculdade de Letras [Consult. 03 jan. 2014]. Disponível em WWW:< <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3358.pdf>>.

³⁹ Idem, ibidem.

⁴⁰ NUNES, João Paulo A. (1998) – *Arqueologia industrial e museologia da mineração do volfrâmio: uma abordagem introdutória*. In actas do seminário museologia e arqueologia mineiras. Lisboa: Museu do I.G.M.: 69-80.

Já os assalariados “usufruíam de um seguro de trabalho obrigatório, o qual asseguraria o custeio de tratamentos, indemnização de danos, pensões de invalidez ou morte”⁴¹.

Foi, sem dúvida, uma época marcada pela corrida ao volfrâmio, caracterizada pelas difíceis condições de trabalho, e pela ilusão do enriquecimento fácil, como foi retratado no seguinte trecho:

Para isso vamos retrogradar aos anos 40 e vamos dizer que o mineiro limiano foi herói do mundo subterrâneo, pelas árduas condições de trabalho, salário e risco da própria vida.

Na Serra de Arga, cujas minas, atingiram por vezes, mais de cem metros de comprimento, este “homem-toupeira” é digno do mais rasgado encómio.

O trabalho deste valoroso operário consistia em rasgar a rocha nas suas entranhas com a colaboração de compressores e martelos pneumáticos interligados no sentido de perfurar o filão, de acordo com os exames laboratoriais.

De quando em vez, ao longo das minas, e consoante o valor analítico, era necessário abrir novas recupas (minas secundárias), no prosseguimento do filão. Como se o trabalho não bastasse para glorificar o mineiro limiano, outro factor de primordial importância era a ventilação; por isso havia ainda que proceder ao recurso das chaminés, para que o ar entrasse no seu “submundo” do trabalho.

O volfrâmio que atingiu níveis consideráveis para a época (setecentos escudos o quilo), dada a sua utilização no fabrico de armas bélicas, pelos alemães e ingleses, tinha seu tempo contado.

*Para todo o sempre fica o mineiro-limiano, que no silêncio da mina, não tinha por companhia, nem o cantar do galo, tão puco o coaxar da rã. O seu silêncio era interciso, pelo ruído ensurdecedor dos martelos pneumáticos. Mas o mineiro-limiano ostenta orgulhosamente o seu símbolo: o gasómetro alimentado a carboneto (Carlos Ruela, In *Jornal Cardeal Saraiva*, de 13 de dezembro de 1991).*

Foram anos de luta e trabalho, mas, também, de grande responsabilidade e de uma considerável emancipação das mulheres através da conquista da liberdade. O facto de naquela época passarem semanas fora de casa, longe da família e da vigilância materna, espelha uma grande conquista, impensável em anos anteriores para as mulheres, a quem estava, simplesmente, incumbida a tarefa de cuidar da casa e de trabalhar na agricultura, passando depois de casadas a cuidar dos filhos e a manter a harmonia do lar.

Com a atividade mineira as mulheres do Alto Minho tornaram-se mais independentes e com salário para assegurarem as suas despesas pessoais e as despesas da casa. Não enriqueceram

⁴¹ NUNES, João Paulo Avelãs (2007) – *Efeitos colaterais do “fomento industrial”. O exemplo do subsector português do volfrâmio até à década de 1950*. In Revista da Faculdade de Letras, III Série, vol. 8, p. 273-297. [em linha]. Porto: Faculdade de Letras [Consult. 03 jan. 2014]. Disponível em WWW:< <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3358.pdf>>

mas alcançaram outros bens que tanto idealizavam, tais como: roupa, ouro, verificando mudanças significativas nas suas vidas.

Também, concederam tempo para a distração, procurando divertir-se e viver a mocidade. Eram jovens e apreciavam divertimentos e namoricos para, normalmente, constituir família com trabalhadores mineiros.

A atividade mineira em toda a sua envolvimento gerou, indubitavelmente, novas formas de vida e de ver a vida, reforçando e valorizando a posição da mulher na sociedade, assim como proporcionou novas formas de trabalho e enriquecimento.

2.4. A atividade mineira: formas e técnicas de trabalho

Com a intensificação da procura do volfrâmio foram muitos os que visionaram boas oportunidades de negócio, efetuando os respetivos pedidos de concessão mineira. Entre estes, encontravam-se engenheiros, médicos, advogados, comerciantes, maioritariamente oriundos dos grandes centros urbanos. Também os moradores da freguesia de Estorãos⁴², contactaram todos os familiares que tinham emigrado para Lisboa e para outras localidades, chamando-os com o intuito de virem fazer fortuna no minério. Todos quiseram tirar partido desta conjuntura, tal como refere Dulce Freire (2001:39) “Alguns (proprietários) ficaram revoltados com a destruição de terras (...) outros agradeceram o deflagrar de um conflito (que lhes valorizou a encosta pedregosa e estéril) (citado por Carvalho, 2010:20).

Nesta época os principais interesses recaíam sobre a estratégia de garantir o exclusivo território a explorar, surgindo a questão dos concessionários que despoletou uma série de problemas entre proprietários das terras, entidades locais e diversos candidatos à exploração das respetivas jazidas. Estas concessões regiam-se pelo Decreto n.º 18763, publicado no Diário de Governo n.º 117, I Série, de 1 de agosto de 1930, que contemplava a legislação mineira (Carvalho, 2010:19). Segundo J. Leal da Silva (2009)

“imputava ao descobridor (singular ou plural) ou seu mandatário a apresentação, na Câmara Municipal competente, de um manifesto da descoberta, que a caracterizasse por um conjunto de elementos essenciais e do requerimento do respectivo registo, que é o primeiro título constitutivo de direitos mineiros sobre o achamento. Só a partir daí, ou seja, da transcrição integral do manifesto em livro próprio da Câmara Municipal, se vão verificar os efeitos da prioridade do manifestante, incluindo a contagem dos prazos legais para a realização de trabalhos de pesquisa

⁴² Localidade junto à Serra d'Arga.

*que permitam demonstrar a viabilidade técnico-económica do achamento (...) e para a instrução e atempado requerimento da correspondente concessão*⁴³.

Neste sentido, esta legislação permitia que se iniciassem os trabalhos de exploração sem o consentimento do proprietário, com a exceção para o caso da propriedade possuir alguma cultura. Nesta situação o proprietário teria quinze dias para autorizar o início da exploração e os concessionários teriam que pagar uma percentagem do que exploravam ao proprietário. Caso não chegassem a acordo o terreno poderia ser expropriado.

Na Serra d'Arga e, de acordo com Fina d'Armada (2008:179), através do testemunho de Emília, antiga trabalhadora nas minas da Água Levada, *as minas tinham um dono. Escavavam no seu interior e depois deitavam a terra fora. Nós metíamos essa terra nuns sacos, levávamos às costas e íamos lavar a um curso de água, numa levada perto do rio. Chamava-se "Água Levada", pertence ao Cerquido. Aí usávamos umas caleiras, ou "canao". Eram tábuas que tinham lados, de dois lados uma tábua ao alto. Púnhamos a tábua ao correr da água, os lados para as margens. A água entrava pela frente, com a enxada nós mexíamos para trás e para diante, a água levava a terra e ficava o minério. Na caleira, ficava o que era mais pesado, pedras e bocadinhos de volfrâmio. A gente recolhia o volfrâmio em sacos e depois íamos vender.*

Também Piedade Aguiar reporta a sua experiência explicando que a caleira era feita de três tábuas, uma de fundo, duas de lado e a parte de trás também era tapada com uma tabuinha. "Com a sachola fazíamos assim e assim (faz o gesto) e a água ia saindo e levando a terra. Depois tirávamos o minério às manadas e deitávamos para os alguidares"⁴⁴.

Relativamente a instrumentos utilizados, verifica-se que as mulheres usavam, sobretudo, a enxada, o rodo, alguidares pequenos ou gamelas, a caleira e sachinhos. Os homens usavam, também, picaretas e "fogo" para rebentar a rocha (Armada, 2008:180).

Segundo esta informação depreende-se que a exploração do minério era efetuada segundo duas técnicas distintas: a abertura de poços e galerias para uma exploração subterrânea dos filões e o sistema de caleiras para a separação dos sedimentos aluvionares e a terra.

A última técnica foi utilizada em muitas concessões mineiras e também nas concessões informais que se mantinham ilegalmente pelos terrenos agrícolas, montes, e ribeiros a lavar sedimentos em busca de ouro, volfrâmio e estanho.

A água necessária para lavar o sedimento e apurar o minério dependia da lavaria e era trazida a balde, por canais, ou por bomba a motor, de fontes, poços ou ribeiros próximos.

As explorações mineiras, quer em termos artesanais ou industriais, a céu aberto ou em lavarias, nas mais variadas operações, desde tratamento dos minérios à escorrência de escombrelas

⁴³ SILVA, J. M. Leal da (2009) – ***A corrida à riqueza no "Rush" mineiro: caso de Arouca na Segunda Guerra Mundial***. Dissertação de Mestrado em Antropologia-Movimentos Sociais. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 160 p.

⁴⁴ Piedade Aguiar, depoimento recolhido no Cerquido, em 24 de Setembro de 2007, por Fina d'Armada (2008:180).

durante a atividade extrativa, contaminavam ribeiros, rios e terrenos. Na sua maioria, as empresas não adotavam qualquer medida ou procedimento de salvaguarda ambiental e nem o policiamento, com os denominados “guarda-rios”, conseguiam evitar a contaminação das águas, oriundas da lavagem do minério e das lavarias.

No entanto, o fim desta atividade decorreu no final do ano de 1941 quando o Governo publicou vários diplomas, como documenta Dulce Freire, referindo que *“reserva para si todas as jazidas ainda por descobrir ou explorar (...). Em complemento desta medida, criou-se na Comissão Reguladora do Comércio de Metais a secção de Produção e Comércio, que controlava a extracção de todos os minérios e garantia ao Governo o monopólio do volfrâmio. (...) Em começos de 1942, o preço de cada quilo de volfrâmio foi tabelado em 150 escudos. (...) Com o tabelamento veio a falência. (...) o antídoto para a “febre” chegou em Dezembro de 1944 com a publicação de decreto-lei n.º 33 707. Suspende-se a exploração de volfrâmio, tanto pela lavra regular das minas como por trabalhos de outra natureza, dentro e fora das concessões mineiras. Proíbe-se a circulação, o trânsito e a exportação de volfrâmio para qualquer um dos beligerantes (...) O “eldorado” português estava acabar, e a guerra, decidida”*⁴⁵.

Também o Jornal Cardeal Saraiva foi noticiando artigos alusivos à suspensão do minério (Figura 4).

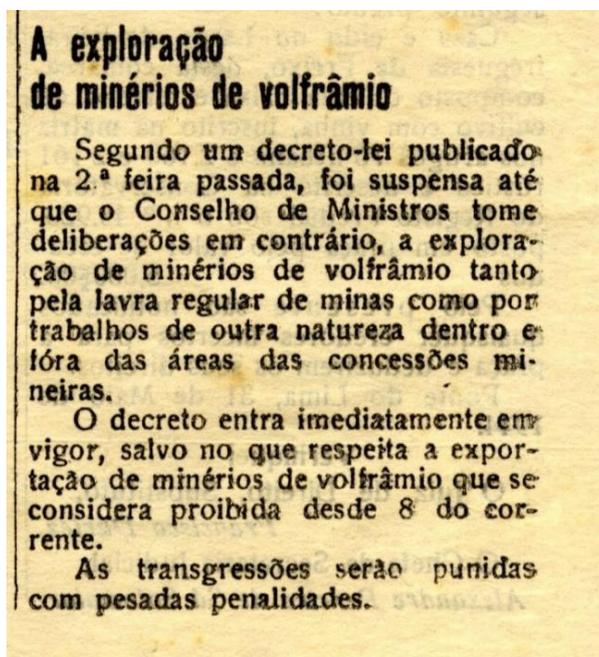


Figura 4 - A exploração de minérios de volfrâmio.

Fonte: Jornal Cardeal Saraiva de 15 de junho de 1944

⁴⁵ FREIRE, Dulce (2001) – *A febre do volfrâmio*. In História n.º 37, 23 (3.ª série). p. 38-34.

Com a suspensão e proibição da exploração mineira foi o acordar para a realidade: uns regressaram à normalidade da vida agrícola, outros viram o sonho terminar e deixaram de ter a ilusão de enriquecer rapidamente.

A maioria dos forasteiros regressou às suas terras de origem.

No entanto, e apesar da situação ocorrida, alguns dos trabalhadores acabaram por se fixar no concelho. Por afinidade ou por contração matrimonial terminaram por se estabelecer na região.

Neste seguimento, assistiu-se a um período de abandono da atividade mineira e uma consequente degradação da paisagem que perdura até à atualidade.

Presentemente, ainda, é possível identificar a maior parte de antigas concessões e infraestruturas de apoio à exploração e atividade mineira.

Impõe-se, deste modo, descrever e situar este território associado às vivências, estórias e memórias do minério.

2.5. Descrição do território mineiro da Serra d'Arga

O território mineiro de Ponte de Lima é lugar de uma extraordinária diversidade mineralógica, caracterizado como sendo possuidor de minerais que “no contexto Português só aqui são conhecidos” (Alonso, 2008: 85).

Com magníficas condições naturais, composto por vales e serras verdejantes, e por paisagens campestres é constituído por ribeiros, lagos e fontes, testemunhos da união harmoniosa entre a natureza e o Homem, com inúmeras paisagens admiráveis e inexploradas.

Este concelho é possuidor de antigas explorações mineiras que funcionaram em diferentes locais e diversas freguesias, designadamente na Serra de Arga, mas também em Vitorino dos Piães, Rebordões do Souto, Facha e Arcozelo⁴⁶.

No entanto, o maior e mais significativo território mineiro de Ponte de Lima situa-se na Serra d'Arga (Anexo 1), nas freguesias de Estorãos, Cabração, Moreira do Lima e S. Pedro de Arcos.

A própria designação ‘Arga’, deriva, possivelmente, da palavra latina ‘*Aurega*’, que significa “ a mãe do ouro”.

⁴⁶ Estas concessões mineiras pertenciam todas à empresa “Entrepasto Mineiro do Minho” com sede no largo da Freiria, em Arcozelo, concelho de Ponte de Lima. Esta empresa possuía concessões mineiras na Serra d'Arga mas também em Vitorino dos Piães, em Rebordões do Souto e na Facha. Em Vitorino dos Piães existiam duas minas intituladas “Cachadinhas” e “Monte do Castelo”, onde era extraído volfrâmio e estanho. Em Rebordões do Souto existia uma mina denominada de “S. Salvador” e explorava estanho. Na Facha havia uma outra mina apelidada de “Portela do Fojo” e era rica em estanho.

Estas minas foram exploradas após *infrutíferas que foram todas as demandas na Serra de Arga, sendo necessário empreender novas tarefas. Assim efetuaram-se estudos profundos, no tocante à viabilidade comercial do estanho em Vitorino dos Piães. Abriu-se uma estrada na direção das minas num monte sobranceiro e em lugar paradisíaco. Ali afluíram mineiros da Serra de Arga e lugares limítrofes, em longas caminhadas, com invernos rigorosos e estios calorentos. O mineiro-limiano sofria quantas vezes mal alimentado e sujeito aos rigores do seu arriscado ofício. Sob a direção do topógrafo Fernando Ruela fez-se a construção duma separadora que tratava numa primeira fase o minério extraído, vindo depois complementar as restantes operações a Separadora em Ponte de Lima, sediada no Largo da Freiria, que dispunha nesse tempo, de pessoal qualificado, com prestantes instalações* (Carlos Ruela, In *Jornal Cardeal Saraiva*, de 20 de dezembro de 1991).

Para os antigos era “a montanha sagrada – imponente, altiva, inacessível. Aqueles que de génio aventureiro empreendem a ascensão, guardam para o resto da vida o espectáculo maravilhoso: o vale limiano de S. Martinho da Gandra até ao mar...

O segredo que preservou a serra guardou também milagrosamente os costumes, os usos, as tradições das gentes que a habitam”⁴⁷.

A Serra d’ Arga possui uma área aproximadamente de 4493ha, sendo constituída por territórios pertencentes aos concelhos de Viana do Castelo, Caminha, Vila Nova de Cerveira, Paredes de Coura e Ponte de Lima.

A sua parte superior é planáltica, com imensos afloramentos rochosos e turfeiras, pouco intervencionada, e com uma reduzida atividade agrícola.

A presença do Homem foi determinante para a modelação da paisagem serrana, desde a época pré-histórica até à atualidade. A sua ocupação proto-histórica e pré-romana traduz-se nos números vestígios que testemunham a existência de povoados castrejos e explorações de jazidas minerais deixadas pelos romanos, assim como um vasto património religioso edificado associado à época medieval⁴⁸.

Segundo o Professor J. Bouça⁴⁹ *este nome foi-lhe imposto por Diomedes, natural de “Argos”, cidade importante do Peleponeso, perto de Atenas, que, depois do incêndio de Tróia, aqui se demorou bastante tempo.*

A terra, cheia de verdura e de viço, resplandecendo de graça e fecundidade (...) contribui para o nosso aperfeiçoamento físico, intelectual e moral.

A Serra-de-Arga, elevando-se ora em declives suaves, ora em pícaros quâsi prumo (...) regado pelas maravilhosas águas das fontes que, por toda a parte, ali suspiram, vivificado pelos raios do sol brilhantes que o ilumina, tonificado pelos ares puríssimos que o envolvem, oferece a quem o visita e percorre imensos horizontes, que compreendem os vales do lima e do Vez, do Coura e do Minho...

Daqui se contemplam paisagens variadas e redentíssimas(...); panoramas tão vivos, amplos e graciosos, que, em presença das magnificências da natureza, se desenvolvem os talentos, se ilumina o génio e fecundam as inspirações.”

“Mas a serra é também famosa pelas suas minas. Há galerias velhíssimas onde se encontraram lucernas romanas e velhos instrumentos de cavar – pás, alviões, restos de baldes de couro para fazer escoamentos...

Há lendas e mais lendas de tesouros enterrados deixados pelos mouros. (...)

⁴⁷ ARAÚJO, José Rosa de (1939) – **A serra desconhecida**, In A falar de Viana.... Viana do Castelo: Viana Festas. 2012. ISSN 2182-6943. p. 28-31.

⁴⁸ Informação baseada no documento online intitulado “Cerquido: enclave nas fragas da Serra de Arga”, disponível em www.com-pontedelima.pt/ponto_interesse.php?id=3, consultado em 20 março 2014.

⁴⁹ BOUÇA, J. (2004) – **A Serra de Arga**, In A falar de Viana.... Viana do Castelo: Viana Festas. ISBN 972-967-13-0-3. p. 113-114.

O romano explorou sobretudo ouro. Metódico, possuidor de técnicas hoje desconhecidas fez a propeção de toda a serra, abriu minas, consolidou enormes extensões.”⁵⁰

São, assim, vários os vestígios mineiros existentes neste espaço que testemunham a existência da atividade mineira, tal como algumas empresas o fizeram e fazem atualmente “na zona de cisalhamento mineralizada de Argas- Cerquido”(Gomes, 2008:88).

Território muito pouco povoado, possuidor de um património natural e cultural expressivo, foi palco de uma intensa exploração mineira de carácter artesanal e industrial no presente e no passado.

Quer as minas de carácter artesanal, como as minas “possuidoras de infraestruturas com carácter industrial tiveram na altura importância social e económica considerável” (Gomes, 2008:88).

Nesta serra contempla-se a paisagem moldada pela exploração mineira, atividade de capital importância na história deste território, que foi explorada por pessoas em nome individual e/ou coletivo.

Passa-se a enumerar as empresas que laboraram na Serra d’ Arga e minas concedidas, retiradas das pesquisas efetuadas na imprensa local de Ponte de Lima, particularmente no Jornal Cardeal Saraiva:

- Entrepósito Mineiro do Minho, Limitada⁵¹ requereu concessões para três minas denominadas: Escusa n. 1, situada na freguesia da Cabação; Cavalinho, situada na freguesia de Estorãos e Lagoa do Abade (Figura 5) localizada na freguesia de Estorãos;



⁵⁰ ARAÚJO, José Rosa de (1955) – *A serra de Arga (cont.)*. In Arquivo do Alto Minho. Viana do Castelo: Arquivo do Alto Minho. p. 97-110.

⁵¹ Sociedade comercial por cotas, de responsabilidade limitada, formada aos 12 dias do mês de maio de 1942 por Doutor António de Oliveira Barreto de Araújo, médico e morador na vila de Ponte de Lima, por Doutor Agostinho de Sousa Couto Calheiros Couto Calheiros de Lobo, médico e morador em Espinho, por Antero de Sousa Couto Calheiros Lobo, industrial e morador em Vila Nova de Gaia, por José Alberto de Sousa Couto Calheiros Lobo, industrial e morador no Porto, por Lino Marílio do Nascimento, industrial e morador no Porto e por Doutor Gaspar Fernandes Reguengo de Queiroz, químico-analista e morador no Porto. O seu objeto era o registo, pesquisas e exploração de minas e o tratamento industrial de minérios, podendo dedicar-se a qualquer ramo comercial ou industrial. O capital social era de trezentos mil escudos, sendo que cento e oitenta mil ficou destinado à lavra de minas. A gerência era exercida por todos os sócios, porém os sócios Antero de Sousa Couto Calheiros Lobo e o Doutor Gaspar Fernandes Reguengo de Queiroz deveriam dedicar maior atividade aos serviços e representavam a sociedade. Esta empresa teve sede no Porto, que depois foi passada para Ponte de Lima, no Largo da Freiria, em Arcozelo.

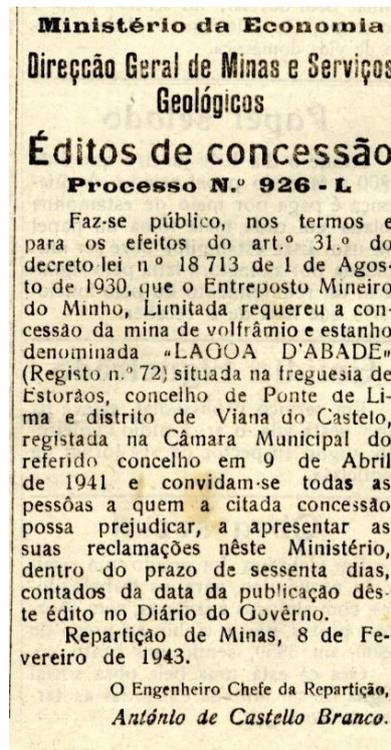


Figura 5 – Édito de Concessão do Entrepasto Mineiro do Minho para mina de volfrâmio e estanho denominada «Lagoa do Abade» situada na Serra d'Arga.

Fonte: Jornal Cardeal Saraiva, de 17 de fevereiro de 1944.

- MIPOLI: Minas de Ponte do Lima, Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada⁵², com quatro minas requeridas: Cumieira n. 1, Escusa n. 2 e Eiradas, situadas na freguesia da Cabração; Andorinheiras e Fulão Sul localizada na freguesia de Estorãos;
- Compagnie Française des Mines, possuidora de 7 minas, nomeadamente: Cabração n. 1, Escusa, Monteiro, Pedrinhas Brancas n.1, Pedrinhas Brancas n. 2 e Ribeiro do Seixalvo situadas na freguesia da Cabração; e ainda a mina denominada Mãos, localizada na freguesia de Estorãos;
- Mineira do Arco, Limitada por transmissão ficou com todas as minas da empresa Compagnie Française des Mines;
- Geomina, Limitada comprou as minas da empresa Mineira do Arco, Limitada;
- Sociedade Carbonífera da Lomba, Lda possuidora de uma mina denominada Monte do Formigoso, situada na freguesia da Cabração;

⁵² Empresa com sede e domicílio em Ponte de Lima, no Largo da Freiria, podendo a administração estabelecer delegações onde julgasse conveniente. A sociedade tinha por objeto a lavra mineira. O capital social era de um milhão de escudos, dividido em mil ações ordinárias do valor nominal de mil escudos cada, sendo todo destinado à pesquisa, lavra de minas e aquisição de registos mineiros.

- Sociedade Mineira da Várzea concessionária de uma mina de volfrâmio e estanho denominada “Ribeiro de Santa Justa”, situada na freguesia de São Pedro de Arcos, concelho de Ponte de Lima, em 30 de agosto de 1941;

- Sociedade Mineira da Balouca possuidora de mina de estanho denominada “Balouca”, situada na freguesia da Cabração, concelho de Ponte de Lima, em 22 de setembro de 1941;

- Sociedade Mineira de Estorãos, Limitada detentora da mina de volfrâmio e estanho denominada “Braçal”, situada na freguesia de Estorãos, concelho de Ponte de Lima, em 19 de outubro de 1940.

Para além das empresas supracitadas existiam, ainda, a empresa Mineira do Lima, Limitada, a Sociedade Mineira de Ponte do Lima, Limitada⁵³, a Mineira do Alto do Estanho, Limitada⁵⁴ a Transformadora Industrial do Norte⁵⁵, Limitada, e a MINARGA (Anexo 2) que se dedicavam à exploração de minas ou minério na Serra d'Arga.

O território mineiro é, certamente, constituído por mais minas do que as que se apresentam seguidamente. No entanto, este é o resultado alcançado, fruto das pesquisas efetuadas na biblioteca e arquivo do LNEG, em Alfragide, e no Jornal Cardeal Saraiva de Ponte de Lima:

Empresa concessionária	Minas concessionadas	Substância Explorada	Ano de atividade da concessão		Freguesia	Concelho
			Início	Fim		
Entrepasto Mineiro do Minho	Escusa n. 1	Tântalo	1945	1992	Cabração	Ponte de Lima
	Cavalinho	Volfrâmio; estanho	1940	1992	Estorãos	Ponte de Lima
	Lagoa (Bouça do Abade)	Estanho; volfrâmio	1943	1992	Estorãos	Ponte de Lima
MIPOLI: Minas de Ponte do Lima, S. A. R. L.	Cumieira n. 1	Colúmbio; tântalo	193?	1992	Cabração	Ponte de Lima
	Escusa n. 2	Colúmbio; tântalo	1952	1992	Cabração	Ponte de Lima
	Eiradas	Tântalo; nióbio	1955	1992	Cabração	Ponte de Lima
	Andorinheiras	Colúmbio; tântalo	1949	1992	Estorãos	Ponte de Lima

⁵³ Esta sociedade por cotas passou a usar a designação de Mineira da Boavista, Limitada, por escritura passada a 27 de julho de 1942.

⁵⁴ Sociedade comercial por cotas que foi formada por escritura a 5 de fevereiro de 1943, com sede na freguesia de Estorãos, no edifício conhecido por Casa do Rei. O seu objeto era o registo, pesquisa e exploração de minas. O capital social era de sessenta mil escudos, sendo que cinquenta mil escudos era destinado à lavra de minas. A administração e a gerência da sociedade ficou a cargo dos sócios gerentes João Fernandes Ferreira e Manuel Alves de Sousa (Jornal Cardeal Saraiva, de 29 de abril de 1943).

⁵⁵ Sociedade por cotas de responsabilidade limitada constituída a 19 de janeiro de 1943, com sede no Largo da Freiria, freguesia de Arcozelo, concelho de Ponte de Lima. O seu objeto era o tratamento e fundição de minérios, ou outro ramo de indústria ou comércio que viesse a ser designado, com exceção do bancário. O capital social era de trezentos mil escudos correspondentes às cotas com que os sócios se subscreveram para a sociedades, sendo que quarenta mil escudos foram atribuídos para a instalação de dois fornos de fundição, um de ustulação e outro de refinação. A gerência social era exercida pelos sócios gerentes do “Entrepasto Mineiro do Minho, Limitada”: Antero de Sousa Couto Calheiros Lobo e Doutor Gaspar Fernandes Reguengos de Queiroz; por um sócio gerente da sociedade da “Expansão da Indústria do Norte, Nortex, Limitada”: António de Almeida Pinto de Freitas ou Manuel de Almeida Pinto; e pelo Doutor Teófilo Maciel Pais Carneiro (Jornal Cardeal Saraiva, de 30 de março de 1943).

	Fulão	Arsenopirites auríferas; galena; blenda; tântalo	1948	?	Estorãos	Ponte de Lima
	Cabração n. 1	Estanho	1942	1963	Cabração	Ponte de Lima
	Escusa	Estanho	1943	1945	Cabração	Ponte de Lima
Compagnie Française des Mines	Monteiro	Estanho e ouro	1937	1939	Cabração	Ponte de Lima
	Pedrinhas Brancas n. 1	Estanho	1940	1944	Cabração	Ponte de Lima
	Pedrinhas Brancas n. 2	Estanho	1942	1954	Cabração	Ponte de Lima
	Ribeiro do Seixalvo	Estanho	1941	1947	Cabração	Ponte de Lima
	Mãos	Estanho e volfrâmio	1941	1945	Estorãos	Ponte de Lima
	Cabração n.º 1	Estanho	1963	1991	Cabração	Ponte de Lima
	Escusa	Estanho	1963	1971	Cabração	Ponte de Lima
	Monteiro	Estanho e ouro	1963	1971	Cabração	Ponte de Lima
Mineira do Arco, Limitada	Pedrinhas Brancas n. 1	Estanho	1963	1971	Cabração	Ponte de Lima
	Pedrinhas Brancas n. 2	Estanho	1963	1971	Cabração	Ponte de Lima
	Ribeiro do Seixalvo	Estanho	1963	1971	Cabração	Ponte de Lima
	Mãos	Estanho e volfrâmio	1963	1971	Estorãos	Ponte de Lima
	Cabração n.º 1	Estanho	1971	?	Cabração	Ponte de Lima
	Escusa	Estanho	1971	?	Cabração	Ponte de Lima
Geomina, Limitada	Monteiro	Estanho e ouro	1971	?	Cabração	Ponte de Lima
	Pedrinhas Brancas n. 1	Estanho	1971	?	Cabração	Ponte de Lima
	Pedrinhas Brancas n. 2	Estanho	1971	?	Cabração	Ponte de Lima
	Ribeiro do Seixalvo	Estanho	1971	?	Cabração	Ponte de Lima
	Mãos	Estanho e volfrâmio	1971	?	Estorãos	Ponte de Lima
Sociedade Carbonífera da Lomba, Lda	Monte do Formigoso	Tântalo; colúmbio	1952	1968	Cabração	Ponte de Lima
Sociedade Mineira da Várzea	Ribeiro de Santa Justa	Volfrâmio; estanho	1941	?	São Pedro de Arcos	Ponte de Lima
Sociedade Mineira da Balouca	Balouca	Estanho	1941	?	Cabração	Ponte de Lima

Sociedade Mineira de Estorãos, Limitada	Braçal	Volfrâmio; estanho	1942	1953	Estorãos	Ponte de Lima
Sociedade Mineira da Serra d'Arga, Lda.	"Monte da Chãozinha"	Volfrâmio	1941	1951	Estorãos	Ponte de Lima

Tabela n. 1 - Concessões em nome coletivo

Como se pode verificar pela descrição da tabela n. 1 as minas pertenciam a várias empresas que laboravam neste território.

A atividade mineira iniciou-se, maioritariamente na década de 40 do século XX, tendo-se mantido a exploração até aos anos 70 ou mesmo 80 do século passado, com suspensões regulares, embora algumas concessionárias tenham revogado a atividade em 1992 (Anexo 3).

Afere-se, também, que muitas das concessões mineiras foram passando de empresa para empresa através de transmissão autorizada pelo Governo da República Portuguesa.

Passamos, agora, a evidenciar as concessões deferidas em nome individual, fruto das pesquisas efetuadas no Jornal Cardeal Saraiva, nos Livros de Registos de Minas do Arquivo Municipal de Ponte de Lima e no LNEG destacando-se as seguintes:

- José Coelho dos Santos possuidor por transferência da mina de volfrâmio e estanho denominada "Braçal", situada na freguesia de Estorãos, concelho de Ponte de Lima, em 16 de janeiro de 1953;
- José Maria Soares Vieira detentor da mina de volfrâmio e estanho denominada "Estorãos", situada na freguesia de Estorãos, concelho de Ponte de Lima, em 28 de agosto de 1939 (Figura 6);

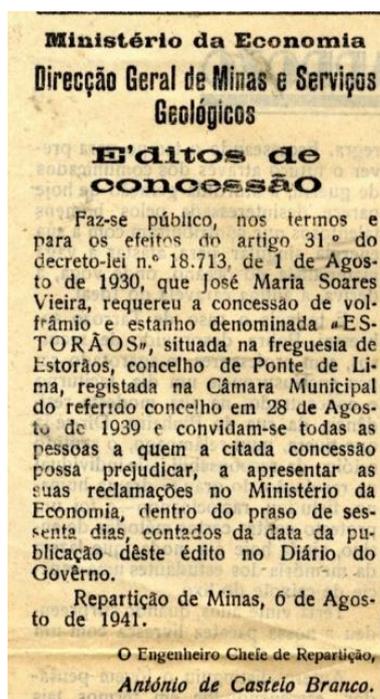


Figura 6 – Édito de concessão que requereu José Maria Soares Vieira para mina de volfrâmio e estanho denominada «ESTORÃOS» situada na Serra d'Arga.

Fonte: Jornal Cardeal Saraiva, de 28 de agosto de 1941

- Godofredo Pereira Pinto assumiu a responsabilidade da concessão da mina de volfrâmio e estanho denominada “Estorãos”, em 19 de dezembro de 1956;
- Raul Maria Gomes de Almeida Castelo Branco proprietário da mina de volfrâmio denominada “Fisga”, situada na freguesia de Estorãos, concelho de Ponte de Lima, em 12 de maio de 1941.

Proprietário	Mina concessionada	Substância explorado	Ano de atividade da concessão		Freguesia	Concelho
			Início	Fim		
José Maria Soares Vieira	Estorãos	Volfrâmio; estanho	1939	1950	Estorãos	Ponte de Lima
Raul Maria Gomes de Almeida Castelo Branco	Fisga	Volfrâmio	1941	?	Estorãos	Ponte de Lima
José Coelho dos Santos	Braçal	Volfrâmio	1953	?	Estorãos	Ponte de Lima
Godofredo Pereira Pinto	Estorãos	Volfrâmio; estanho	1956	1967	Estorãos	Ponte de Lima

Tabela n. 2 – Concessões em nome individual

Esta tabela apresenta minas exploradas por pessoas em nome individual que se dedicavam, essencialmente, à exploração de volfrâmio, entre início da década 40 e 50 do século passado.

Para além destas concessões mineiras existentes na Serra de Arga encontram-se no concelho de Ponte de Lima outros registos mineiros em nome individual nomeadamente nas freguesias de Arcozelo, de Arca, da Correlhã, de Serdedelo, de Beiral do Lima, entre outros.

Estas concessões encerram o esforço de uma população dedicada à exploração mineira. Testemunhos de vida das populações, que com o seu trabalho e com o seu esforço, moveram terras à procura de novas formas de enriquecimento.

Pelas atas da Junta de Freguesia de Estorãos, localidade junto à Serra d’Arga, também se afere que a atividade mineira gerou divergências entre a população e entre algumas das empresas concessionárias. No entanto, toda a população se embrenhou nesta atividade, como se pode verificar através dos excertos seguidamente apresentados ⁵⁶:

30 de Abril de 1941

“...pedido de atestado para fins convenientes que nos montes da água Levada, da Milhão, da Chansinha e do Periqueiro, desde a freguesia de Estorãos que confronta a norte com o lugar

⁵⁶ Informação gentilmente cedida pelo Sr. José Lima (Secretário da Junta de Freguesia de Estorãos).

do Cerquido, a nascente com o sítio do Enchurro e sul com a capela de Sta Justa, e poente com limites da freguesia de S. Lourenço da Montaria, alguém a não ser o requerente Humberto Guimarães Pinheiro, casado, comerciante, morador na Quinta de Pombal, freguesia de Azurém, do concelho de Guimarães, realizou pesquisas e outros trabalhos de minas a partir de Junho de 1940... ”.

15 de Maio de 1941

“...requerimento do Senhor Estebam Anes de Menezes, solteiro, industrial, residente na Quinta de Mato Bom, freguesia de Estorãos, concelho de Estorãos, sócio da concessionária, Humberto Guimarães Pinheiro, com exploração de Volfrâmio no sítio de Água Levada do lugar do Cerquido da referida freguesia e concelho. Depois de lido e discutido foi deliberado passar-lhe a respectiva autorização para montagem de uma barraca de abrigo e guarda de ferramentas no mesmo sítio de Água Levada que ocupa de superfície vinte e quatro metros quadrados. Sujeitando-se o requerente às seguintes condições 1º pagar de renda anual vinte e quatro escudos pelo terreno ocupado á Junta desta freguesia 2ª pagar no principio do ano a contar de 15 de Maio de 1941 a 15 de Maio de 1942, este contrato não deixa de existir enquanto não demolirem a dita barraca...”.

30 de Junho de 1941

“... o Senhor Presidente diz que no último domingo no fim da missa conventual notou alguns grupos que discutiam com calor abeirou-se viu que se tratava do requerimento da concessão da Mina da Companhia Francesa de Minas como todos temos inteiro conhecimento essa companhia tem prejudicado bastante o povo desta freguesia e circunvizinhas, proponho para que se faça subir às instancias competentes as reclamações necessárias a bem da defesa dos interesses desta Junta e dos paroquianos...”.

15 de Fevereiro de 1942

“...em seguida foi apresentada pelo senhor Presidente a seguinte proposta:

- Considerando que nos montados desta freguesia estão feitos muitos registos mineiros.*
- Considerando que desses registos resultam muitos danos nos montados, nas pastagens, nos tojos e arvoredos.*
- Considerando que esses montados se encontram na administração desta Junta.*
- Considerando que da exploração mineira, transportes e seus anexos vão deteriorar os caminhos.*

- Considerando que não é fácil impedir a exploração do minério em pesquisas nem legal em concessões.

- Considerando que esta Junta não tem receita para reparar os caminhos.

- Considerando que não é de justiça nem legal contribuir os paroquianos para reparar aquilo que outros deram causa.

- Considerando ainda que as receitas desta Junta vão diminuir pela falta de madeiras que se criavam nesses montados, e os paroquianos vão lutar com falta de pastagens, tojos para o fabrico de estrumes.

Proponho para que esta Junta lance e cobre o imposto proporcional sobre minas nos termos do art.º 777, n.º 6 do Código Administrativo, e o art.º 104 n.º 2 do Decreto n.º 18.713 e mais legislação aplicada que esse imposto seja de 5% como explicam os citados artigos e se pedisse a Sua Ex.cia o Senhor Ministro das Finanças, para que esta cobrança fosse feita cumulativamente com o imposto do Estado. A proposta foi aprovada por unanimidade...”.

Também na obra intitulada *Ponte de Lima uma Vila Histórica do Minho*, o autor Carlos Brochado de Almeida, faz alusão à extração mineira, que se passa a citar “... aproveitamento diferente teve o Rio Estorãos ao longo da sua história. Na antiguidade, desde que os metais começaram a ter préstimo para o homem, as águas que recebe da Serra de Arga e da vertente ocidental do Formigoso, foram usadas para lavar terras, separar metais, muito em especial o ouro e o estanho. Não é por acaso que algumas das antigas lavras de mineração se situam ao longo do curso, tal como não é de estranhar que muitos dos aluviões arrastados acabassem por depositar-se na parte final do seu percurso, contribuindo assim para a formação da extensa área sedimentar que se estende pelas freguesias de Arcos, Estorãos e Bertandos...”⁵⁷.

Todo este território mineiro foi fonte de enriquecimento para a localidade, mas também foco de discordâncias entre população e concessionárias.

Muitas destas concessões estavam associadas à ‘Separadora’ de Ponte de Lima, que passamos a descrever.

⁵⁷ ALMEIDA, Carlos A. Brochado (2007) - *Ponte de Lima: uma vila histórica do Minho*. Ponte de Lima: Município de Ponte de Lima. p. 21.

2.5.1. O edifício da ‘Separadora’: descrição geral

O edifício conhecido por ‘Separadora’ (Figura 7 e 8) apresenta um valor patrimonial e cultural inigualável.

Nesta sequência e considerando o edifício detentor de valor histórico e cultural, identitário de uma época, é crucial proceder-se à sua descrição e revalorização, com o intuito de se dar a conhecer esta estrutura catalisadora da cultura e da indústria desta região, evidenciando as formas de vida da sociedade limiana.

Localização	Largo da Freiria – Arcozelo – Ponte de Lima
Denominação	‘Separadora’
Data de construção	Século XIX
Área	1200 m ²
Apresentação	O edifício conhecido e popularmente apelidado por “Separadora” é uma das mais importantes referências do Património Industrial Mineiro do concelho de Ponte de Lima. Atualmente encontra-se desativado, devoluto e em mau estado de conservação (Figuras 9 e 10).



Figura 7 e Figura 8 – ‘Separadora’ - Fachada principal.

Fonte: Própria



Figura 9 – ‘Separadora’ - Aspeto exterior.

Fonte: Própria

Figura 10 – ‘Separadora’ - Aspeto interior.

Fonte: Própria

2.5.1.1. Enquadramento histórico do edifício

Este emblemático edifício está situado no Largo da Freiria, na freguesia de Arcozelo, do concelho de Ponte de Lima e ostenta traços arquitetónicos e elementos decorativos relevantes, tendo sido construído no século XIX, desconhecendo-se, porém, o responsável pela sua obra.

Inicialmente este espaço era formado pela casa, anexos e uma quinta, que constituía uma área significativa.

Na década de 20/30, do século XX, com o intuito de facilitar o acesso da vila à futura estação de caminhos-de-ferro⁵⁸, projetada para um local acerca de 100 metros de distância do edifício,

⁵⁸ Esta estação de caminhos-de-ferro nunca chegou a ser concluída.

abriram uma estrada que a ligava à ponte romana/medieval. Esta obra cortou a quinta ao meio, restando, atualmente, o edifício e um logradouro, com uma área aproximada de 1200m². Esta propriedade pertencia à ilustre família de Gonçalo de Abreu Coutinho, Jornalista e Cônsul de Portugal em Toulouse (França), que posteriormente a colocou à venda. Assim, na década de 40 foi realizada a aquisição da propriedade pela empresa MIPOLI (Minas de Ponte de Lima, S.A. R. L.), sociedade associada à empresa “Entrepasto Mineiro do Minho” e à qual estavam associada vários sócios, que adquiriam ações (Figura 11).



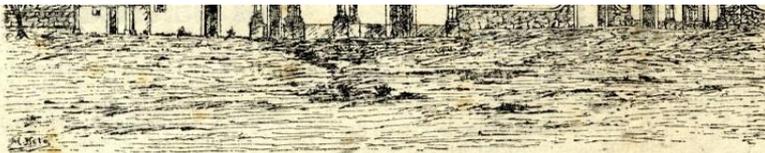
Figura 11 - Ação da empresa MIPOLI.

Fonte: João Gomes Abreu

Após a sua aquisição a propriedade foi transformada em indústria mineira, que se dedicava à pesquisa, exploração de minas e tratamento industrial de minérios.

O edifício servia para albergar os serviços administrativos das empresas MIPOLI (Figura 12), Entrepasto Mineiro do Minho (Figura 13), Transformadora Industrial do Norte, Limitada (Figura 14) e MINARGA⁵⁹ (Anexo 3) que possuíam administradores e sócios comuns, e estavam sediadas neste edifício.

⁵⁹ MINARGA – Minas da Serra d’Arga, Lda - tinha como responsabilidade a Concessão Mineira da Cerdeirinha.



MIPOLI - MINAS

de Ponte do Lima

S. A. R. L.

Por escritura de hoje, lavrada nas notas do notário abaixo assinado, foi constituída uma sociedade anónima de responsabilidade limitada, com os seguintes estatutos:

Artigo 1.º—É criada e será regida por estes estatutos e pela lei aplicável uma sociedade anónima de responsabilidade limitada, sob a denominação Mipoli—Minas de Ponte do Lima—Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada.

Artigo 2.º—A sua sede e domicílio é em Ponte do Lima, no Largo da Freiria, podendo a Administração estabelecer delegações onde julgar conveniente.

Artigo 3.º—A sociedade tem por objecto a lavra mineira.

Artigo 4.º—A sua duração é por tempo indeterminado e, para todos os efeitos, o seu começo se contará de hoje

Artigo 5.º—O capital social, inteiramente subscrito e realizado em moeda portuguesa pelos sócios fundadores, é de um milhão de escudos, dividido em mil acções ordinárias do valor nominal de mil escudos cada uma, sendo todo destinado à pesquisa, lavra de minas e aquisição de registos mineiros.

§ 1.º—Poderá haver títulos de uma, cinco e dez acções nominativas ou ao portador e reciprocamente convertíveis.

§ 2.º—Em qualquer elevação de capital terão os accionistas preferência na respectiva subscrição em proporção das acções que já possuírem.

§ 3.º—Fica desde já a administração da sociedade autorizada a elevar o capital, por uma ou mais vezes, com o plano de omissão que tiver por mais conveniente e até à importância de seis milhões de escudos, e, bem assim, a regular os direitos sociais dos novos accionistas e a outorgar na competente escritura

§ 4.º—Pode a sociedade adquirir acções próprias e sobre elas fazer as operações autorizadas por lei

§ 5.º—E, mediante prévia deliberação da assembleia geral, pode também a sociedade emitir obrigações.

Artigo 6.º—A sociedade será administrada por dois administradores, eleitos por três anos entre os accionistas.

§ 1.º—Os administradores poderão, logo que seja feito o primeiro aumento de capital, agregar um outro administrador, mediante prévio assentimento do conselho fiscal e do presidente da assembleia geral.

§ 2.º—Os administradores poderão regulamentar entre si as respectivas atribuições.

§ 3.º—E essas atribuições poderão ainda ser delegadas em um ou mais mandatários, por meio de mandato conferido por qualquer dos administradores eleitos, com o acordo de todos os restantes administradores.

§ 4.º—Além das atribuições conferidas por lei aos administradores, poderão estes fazer intervir a sociedade, como quotista, em qualquer outra sociedade por quotas, que tenha por objecto a lavra mineira.

Artigo 7.º—O conselho fiscal compõe-se de três ou cinco accionistas eleitos trienalmente, os quais exercerão as funções que por lei lhes competem.

Artigo 8.º—Os membros da administração e do conselho fiscal poderão sempre ser reeleitos e a sua remuneração será fixada em assembleia geral.

Artigo 9.º—Fazem parte da assembleia geral todos os accionistas com um mínimo de cinco acções, contanto que as tenham averbadas em seu nome ou depositadas no cofre social antes do dia da reunião.

§ 1.º—A cada grupo de cinco acções corresponde um voto e os accionistas sem voto, assim como os obrigacionistas, quando os houver, não poderão assistir às reuniões da assembleia geral.

§ 2.º—Podem agrupar-se os accionistas entre si, ficando com direito a voto cada grupo de cinco acções e devendo este ser exercido pelo

itinerário do costume.

De tarde, grande arraial, com os atractivos do costume, abrihantado pelas bandas de música de Monção e Ponte do Lima.

Guarda-vestidos VENDE-SE um em madeira de antigo castanho e com espelho.
Diz-se nesta redacção.

Casa de pasto PASSA-SE a antiga casa Figueiredo, na rua do Rosário, desta vila, com o recheio ou sem ele.
Falar com o seu proprietário.

accionista que por eles for indicado.

§ 3.º—Havendo acções privilegiadas, os seus titulares só podem fazer parte da assembleia geral desde que possuam um mínimo de vinte e cinco acções, a que corresponderá um voto, sendo também necessário um mínimo de vinte e cinco acções para que os seus titulares se possam agrupar nos termos e para os fins do parágrafo anterior.

Artigo 10.º—Os accionistas que não exerçam cargos sociais e tenham direito a voto, poderão fazer se representar nas assembleias gerais por outros accionistas, conferindo o respectivo mandato em simples carta, que será depositado no escritório social antes do dia da reunião.

Artigo 11.º—Compete à assembleia geral:

a) Eleger a sua mesa, constituída por um presidente, dois secretários e dois vice secretários, com atribuições trienais e reelegíveis;

b) Eleger os accionistas que hão-de constituir os corpos gerentes e estabelecer a caução que eles devem prestar;

c) Apreciar e votar os respectivos balanços, contas e relatórios anuais;

d) Alterar os estatutos e deliberar sobre a dissolução e liquidação da sociedade;

e) Deliberar sobre todos os de mais assuntos que lhe são atribuídos por lei ou por estes estatutos.

Artigo 12.º—A assembleia geral reunirá ordinariamente todos os anos, nos termos e para os fins legais, e reunirá extraordinariamente a requerimento de qualquer administrador, de qualquer membro do conselho fiscal ou de accionistas que representem, pelo menos, a quarta parte do capital social.

Artigo 13.º—Para que qualquer assembleia geral possa deliberar validamente, em reunião de primeira convocação, é necessária a representação da maioria do capital social.

Quando reúna em segunda con-

vocação deliberará com qualquer número de accionistas e seja qual for o capital representado.

Artigo 14.º—O ano social é o ano civil, com balanço referido a trinta e um de Dezembro.

Artigo 15.º—Os lucros líquidos apurados no balanço terão as seguintes aplicações:

a) Cinco por cento para fundo de reserva legal; b) Dez por cento para a administração, sem prejuízo do disposto no artigo oitavo. c) Cinco por cento para o conselho fiscal.

Artigo 16.º—No caso de haver acções privilegiadas, depois de retirados os cinco por cento para o fundo de reserva legal, sairá, com preferência sobre as restantes aplicações, uma percentagem até quatro por cento do valor nominal de cada acção privilegiada, destinada ao seu titular como retribuição.

§ único—Satisfeita a preferência referida neste artigo e as aplicações constantes das alíneas b) e c) do artigo anterior, os lucros sobrantes serão divididos em duas partes iguais, destinando-se uma a dividendo das acções ordinárias e outra a dividendo suplementar das acções privilegiadas.

Artigo 17.º—Tudo o mais não previsto, designadamente o tocante à dissolução e liquidação, será regulado pela lei vigente, devendo, porém, observar-se, quanto à liquidação, que o activo líquido que se apurar será aplicado em primeiro lugar ao pagamento das acções privilegiadas e em segundo ao das ordinárias, devendo o excedente ser distribuído em duas partes iguais, uma para as acções ordinárias e outra para as acções privilegiadas.

Artigo 18.º—Nas suas relações com o Estado esta sociedade será representada por qualquer dos seus administradores.

Artigo 19.º—Não podem fazer parte dos corpos gerentes desta sociedade, nem em alguma qualidade, directamente ou por interposta pessoa, poderão prestar-lhe quaisquer serviços, as pessoas referidas nos diferentes números do artigo primeiro do decreto número quinze mil quinhentos trinta e oito, de um de Junho de mil novecentos vinte e oito, como determina o artigo décimo do mesmo decreto.

Artigo 20.º (transitório)—A assembleia geral desta sociedade reunirá no dia vinte do corrente mês de Maio, pelas catorze horas, na rua de Santo Ildefonso, número cento e um, da cidade do Porto, para eleição dos corpos gerentes e para determinar a caução a prestar por estes.

Gondomar, 17 de Maio de 1947.

O Notário,

Ernesto da Fonseca.

Cardeal Saraiva — Pág. 2

Figura 12 – Escritura da MIPOLI – Minas de Ponte de Lima S.A.R.L.

Fonte: *Jornal Cardeal Saraiva* de 29 de abril de 1943, p. 2

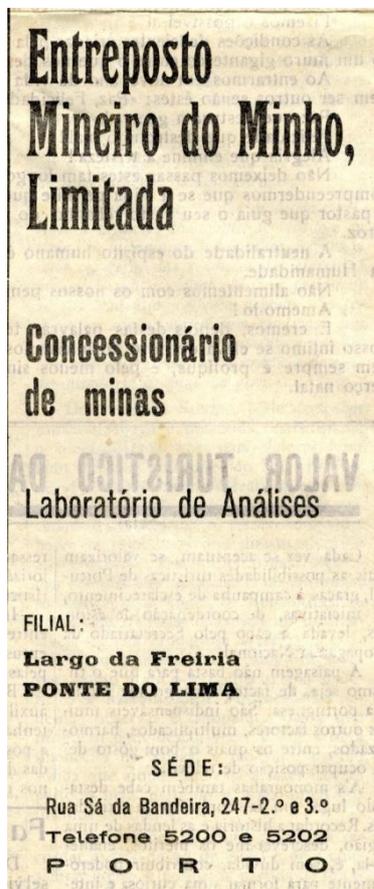


Figura 13 – T.I.N., L.da – Anúncio publicitário.

Fonte: *Jornal Cardeal Saraiva* de 29 de abril de 1943, p. 2

Figura 14 – Entrepósito Mineiro do Minho, Limitada – Anúncio publicitário.

Fonte: *Jornal Cardeal Saraiva* de 29 de abril de 1943

No mesmo espaço, e indo ao encontro da sua atividade laboral, existia maquinaria apelidada popularmente por ‘Separadora’, pela função que exercia ao separar o minério, maioritariamente volfrâmio e estanho, proveniente das explorações mineiras.

Segundo o atual proprietário, estas empresas possuíam quinze concessões onde trabalhavam um conjunto significativo de pessoas, uma média de vinte e cinco a trinta pessoas por mina. Estas quinze concessões mineiras, não tinham a lavra a decorrer todas no mesmo período temporal, havendo mobilidade de trabalhadores de umas minas para as outras.

Neste edifício os empregados exerciam diversas funções: a área administrativa era orientada pelos gerentes e pelo pessoal administrativo – empregados de escritório, desde estafetas a escriturárias; existia também a área dos operários que trabalhavam nas máquinas, tanques e fornos.

Nas minas havia um Engenheiro de Minas que coordenava os trabalhos junto das concessões, um encarregado, os mineiros, os ajudantes, os vagoneiros e os ferreiros. Havia, também, mão-de-obra não qualificada, que faziam trabalhos manuais não especificados, nomeadamente transporte de terras e areias em carrinhos de mão, que inicialmente era feita em caleiras de madeira ou bacias.⁶⁰

⁶⁰ Informações baseadas no depoimento do atual proprietário do edifício Doutor António Queiroz (Anexo 4).

Nesta conjectura, pode afirmar-se que funcionários administrativos, chefias intermédias e alguns operários mais qualificados tinham acesso a contratos anuais de trabalho e a salários mensais, obedecendo a um horário, normalmente, de sete horas diárias.

Os outros trabalhadores, incluindo os mineiros, tinham que cumprir um horário de oito horas diárias e recebiam quinzenalmente, pelo encarregado de minas, que estava responsável por essa tarefa. Este encarregado dirigia-se, todas as segundas-feiras, a pé, à ‘Separadora’, com o objetivo de proceder ao levantamento do dinheiro, para posteriormente, o distribuir pelos trabalhadores mineiros que laboravam na Serra d’Arga.

A Separadora, assim denominada, com sede no Largo da Freiria, era como que, a “Coluna vertebral” das minas da Serra d’Arga, onde na década de 40, após a chamada “febre do volfrâmio, se processou a pesquisa do ouro e da prata.

No degradante edifício, que a imagem retrata (Figura 15), nos dias de hoje (1991), e que a incúria dos homens olvidou, muitos dos seus dedicados servidores, deram o melhor do seu esforço e entusiasmo que o futuro veio a demonstrar utópico e irrealista.



Figura 15 – Edifício da ‘Separadora’ em 1991

Fonte: *Jornal Cardeal Saraiva* de 12 de dezembro de 1991

De qualquer forma, recorde-se o seu principal cabouqueiro, Gaspar Queiroz, sempre virado para assuntos da mineralogia, cujos proventos, adquiridos na exportação do volfrâmio, “enterrou” na Serra de Arga. Cerca de 50 mineiros, cuja profissão, a mais arriscada do mundo, diariamente, com o uso de gasómetros, compressores e martelos pneumáticos, rasgavam rochas graníticas, na busca incessante do almejado filão.

O “tovenant, era posteriormente, depois de moído seco e calibrado, sujeito a uma análise, a cargo do autor deste escrito, tendo como coadjuvante, Artur Fernandes Pereira, morador no citado Largo da Freiria.

Mas na chamada “coluna vertebral”, daquele empreendimento, muitos já, e, infelizmente, deixaram o nosso salutar convívio. Recordemos alguns: - Fernando Ruela: topógrafo; David Rocha Braga: chefe de escritório; António Augusto Fernandes: encarregado; Francisco José Pereira: vigilante; e o já citado director Queiroz Ribeiro. São ainda vivos, D. Margarida Marinho, a Guidinha: dactilógrafa; o Mendes de Carvalho e Joaquim Carneiro: empregados de escritório. Toda esta plêiade sentiu de forma efectiva e afectiva o ouro na Serra de Arga (Carlos Ruela, analista da ‘Separadora’, In Jornal Cardeal Saraiva, de 06 de dezembro de 1991).

2.5.1.2. Estrutura e funcionamento do edifício

Para compreender a funcionalidade do edifício e da empresa iniciou-se um processo de investigação para aceder à planta original do edifício. Após várias pesquisas e idas a diferentes arquivos (municipais e prediais) verificou-se a impossibilidade de aceder à documentação pretendida.

Assim, encetou-se outra estratégia para alcançar o pretendido e procurou-se encontrar pessoas que conhecessem o edifício ou tivessem trabalhado em alguma empresa com sede nessa mesma propriedade.

Nesta conformidade, através de depoimentos de antigos trabalhadores⁶¹ da ‘separadora’ e de familiares, conseguiu-se conceber a planta do edifício (Figura 16) e perceber o circuito de exploração do minério.

Como foi referido anteriormente este edifício já existia antes de se transformar numa estrutura de índole industrial. Neste sentido, este imóvel passou de uma casa de família para albergar empresas com finalidades económicas relacionadas com a extração mineira.

As empresas tiveram que se adaptar ao edifício e adequá-lo à atividade pretendida, tornando-o funcional, embora se depreenda que as alterações efetuadas à estrutura do edifício tenha sido irrelevante ou quase nula comparativamente à estrutura primitiva.

As empresas foram, assim, implementadas num edifício constituído por três andares, dividido em espaços amplos, direccionados para múltiplas funcionalidades.

No rés-do-chão situava-se a entrada principal do edifício, com uma grande porta que dava acesso direto ao hall de entrada. Era seguido de umas escadas ao fundo, em forma de caracol, que comunicavam com o segundo e terceiro andar.

O hall de entrada fazia a divisão da casa: à esquerda encontravam-se duas salas e à direita outras duas. As salas do lado direito alojavam maquinaria e uma casa de banho com grandes chuveiros, onde os trabalhadores tomavam banho, diariamente, no final do dia de trabalho.

⁶¹ Depoimentos da antiga secretária da direcção D. Margarida Marinho, da mulher e filha do Sr. Artur Pereira, trabalhador da ‘Separadora’ e mais tarde guarda do edifício, e do paquete João Pereira.

A primeira sala da ala esquerda do edifício funcionava para secagem do minério, após ser lavado na sala mais encostada aos fornos, que era constituída pela lavaria.

Esta sala era formada também por um tanque, para onde era descarregada a água que lavava o minério.

Este tanque era limpo diariamente, pois a água, ao final do dia, encontrava-se imprópria, na sua maioria conspurca, devido à lavagem do minério.

Esta sala comunicava com o exterior através de uma porta que ligava a lavaria aos fornos e à fonte de água corrente.

Os dois fornos de fundição, um de ustulação e outro de refinação, foram construídos pela sociedade da “Expansão da Indústria do Norte, Nortex, Limitada”, que era sócia da empresa T.I.N. (Transformadora Industrial do Minho).

Estes fornos estavam situados noutra edifício, do lado de trás do edifício principal, junto ao quintal.

Passando para o primeiro andar verifica-se que este era dividido por um corredor ao centro e estava destinado aos serviços administrativos. Este espaço era constituído por uma sala da direção, dois escritórios, uma cozinha que, foi transformada em laboratório para auxiliar a indústria mineira. Possuía, também dois quartos e, junto ao laboratório, funcionava mais um WC.

Este andar fazia, também, ligação ao exterior através de uma pequena varanda em metal seguida de escadas em pedra, direcionadas para o quintal junto aos fornos, mas habitualmente pouco utilizadas, pois a circulação de bens e pessoas era efetuada pela entrada principal.

No terceiro andar instalaram seis quartos e uma sala, onde ficavam hospedados alguns trabalhadores e, por vezes, a direção.

O edifício era enriquecido por um quintal rodeado com muros altos e com dois portões de acesso ao quintal, que se interligavam em linha reta, até à rua principal. Este quintal era todo ladeado por vinha e, de um portão ao outro, existia uma ramada tradicional minhota, assim como, morangueiros que acompanhavam o caminho entre os dois portões. Quer as uvas, quer os morangos serviam de alimento para os trabalhadores do edifício, que degustavam deliciados as frutas, numa época conturbada e difícil.

Esta indústria foi de crucial importância social e económica para a localidade e para a região. Acabou por cessar a atividade na década de 50, originando o encerramento da empresa que, inevitavelmente, gerou o abandono do edifício.

Atualmente a propriedade pertence a António Júlio Queiroz, descendente do antigo sócio Gaspar Queiroz Ribeiro.

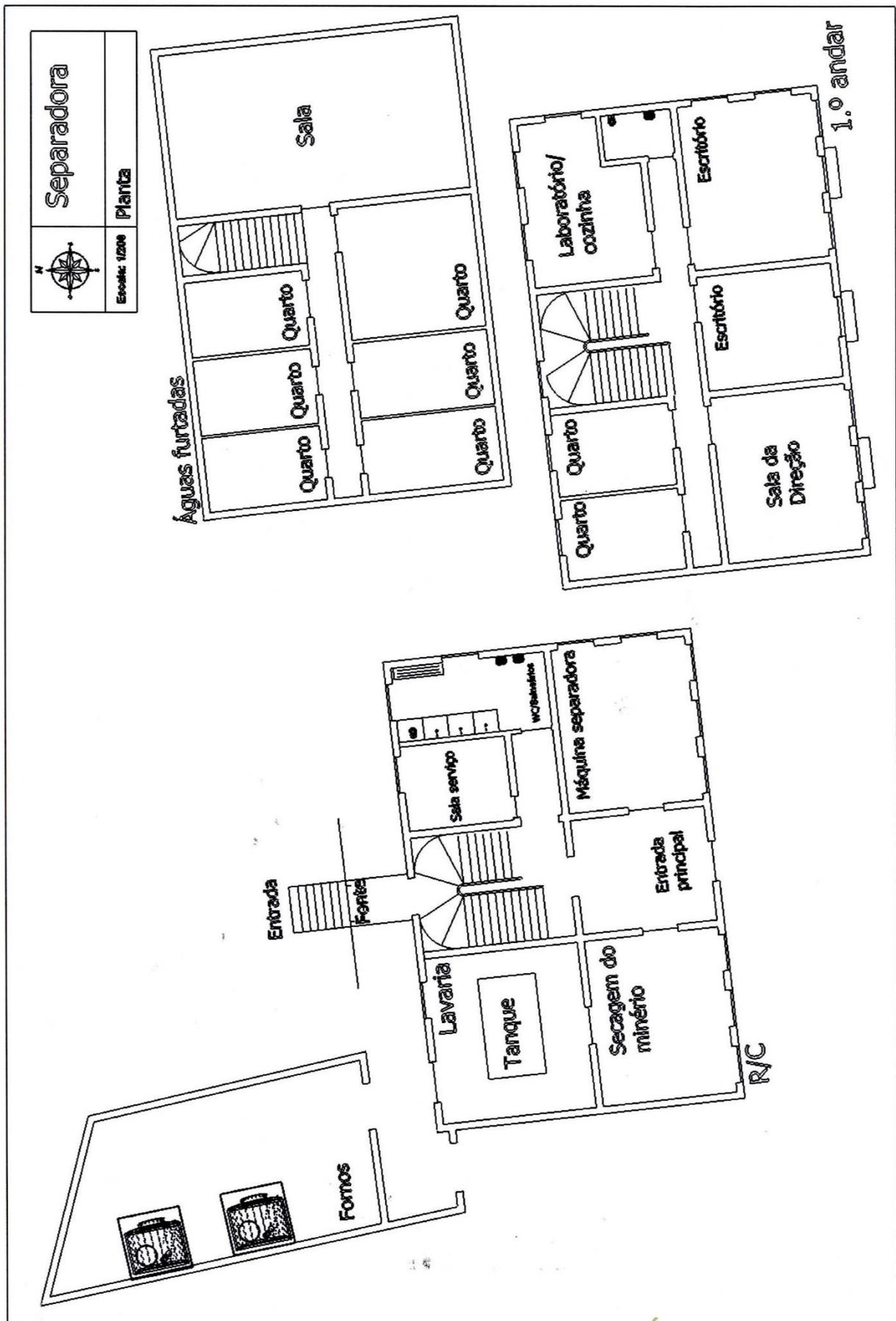


Figura 16 - Planta do edifício da antiga 'Separadora'

Fonte: Própria

2.5.1.3. Circuito do minério na ‘Separadora’

A ‘Separadora’ recebia o minério oriundo das minas da Serra d’Arga para ser tratado.

O tratamento do minério consistia num variado processo de operações cujo objetivo era a obtenção do produto final, requerendo-se à separação seletiva entre dois ou mais minerais.

Assim, após a extração era necessário proceder-se à separação do minério da ganga, que não possuía qualquer interesse económico.

O tratamento dependia das características físicas, químicas e mineralógicas, técnicas utilizadas e até das condições dos mercados⁶².

Neste caso específico o tratamento era realizado com maquinaria e auxiliado pela mão-de-obra humana.

O minério era transportado desde a serra até à ‘Separadora’, maioritariamente, em camionetas, após a abertura da estrada, que ligava este espaço industrial às minas da Serra d’Arga.

Existiam, no entanto, homens e mulheres, normalmente mineiros por conta própria, que transportavam o minério à cabeça para o venderem na ‘Separadora’, principalmente em dias de feira.

Deslocavam-se desde a serra até Ponte de Lima a pé, por trilhos e caminhos pedestres.

O objetivo era chegar o mais rapidamente à ‘Separadora’ para venderem o material e obterem dividendos, para posteriormente adquirirem produtos e bens na feira.

Este minério chegava em bruto (ganga) e era, posteriormente, submetido a vários procedimentos até se obter o produto final.

Iniciava-se, desta forma, o processo com a operação de separação do minério por qualidade.

De seguida, passava-se ao processo de redução de tamanho através dos procedimentos de trituração e moagem.

Após este procedimento promovia-se a separação do minério. Antes de se obter o produto para a indústria química era necessário passar pelo processo de lavagem, realizado na lavaria.

Posteriormente eliminava-se parte da água do concentrado. Esta operação compreendia a secagem.

Após esta operação passava-se ao tratamento químico e depois ao processo de aquecimento até se alcançar o produto final.

Finalmente era colocado em sacos e embalado para ser vendido. O preço do minério variava conforme as necessidades dos mercados, uma vez que estes tinham de ser economicamente autossustentáveis, ou seja, quando a procura aumentava o preço subia, de acordo com a economia global.

⁶² CARVALHO, Carlos Neto de, [et al.] (2010) – *Tempos loucos do Volfo* [em linha]. [s.l.] : [s.n.] [Consult. 10 maio. 2014]. Disponível em WWW:< <http://www.naturtejo.com/ficheiros/conteudos/pdf/geoturismo/5.7.pdf> >

PARTE III – SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL MINEIRO DE PONTE DE LIMA: MEMÓRIAS E TESTEMUNHOS

O território de Ponte de Lima é detentor de uma riqueza patrimonial relacionada com as minas e com a indústria de separação do minério.

Proteger, conservar e salvaguardar este património é uma forma de defender a riqueza desta região, que se deve compreender como fonte de potencial desenvolvimento social das comunidades.

Este tipo de património deve ser alvo de uma gestão sustentável, com motivações educativas, científicas e lúdicas, integrando valores históricos, culturais e sociais, contemplando iniciativas que visem a sua proteção e salvaguarda, conforme se apresenta na figura 17.

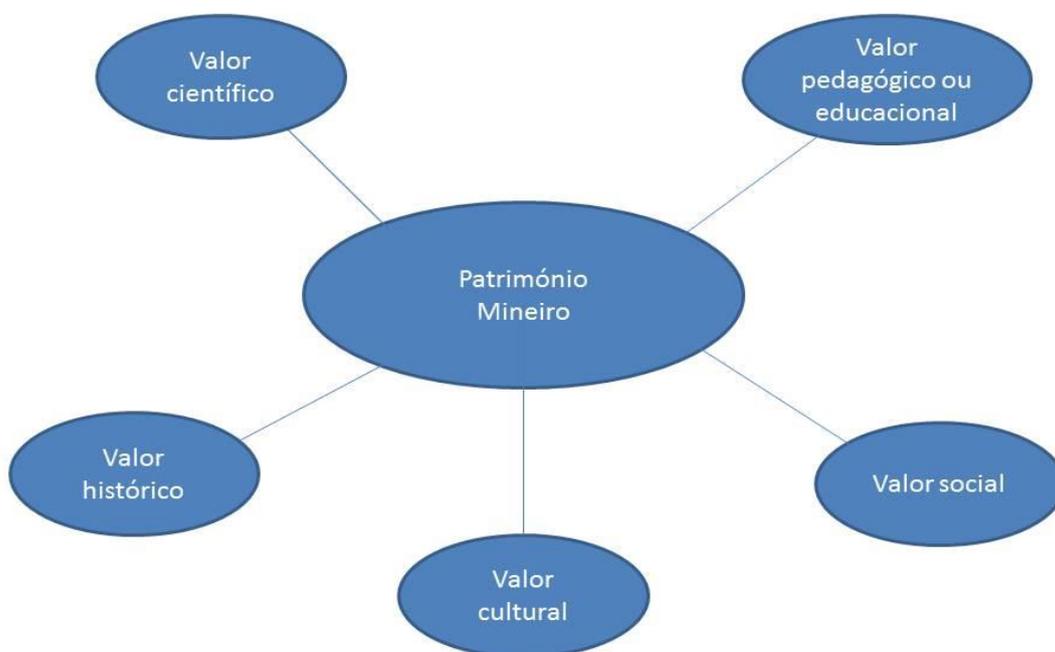


Figura 17 - Tipos de valores associados ao património mineiro.

Fonte: Própria.

Estes tipos de valores associados ao património mineiro vão reforçar os sentimentos de identidade cultural, de memória coletiva e de afirmação de um património comum cuja riqueza reside na sua diversidade.

O seu carácter multidisciplinar incorpora diversos valores essenciais para o reconhecimento, para a conservação e para o estudo deste tipo de património, que sustenta identidades, exprime a

dimensão histórica, cultural e social da sociedade e estimula a aproximação física e emocional ao património.

Urge, pois, encontrar soluções de salvaguarda e implementar-se estratégias bem definidas que suscitem um desenvolvimento turístico de forma a aproveitar todas as potencialidades deste tipo de património.

Uma proposta de salvaguarda deve, no caso específico do património mineiro, não apenas enunciar a existência de um problema de preservação, mas também conceber soluções exequíveis para a sua recuperação e reutilização ao serviço da comunidade.

Encontra-se, assim, no património mineiro uma oportunidade de qualificação de vivências, através da criação de uma estratégia de valorização territorial explorando o potencial de vertentes de turismo mineiro, turismo cultural e outros associados.

Em todo o caso a riqueza territorial e patrimonial relaciona-se com as minas e com a indústria de separação do minério extraído. Assim, encontram-se diversos elementos e registos materiais referentes a este período (edifícios, estruturas físicas, maquinaria...) e imateriais (estórias, testemunhos, vivências e modos de vida) relacionados com a cultura mineira, integrando um passado mineiro.

Na paisagem pode, ainda, observar-se imensas marcas e estruturas ligadas à componente formal e informal mineira, como cortas, galerias, poços, trincheiras, escombreiras, antigas habitações das minas, lavarias, paióis, entre outros elementos significativos.

Este património associa-se, também, a edifícios de carácter industrial, particularmente à 'Separadora', que foi proprietária de várias empresas dedicadas à exploração de minério.

Deste modo, impõe-se a valorização do património material e imaterial associado a este território, que por si só, apresenta um manancial científico, educacional, cultural, histórico e social que ainda hoje marcam este território.

Importa, desta forma, reunir elementos descritivos e apresentar informações sobre a atividade mineira e o tipo de minerais explorados, decorrentes das fontes de informação testemunhais (inquérito sociológico segundo a análise de entrevistas) e documentais (análise de informação documental proveniente de arquivos públicos e privados).

A escassez de informação documental encaminhou o estudo para o recurso a testemunhos orais de antigos intervenientes da atividade mineira. Este método permitiu a obtenção de elementos que confirmaram a informação recolhida por via documental e também pelo reconhecimento de vestígios mineiros existentes no território.

A informação foi, assim, obtida através da aplicação do inquérito sob a forma de entrevista a antigos trabalhadores mineiros e da 'Separadora' e resultou em função das fases de construção

do guião, seleção dos destinatários, organização do conteúdo e apresentação dos resultados sob forma gráfica.

O atributo fundamental e a maior vantagem na utilização destas entrevistas passou pela obtenção da informação cara a cara (Hayman, 1984, citado por Alves, 2014:141). *A expressão livre, por parte dos Entrevistados, é um aspecto importante quando se trata de registar memórias distanciadas* (Alves, 2014:141).

Estabelecido o guião, orientaram-se as entrevistas, que assumiram um carácter semiestruturado, com um questionário de respostas maioritariamente abertas, com uma ou duas questões centrais, de resposta livre e com orientação por parte do investigador, permitindo, no entanto, uma liberdade de expressão sobre o assunto. A modalidade das perguntas foi do tipo aberto possibilitando ao entrevistado opinar livremente sobre os factos e situações vivenciadas. As perguntas fechadas foram utilizadas apenas quando foi necessário clarificar detalhes do discurso do entrevistado.

O tema da entrevista incidiu sobre património mineiro de Ponte de Lima.

Com o guião preparado antecipadamente para a obtenção de dados foi possível, posteriormente, conciliar-se a informação alcançada nas entrevistas com a informação documental recolhida, permitindo colmatar lacunas e considerar valências patrimoniais.

Neste caso específico foram produzidos quatro guiões diferentes de forma a se conseguir conquistar o maior número de informação possível, nomeadamente: um Guião de Entrevista dirigido a antigos trabalhadores da ‘Separadora’ (Anexo 5); um Guião de Entrevista dirigido a familiares dos trabalhadores e conhecedores da ‘Separadora’ (Anexo 6); um Guião de Entrevista dirigido a antigos trabalhadores das minas (Anexo 7); um Guião de Entrevista dirigido a familiares dos antigos trabalhadores das minas (Anexo 8).

A entrevista regeu-se por algumas regras de conduta. *Delaire (1988) propõe cinco regras: acolhimento, centração no vivido pelo sujeito, mais interesse pela pessoa que pelo problema, respeito e consideração real pelo sujeito, facilitação da comunicação. Atendendo ao espectro de idades dos Entrevistados, as regras de Delaire (1988) facilitaram a progressão da entrevista e a compreensão do discurso* (Alves, 2014:145).

Durante a entrevista, foi necessário saber ouvir, isto é, não interromper a linha de pensamento do entrevistado, aceitar as pausas, e, em geral, aceitar tudo o que é dito numa atitude de neutralidade atenta e simpática.

A maioria das respostas obtidas teve um carácter fortemente idiossincrático (Alves, 2014:145), baseado em vivências particulares, que valorizou o contributo das entrevistas.

A maioria dos entrevistados permitiu tirar notas e fazer o registo áudio.

3.1. Património material da herança mineira

O património material salienta a riqueza e variedade da herança patrimonial mineira, traduzindo-se no património edificado, nas concessões mineiras, materiais utilizados, as técnicas construtivas locais e industriais da época num território marcadamente rural.

Impõe-se dar a conhecer este tipo de património que deverá ser preservado, defendido, valorizado e difundido.

As informações apresentadas são fruto da análise de acervos documentais de arquivos oficiais e particulares, designadamente no Arquivo do LNEG, em Alfragide, do arquivo particular do atual proprietário da ‘Separadora’, que gentilmente cedeu os relatórios das minas para enriquecimento do estudo.

O estudo reflete, igualmente, informações fruto do reconhecimento do território mineiro no terreno, assim como das entrevistas efetuadas a antigos trabalhadores das minas.

Ostenta-se, assim, seguidamente uma breve descrição da pesquisa efetuada que incide sobre as minas da Serra d’Arga e que constituem um exemplo pragmático do território mineiro desta região.

Inicia-se a apresentação com descrição das minas associadas às concessionárias com sede no edifício da ‘Separadora’ e posteriormente expõe-se as restantes concessões mineiras investigadas. Estes conteúdos servirão para incluir nos painéis informativos (Anexo 9) a disponibilizar junto às antigas minas, por onde passará o itinerário turístico-cultural.

3.1.1. A mina do “Fulão”

Localização, instalações e acessos:

A mina do Fulão situa-se em plena Serra d’Arga, na freguesia de Estorãos, e a sua concessão era da responsabilidade da empresa MIPOLI – Minas de Ponte de Lima que explorava tântalo e ouro.

Este local era considerado particularmente favorável pois “a topografia do terreno permitia a exploração em flancos, com facilidade de abastecimento de água, pois nos meses de setembro e outubro o ribeiro do Fulão possui água em quantidade suficiente e esta era uma zona para a qual seria mais fácil criar comunicações com os centros urbanos” (Ferreira, 1948), que até à época não existiam.

Iniciaram-se os trabalhos nas galerias com as cotas mais baixa para posteriormente avançarem para as outras galerias.

Embora fosse já de aconselhar o emprego de perfuração mecânica, com martelos pneumáticos e compressores portáteis a combustível, dada a inexistência de energia elétrica começou-se o trabalho com perfuração manual à maça.

Usou-se durante o trabalho vários diagramas de fogo conforme a diversidade das rochas apresentadas, utilizando-se explosivos portugueses e detentores.

As galerias onde decorriam os trabalhos apresentavam as seguintes características:

Secção 2,0 x 1,60 x 1,80

Declive 5 x 1.000

A extração prevista por dia nesta secção era de 100 toneladas, tendo que naturalmente existir galerias de rodagem com via dupla.

Efetua-se diariamente um pequeno esquema da frente da galeria e tiravam-se amostras, que devidamente etiquetadas e dispostas, permitiam ver as variações que o filão ia sofrendo em estrutura e mineralização.

Registavam-se também as possanças, variações de inclinação, direção ou outras anomalias: aparecimento de água, etc; bem como a furação total, números de tiros, número de cartuchos gastos, avanço em cada pega e número de tiros encravados (Tabela n. 3).

Este registo ajudava a controlar o trabalho e a melhorá-lo eficazmente.

Segue-se um exemplo das transcrições semanais retiradas do livro de registos diários (Tabela n. 4):

Descrição da semana de 19 a 24 de janeiro de 1948	
N.º de pegas	10
N.º total de tiros	80
Furação total	38,61 metros
Explosivo	224 cartuchos
Capsulas detonadoras	86
Rastilho (em meadas)	14
Avanço médio por pega	28,6 cm
N.º médio de tiros por pega	8
Furação médio por relevo	3,86 metros
Comprimento médio dos tiros	49 cm
N.º médio de cartuchos por tiro	2,8
Tiros encravados	6 (75%)
Gasto de explosivo por metro de avanço	78,3 – cartuchos – 5,2 Kg

Tabela n. 3 – Descrição semanal do trabalho efetuado e material consumido
Fonte: FERREIRA, 1948

Custo do metro em materiais e salários		
Salários		
	Dias/valor	Valor Total
Mineiros	6 dias a 20\$00	120\$00
Mineiros	4 dias a 18\$00	72\$00
Ajudantes	10 dias a 16\$00	160\$00
Vagoneiros	5 dias a 14\$00	70\$00
Ferreiro	—————	54\$00
	Valor TOTAL	476\$00
Materiais		
Ferramentas: 15% dos salários		70\$00
Carboneto		20\$00
Explosivo – Kg a 16\$00		240\$00
Capsulas – a \$80		68\$00
Rastilho – 70 metros a \$80		56\$00
	VALOR TOTAL	454\$00

Tabela n. 4 – Custos em Materiais e Salários
 Fonte: FERREIRA, 1948

Neste sítio foi, também, construído um paiol provisório (Figura 18), semienterrado, no meio de penedos, a cerca de 130 metros a sul da Casa do Cavalinho, destinado à arrumação de explosivos, com capacidade máxima de 500 Kg.

Para a sua construção começou por fazer-se uma terraplanagem.

As paredes eram de alvenaria com 30 centímetros de espessura, sendo a área interior de 2,5/2,5 metros e a altura 2,20 metros, desde o soalho ao forro horizontal da madeira. A cobertura era de fibrocimento, luza lite, e de uma só água.

A porta, virada a poente, era de madeira, abrindo para fora, com as dimensões 1,80/0,7 metros.

O soalho era assente em vigas 22/8 espaçadas 0,50 metros, ficando uma caixa-de-ar para evitar o seu apodrecimento prematuro.

Nas duas paredes opostas existiam duas frestas de 25/10 centímetros cobertas por uma aba de zinco que evitava a entrada da chuva e permite a renovação do ar. Para complementar o sistema de ventilação foi colocada uma chaminé.

As paredes exteriores foram rebocadas com argamassa de cimento tendo em vista um bom isolamento contra a humidade. No interior foi utilizado um reboco com argamassa ordinária.



Figura 18 - Paiol
Fonte: FERREIRA, 1948

A 10 metros para Norte construiu-se um pequeno paiol para colocação de detonadores, em alvenaria, rebocado com argamassa de cimento, e sobre ela uma pequena camada de pasta de cimento para proteger contra a chuva.

Face ao difícil acesso ao local, tornaram-se custosos os transportes com conseqüente encarecimento desta construção.

Construiu-se, também, as denominadas 'Casa do Pessoal' (Figura 19) e 'Casa da Direção' (Figura 20) no Fulão, onde se realizavam os trabalhos, a 300 metros das galerias e onde seria construída a futura lavanderia.

A 'Casa do Pessoal' servia para albergar alguns trabalhadores e apresentava dimensões interiores de 12,5 metros, com paredes em alvenaria ordinária com 60 centímetros de espessura rebocadas exteriormente com argamassa ordinária. A cobertura era de fibrocimento "luzalite" e o soalho assente em vigas 22/8 com caixa-de-ar.

A sua dimensão era de 5 metros, escolhida propositadamente "para dar duas filas de camas com um corredor ao centro de metro de largura"(Ferreira, 1948).

Ao lado da casa construiu-se um anexo balneário.



Figura 19 - Casa do Pessoal
Fonte: FERREIRA, 1948

A 'Casa da Direção', construída para alojar os engenheiros e a direção, ostentava 13,5/12 metros e teria aquecimento, fogões, água canalizada, etc. As paredes eram de alvenaria ordinária. Existiria, nessa casa, uma loja que era possivelmente aproveitada para armazém.

Estava localizada no início da estrada, a 90 metros da lavaria e a 300 metros das galerias.

As acessibilidades eram difíceis, não existindo qualquer estrada, somente pequenos caminhos e trilhos, por onde as pessoas se deslocavam a pé ou a cavalo.

Foi atendendo a essas necessidades, e seguindo-se o princípio geral de que as boas comunicações são indispensáveis ao barateamento dos transportes, que se iniciou a construção de uma estrada.



Figura 20 - Casa da Direção
Fonte: FERREIRA, 1948

O ponto de partida escolhido foi a Casa da Direção e, a partir desse ponto, fez-se a piquetagem a taqueómetro até à estrada municipal que liga o lugar de Cabração à estrada nacional n.º 22, que de Ponte de Lima segue para Viana do Castelo.

Nesta zona experimentou-se, também, outro traçado mais suave, mas que alongava muito o percurso e exigia maiores aterros dado o enorme declive do terreno. Optou-se por esta solução pois interessava que o trabalho fosse efetuado com a máxima rapidez e economia.

No sítio do Lourinhal, para atravessar o rio Estorãos houve necessidade de ampliar o pontão existente, que no Inverno não dava passagem suficiente à água e originava o corte das comunicações.

Efetou-se, também, a abertura de um caminho que ligava as galerias à futura lavaria e à estrada, estabelecendo-se comunicações entre as galerias através da construção de pequenos muros de suporte nas margens do ribeiro e um pontão provisório de madeira.

Passando pela Casa do Pessoal construiu-se, também, um caminho que fazia a ligação da Casa da Direção ao caminho que vinha do Cerquido e que segue para Arga.

Após a abertura de caminhos (Figura 21) gerou-se uma nova dinâmica, pois a facilidade em aceder à Serra d' Arga era muito melhor, podendo efetuar-se o transporte do minério em viaturas, desde as minas situadas nesta serra até à 'Separadora', que se localizava a cerca de 15 Km do local.



Figura 21 - Estrada aberta para a Serra d' Arga e jipe da direção da MIPOLI
Fonte: FERREIRA, 1948

Atualmente ainda são visíveis escombros e os edifícios descritos anteriormente.

A entrada de uma das galerias encontra-se presentemente obstruída devido à construção da estrada que segue para Arga de Cima.

O planeamento desta estrada não teve em atenção a existência desta galeria, criando perigo, uma vez que a estrada permanece instável, implicando a perda de um local de valor patrimonial e acesso ao jazigo.

3.1.2. A mina da “Cumieira n.º 1”

Localização e acessos:

Esta mina localiza-se na freguesia da Cabração.

Descrição geral:

Tratava-se de uma mina onde era explorado columbite, tântalo e, também, ouro, da responsabilidade da concessionária MIPOLI.

O seu período de lavra ativa remete-nos para os anos 30 a 60 do século passado.

Neste sítio pode, ainda, observar-se vestígios desta atividade, particularmente a parte referente a aluvionares, onde o minério era apurado em bateia.

O plano desta lavra data do ano de 1949 e refere que os trabalhos na parte aluvionar se desenvolviam em estreitas valas irregulares, seguindo, mais ou menos de perto canais de deposição.

Neste local encontram-se diversas escombrelas que constituem o material excedente, com um pequeno lago ao lado onde o minério era lavado.

Verifica-se, também, próximo desta área a existência de vestígios de trabalhos efetuados na parte filoniana, como escombrelas, cortas e galerias.

3.1.3. A mina “Eiradas”

Localização e acessos:

Esta mina fica situada na freguesia da Cabração, nas vizinhanças das povoações de Estorãos, Cabração e Cerquido.

Para aceder a esta mina tem que seguir a estrada que leva Ponte de Lima ao Cerquido.

Descrição geral:

Trata-se de uma mina que explorava tântalo e pirites auríferas, na década de 50, pela concessionária MIPOLI.

Face à sua localização geográfica afere-se tratar-se da continuação de filões reconhecidos noutras minas limítrofes, nomeadamente Andorinheiras, Escusa n.º 1 e Monteiro.

O ataque ao jazigo era efetuado por galerias abertas a meia encosta, distantes de 20 metros e ligadas entre si.

Apresentava galerias de rolagem por chaminés de ventilação divididas em dois compartimentos, servindo uma para a circulação do pessoal e outra para transporte do minério em vagonetes.

Nos desmontes o transporte era realizado à pá e com carrinho de mão e nas galerias e exterior por berlindas.

A empresa ‘Compagnie Française des Mines’, concessionária da mina ‘Monteiro’ alertou para o facto de junto ao registo ‘Eiradas’ existir uma oficina de preparação mecânica de minérios e requereu que os seus direitos fossem salvaguardados através da execução da demarcação da concessão requerida.

Por sua vez o ‘Entreposto Mineiro do Minho’ reclamou contra o pedido da concessão efetuada pela MIPOLI fundamentando que o registo foi feito inicialmente pelo ‘Entreposto Mineiro do Minho’, mas que ao terminar o prazo para requerer o concessionamento o gerente do ‘Entreposto’, encarregado de efetivar e obter a concessão do mesmo, não o fez e, sem dar conhecimento, efetuou novo registo, porém em seu nome particular. Posteriormente, esse registo foi negociado e endossado à empresa MIPOLI, de que o referido gerente do ‘Entreposto’ era também administrador (Anexo 12).

3.1.4. A mina “Escusa n.º 1”

Localização e acessos:

Esta mina fica situada na freguesia da Cabração, no lugar de Escusa.

O acesso à mina pode ser feito seguindo-se até à localidade da Cabração e depois até ao lugar da Escusa.

Descrição geral:

Trata-se de uma mina que explorava tântalo na década de 40 do século passado.

Esta mina era da responsabilidade da empresa Entreposto Mineiro do Minho.

No entanto, verifica-se que no ano de 1977 este Entreposto⁶³ pede suspensão da lavra desta mina devido a fatores de ordem económica e à carência de mão-de-obra adequada.

No ano de 1992 esta firma solicita o abandono da concessão por não se encontrar a exercer a atividade de exploração mineira.

3.1.5. A mina “Escusa n.º 2”

Localização e acessos:

Esta mina fica situada na freguesia da Cabração, nas vizinhanças das povoações de Estorãos e Cerquido, sendo contígua à mina da Cumieira n.º 1.

O acesso à mina pode ser feito seguindo-se até à localidade da Cabração e depois deslocar-se a pé por um caminho com cerca de uma centena de metros.

Descrição geral:

Trata-se de uma mina que explorava tântalo, colúmbio e pirites auríferas, na década de 50, pela concessionária MIPOLI.

Face à topografia local projetou-se uma lavra subterrânea por meio de galerias abertas a flanco de encosta, escalonados em profundidade de 20 em 20 metros. Os trabalhos eram convenientemente entivados e a extração era efetuada através das galerias.

Os transportes nas galerias e exterior eram realizados com berlindas sobre decauville.

Esta mina era da responsabilidade da empresa MIPOLI, verificando-se, no entanto, que no ano de 1977 a MIPOLI⁶⁴ pede suspensão da lavra desta mina devido a fatores de ordem económica e à carência de mão-de-obra adequada (Anexo 14).

⁶³ O Entreposto Mineiro do Minho a 20 de janeiro de 1977 era representado pela Associação dos Industriais de Ourivesaria e relojoaria do Norte, SARL, que era presidente do Conselho de Administrativo da MIPOLI, à qual lhe estavam atribuídas as funções de gerência.

⁶⁴ A MIPOLI em 20 de janeiro de 1977 era representada pela Associação dos Industriais de Ourivesaria e Relojoaria do Norte.

3.1.6. A mina “Lagoa”

Localização e acessos:

Esta mina fica situada na freguesia de Estorãos, distando a cerca de 10 Km de Ponte de Lima.

Para aceder ao local deve seguir a estrada municipal de Estorãos até à localidade de ‘Lagoa’.

A mina fica situada no local com o mesmo nome, numa elevação xistosa da vertente oeste da Serra d’ Arga, a uma altitude média de 550 metros, próximo da linha de contacto entre os xistos e os granitos, por onde corre um rio.

Descrição geral:

Trata-se de uma mina de volfrâmio e estanho, também conhecida por “Bouça de Abade”.

A área desta mina situava-se dentro de um perímetro florestal.

O jazigo era distribuído em duas partes: a filoniana e a aluvionar.

Compreende-se que em determinadas áreas da bacia aluvionar se concentrassem ao mesmo tempo wolframite, cassiterite, ouro e tantalite.

Esta mina era da responsabilidade da empresa Entrepasto Mineiro do Minho.

No entanto, verifica-se que no ano de 1975 este Entrepasto⁶⁵ pede suspensão da lavra desta mina devido a fatores de ordem económica e à carência de mão-de-obra.

No ano de 1992 foi revogado o alvará de concessão desta mina.

3.1.7. A mina do “Cavalinho”

Localização e acessos:

Esta mina situa-se no lugar da Bouça do Abade, na freguesia de Estorãos.

Para aceder a este local tem que seguir a estrada que liga Ponte de Lima a Viana do Castelo e posteriormente seguir a direção de Moreira do Lima.

Dirija-se depois para o Cerquido até Arga de Cima.

Os vestígios desta antiga mina podem observar-se junto a esta última estrada no lugar do Cavalinho.

Descrição geral:

Trata-se de uma antiga exploração mineira de volfrâmio e estanho da responsabilidade da empresa Entrepasto Mineiro do Minho, em funcionamento na década de 40 do século passado.

Através do plano de lavra desta mina verifica-se a existência de dois tipos de exploração: a aluvionar e a subterrânea.

⁶⁵ O Entrepasto Mineiro do Minho a 31 de março de 1975 era representado pela Associação dos Industriais de Ourivesaria do Norte, que era presidente do Conselho de Administrativo da MIPOLI, à qual lhe estavam atribuídas as funções de gerência.

Presentemente ainda é visível uma galeria (Figura 22) e uma trincheira (Figura 23) neste local, embora se encontrem rodeadas de vegetação. Por cima das minas, junto à estrada, encontra-se uma escombreira (Figura 24) de dimensões consideráveis.



Figura 22 – Galeria da concessão mineira do Cavalinho – fotografia atual

Fonte: Própria



Figura 23 – Trincheira da concessão mineira do Cavalinho – fotografia atual

Fonte: Própria



Figura 24 – Escombreira da concessão mineira do Cavalinho – fotografia atual

Fonte: Própria

Próximo da galeria existe, também, uma casa de xisto (Figura 25) que, de acordo com o plano de lavra da antiga concessão, corresponde ao local da antiga lavaria manual. Mais em baixo, perto desta, encontra-se um edifício de exíguas dimensões, que constitui o antigo paiol (Figura 26) desta mina.



Figura 25 – Casa de xisto da antiga lavaria – fotografia atual.

Fonte: Própria



Figura 26 – Antigo paiol – fotografia atual.

Fonte: Própria

Ambos os edifícios se encontram em mau estado de conservação, não possuindo telhado, portas e janelas.

Apesar da concessão laborar mais significativamente nos anos 40 do século passado verifica-se que no dia 1 de setembro de 1971 o Entrepósito Mineiro do Minho propõe para diretor-técnico desta mina um engenheiro, deduzindo-se que nesta época a concessão ainda permanecesse em funcionamento.

Porém, a mesma firma solicitou durante vários anos consecutivos, nomeadamente de 1976 a 1981, a suspensão de lavra desta mina devido a fatores de ordem económica e de carência de mão-de-obra adequada.

No entanto, no ano de 1992 foi revogado o alvará de concessão desta mina (Anexo 10).

3.1.8. A mina de “Monteiro”

Localização e acessos:

Esta mina localiza-se no lugar de Monteiro, na freguesia da Cabração.

A mina fica situada no sopé da nascente da Serra d’Arga, a oeste do lugar da Cabração, ocupando o vale do Ribeiro de Seixalvo.

O acesso a este local faz-se seguindo a estrada que liga Ponte de Lima a Viana do Castelo, tomando depois a direção da estrada nacional que liga Estorãos, Moreira do Lima e, por fim, Cabração. Nesta localidade segue para o lugar da Escusa. A mina encontra-se do lado esquerdo antes de chegar a esta povoação.

Descrição geral:

Trata-se de uma antiga exploração de estanho cuja lavra foi efetuada conjuntamente com as da mina de 'Ribeiro do Seixalvo' e de 'Cabração n.º 2', por se encontrarem adjacentes a esta.

Esta exploração foi realizada em três níveis, ligados ao exterior por galerias que terminavam junto ao Ribeiro do Seixalvo, local onde foi instalada a lavaria.

Todas as galerias e poços detinham entivações em madeira.

O transporte no interior e exterior das minas era realizado com vagonetes que seguiam por carris para a lavaria onde era selecionado o minério, para posteriormente ser vendido. Este minério saía do local em carros de bois, sendo depois encaminhado para a 'Separadora' ou para Viana do Castelo, seguindo viagem no comboio até ao Porto.

A lavaria mecânica, com capacidade de cinco toneladas por hora, era denominada na época por 'Lavaria Piloto', devido à função que exercia, que consistia em aferir o fluxo da exploração e conseguir determinar resultados, minimamente fidedignos, que eram posteriormente apresentados à empresa concessionária, interessada em obter lucros.

Presentemente, no local, ainda, se podem observar vestígios da lavaria mecânica, de um tanque e de um posto elétrico que fornecia energia à lavaria mecânica.

Esta lavaria recebia o minério extraído na mina de Monteiro mas, também, de outras minas situadas em vários locais da freguesia da Cabração, incluindo o minério extraído informalmente em explorações clandestinas, muito frequentes na época.

Neste local foram, também, construídos vários edifícios destinados a escritórios, a habitações para os mineiros e para a direção, assim como, para os encarregados, popularmente conhecidos como 'Capatazes'. Foi também edificada uma instalação reservada ao armazenamento de materiais.

Embora em mau estado de conservação, estas estruturas ainda se encontram visíveis na paisagem local (Figuras 27 e 28), necessitando de uma urgente recuperação e valorização.

Esta mina era da responsabilidade da empresa Compagnie Française des Mines, sendo no ano de 1963 transmitida para a Sociedade Mineira do Arco Limitada, que por sua vez, no ano de 1971, vendeu à Empresa Mineira "Geomina L.da".



Figura 27 e Figura 28 – Estruturas de apoio à mina de 'Monteiro' – fotografia atual.

Fonte: Própria

3.1.9. A mina “Pedrinhas Brancas n.º 1”

Localização e acessos:

Esta mina fica situada na freguesia da Cabração.

Para aceder a esta mina deverá seguir a estrada que liga Ponte de Lima à Cabração.

Descrição geral:

Trata-se de uma mina que explorava estanho.

Esta mina pertencia à Compagnie Française des Mines, na década de 40, do século passado, sendo no ano de 1963 transmitida para a Sociedade Mineira do Arco Limitada, que por sua vez, no ano de 1971, vendeu a concessão à Empresa Mineira “Geomina L.da” (Anexo 11).

3.1.10. A mina “Pedrinhas Brancas n.º 2”

Localização e acessos:

Esta mina fica situada na freguesia da Cabração, a 750 metros do lugar de Escusa, a 1,5 Km da povoação de Outeiro e de Vilarinho.

O acesso à mina é feito seguindo-se até à localidade da Cabração e depois deslocar-se a pé por um caminho de terra, percorrendo aproximadamente 1 Km.

A área deste jazigo é atravessada por dois caminhos que da Cabração se dirigem para Covas e para S. Martinho de Coura.

Descrição geral:

Trata-se de uma mina que laborou na década de 40, do século passado, onde se verificou a existência de riqueza aluvial de cerca de 3 Kg de estanho por tonelada de terra extraída.

Segundo o plano de lavra o minério era extraído com pás e transportado em bruto por carros de mãos.

Posteriormente era colocado em caleiras de madeira inclinadas, para que a água deslizesse sem arrastar o minério.

Estas caleiras ficavam instaladas no fundo do vale, junto de um ribeiro. Neste local o minério era, também, crivado para se extrair a pedra

Depois de colocado nas caleiras o minério era mexido com raspadeiras, manejadas por mulheres, que auxiliavam a sua separação e concentração, calculando-se obter 6 Kg de minério por dia, segundo 8 horas de trabalho.

Após o anterior processo o minério era ensacado e encaminhado em carro de bois para a Mina de Monteiro, onde se procedia à separação do estanho na separadora eletromagnética.

O trabalho na mina era efetuado somente durante seis meses no ano, devido à escassez de água nos ribeiros durante os meses de Verão.

Junto à mina estava prevista a construção de um edifício para acolher o material utilizado na carpintaria, na fundição e, também, para servir de residência ao guarda.

Esta mina pertencia à Compagnie Française des Mines, sendo no ano de 1963 transmitida para a Sociedade Mineira do Arco Limitada, que por sua vez, no ano de 1971, vendeu a concessão à Empresa Mineira “Geomina L.da”.

3.1.11. A mina “Mãos”

Localização e acessos:

Esta mina fica situada na freguesia de Estorãos, distando a cerca de 3,5 Km da povoação de Moreira do Lima, através de um caminho de carro de bois.

A nordeste do ponto de partida da mina encontra-se aproximadamente a 1km a povoação de Mãos, e a cerca de 1,750 metros para norte - nordeste encontrava-se a lavaria mecânica da mina ‘Monteiro’, pertencente à Compagnie Française des Mines.

Descrição geral:

Trata-se de uma mina de volfrâmio e estanho, a laborar na década de 40, do século passado, pertencente à Compagnie Française des Mines.

A área reservada a este registo era atravessada pelo Ribeiro da Fisga.

Esta mina possuía na margem esquerda do ribeiro uma lavaria manual e também uma forja, uma carpintaria e alojamento para um guarda.

Na lavaria encontrava-se o depósito de minério bruto, o depósito de minério limpo, mesas de brita, buchas e mesa de lavagem.

O minério em bruto dava entrada na lavaria e seguia para o depósito. Depois era encaminhado para as mesas de brita para ser triturado e posteriormente para os crivos.

O minério compreendido entre 3 mm e 10 mm seguia para as buchas e depois voltava às mesas de brita para ser triturado de novo.

Nas mesas de concentração tratavam-se separadamente os minérios de diâmetro inferior a 3 mm, provenientes dos crivos e os de diâmetro inferiores a 5 mm provenientes das buchas, com o objetivo de se obter uma melhor concentração.

O apuramento do minério era efetuado na lavaria mecânica que a companhia possuía na concessão de 'Monteiro' a cerca de 1750 metros de distancia.

A água destinada à lavaria manual era desviada do Ribeiro da Fisga.

Segundo o plano de lavra a lavaria empregava 20 mulheres e um encarregado para a fiscalização. Para a trituração do minério bruto eram necessárias 12 mulheres; para o acionamento dos crivos mais uma; para a concentração das mesmas eram essenciais mais duas mulheres; para o acionamento das mesas e para a concentração das mesmas correspondia ao trabalho de mais 4 mulheres.

Neste local foi construído um edifício para albergar a carpintaria e para alojamento do guarda. A forja foi instalada junto deste edifício, mas de forma independente para evitar o perigo de incêndio.

Não foi construído habitações para mineiros e demais pessoal uma vez que se verificou a existência de alojamento próximo deste local, nomeadamente nas povoações de Escusa, Tojal, Balouca, Cabração e Mãos.

No entanto, nesta área mineira já existiam dois WC's independentes, um para o pessoal masculino e outro para o feminino, munidos das respetivas bacias, autoclismos e lavabos.

O transporte do minério no interior e exteriormente era efetuado em vagonetas assentes em carris. Da lavaria mecânica da mina 'Monteiro' seguia em carro de bois por caminhos até à povoação de Moreira e depois em automóvel ou camioneta até Viana do Castelo.

Esta mina foi transmitida por venda, na década de 60, do século passado, à Sociedade Mineira do Arco, Limitada que por sua vez, vendeu a concessão, na década de 70, à empresa Geomina, Limitada, de Vila Nova de Cerveira.

No ano de 1979 a firma Geomina solicita a suspensão da lavra desta mina, por um ano, devido à falta de mão de obra especializada.

3.1.12. A mina "Escusa"

Localização e acessos:

Esta mina fica situada na freguesia da Cabração, no lugar da Escusa, que deu nome à mina.

Fica situada a cerca de 3 Km de Moreira do Lima, à qual se encontra ligada através de um caminho de carro de bois.

Para aceder a esta mina deve seguir a estrada que liga Ponte de Lima a Moreira e depois ao lugar de Escusa.

Descrição geral:

Trata-se de uma mina que explorava estanho, nas décadas de 40 a 60, do século passado, pertencente à Compagnie Française des Mines.

A área era constituída por um perímetro florestal e atravessada por um ribeiro denominado de 'Parado' e 'Balsa'.

O jazigo desta mina possuía, muito provavelmente, uma extensão com mais de dez km, sendo contígua à mina de 'Monteiro'.

Nesta concessão foram evidenciados dois filões, os mesmos da mina de Monteiro, visto estes filões seguirem em direção ao campo deste registo.

Esta mina não apresentava lavaria, pois a empresa concessionária já tinha instalado no registo 'Ribeiro do Seixalvo' uma lavaria mecânica que se destinava ao tratamento do minério da mina de 'Monteiro' e serviria também esta mina.

O transporte do minério, tanto no interior como exteriormente, era efetuado em vagonetes assentes em carris.

O minério era transportado interiormente pelas galerias em direção à mina de 'Monteiro', e nesta pelas galerias travessas, encontrando-se, deste modo, próximo da lavaria.

Esta mina foi transmitida por venda, na década de 60, do século passado, à Sociedade Mineira do Arco, Limitada que por sua vez, vendeu esta concessão, na década de 70, à empresa Geomina, Limitada, de Vila Nova de Cerveira (Anexo 13).

3.1.13. A mina "Ribeiro do Seixalvo"

Localização e acessos:

Esta mina fica situada na freguesia da Cabração, a cerca de 3 Km da povoação de Moreira do Lima, e confina com a mina de Monteiro.

Para aceder a esta mina deverá seguir a direção de Ponte de Lima a Moreira do Lima e depois a estrada até à Cabração.

Descrição geral:

Trata-se de uma mina pertencente à Compagnie Française des Mines, que explorava estanho, considerando-se que seria a continuação do jazigo da mina de Monteiro.

Esta mina possuía galerias estabelecidas em rede geral onde o terceiro piso era comum às minas da 'Escusa', de 'Monteiro' e 'Ribeiro de Seixalvo'.

Esta área era atravessada pelos ribeiros Seixalvo e Raposeiro, mas não apresentava lavaria, pois a empresa concessionária já possuía a lavaria da mina de Monteiro, instalada dentro da área reservada a este registo.

Esta mina foi transmitida na década de 60, do século passado, à Sociedade Mineira do Arco, Limitada que por sua vez, vendeu na década de 70 à empresa Geomina, Limitada, de Vila Nova de Cerveira.

3.1.14. A mina “Cabração n.º 1”

Localização e acessos:

Esta mina fica situada na freguesia da Cabração, como o próprio nome indica.

Para aceder a esta mina deverá seguir a estrada que liga Ponte de Lima à Cabração.

Descrição geral:

Trata-se de uma mina de estanho e outros metais, que laborou durante a década de 40 até à década de 60, do século passado, e pertencia à Compagnie Française des Mines.

Esta mina foi transmitida por venda, na década de 60, à Sociedade Mineira do Arco, Limitada que por sua vez, vendeu na década de 70 à empresa Geomina, Limitada, de Vila Nova de Cerveira.

3.1.15. A mina “Braçal”

Localização e acessos:

Esta mina fica situada na freguesia de Estorãos.

Para aceder a esta mina deverá seguir a estrada que liga Ponte de Lima a Estorãos e depois segue durante 3 Km um caminho de muares até à mina.

Descrição geral:

Trata-se de uma mina de volfrâmio e estanho, pertencente à Mineira de Estorãos, Limitada, na década de 40, do século passado.

De acordo com o plano de lavra esta mina possuía uma localização geográfica privilegiada, uma vez que se situava próxima de pinhais que forneciam madeira suficiente para um trabalho absolutamente seguro e perto de água para alimentar todas as necessidades da lavaria.

Também refere a existência de um número significativo de pessoal com experiência no concelho, devido ao número de explorações existentes, e que contratavam para trabalhar nesta concessão mineira.

Nesta mina foram abertas duas valas paralelas junto à linha de água, com a profundidade de 2,5 metros, para se tornar mais fácil a exploração, a vigilância e facilitar o transporte.

O desmonte era efetuado por processos vulgares, pois as camadas eram de fácil desagregação e partia das galerias junto à linha de água.

A extração era feita através da vala que conduzia posteriormente à lavaria.

Esta mina foi transmitida por venda, em 16 de janeiro de 1953, a José Coelho dos Santos.

3.1.16. A mina “Monte do Formigoso”

Localização e acessos:

Esta mina fica situada na freguesia da Cabração a cerca de 3 Km da mina ‘Mãos’ e a cerca de 2,5 Km da mina ‘Andorinheiras’.

Dista de Ponte de Lima cerca de 10 Km, passando junto da mina a estrada nacional que segue de Valença em direção a Ponte de Lima.

O acesso a esta mina faz-se por um caminho a pé a cerca de 1,5 Km até à estrada que liga Ponte de Lima a Paredes de Coura.

Descrição geral:

Trata-se de uma mina de tântalo e colúmbio, que pertencia à Sociedade Carbonífera da Lomba, L.da, na década de 50, do século passado.

Nesta mina para além da parte filoniana existiam, também, depósitos aluvionares em bacias com apreciáveis teores de substâncias.

Os trabalhos eram efetuados a partir da abertura de duas galerias, inicialmente feitos manualmente e depois através da lavaria, que se adaptou convenientemente às características dos filões.

A 30 de novembro de 1970 depreende-se que esta concessão caducou, visto esta mina ter estado paralisada durante mais de 20 anos e apresentar o imposto de minas na fase de cobrança coerciva, existindo uma empresa interessada nessa concessão mineira.

3.1.17. A mina de “Santa Justa”

Localização e acessos:

Esta mina situa-se nas imediações da capela de Santa Justa na freguesia de S. Pedro de Arcos.

O acesso a este local deve ser feito pela estrada em direção ao Cerquido, optando-se depois pelo estradão florestal, antes de chegar à localidade do Cerquido. Posteriormente, mais à frente, já na freguesia da S. Pedro de Arcos, vira-se no cruzamento à direita, e segue-se até à referida capela.

Descrição geral:

Próximo dos quartéis de Santa Justa vislumbram-se trincheiras e bastantes escombreyras das antigas explorações de volfrâmio, decorridas na década de 30/40 do século passado, resultantes da informalidade mineira.

Localizam-se todas ao longo da encosta, muito próximas umas das outras até bem próximo da linha de água, junto ao poço de Santa Justa, onde se encontra uma galeria cuja entrada se encontra obstruída com pedras.

Algumas trincheiras apresentam grande profundidade, a que se aliam escombreyras de significativa dimensão, circunscritas junto às trincheiras.

Nesta área, ainda, é possível encontrar antigas galerias de dimensões consideráveis.

3.1.18. A mina do “Lousado”

Localização e acessos:

Esta antiga exploração mineira localiza-se no limite da freguesia da Cabração que confronta com o concelho de Paredes de Coura.

Para aceder a este local deve seguir a estrada que liga Ponte de Lima a Viana do Castelo e posteriormente seguir a direção de Moreira do Lima.

Dirija-se depois para o lugar da Cabração até Covas.

Perto do lugar do Lousado, próximo da estrada que faz ligação a Paredes de Coura encontra-se a antiga exploração mineira.

Descrição geral:

A área mineira caracteriza-se por pequenos trabalhos mineiros onde sobressaem trincheiras, resultantes da informalidade mineira não concessionada, muito frequente na região nos anos 30 e 40 do século passado.

Esta exploração dedicava-se à obtenção de estanho que era efetuada de forma artesanal, utilizando madeira para as entivações.

3.1.19. A mina da “Balouca”

Localização e acessos:

Esta exploração mineira localiza-se no lugar da Balouca, na freguesia da Cabração.

O acesso faz-se pela estrada que leva Ponte de Lima à Cabração e depois do centro desta localidade seguindo um caminho em terra que nos conduz até ao lugar da Balouca.

Descrição geral:

Trata-se de uma exploração mineira de estanho efetuada na década de 40 do século passado, de forma artesanal não concessionada.

Segundo o depoimento de um antigo trabalhador da mina o filão era desmontado com o auxílio de picaretas e o minério era transportado em cestos, sendo puxados até à superfície.

À medida que aprofundavam os trabalhos eram colocadas traves de madeira que suportavam os mineiros presos por cordas.

Os trabalhadores aproveitavam ao máximo os pilares conservados, pois, segundo a sua conceção, a diminuição da espessura do filão indicava o fim do minério.

Esta situação acarretou acidentes trágicos, devido à cedência de um dos pilares que originou o desabamento de parte da mina e, conseqüentemente a morte a um dos mineiros.

O minério extraído nesta mina era encaminhado e vendido ao concessionário da mina de Monteiro.

Neste local ainda é visível uma trincheira (Figura 29) e escombrelras que comprovam a existência da atividade mineira, assim como a lápide (Figura 29) que simboliza o trágico acontecimento, datada de 1944, ano em que ocorreu o acidente e originou o encerramento da exploração.



Figura 29 – Trincheira e lápide da mina da Balouca

Fonte: Carlos Leal Gomes, In *As condições naturais e o território de Ponte de Lima*, p. 126

3.1.20. A mina “Estorãos”

Localização e acessos:

Esta mina fica situada na freguesia de Estorãos a cerca de 1 Km do marco geodésico de Santa Justa rumo Noroeste, estando ligada à triangulação geral do país por meio daquele marco e outro denominado Breteal.

Um caminho de carros na extensão de 5 Km liga a mina com a povoação de Duas Pontes.

Um dos caminhos que passa pela mina coloca-a em comunicação com o lugar do Cerquido, com a freguesia de S. Pedro de Arcos e outro com a freguesia de Estorãos.

Fica localizada a cerca de 12 Km de Ponte de Lima.

Descrição geral:

Trata-se de uma mina de volfrâmio e estanho (Figura 30 e 31), que pertencia a José Maria Soares Vieira, na década de 40, do século passado.

Segundo o plano de lavra esta área era constituída por duas galerias travessas.

Era utilizado o método dos degraus invertidos para o desmonte, sendo que os mineiros trabalhavam com o escombros aos pés e o minério sobre a cabeça.

O minério era transportado por vagonetes assentes sobre carris até à lavaria.

A lavaria funcionava num edifício e tratava cerca de 12 toneladas de terra por cada dia útil de 8 horas de trabalho.

À entrada da lavaria existia o depósito do tout-venant que depois seguia para a mesa de escolha, onde duas mulheres precediam à seleção preliminar.

Posteriormente o minério era encaminhado para as mesas de brita e trituração.

De seguida o minério triturado passava para o crivo móvel munido de chapas perfuradas para diferentes operações de crivagem mediante a espessura do produto.

Depois o produto passava para uma mesa de balanço que através de um peneiro passavam ao depósito da mesa fixa.

Finalmente, obtinha-se os concentrados que seguiam para o armazém.

O proprietário desta mina requereu o seu abandono em 25 de maio de 1950, tendo sido autorizado o abandono em 17 de julho do mesmo ano.

No ano de 1956 esta concessão passou para a responsabilidade de Godofredo Pereira Pinto que posteriormente, em 19 de abril de 1967, passado aproximadamente 10 anos depois, requereu o abandono da mesma (Anexo 19).



Figura 30 e Figura 31 – Galeria de “Estorões” – fotografia atual

Fonte: Própria

Após a breve descrição anteriormente apresentada afere-se que património mineiro desta região é numeroso e diversificado (Figura 32).

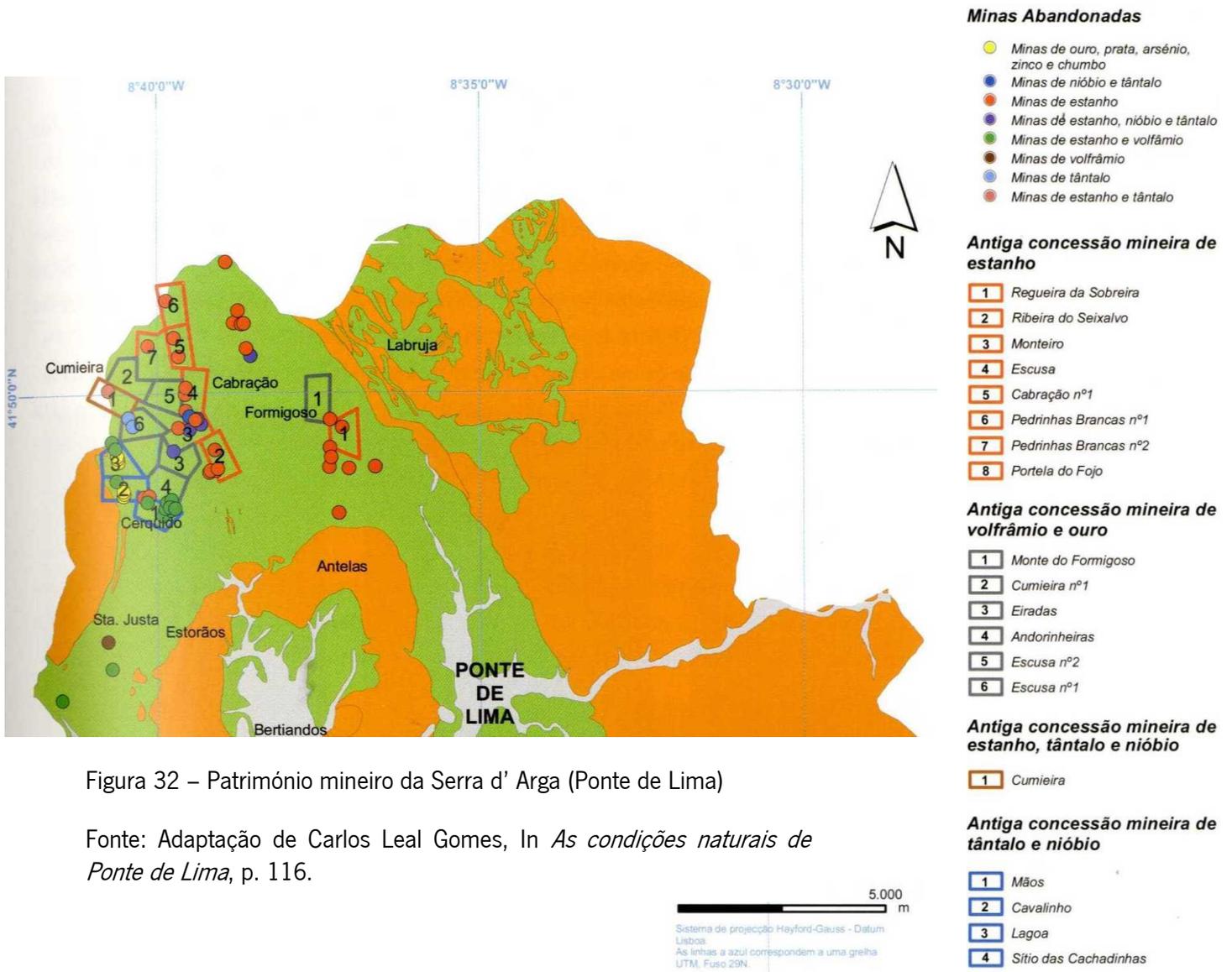


Figura 32 – Património mineiro da Serra d' Arga (Ponte de Lima)

Fonte: Adaptação de Carlos Leal Gomes, In *As condições naturais de Ponte de Lima*, p. 116.

3.2. O Património Imaterial: histórias de vida mineira

A atividade mineira, num território rural como o de Ponte de Lima, deixou, também, evidências de cariz imaterial.

Os tempos de ida ao minério continuam bem presentes na paisagem e na memória das pessoas. São histórias contadas na primeira pessoa, de homens e mulheres, que exploraram o minério nas minas da Serra d'Arga e trabalharam na 'Separadora' de Ponte de Lima. Foram, inconscientemente, explorados pelas contingências políticas e económicas num país que foi, indiretamente, atingido pelos conflitos bélicos do século XX.

Neste sentido, requere valorizar-se, urgentemente, a memória oral da geração que viveu de perto estes tempos conturbados, uma vez que foram estes os protagonistas das vivências mineiras existentes no concelho (Figura 33).

Paralelamente pretende-se salvaguardar a história mineira de Ponte de Lima através da partilha de histórias de vida pertencentes a homens e mulheres (Figura 34) que vivenciaram experiências únicas, condensadas em maneiras de pensar, modos de organização, práticas e saberes relacionados com a exploração mineira. Ambiciona-se, também, construir um novo conhecimento através destes testemunhos, contextualizar e compreender os tempos e modos de vida do minério.



Figura 33 – Trabalhadores das minas da Serra d'Arga

Fonte: José Lima



Figura 34 – Trabalhadores das minas da Serra d'Arga

Fonte: Amândio de Sousa Vieira

Considerando a avançada idade destes antigos mineiros, foi de crucial importância proceder à recolha deste património imaterial mineiro, que se vai dar a conhecer seguidamente.

Os registos emanados da situação de entrevista funcionaram como referencial de informação, embora prevalecesse uma conversa informal sobre a temática, onde os assuntos surgiram de acordo com as vivências de cada um. A análise aprofundada dos testemunhos permitiu

selecionar os depoimentos que melhor retratam os momentos alusivos à exploração mineira na Serra d'Arga e ao trabalho efetuado na 'Separadora'.

A entrevista foi faseada, sendo marcada por vários momentos, designadamente:

1.ª Fase: Apresentação do entrevistador ao entrevistado.

Nesta fase inicial o entrevistador apresentou-se ao entrevistado.

2.ª Fase: Motivação do entrevistado e explicitação da finalidade da entrevista.

Nesta fase explicou-se o objetivo e natureza do estudo, solicitando a sua colaboração e a autorização de gravação da entrevista, enquanto suporte fiel das respostas dadas. Também, se dissiparam dúvidas e procederam-se a esclarecimentos sobre a cooperação mútua em prol do enriquecimento do trabalho.

Este momento revelou-se de crucial importância para obter dados sobre a 'Separadora' e sobre as explorações mineiras, incidindo sobre diversos assuntos nomeadamente o contexto socioeconómico (ampla contextualização da comunidade mineira: modo de vida alimentação, condições e relações específicas no território mineiro); a exploração mineira (técnicas da prática mineira, conhecimento e compreensão do terreno, materiais usados, formas de depósito e transporte do minério explorado, tratamento do minério); infraestruturas de apoio (edifícios e maquinaria existentes); o minério explorado (perceber qual a sua finalidade); encerramento e abandono quer da 'Separadora' como das explorações mineiras (contexto e motivo do encerramento das explorações mineiras e da 'Separadora' e implicações geradas).

3.ª Fase: Agradecimento ao entrevistado.

Concluiu-se a entrevista com um agradecimento pela preciosa informação fornecida de forma cordial.

A entrevista foi aplicada a antigos trabalhadores mineiros e da 'Separadora', nos períodos de dezembro de 2013 a março de 2014.

Os locais em que se realizaram as entrevistas coincidiram, na sua maioria, com os locais de residência dos entrevistados.

Os elementos recolhidos na entrevista efetuada a antigos trabalhadores da 'Separadora' permitiram identificar a indústria e empresas concessionárias que laboraram neste edifício, que possuíam ligações às minas da Serra d'Arga, assim como perceber o seu funcionamento e estrutura física da edificação.

De acordo com a informação recolhida das entrevistas realizadas a antigos trabalhadores das minas conseguiu-se identificar traços característicos da comunidade mineira, registar particularidades da atividade extrativa e reconhecer o mineral explorado.

Do conjunto das entrevistas efetuadas foram selecionadas para este estudo apenas aquelas cuja captação, percepção de discurso e conteúdo, continham o mínimo de resolução e interesse do assunto.

Carece referir que alguns dos entrevistados não se mostraram disponíveis para a gravação áudio não permitindo, conseqüentemente, a gravação da entrevista.

3.2.1. Memórias e testemunhos da ‘Separadora’

Nome: Maria Margarida de Jesus Castro Marinho

Idade: 89 anos

Local de Residência: Viana do Castelo (atualmente)

Local de trabalho: Largo da Freiria - Arcozelo

Empresa: MIPOLI – Minas de Ponte de Lima, Limitada

Função: Escriturária

Período temporal: 1942 – 1955

Este depoimento testemunha o valor do conhecimento e do trabalho efetuado ao longo de aproximadamente 15 anos na empresa MIPOLI, situada no edifício da ‘Separadora’.

A entrevistada iniciou o seu percurso profissional por volta dos 17 anos na empresa anteriormente referida. Desempenhava funções de secretariado, lembrando-se bem que endereçava muitas cartas para Inglaterra, país para onde eram dirigidos produtos do laboratório para análise.

Refere que conhecia bem os proprietários, principalmente o Dr. Queiroz.

Descreveu levemente o funcionamento do edifício. “A casa era grande. Não me recordo muito bem. O escritório era no primeiro andar. No rés-do-chão existia a separadora e os fornos. A entrada era pela frente. Tinha também umas águas furtadas, mas nunca lá fui e não me recordo. Tinha uma clarabóia. Tinha também umas escadas em madeira. No primeiro andar eram os escritórios: eram 3 salas. A maior era do Dr. Queiroz Ribeiro e depois eram os outros dois escritórios”. Neste piso funcionava também o laboratório e uma casa de banho.

Declarou convictamente que a principal atividade da empresa era a exploração do minério, nomeadamente volfrâmio, estanho e “de vez em quando pepitas de ouro”.

Esta empresa possuía concessões mineiras a laborar nas minas da Serra d’Arga – Cabração e Cerquido – “mas também em Vitorino dos Piães”.

Afirmou que a empresa possuía engenheiros e responsáveis pelas minas: “Existiam casas em xisto [na Serra d’Arga] onde ficavam os engenheiros”.

O minério era transportado “em jipe, com licença de transporte”. Depois vinha para a ‘Separadora’ para ser tratado e finalmente era vendido “ para fora, mas não sei para onde”.

A empresa possuía trabalhadores com cargos específicos “trabalhavam no escritório, na separadora e fornos e nas minas. Os trabalhadores das minas ganhavam ao dia, mas recebiam quinzenalmente. Nós no escritório era ao mês. Ganhava trezentos escudos e trabalhava das nove às seis horas. Mas se fizesse falta trabalhava-se mais, e eles pagavam. Havia muito trabalho. Não havia outra empresa”.

Desconhece o número de pessoas que trabalhavam na empresa mas, referiu que “tinham bastantes empregados”. Elencou uma série de nomes: “O David Braga, a Mariazinha Feijó e eu trabalhávamos no escritório. O Dr. Lagido no laboratório. O Artur, o João, o Manuel, o pai deles, o Francisco, o Sacha na ‘Separadora’. Havia ainda o “copas motorista” e outro motorista - o Sr. Arnaldo. Um andava com o Dr. Queiroz que não guiava, e outro era para levar a filha do Dr. Queiroz a Braga. Transportavam, também, o engenheiro Dinis Ferreira, do Fundão. Nas minas trabalhava muita gente. A Rosinha trabalhava nas minas. O Ruela era da Senhora da Hora e estava nas minas”. Pelas afirmações supõe-se que “o Ruela” era o encarregado das minas, exercendo trabalho administrativo: “O Ruela estava nas minas e só vinha ao fim de semana. Tinha empregadas para fazer a comida e limpar a casa”.

Referenciou que o trabalho mineiro era efetuado, maioritariamente, pela população local, na sua generalidade da serra, mencionando que “nas minas haviam pessoas que morriam de silicose, a doença que atacava os brônquios”. Finalizou dizendo “ A vida das minas era dura”.

No entanto, afirmou claramente ter gostado de trabalhar na MIPOLI, pois os patrões “eram boas pessoas. Eram meus amigos”.

Saiu da empresa em 1955, ano em que casou e a empresa ainda estava em funcionamento.

Nome: João Fernandes Pereira

Idade: 73 anos

Local de Residência: Ponte de Lima

Local de trabalho: Largo da Freiria - Arcozelo

Empresa: MIPOLI – Minas de Ponte de Lima, Limitada

Função: Pacote de escritório

Período temporal: 1954 – 1957

Esta entrevista revela a importância económica e social que a empresa da ‘Separadora’ proporcionou à população local e à região “Todos queriam trabalhar, pois a vida era difícil e viram naquele trabalho uma oportunidade. Conseguiram ganhar dinheiro como nunca até ali”.

O entrevistado exerceu funções de pacote de escritório na empresa MIPOLI, desde os 13 aos 16 anos, ininterruptamente durante três anos.

Através desta entrevista conseguiu-se recuperar um significativo conjunto de informações essenciais para a compreensão da funcionalidade e estrutura da ‘Separadora’ e minas associadas.

O Sr. João começou por nos transmitir que no edifício da ‘Separadora’ funcionavam quatro empresas: a MIPOLI, a T.I.N., o Entreposto Mineiro do Minho e a Minarga, que eram constituídas por sócios e administradores comuns.

Referiu que conhecia perfeitamente o proprietário e administrador das empresas, o Sr. António Gaspar Queiroz, com quem teve a satisfação de privar.

Afirmou não ter conhecimento da data inicial de atividade laboral da empresa, embora aponte a cessação da atividade para finais da década de 50, nomeadamente para o ano de 1957/58, indicando como principais motivos de encerramento a desvalorização económica do minério e consequente ausência de mercados abastecedores “os sócios desentenderam-se devido à falta de compra do minério”.

Foi através deste testemunho que se conseguiu recuperar informações para se elaborar a descrição geral do edifício e o circuito do minério “Era constituído por três pisos. No rés-do-chão funcionavam as máquinas separadoras. As camionetas chegavam das minas e traziam o minério em bruto. Depois ia ser britado e seguia para os fornos. Depois passava para outra sala para arrefecer e secar. De seguida ia para a separadora e era colocado em sacos para ser vendido. Neste piso haviam chuveiros grandes para os trabalhadores se lavarem. No primeiro piso eram os escritórios e havia também um laboratório, onde trabalhava o Dr. Moreira. No terceiro piso eram quartos”.

Declarou, também, que o horário a cumprir na empresa resumia-se a 8h diárias “quando havia muito trabalho era feito por turnos. As horas eram bem pagas”.

Na ‘Separadora’ alcançava um ordenado de 175 escudos por mês.

Nesta empresa também trabalhavam mulheres, mas dedicavam-se a funções de secretariado. Aos homens era atribuído um trabalho mais pesado, geralmente nas máquinas e nos fornos. Afirmou que a empresa empregava “muita gente, na separadora e nas minas”, distribuídos por diversas funções “uns trabalhavam no escritório, outros nas máquinas, outros nos fornos. Nas minas haviam escriturários, encarregados, engenheiros e trabalhadores”.

No seguimento da conversa relatou que os funcionários do escritório eram pagos ao mês, enquanto que os trabalhadores mineiros recebiam primeiramente à semana, e depois, mais tarde, quinzenalmente. “ O encarregado das minas, o Sr. Marta, vinha todas as segundas-feiras a pé buscar o dinheiro para pagar nas minas (deslocava-se das minas da Serra d’Arga até à ‘Separadora’). Nunca houve nenhum assalto”.

Ao longo da conversação foi referindo que a empresa possuía boas máquinas e que nas minas “as máquinas apodreceram lá”.

O território mineiro era grande mas “ouvia falar muito nas minas da Cerdeirinha onde exploravam volfrâmio”.

O minério era transportado em camionetas desde a serra até à ‘Separadora’.

Concluiu o diálogo referindo que “era uma vida muito pobre, de miséria. Com estas empresas houve trabalho e as vidas começaram a melhorar”.

3.2.2. Memórias e testemunhos da exploração mineira

Nome: Casimiro Filipe Figueiro (Figura 35)

Idade: 90 anos

Local de Residência: Cerquido

Local de trabalho: Mina de Santa Justa

Minério explorado: Volfrâmio e estanho

Período temporal: 1938 – 1944



Figura 35 – Filipe Figueiro – fotografia atual

Fonte: Própria

Este testemunho discorre das vivências experimentadas ao longo de 6 anos consecutivos na exploração do minério.

A trabalhar em Lisboa com o seu pai, num negócio de família, o Sr. Filipe regressou à terra natal pela saturação da cidade, mas, também, pela garantia de trabalho nas minas, que se proporcionava economicamente vantajoso.

Naquela época a exploração decorria com um carácter predominantemente artesanal ou semi-industrial. Utilizavam-se técnicas simples de exploração dos solos. Os homens dedicavam-se aos filões e as mulheres apuravam o minério que se encontrava na terra, através de caleiras de madeira artesanalmente produzidas pelos próprios. Estas dedicavam-se, maioritariamente, à lavagem do minério.

A informalidade mineira reinava em 1938 através de redes criadas em torno do negócio do minério e prolongou-se até 1944, ano em que o minério “começou a fracassar”, devido à proibição de exploração do volfrâmio. “Acabou-se aquela ilusão do minério”.

Neste contexto, O Sr. Filipe viu-se obrigado a abandonar a atividade mineira. “Foi até não dar mais”, como o próprio frisou.

O trabalho nas minas era árduo, mas recompensador, pois o volfrâmio possuía um valor economicamente elevado. “Havia aqui um senhor que dizia: eu se quisesse já forrava o meu enorme portão com notas de conto”.

Também para ele, a vida no minério lhe permitiu enriquecer rapidamente. Recuperou as propriedades que a família tinha perdido com maus negócios, em Lisboa, e que, naquele tempo, tiveram que vender forçosamente para proceder ao pagamento das dívidas. Conseguiu, ainda, conjuntamente com os seus irmãos, apropriar-se de outros bens materiais, como terrenos e “casas”.

A mina onde trabalhou durante um período mais longo era apelidada de ‘Mina de Santa Justa’, situada na Serra d’Arga, próxima da aldeia do Cerquido onde residia. O minério explorado era o volfrâmio, que deu lugar posteriormente ao estanho.

Neste jazigo trabalhavam muitos homens e mulheres da localidade mas também da região. De fora vinham, sobretudo, de Paredes de Coura. Permaneciam toda a semana na serra e ao sábado iam de fim-de-semana a casa. “Todos queriam trabalhar no minério. A agricultura não dava dinheiro”.

Este senhor explorou o minério por conta própria de 1938 a 1944, sem qualquer tipo de segurança. Como o próprio refere “Se nos aleijássemos era connosco”.

Eram responsáveis por eles próprios e pelo material necessário para a atividade extrativa. Na época produziam-se as próprias ferramentas de trabalho, embora houvesse quem já se dedicasse à venda de material específico para o trabalho nos filões. “O Sr. Gouveia já vendia pás, picaretas” e afins.

Os trabalhadores não possuíam horários definidos, nem pausas laborais. “Nessa época não tínhamos horário. Quanto mais trabalhássemos mais ganhávamos. Parávamos para comer qualquer coisa”.

A alimentação era pobremente reduzida e insuficiente: “Naquele tempo uma sardinha dava para três. Levávamos uma merendazita para o trabalho e à noite comíamos o que nos davam. Normalmente pão e caldo. Havia pouca batata e muito milho”.

Geralmente deslocavam-se em grupo para as minas e regressavam, ao anoitecer, animadamente, ao lar. Como eram jovens, o percurso de regresso a casa era “uma festa”. Entre cantar e dançar, também havia tempo para namoriscar.

Apesar de toda a família se dedicar à exploração mineira, com exceção da mãe, jamais abandonou a agricultura e a criação de gado, andando nestas duas atividades paralelamente. Habitualmente trabalhava a agricultura no Inverno e ia ao minério no Verão.

Nunca trabalhou para a 'Separadora' mas conhecia amigos que chegaram a vender o minério nesse edifício.

O Sr. Filipe vendia o minério a intermediários: "Vendia o minério ao Gouveia ou ao Sr. Apolinário. Em S. Pedro havia quem lhe chamasse Manel da Teresa. Transportava o minério às costas. Aquilo pesava como chumbo".

Reportou, também, situações alusivas ao minério afirmando "Alguns matavam-se! Compravam minério para vender na separadora. Pensavam que era volfrâmio e quando lá chegavam era-lhes dito que era arsénio ou pirite, e com tamanho desgosto davam um tiro na cabeça. Era tamanha a loucura!".

Nome: Rosa Rodrigues Alves

Idade: 87 anos

Local de Residência: Cerquido

Local de trabalho: Mina de Santa Justa

Minério explorado: Volfrâmio

Período temporal: 1941 - 1946



Figura 36 – Rosa Alves –
fotografia atual

Fonte: Própria

Este depoimento foi transmitido pela Dona Rosa (Figura 36) que vivenciou a atividade mineira de 1941 a 1946, durante 5 anos de forma descontínua.

Explorou o volfrâmio desde os 14 aos 19 anos, mas unicamente nas épocas mortas da agricultura.

A agricultura e a pastorícia eram as principais atividades desenvolvidas e os pais só a libertavam desta atividade no término dos trabalhos agrícolas. "Só ia quando não havia que fazer no campo".

Ela adorava ir ao minério. "Andava pouco tempo mas topava-o logo. Tinha sorte! E o que nos valia era aquilo. Ganhei muito dinheiro!".

Tal como o Sr. Filipe, com quem mais tarde veio a casar, trabalhou nas minas de Santa Justa a explorar volfrâmio.

As vivências do minério trazem-lhe boas memórias: “Era uma vida muito alegre. Depois do trabalho ainda fazíamos bailes. Dava para cantar, dançar e namorar!”.

Trabalhava desde o nascer do sol ao anoitecer, por conta própria, mas “valia a pena. Havia trabalho e muito dinheiro. Comprava roupa e ouro!”.

Deslocava-se para as minas em grupo, rapazes e raparigas, pelos caminhos, normalmente descalços.

À semelhança dos outros trabalhos informais mineiros, não se regia por horários laborais, fazendo, somente, alguma pausa para se alimentar, embora as refeições fossem rápidas e insuficientes. Como a própria declara “Havia miséria, não morriamos à fome, mas também não havia fartura”.

A exploração por ela vivenciada foi quase primitiva, onde todo o material e ferramentas utilizados era produzido pelos próprios: “Não havia maquinaria, era tudo feito por nós”.

Nos montes tentava descobrir o minério para posteriormente passar ao processo de lavagem, que daria lugar à venda, normalmente efetuada a intermediários locais ou das vizinhanças: “Topava o minério no filão e ia lavar. Havia sítios em que a água ficava longe. Tinha que se levar a terra em sacos às costas”.

Depreende-se destas palavras que a vida dos trabalhadores mineiros era dura, mas devido ao rápido enriquecimento toda a população se dedicou a esta atividade.

Nome: Laurinda Trigueiro Rodrigues Afonso

Idade: 83 anos

Local de Residência: Estorãos

Local de trabalho: Minas da Santa Justa, Água Levada,
Chãozinha e Lagoa

Minério explorado: Volfrâmio, estanho, arsénio e ouro

Período temporal: 1939 - 1952



Figura 37 – Laurinda Afonso –
fotografia atual

Fonte: Própria

Esta declaração é um autêntico testemunho da árdua vida experienciada no minério por uma mulher do povo que enfrentou grandes diversidades de forma exemplar.

A Dona Laurinda (Figura 37) nasceu em 1930 e apenas com 9 anos iniciou-se na atividade mineira durante treze anos consecutivos “Tinha 9 anos e nunca mais parei até que aquilo acabasse”.

Inaugurou o seu percurso laboral, por conta própria, nas minas de Santa Justa, a explorar volfrâmio. Neste local trabalhava muita gente, proveniente de vários sítios. “Aquilo foi uma invasão de gente. Comecei em Santa Justa, que foi toda minada e onde foram abertos filões. Havia o minério de filão e a aluvião. No filão os homens deitavam fogo e saiam aquelas pedras todas”.

Perante o exposto verifica-se que este trabalho era protagonizado por homens e mulheres que usavam técnicas simples e exploravam o minério sem a devida segurança. Eram responsáveis pela aquisição de todos os instrumentos de trabalho, assim como pelos materiais necessários à concretização de reventamentos.

A entrevistada descreve situações vividas, que, devido à falta de condições, originaram acidentes fatais: “Nas minas de Santa Justa morreu lá uma rapariga. Andávamos ao minério e os homens gritaram fogo, fogo, fogo! Nós tínhamos que fugir para longe. A rapariga ia à frente, a fugir. Nisto veio uma pedra e bateu-lhe na cabeça. Levaram-na e nunca mais a viram. Naquele tempo não havia dinheiro e nem os pais souberam mais dela”.

Relembrou, também, a ida ao minério numa mina apelidada por “Fonte d’urso”, onde exploravam estanho, relatando: “Um dia eu e a minha irmã deixamo-nos andar a apanhar minério até tarde. Vínhamos já de noite para casa quando ouvimos os lobos no monte. Tivemos tanto medo que começamos a correr e deixamos o estanho para trás”.

Nesse mesmo momento, recordou um verso desse tempo, que logo passou a verbalizar:

“Sapateiros não são homens
Alfaites também não
Homens são os do minério
Que andam debaixo do chão.
Andam debaixo do chão,
Andam debaixo da terra,
Homens são os do minério,
Que dão material para a guerra”.

Abandonando a informalidade mineira passou a trabalhar para proprietários de concessões. “Todos os montes foram registados”.

A primeira mina concessionada onde trabalhou era denominada de “Chãozinhas”, que explorava volfrâmio e estanho.

Segundo a entrevistada “Depois vim para outro sítio chamado Chãozinha, do Sr. Meneses. Tinha lá uma barraca com uma lavaria e dormia lá e tudo, porque durante a noite havia quem fosse à lavaria buscar o produto para vender por fora. Dava mais dinheiro”.

Esta afirmação evidencia que a população preferia a informalidade mineira em detrimento das concessionárias que acabavam por efetuar um pagamento menos rentável. No entanto, com o emergir de vários registos as pessoas viram-se obrigadas a trabalhar para as empresas que possuíam concessões.

Este jazigo já era constituído por maquinaria, embora a ajuda humana prevalecesse com técnicas simples. Os homens eram destacados para o trabalho mais custoso. Às mulheres era destinado o trabalho da lavagem com caleiras. “Havia lá umas máquinas que vibravam. Eu lavava nas caleiras. Com enxadas e pás retirava a terra e depois ia tirar o minério que estava atrás. Depois lava-se num alguidar para ver bem o minério e ver se era ou não”.

Posteriormente passou a exercer funções na mina apelidada “Lagoa”.

“Depois vim para a Lagoa, uma mina grande. Andei no aluvião. Encontrei lá uma pedra preta, muito pesada. Minou-se aquilo tudo. O Queiroz Ribeiro registou esse monte. Eu trabalhei a dias para ele. Andávamos à procura do ouro. Ele teimou e andei lá sempre. Ganhava 10 escudos e descontava-me 6 tostões”.

Esta exploração era da responsabilidade da empresa ‘Entrepósito Mineiro do Minho’, sediada no edifício da ‘Separadora’, que pagava aos mineiros 10 escudos ao dia, de acordo com o horário estipulado de 8 horas diárias, interrompidas por uma hora de intervalo, normalmente, ao meio dia. Afirma a entrevistada: “Pegava às 8 e largava às 5”.

Esta empresa tinha como finalidade a exploração do minério, designadamente estanho, arsénio, volfrâmio, mas também ouro. “Eles procuravam ouro. Apareciam umas pepitas, mas arsénio é que aparecia”. A declaração prestada confirma que a empresa procurava metais economicamente vantajosos.

Verifica-se, também, que a empresa já possuía uma escala dimensional superior, com um elevado índice de sofisticação organizativa e tecnológica. Os assalariados efetuavam descontos que asseguraria um seguro de trabalho para indemnização de danos, pensões de invalidez ou morte, embora a Dona Laurinda afirme que efetuou descontos “e a separadora não me deu nada”. As lavarias já funcionavam com maquinaria, assim como a ‘Separadora’, embora fosse necessário a utilização de várias ferramentas para usar manualmente na “apanha do minério”. Os próprios assalariados eram responsáveis pela compra e manutenção dos instrumentos de trabalho. “A ferramenta era toda nossa. Era pá, pico, alguidar, era um ferrinho chamado «ferraz»”.

Porém, e apesar da empresa se encontrar em constante evolução comparativamente com outras firmas da época, apresentando níveis de elevado desenvolvimento tecnológico, existiam algumas falhas nas explorações mineiras, nomeadamente no respeitante à falta de procedimentos de salvaguarda ambiental. “ Nós fugíamos do Guarda-rios – ó pernas para que te quero! Não queria que lavássemos o minério no rio, pois deixávamos a água porca”.

Salienta-se que esta mina estava associada à ‘Separadora’ que era detentora de outras concessões e onde estavam sediadas várias empresas com a mesma finalidade profissional. Para além dos trabalhadores mineiros possuía outros funcionários: trabalhadores da transformação do minério e empregados de escritório.

Do testemunho facultado atesta-se que esta exploração mineira incrementou um notório e diversificado desenvolvimento: abriu estradas, renovando as acessibilidades à serra; construiu edifícios de apoio aos funcionários e às minas e proporcionou o aumento de emprego entre a população local e regional. “Não havia estrada em lado nenhum, era caminho a pé, carreiros a pique, caminhos de cabras. O Sr. Queiroz⁶⁶ abriu um estradão, alargaram o caminho pelas ‘Mãos’⁶⁷ e já lá passava um jipe. Andavam lá sempre à chuva e ao sol à procura do minério. Na casa onde estava o engenheiro tinham lá duas criadas, eram irmãs, conhecidas como «as leoas»”.

Como se pode verificar a atividade mineira fomentou o progresso, proporcionou o aumento populacional e a criação de novos serviços: “Era uma loucura. Vinha muita gente de longe. Vinham de Âncora, Meixedo, Lanheses. Viveram na casa da Tia Maria Rosa, no Cerquido. Outros chegavam a dormir detrás das bouças no chão e até numa casa que tinha uma cerejeira no meio. Nos quartéis de Santa Justa⁶⁸ havia uma rapariga de Lanheses a fazer pão para vender”.

De acordo com o testemunho o lugar do Cerquido foi o local escolhido para alojar muitos prospetores improvisados de Riba de Âncora, entre os quais algumas mulheres que se aventuraram nesta atividade. À semelhança dos homens hospedaram-se em cobertos, cabanas ou em casas de amigos feitos na prospeção. Entre muitas mulheres recordou a “Emília das Louridas” e a “Angelina”, referindo “A Angelina tinha muita sorte! Encontrava muito volfrâmio. Ganhou tanto dinheiro!”

Apesar de trabalhar na empresa, com salário estipulado, a Dona Laurinda, conjuntamente com as outras raparigas, tentava a sua sorte, escondendo algum minério para vender informalmente.

⁶⁶ Proprietário e sócio Gaspar Queiroz Ribeiro

⁶⁷ Localidade junto à Serra d’Arga

⁶⁸ Os Quartéis de Santa Justa caracterizam-se pela imponente muralha que rodeia a Capela de Santa Justa, que se encontra no interior da mesma muralha e que antigamente acolhia a romaria em homenagem às irmãs mártires Justa e Rufina. Esta peregrinação atraía ao local muitos visitantes como romeiros, caminhantes e peregrinos, que ficavam albergados nos quartéis. Futuramente este espaço será transformado no Centro de Interpretação e Vivência Ativa da Natureza, que incluirá um conjunto de valências inter-complementares de cariz didático, formativo, científico e turístico/informativo. Possuirá alojamento com camaratas e espaços de apoio ao acolhimento de visitantes, assim como espaços destinados a exposições temáticas. Este equipamento multifuncional possuirá ainda instalações para a realização de ações de formação, conferências, workshops e eventos similares. (Fonte: <http://www.cm-pontedelima.pt/noticia.php?id=1426>).

“Nós éramos muitas. Uma trazia o minério e as outras eram revistadas. Nós conseguíamos confundi-los e enganá-los!”. Acrescenta à conversa “O registo do Sr. Martins e no Sr. Ferreira velho tinham uma barraca e tomavam conta para nós não fugirmos com o minério todo”.

Este minério era vendido posteriormente na ‘Separadora’ ou a intermediários. “Nós íamos descalços para a feira, com os sacos à cabeça para vender na separadora (Figura 38). Assim já tínhamos dinheiro para ir feirar. Muito minério levava à cabeça. Era o que a gente podia! Em saquitos para a ‘Separadora’. Mas também havia compradores que andavam pela porta. Eu conhecia o ‘Tone da Pica. Só que estes compradores davam pouco dinheiro pelo minério. Ainda por cima, nós eramos pobrezinhas. Andávamos descalças e eles ofereciam-nos pouco pelo minério.”



Figura 38 – Laurinda Afonso à saída de sua casa, preparada para ir à feira, em janeiro de 1950.

Fonte: Laurinda Afonso

A exploração mineira gerou, indubitavelmente, uma fonte de riqueza para esta gente, que se dedicava exclusivamente à agricultura, sem usufruir de outras fontes de rendimento. “Toda a gente queria ir para o minério pois dava bom dinheiro e não tínhamos mais nada além de cabras, ovelhas e agricultura. Isto era muito pobre. O minério deu muita vida”.

A pobreza geral era notória refletindo-se, também, na alimentação efetuada pela maioria das pessoas, que consistia em pão, água e produtos que cultivavam na terra. A entrevistada descreve-nos da seguinte forma: “Comíamos um bocadinho de pão. Passava-se numa fonte e bebia-se água e comia-se o pão. Trabalhava e depois vinha toda contente para casa. A gente para se vestir e calçar ia logo para o minério. Mas acabou depressa!”.

Depreende-se destas palavras a existência de grandes carências alimentares que, no entanto, não geravam preocupações maiores. A mulher minhota apreciava um bom vestuário, enriquecido e embelezado pelo ouro, que era, normalmente, ostentado em ocasiões especiais, tais como na ida à feira. A indumentária era o centro da sua preocupação e vaidade: “A minha mãe dizia: dais cabo do corpo por causa do luxo!”.

Já no trabalho o vestuário utilizado era pobre, pouco adequado e carecido de proteção para a atividade profissional. “Para trabalhar levava-se uns tamancos de madeira forrados a couro, que eram mais quentinhos. Mais do tempo andava-se descalço, pois os tamancos não davam para meter na água. Os pés já estavam calejados.

Com a chuva metíamos uma saia de lã na cabeça e púnhamo-nos no rio, pois também havia muito minério das lavagens. Apanhávamos o que ficava nas gotinhas de água e dava bem! A gente já o conhecia bem – todo pretinho. A gente lavava-o e lá nos safávamos com aquilo”.

Também se afere que o regresso a casa após o trabalho era sinónimo de convívio e boa disposição. Normalmente em grupo faziam o percurso de retorno a cantar. “Para casa vinham todos em grupo e a cantar”.

A atividade mineira decorria durante um limitado número de dias por mês ou por ano, sempre em concomitância com a atividade agrícola. “No Inverno íamos para o campo, no Verão era para o monte à procura do minério”.

O trabalho na atividade mineira foi duro mas economicamente fértil e recompensador. A Dona Laurinda reporta a mesma história que o Sr. Filipe transmitiu “Um homem forrava o portão com notas de contos” e acrescentou outra memória “Havia uma família no Cerquido que teve que vender tudo. Não tinham nada e com o negócio do minério recuperaram todos os bens e fizeram novas casas. Eram 8 filhos, andavam todos no minério, só a mulher é que ficava em casa⁶⁹”.

Toda a Serra d’ Arga foi amplamente explorada. “Aquilo era só buracos de tanta exploração”.

A entrevistada trabalhou para esta empresa até aos 22 anos e “depois o minério começou a fracassar. No fim da guerra o minério acabou. Acabou depressa”.

Fez referência aos proprietários das minas proferindo “ O Dr. Gaspar⁷⁰ e o irmão eram boas pessoas. Trabalhei lá durante muito tempo. Faziam bailes no Cerquido⁷¹ e ele também ia. Pedia-se aos donos das casas para se fazer bailes e depois iam pedir aos pais das raparigas para dançar. Ou aos irmãos. Normalmente iam os irmãos com elas. A minha mãe ia sempre connosco porque não tínhamos irmãos. Eu além de dançar também cantava. Nasci para cantar!”.

Esta trabalhadora ficou conhecida como “a cantadeira do Cerquido”.

⁶⁹ Esta é a história de vida do entrevistado Casimiro Filipe Figueiro, retratada anteriormente.

⁷⁰ Mencionado anteriormente como proprietário, de nome completo Gaspar Queiroz Ribeiro.

⁷¹ Localidade próxima das minas.

No final da entrevista surpreendeu-nos com uma cantiga popular, cantada afinadamente, no momento, recordando os velhos tempos:

De pá e pico
Toda a gente a trabalhar
Nas altas serras derramando o seu suor
A Companhia nunca nos chega a pagar
O material pelo seu justo valor.

Com o volfrâmio têm-se posto os homens tontos,
E as mulheres com a sua opinião,
Vão por aí fora com o sentido nos contos
Como a toupeira sempre por baixo do chão.

Mas que influência se exerceu em Portugal
Todos sofrem desse mal,
Todos padecem do crânio.
Ricos e pobres levantam rios e fontes,
Fazem minas pelos montes
À procura do volfrâmio.

Nome: Maria do Carmo Dantas Lima

Idade: 84 anos

Local de Residência: Moreira do Lima

Local de trabalho: Minas da Fisga e Mina do Estanho

Minério explorado: Volfrâmio e estanho

Período temporal: 1943 - 1947

Este testemunho é fruto das vivências da Dona Maria do Carmo na exploração do minério, desde 1943 a 1947.

Esta mulher exerceu esta atividade durante 4 anos consecutivos, através da exploração mineira formal e informal.

Começou a trabalhar aos 14 anos, com a mãe e com a irmã e só terminou aos 18 anos, devido ao barateamento/ enfraquecimento do minério.

Trabalhou em duas minas, situadas perto da aldeia do Cerquido, na Serra d'Arga.

Na mina denominada "Fisga" trabalhou por conta própria e explorou volfrâmio. "Tirava o minério e depois vendia-o de acordo com o peso. O volfrâmio era mais caro".

A sua principal tarefa era a escavação e a lavagem do minério: "Primeiro escavava e depois lavava o minério com um alguidar. O minério ficava no fundo porque era mais pesado".

Como se verifica as técnicas utilizadas eram simples, rudimentares e manuais.

Na mina intitulada de "Estanho", conforme o próprio nome indica, era o estanho que prevalecia para ser explorado.

Neste jazigo a Dona Maria do Carmo trabalhava por conta de outrem, tendo um horário determinado e um salário definido. "Os meus patrões eram o Sr. Ferreira e o Sr. Lima".

A assalariada usufruía de um pagamento diário e de pausas laborais estabelecidas para efetuar as refeições. No entanto, as refeições eram míseras e diminutas: Consistiam numa sardinha e um pedaço de broa. Ou duas pataniscas. "À tarde era uma fome. Ai que fome! Comíamos aquilo que levávamos e depois passávamos fome. À tarde não havia fruta para roubar, só se fosse tojo".

Iniciavam os trabalhos ao amanhecer e terminavam ao escurecer. Nesta conformidade, tinham que sair de casa bem cedo, normalmente em grupo, "a pé e de chancas nos pés", nas bonanças e nas tempestades. "Quando chovia usávamos capuchos de junco".

A remuneração atribuída correspondia a 10 escudos/dia, embora o pagamento aos trabalhadores mineiros só fosse efetuado quinzenalmente.

Nestas minas trabalhava um número significativo de homens e mulheres, oriundos da localidade, mas também de outras terras. Como a própria refere "Era um rancho" de pessoas a trabalhar: "Os homens com picaretas nas minas e as mulheres na lavagem do minério".

Os rapazes asseguravam o trabalho mais pesado e as raparigas dedicavam-se a outras tarefas mais leves. "O rio que vem da Cabração para Estorãos foi todo revirado. A gente andava quase a beber água. Mas encontrava-se estanho. Do Lourinhal até aos moinhos foi tudo revolido, de baixo para cima".

Segundo este testemunho "no rio não havia patrões". Exploravam-no por conta própria para vender a intermediários, pois era mais rentável. "Vendíamos o minério na candonga ao 'Caga Notas'".

Apesar da dureza do trabalho nas minas a Dona Maria do Carmo afirma ter gostado de trabalhar nesta atividade: "Eram tempos de alegria. As moças do Cerquido e de Moreira eram muito alegres. Cantavam e dançavam. Também se arranjavam namoricos. E na verdade não havia outro trabalho, só se fosse a enxada".

A exploração mineira contribuiu para um célere enriquecimento que gerou alguns desgostos e angústias após o seu termo. “Alguns bem o ganharam, bem o gastaram. Pensavam que aquilo nunca mais acabava. Mas a minha mãe poupava. Ainda tenho uns brincos e um fio de contas dessa época. A minha mãe deu-me a mim e à minha irmã”.

Proporcionou, também, momentos de ventura e desventura.

As memórias desta mulher transportam-nos para histórias associadas ao minério. Ela relata alguns episódios: “Haviam senhores que compravam o minério a um preço apetecível. Mas era difícil roubar. Escondíamos o minério nos seios e onde calhava.

Nas minas da Cabração havia um açude e caía lá muito minério. A gente ia lá apanhá-lo e os encarregados vinham atrás de nós pelo monte fora. Muito fugíamos! Quando pudéssemos trazíamos minério, se não deitávamos o minério fora e depois íamos lá buscá-lo. Aquele minério estava perdido no açude, mas os encarregados não o deixavam trazer”.

As recordações afloram e termina a entrevista com uma cantiga popular, que era, normalmente, cantada pelos rapazes e raparigas no regresso a casa após um dia de trabalho, muito semelhante à da Dona Laurinda:

“De pá e pico
Cá vão os trabalhadores
Na alta serra
Derramando os seus suores.
A companhia
Nunca nos chega a pagar
O material
Pelo seu justo valor.
Que influência
Apareceu em Portugal
Todos sofrem desse mal,
Todos padecem do crânio.
Ricos e pobres
Revolvem rios e fontes
Abrem minas pelos montes
À procura do volfrâmio”.

Nome: José Trigueiro de Matos

Idade: 70 anos

Local de Residência: Estorãos

Local de trabalho: Minas da Arada (Arga de Baixo - Caminha), Cerdeirinhas, Castanheira (Arga de Baixo - Caminha) e Cabração

Minério explorado: Volfrâmio e estanho

Período temporal: 1954 – 1960

Este testemunho revela uma interessante narrativa de vida em torno da atividade mineira na Serra d'Arga.

O Sr. José Matos iniciou o trabalho nas minas com dez anos e meio e terminou aproximadamente aos 16 anos.

O seu percurso pela exploração mineira era de cariz temporário. “Era por tempos. Só andava no minério quando não havia trabalho nos serviços florestais, que era aqui mais perto. Nessa altura deixava o minério. Ia fazendo seis meses no minério e outros seis nos serviços florestais”.

A primeira remuneração obtida na atividade mineira correspondia 9 escudos e 80 centavos por dia, com um horário de 10 horas diárias. No entanto, o pagamento era efetuado quinzenalmente.

Começou a trabalhar nas minas da Arada a explorar estanho e tantalite. Esta mina ficava situada em Arga de Baixo, concelho de Caminha e era constituída por 30 a 40 trabalhadores.

Depois passou para a mina das Cerdeirinhas, localizada na freguesia da Cabração. Nesta mina trabalhavam cerca de 50 ou 60 pessoas na exploração, principalmente, do estanho. Voltou, posteriormente, ao concelho de Caminha para trabalhar na mina da Castanheira, em Arga de Baixo e terminou na mina da Cabração, onde exerceu funções associadas à extração e transporte para a lavaria. “No subterrâneo ajudava na extração e no transporte numa vagona que andava sobre carris que trazia o material até próximo da lavaria. Ali descarregava era metido no moinho que triturava o produto e no fim era descarregado na lavaria. O minério era lavado e depois aproveitado e selecionado. Era ensacado e dali ia para a ‘Separadora’. O minério era levado num camião (Não era um grande camião!). Levavam o produto ensacado em material já selecionado para os fornos”.

Desta declaração afere-se que esta mina já funcionava com maquinaria que auxiliava os trabalhadores na exploração do minério e já possuía os meios de transporte suficientes para transportar o minério, desde a Serra d'Arga até à ‘Separadora’.

Deduz-se, também, que esta mina estaria associada à 'Separadora', pois o entrevistado afirma que o minério extraído tinha como finalidade ser entregue nesse espaço, mais especificamente nos fornos.

Além dos homens, nesta mina, também trabalhavam algumas mulheres. "As mulheres estavam mais no setor das lavarias. Retiravam o produto das mesas para não se desperdiçar nada, porque vinha arrastado com água, embora águas reguladas, e iam retirando aquilo. Era um trabalho mecanizado. Existiam algumas mulheres nas minas, mas eram mais homens".

A mão-de-obra mineira era oriunda do concelho de Ponte de Lima e de Caminha. "Aparecia um ou outro forasteiro de Barcelos".

Nesta exploração obedecia-se a horários e pausas laborais. "Só se comia à hora de almoço, não havia outros intervalos. Havia horários para comer: do meio-dia à uma ou do meio-dia e meia à uma e meia. Era uma hora para o almoço. Uma hora de pausa".

A alimentação era débil e diminuta. "Eu era um privilegiado na alimentação. Vivía sozinho com a minha mãe que já trabalhava. Ela tentava alimentar-me mais ou menos. Comprava folhas de bacalhau, de 7 escudos o quilo e depois levava para o trabalho. Punha-me molho verde numa panelita e levava aquilo. A maioria levava sopa e mal adubada".

Para aceder às minas fazia um percurso pedestre, habitualmente em grupo, com duração aproximada de duas horas. "Normalmente de manhã íamos em grupo, duas horas para cada lado: duas para cima e duas para baixo. Quando algum se atrasava tinha que andar mais depressa para apanhar o grupo".

Descreve aquela época como miserável, insegura e subjugada: "Era uma época de muita miséria. As pessoas sujeitavam-se, porque não havia trabalho. Havia muita gente a procurar trabalho. Já não havia colocação para todos".

Acrescenta sobre insegurança laboral e acidentes de trabalho "Na altura era o que havia. Agora sei que era um trabalho ingrato e perigoso", e relata, de seguida, um acontecimento que lhe emerge à memória: "Um rapaz de Barcelos estava a cavar à superfície da terra, e por cima era mato e ele cavava por baixo desse sítio. O trabalho não deveria ser feito assim. Quem administrava não tinha o suficiente conhecimento na área. Ele foi andando, andando e escavando, até que caiu a terra em cima dele e morreu sufocado.

Na mina da Cerdeirinhas já foi com uma pega de fogo. Carregaram, a pega rebentou, mas não rebentou tudo. Um moço foi para lá mexer e morreu".

Apesar de, atualmente, caracterizar esse período de forma menos benévola, acresce referir que este homem também revelou que esta fase foi económica e socialmente favorável para o desenvolvimento da localidade e da região. Expõe "Havia um homem no Cerquido, chamavam-lhe o 'Tio João Castanheira', que bufava com os pulmões bem abertos: «Eu tenho notas de

contos que já davam para forrar o meu portão (o portão era alto; a toda a altura das paredes). Já tinha umas notas de mil”.

O Sr. José, enveredou, também pela informalidade mineira que se tornava economicamente mais proveitosa: “Trabalhei por conta própria, a trabalhar aqui e ali, mas nos tempos livres. Ganhava-se mais. Era tudo feito à socapa, para não sermos apanhados. Vendia o minério em Lanheses, ao Sr. Godofredo, que era um intermediário e proprietário de minas”.

PARTE IV – RECUPERAÇÃO E REVITALIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO MINEIRO: PROPOSTAS, OPORTUNIDADES E POTENCIALIDADES TURÍSTICAS

4.1. Reintegração do património industrial e mineiro no quotidiano da população limiana: património a recuperar, preservar e valorizar

A preservação do património industrial e mineiro tem a função de reforçar a memória coletiva de um território e ao mesmo tempo ser um elemento de estudo para se conhecer esta área temática.

No entanto, a reabilitação deste património deve ser algo mais do que a mera proteção. O novo uso deve oferecer uma evidente valorização dotada de conteúdos que se aproximem o mais possível aos tempos da plena atividade, através de propostas claras e efetivas de cariz pedagógico, didático, científico e lúdico.

Assim, a reintegração deste património deve basear-se no setor turístico, vinculado à memória industrial e à identidade cultural da região, favorecendo uma regeneração económica, fundamentada em valores culturais com forte conteúdo histórico-social.

O desenvolvimento turístico será a peça chave na regeneração económica, baseado num turismo sustentável e numa conservação continuada, proporcionando benefícios à população limiana que usufruirá destas oportunidades, tendo em conta as diversas nuances locais.

A população limiana deve ser parte integrante de todo o processo. O património tem que reverter na comunidade que atua como recetora do legado do passado e da sua memória, através de um desenvolvimento sustentável.

Simultaneamente a população tem que intervir e atuar estrategicamente como planificadora e dinamizadora desse mesmo desenvolvimento de modo a que a longo prazo não prejudiquem o nível de vida, oportunidades e opções das gerações futuras, tendo em conta as condições culturais.

O êxito deste tipo de projetos advém de uma estratégia correta, elaborada em profundidade, contemplando procedimentos completos, indo ao encontro de múltiplos aspetos, nomeadamente meio-ambiental, económico e cultural, tornando-o uma fonte de regeneração territorial em parceria com a população limiana. Não se trata somente de potenciar a recuperação e o estudo de espaços industriais e mineiros, mas consolidar projetos associados a este segmento turístico, como uma oferta integrada e organizada, que consciencialize a população do valor dos seus

recursos, e em função da imagem estimule ao potencial visitante o desejo de conhecimento do território. Desta forma, gerará desenvolvimento económico e incrementará a qualidade de vida. Os programas turísticos devem agregar guias com informação clara de modo a aumentar a capacidade da população local na apresentação e interpretação dos próprios valores culturais. O património também deve incluir programas educativos e de interpretação do próprio património para promover o conhecimento e o respeito do seu património, sensibilizando a população local para cuidar, conservar e preservar o que é seu e lhe pertence. Será, assim, crucial desenvolver nas comunidades novas práticas culturais.

4.2. Proposta de revitalização da ‘Separadora’ para fins turísticos: potencial e tendências de desenvolvimento

À exímia Separadora só lhe resta o degradado edifício.

Quanta história não encerra em termos de mineralogia, aquele “BARRACÃO”, agora silencioso, mas que bem merece a reconstrução da sua própria identidade, por quem de direito, no sentido de dar a conhecer aos jovens de hoje, a grandeza de uma gesta (o mineiro-limiano), que há mais de quatro décadas, calcinou com o seu próprio sangue, a terra que o “engoliu”.

Carlos Ruela, In *Jornal Cardeal Saraiva*, de 20 de dezembro de 1991

Nos últimos anos aumentou consideravelmente o interesse pela conservação e revitalização do património industrial.

A revitalização patrimonial, para atingir os seus objectivos de conservação, manutenção e divulgação, necessita de estar ancorada numa fórmula turística. Fórmula turística essa que, pelos seus efeitos multiplicadores, acaba por trazer dividendos socioeconómicos à região na qual se insere o projecto. Para tal, é imperioso que essa fórmula turística esteja alicerçada na caracterização, na especificidade, na vontade da própria população local que convive diariamente com o património seleccionado.⁷²

Integrado no turismo cultural este tipo de património enriquece as ofertas de lazer e gera produtos alternativos como motores de expansão económica e fatores de salvaguarda de áreas geográficas, de ecossistemas degradados e em reconversão, como o território industrial e mineiro de Ponte de Lima, especificamente a ‘Separadora’.

⁷² I Congresso Internacional da Rota do Românico: comunicações (2012). Lousada: Centro de Estudos do Românico e do Território. 163p. ISBN 978-989-97769-1-3- pág. 108

Pretende-se alertar para a conservação e divulgação deste tipo de património e para a importância do seu impacto social e físico, da sua proveniência histórica, assim como da sua relação com a industrialização; um processo que atenda a todos estes elementos tendo em consideração que o património industrial integra bens móveis e imóveis, elementos industriais, ferramentas, utensílios de produção, edifícios, infraestruturas, paisagens, documentação, memórias e testemunhos relacionada com este tipo de património, que podem dar origem à criação de novos museus, direcionados para o turismo industrial.

A proposta de revitalização da ‘Separadora’ dá seguimento a este processo com o objetivo de divulgar as peculiaridades deste tipo de turismo e património, segundo uma perspetiva geral que promova o seu papel e difunda o seu testemunho para a prosperidade, através da musealização. Esta estrutura de índole industrial adaptada a museu será um suporte para a identidade do lugar.

Fazer deste espaço um local de visita turística através de uma autêntica experiência educativa e lúdica de forma a que o visitante possa participar em programas didáticos, informativos e sociais será uma das prioridades a implementar.

A musealização deste espaço exemplificador de um passado industrial é um compromisso seguro mas ao mesmo tempo complicado, pois deve atender a rigorosos e pragmáticos critérios de seleção, de acordo com a disponibilidade de recursos humanos e materiais. A musealização deverá contemplar a preservação e divulgação de elementos singulares e testemunhais.

Neste caso particular propõe-se que a ‘Separadora’ seja transformada num “Centro de Informação do Minério” de modo a interligar a regeneração industrial e mineira alimentando estratégias de desenvolvimento local.

Ambiciona-se criar uma combinação entre a experiência cultural e as atividades lúdicas que se traduzirão num espaço vivo e dinâmico através de uma oferta ativa que anime a visita e a faça mais produtiva, em resposta às crescentes exigências de um público, cada vez mais, participativo e ativo.

As ações a conceber e a divulgar, assim como outros métodos de difusão cultural (publicações, guias, vídeos, malas pedagógicas, cursos) serão elementos de grande valor para ajudar o visitante a compreender e a interpretar o que estará exposto. Estas ações e métodos serão fortalecidos com a aplicação das novas tecnologias que, com uma utilização conveniente e independente por parte dos utilizadores, oferecerão uma boa quantidade de informação num espaço e num tempo reduzidos, recriando movimentos, introduzindo sons e técnicas interativos que exploram a riqueza e a diversidade dos valores históricos, sociais ou culturais que encerram o território (Álvarez Areces, 2001).

Daí a eficácia que este projeto vem acrescentar à localidade, através de uma inegável qualidade e a capacidade de despertar o interesse e a curiosidade do visitante, de o surpreender e de o seduzir. Pretende-se uma conceção que insira e implique a comunidade, a sua colaboração para se assegurar um futuro mantendo uma estrutura dinâmica e participativa, disfrutando do património.

Neste sentido e para se alcançar a concretização deste projeto parte-se da necessidade de organizar um planeamento prévio, incentivando a colaboração do proprietário, das entidades locais, associações e agentes económicos da região, para orientar o projeto de acordo com os seguintes elementos: Recuperação e revitalização do edifício; Conservação do património; Criação de novas ofertas para a cultura, educação, informação e lazer.

A proposta de recuperação do espaço pretende atender à revitalização do edifício, exterior e interiormente, salvaguardando todo o equipamento e maquinaria existentes da época da laboração industrial e difundindo o património através da criação de um itinerário turístico-cultural associado às antigas minas que estavam ligadas diretamente a esta indústria, assim como promover a paisagem natural e monumental que rodeia este tipo de património.

Iniciando a proposta de revitalização do edifício sugere-se que as características formais e estéticas do exterior do edifício sejam preservadas e os elementos decorativos sejam recuperados; o interior do edifício poderá sofrer reformulações que permitam a criação de espaços necessários ao programa museológico ativo e participativo.

O futuro 'Centro de Informação do Minério' poderá ser formado por salas de exposições, reaproveitando a maquinaria existente (Figuras 39) e colocando painéis ilustrativos que descrevam a história da indústria e minas associadas; sala para projeções sobre a atividade mineira, interligando-se com um espaço para a informação de apoio aos turistas.



Figura 39 - Maquinaria

Fonte: própria

A zona exterior poderá servir de área de lazer e repouso. Nesta zona estarão disponíveis para visita os fornos (Figura 40) e a fonte (Figura 41), que urge recuperar.

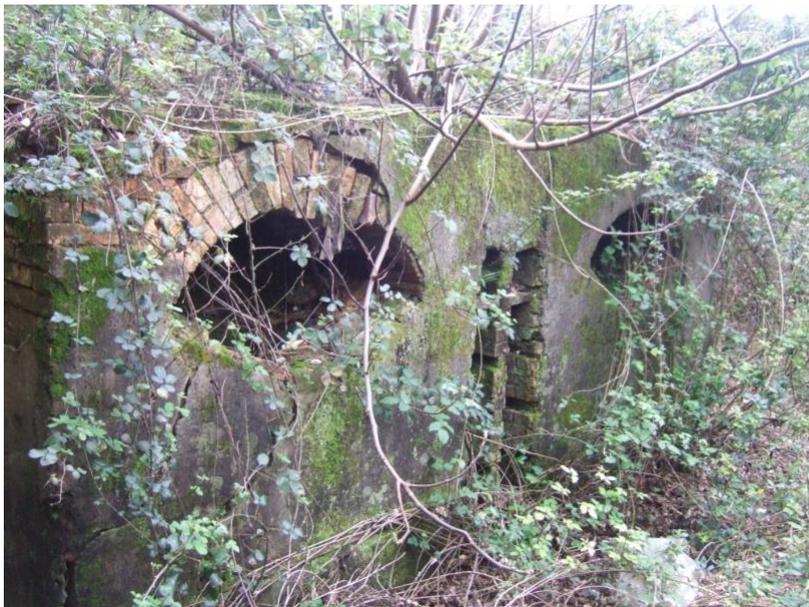


Figura 40 - Fornos

Fonte: Própria



Figura 41 - Fonte

Fonte: Própria

Poderá ser vantajoso reutilizar este rico património para fins hoteleiros de forma a conservar e a regenerar o património industrial e mineiro, nomeadamente os edifícios com elevado valor arquitetónico, como é o caso da 'Separadora', visto este edifício servir, também, para alojar alguns trabalhadores e diretores.

Este alojamento requererá soluções distintas e inovadoras, nomeadamente através de quartos temáticos alusivos a este tipo de património industrial e mineiro.

Este edifício merece decisões diferenciadas, com uma série de objetivos que guiarão as intervenções, designadamente a valorização de um legado cultural notável, criando espaços de informação e interpretação; a reutilização de estruturas arquitetónicas com empreendedoras possibilidades hoteleiras; a promoção da atração turística e consequente impulso económico deste território.

A experiência britânica e espanhola deve ser tida em conta pela riqueza de um passado imenso e por soluções derivadas de um compromisso ativo das comunidades locais, bem como pela participação de diversos organismos públicos para a promoção e gestão deste tipo de património, juntamente com a coordenação de agentes privados (Pardo Abad, 2002).

Procura-se, assim, recuperar o edifício da 'Separadora', preservando os seus elementos decorativos (Figura 42) originando espaços interessantes, com qualidade e conforto na sua utilização. Este centro será um espaço aglutinador de diversificadas valências, que se encontrará favoravelmente localizado, próximo de outras excelentes infraestruturas já reconhecidas e turisticamente visitáveis, como o Albergue dos Peregrinos, O Museu do Brinquedo Português, o Festival Internacional de Jardins e os novos hotéis implementados recentemente no Largo da

Alegria, na freguesia de Arcozelo, Ponte de Lima, junto à entrada norte da ponte romana/medieval.



Figura 42 - Pormenor do portão da entrada

Fonte: Própria

Este projeto ambiciona destinatários alargados (público erudito, público em geral, público escolar) com a finalidade explícita de contribuir, de forma decisiva, para a qualificação da oferta turística e cultural da ribeira lima.

Para enriquecer este projeto será necessário apostar num plano de marketing, expressando a combinação de várias opções estratégicas de promoção e divulgação, nomeadamente:

- Fomentar a promoção do projeto com diversificada informação (panfletos, brochuras, livros...) na envolvente regional, transfronteiriça e nacional, colocando o material de divulgação no local e enviando através da internet;
- Divulgar através das novas tecnologias de informação (website, redes sociais...);
- Promover o projeto em meios de comunicação social (imprensa local, regional e nacional – generalista e rádio)
- Difundir junto de agências turísticas e entidades promotoras de atividades de cultura e lazer;
- Divulgar em feiras de turismo de âmbito nacional e internacional;
- Integrar o projeto em campanhas turísticas dinamizadas por plataformas/ organismos de âmbito nacional e regional;
- Promover junto de entidades, associações, empresas relacionadas com este tipo de turismo;
- Proporcionar uma política de preços diferenciados de acordo com os segmentos e modalidades (pacotes diferenciados para diferentes públicos-alvo e faixas etárias);
- Estabelecer parcerias com entidades, associações e empresas de forma a criar produtos complementares com o objetivo de se disponibilizar uma panóplia de ofertas culturais e de lazer

aos turistas de acordo com os interesses e a faixa etária, nomeadamente pacotes de ofertas turísticas diversificados para públicos-alvo diferenciados (para crianças, jovens, adultos, famílias, empresas, público escolar...) e também circuitos turísticos associados (para usufruírem durante meio dia, um dia ou um fim-de-semana);

- Incorporar o circuito turístico das minas da Serra d'Arga nos grandes circuitos nacionais e internacionais, designadamente na Rota do Volfrâmio;

- Realizar seminários, colóquios, conferências, congressos de modo a promover este tipo de turismo e de património.

Será, também, essencial promover-se sinergias com as redes e/ou rotas temáticas, de modo a desenvolver-se uma metodologia harmoniosa que respeite a cultura e as necessidades locais, para alcançar a entrada neste segmento turístico.

A implementação deste 'Centro de Informação do Minério' implica a aglutinação das vertentes cultural, científica, pedagógica e lúdica transpostas para os itinerários turístico-culturais que estarão agregados.

4.3. A criação de itinerários turístico-culturais às minas da Serra d'Arga

Nos últimos anos procura-se, cada vez mais, um turismo baseado na fruição do património cultural que originou o aparecimento de um crescente número de itinerários culturais.

Neste contexto, importa, encontrar uma definição para itinerário cultural,

"...um circuito marcado por sítios e etapas relacionados com um tema. Este tema deverá ser representativo de uma identidade regional própria, para favorecer um sentimento de pertença, de reconhecimento ancorado na memória colectiva. O conjunto organizado formado pelos sítios e etapas tem um valor emblemático e simbólico para a população local e para o conjunto de pessoas externas, denominadas visitantes. O tema designado pode dar-se a conhecer à volta de diferentes valores culturais: o vínculo histórico, o vínculo etnográfico, o vínculo social, uma corrente artística, uma identidade geográfica, uma identidade arquitectónica, actividades tradicionais" (Pereiro Pérez, 2002).

Os itinerários são, também, ferramentas inovadoras assentes em temáticas variadas, com a capacidade de satisfazer diversas motivações turísticas. A estes itinerários será pertinente *adicionar outros produtos, como o apoio especializado a museus, monumentos, locais históricos, a promoção de workshops, actividades artísticas ou culturais, ou ainda outros eventos com significado cultural ou histórico para o destino, satisfazendo as exigências do turista de interesse especial. Estes itinerários devem ainda ser complementados com respostas a necessidades concretas dos turistas, como por exemplo, dando a indicação de bares, restaurantes, lojas ou*

outras actividades ligadas à actividade cultural, criando benefícios económicos a toda a comunidade (Ferreira, 2009).

Nesta conformidade, a criação de itinerários turístico-culturais constitui uma forma de explorar e estabelecer contacto com espaços diversificados promovendo as dinâmicas turísticas e territoriais.

Assim sendo, deve firmar-se uma estratégia de concertação que envolva as questões do ordenamento do território com as componentes da preservação e valorização do património e a sua divulgação.

Sendo atualmente, o *touring* cultural e paisagístico um dos produtos mais procurados pelos turistas estrangeiros que vêm a Portugal, incluindo a realização de programas de valorização de itinerários turísticos, a criação de itinerários será uma mais-valia para a concretização de um projeto de recuperação patrimonial vivo e dinâmico, com impactos reais nas comunidades locais.

Neste sentido, será pertinente que este projeto englobe a visita às minas, às edificações e às comunidades locais contribuindo beneficentemente para o desenvolvimento local, através da disponibilização de diversificados serviços e recursos, que só será viável, através da “criação de um sistema de apoios e incentivos a nível municipal ou nacional”⁷³.

A singularidade do património industrial impõe a necessidade de integrar uma interpretação ambivalente, com uma visão integradora, tanto como novo bem cultural, como na sua relação com o Homem e a paisagem, promovendo a recuperação da memória do trabalho e do lugar.

A nossa proposta seguirá estes pressupostos no sentido de se criar um itinerário turístico-cultural para turistas curiosos e amantes deste tipo de património.

O património deve incidir em programas de interpretação que revelem o significado dos sítios, as suas práticas culturais, com o objetivo de informarem os visitantes acerca da diversidade e valores culturais que possam estar relacionados com este tipo de património.

A conversão do património, tangível e intangível, num produto de consumo de lazer cultural deve pautar-se por ser uma experiência interessante, enriquecedora e atrativa para turistas e visitantes, que passa pela elaboração de um sistema diverso e integrado de estratégias de interpretação, apresentação, exibição, conservação e promoção, que se traduz na produção de atividades e equipamentos que brindem o visitante de forma informacional, lúdico, pedagógico e educacional (Martín Giuglielminoer, 2002).

⁷³ VALENTE, S. e FIGUEIREDO, E. (2008) – ***Feridas abertas na terra: da degradação dos sítios mineiros à sua recriação patrimonial – o caso das Minas da Panasqueira*** [em linha]. Coimbra: Colóquio Ibérico de Estudos Regionais [Consult. 10 dez. 2013]. Disponível em WWW:< http://sper.pt/oldsite/actas7cier/PFD/Tema%20II/2_19.pdf >

Os itinerários culturais às minas serão elementos essenciais para projetar um futuro comum entre o passado e presente, assim como constituirão uma senha de identidade, memória do trabalho e história industrial e um recurso para o próprio desenvolvimento local e regional.

Este tipo de iniciativa é uma aposta e uma oportunidade, que deve projetar e promover o testemunho da vida quotidiana, da memória do trabalho, da história de um lugar, tornando-se um recurso económico, turístico e cultural.

O itinerário será constituído pelos lugares mais importantes e atrativos do património mineiro.

Para a sua concretização será pertinente estabelecer-se bases operativas com o mercado turístico, cooperando com organizações nacionais e transnacionais, para dispor de um intercâmbio de experiências que estimulem o desenvolvimento, nomeadamente com a vizinha Galiza, que já possui projetos implementados neste segmento turístico.

Visa-se que estes circuitos constituam instrumentos de desenvolvimento local para além da preservação do património histórico e cultural.

4.3.1. Itinerários turístico-culturais: análise SWOT

Os itinerários turístico-culturais apresentam inúmeros benefícios para os destinos que apostam no seu desenvolvimento (Ferreira, 2012)⁷⁴.

Segundo a “Carta dos Itinerários Culturais”, estes itinerários ilustram a conceção contemporânea dos valores do património para a sociedade e apresentam-se como um recurso do desenvolvimento social e económico durável (ICOMOS, 2008).

Paralelamente proporcionam um enriquecimento cultural e fomentam uma manifesta melhoria das competências educacionais e cívicas das comunidades.

Estes itinerários contribuem para atrair turistas que procuram uma experiência baseada num segmento turístico recente, que poderá ser determinante para o melhoramento dos índices de repetição e recomendação da visita, tornando-se um produto turístico inovador.

A primeira fase de preparação de um itinerário é o conhecimento do percurso ‘in loco’, que irá gerar a recolha e incorporação de elementos cruciais à constituição de um itinerário turístico-cultural que desperte a curiosidade e interesse dos turistas.

O traçado do percurso, deverá incluir ações de desmatção e limpeza, colocação de proteções laterais em passagens menos seguras, construção de pequenas pontes, instalação de áreas de descanso e, evidentemente indispensável, a sinalização.

⁷⁴ FERREIRA, Luís (2012) . **Percursos & Ideias: Revista Científica do ISCET**, número 3&4 – 2.ª série (On-line) 2011/2012. p. 2 [em linha]. s.n. : s.l. [Consult. 10 jan. 2014]. Disponível em WWW:<http://www.iscet.pt/sites/default/files/PercursosIdeias/N3_4/Revista20112012Tur_0.pdf >

A sinalização é de extrema importância. Um percurso bem sinalizado pode ser percorrido em total segurança sem recurso a mapas ou textos descritivos.

É após a definição do percurso que germinará o itinerário que irá promover o património, bem como contribuir para a sua proteção e valorização.

Este itinerário será validado através de uma análise SWOT (S.W.O.T. - *Strengths* (Forças), *Weaknesses* (Fraquezas), *Opportunities* (Oportunidades) e *Threats* (Ameaças) que se pretende revelar essencial na aprovação dos percursos a implementar, através de elementos que nos permitam detetar os pontos fortes e fracos, de forma a desenvolvermos uma estratégia conducente a combater as fragilidades e a enaltecer as forças, envolvendo os vários intervenientes, entre eles a comunidade local, de modo a proporcionar-se um desenvolvimento harmónico.

Importa sublinhar os pontos fortes:

- Localização geográfica: Ponte de Lima está geograficamente bem localizada e o espaço do futuro 'Centro de Informação do Minério', ponto de informação aos turistas, está favoravelmente bem situado, próximo de outros empreendimentos turísticos, da ecovia e da ponte romana/medieval que nos conduz até ao centro histórico da vila;
- Boas acessibilidades internas (estradas em boas condições e percursos pedonais através das ecovias que ligam o futuro centro aos itinerários às minas) e externas (A3, A27/28);
- Boa localização geográfica no Alto Minho (centralidade);
- Terminal rodoviário que permite a deslocação a nível nacional e internacional;
- Parques de estacionamento gratuitos para autocarros, carros e bicicletas;
- Multiplicidade e proximidade de oferta turística complementar;
- Sossego, Tranquilidade e segurança em todo o concelho;
- Fixação de número representativo de novos espaços turísticos nos últimos anos;
- Riqueza patrimonial histórico-cultural, arqueológica, arquitetónica, rural, paisagística e natural;
- Existência de infraestruturas culturais e recreativas;
- Existência de alojamento turístico complementar como o Turismo de Habitação Rural;
- Gastronomia típica local e regional;
- Hospitalidade;
- Existência de produtos locais de elevada qualidade;
- Existência de percursos pedestres e ecoturísticos que se podem articular com o itinerário turístico-cultural às minas da Serra d'Arga;
- Infraestruturas bem implementadas que permite ao turista experienciar, nomeadamente posto de atendimento que apoia o visitante com informação presencial;
- Serviços complementares como o posto de turismo local;

- Existência de uma forte identidade cultural, e de um rico e vasto património material e imaterial;
- Artesanato típico e específico deste território;
- Comboio turístico que transporta os turistas do centro histórico até ao Festival de Jardins, passando próximo da 'Separadora';
- Desenvolvimento económico local;
- Ponte de Lima possui um património natural e paisagístico rico e diversificado, que se tem preservado;
- Aposta na riqueza de recursos endógenos, enquanto fatores estratégicos de diferenciação;
- Existência de rotas e circuitos, nomeadamente o Caminho de Santiago e o seu albergue nas proximidades da 'Separadora', local onde se iniciarão os itinerários;
- Ponte romana/medieval pedonal, que favorece a ligação entre as duas margens do rio;
- O concelho também é rico em património material e imaterial, com destaque para o seu Centro Histórico e o seu rico património etnográfico;
- A ruralidade é outro dos seus maiores atributos;
- Cultura popular manifestada na boa hospitalidade, no artesanato e eventos de carácter tradicional;
- A proximidade à sede do distrito (cerca de 30 minutos de distância) - Viana do Castelo;
- Aeroporto Sá Carneiro, no Porto, renovado e acessível;
- Aeroporto de Vigo;
- A requalificação das margens do Lima;
- Elevado grau de preservação ambiental;
- O crescimento da sua população jovem;
- As condições climáticas favoráveis;
- Promoção e divulgação através vários meios e formas diversificadas;
- Expansão e diversificação do turismo e lazer na região;
- Reconhecimento nacional e internacional da localidade e do seu património;
- Existência da Casa da Montanha, no Cerquido, próximo das antigas minas, que poderá servir de apoio aos turistas, com sala de exposições, formação e alojamento;
- Região segura;
- Aproveitamento do investimento público para o setor do turismo.

Relativamente aos pontos fracos podem-se referir os seguintes aspetos:

- Insuficiente capacidade de alojamento para grandes grupos;

- Diminuta atuação em rede com parceiros locais, nomeadamente com associações, restaurantes e outras entidades que ajudariam na criação de novos projetos complementares ou sub-produtos;
- Falta de articulação e concertação entre operadores e instituições turísticas;
- Fraca oferta de serviços de guias turísticos com conhecimento da região, especificamente deste segmento turístico;
- Deficiente funcionalidade do posto de turismo, especialmente aos fins-de-semana;
- Insuficiência nas acessibilidades, especialmente nos escassos acessos ferroviários;
- Baixo nível educativo e formativo da população;
- Excesso de tráfego rodoviário verificado no centro da vila e junto ao rio Lima;
- Dificuldades de coordenação entre os vários agentes que operam no mercado;
- A base económica débil e pouco diversificada e pouca recetiva à inovação;
- Ponte de Lima possui um dos mais baixos poderes de compra do Minho-Lima;
- Falta de indicação e sinalização dos pontos de interesse turístico no terreno;
- Poucas empresas de animação;

No que concerne as oportunidades importa destacar:

- O turismo como gerador de postos de trabalho e o aparecimento de novos serviços a ele associados;
- Qualificação da região com a oferta de equipamentos turísticos agregados a valores pedagógicos, culturais, históricos, sociais e científicos;
- Implementação de novos itinerários turístico-culturais;
- Utilização das novas tecnologias como instrumento promocional e de divulgação, em paralelo com os tradicionais meios de divulgação (em papel);
- Criação de suportes de informação que apoiem os turistas;
- Criação do 'Centro de Informação do Minério';
- Recuperação e adaptação de edifícios de interesse patrimonial a novas funcionalidades;
- Criação de condições de atrativas para potenciais turistas;
- Requalificação de zonas de lazer com a dinamização de oferta em animação turística;
- Implementação de um sistema de recolha de dados, quantitativos e qualitativos, sobre o perfil dos turistas e suas necessidades;
- Notável crescimento da procura pelo turismo cultural;
- Campanhas promocionais de novos pacotes turísticos associados ao património industrial e mineiro;
- Promoção de atividades de animação cultural complementar, organizadas para a época baixa;

- Desenvolvimento de atividades e programas relacionados com este segmento turístico;
- Valorização do contacto com a natureza e descoberta de produtos diferentes e originais;
- Emergência de novos padrões de consumo e motivações privilegiando experiências diversificadas (cultura, património, natureza, gastronomia, desporto);
- Lugar de elevado interesse patrimonial;
- Casas de Turismo no Espaço Rural;
- Festas, romarias e outras manifestações culturais próprias de carácter vasto e diversificado;
- Imagem muito positiva e reconhecida;
- Proximidade geográfica à Galiza, destino turístico deste segmento que já se encontra consolidado e razoavelmente reconhecido a nível internacional;
- Mudança das motivações da procura por parte dos turistas;
- Proximidade de polos universitários;
- Abertura, em breve, do Centro de Interpretação e Vivência Ativa da Natureza na Serra d'Arga, que irá possuir um espaço de informação aos turistas;
- Requalificação da paisagem;
- Criação de sinalética;
- Terminal de cruzeiros acessíveis, no Porto de Leixões, que poderá trazer turistas;
- Aproveitamento de financiamento público através de candidaturas para desenvolvimento deste tipo de projetos turísticos.

No que diz respeito às ameaças pode-se enunciar as seguintes:

- Baixos níveis de sensibilidade e de condutas cívicas da população e dos operadores para oportunidades turísticas e para as questões patrimoniais e ambientais;
- Desinteresse em investir e apoiar o evento por parte dos mecenas e patrocinadores;
- Falta de uma cultura empresarial virada para o associativismo e cooperação;
- Lacunas na promoção turística;
- Risco associado ao desenvolvimento de uma lógica de turismo de massas;
- Degradação da paisagem.

Da análise conclui-se que o concelho de Ponte de Lima, apesar de apresentar algumas fraquezas e ameaças, é detentor de oportunidades e de significativos pontos fortes que, consideramos relevantes para que, em conjunto, cooperando e estabelecendo benéficas e oportunas sinergias, se alcance sucesso neste novo projeto de turismo cultural. Carece destacar que os itinerários turístico-culturais, em complementaridade à programação já existente, irão enriquecer e valorizar o território mineiro, assim como proporcionar um desenvolvimento sustentável à região.

4.3.2. Definição e descrição dos itinerários

A criação de um itinerário implica a preparação de um caminho, normalmente pré existente, de maneira a que os seus utilizadores se sintam seguros e confortáveis quando o percorrem.

Os itinerários propostos serão acompanhados por uma estratégia de comunicação adequada, que promova a imagem do projeto a nível local, regional, nacional e internacional, fomentando o reconhecimento e facilitando o acesso à informação de forma eficaz e responsável.

Os trajetos serão diversificados mas complementares, sendo necessário estabelecer uma ligação entre os pontos turísticos, assim como, dotar o projeto com competências técnicas adequadas para garantir a sua sustentabilidade económica.

Estes percursos serão constituídos por diversos graus de dificuldade de acordo com o percurso a realizar, sendo que podem apresentar-se como fácil, moderado e exigente (Figura 43).



Figura 43 – Tipos de Percursos Pedestres

Fonte: Adaptação de

http://www.parquesdesintra.pt/wpcontent/uploads/2013/06/INFO_percursos_pedestres.pdf

Um itinerário fácil comporta *um trilho acessível com gradiente relativamente suave ou variações curtas na elevação do terreno.*

Este tipo de itinerário é adequado a todas as idades e requer um nível mediano de preparação física.

O itinerário moderado compreende um trilho com terreno variável, apresentando um gradiente moderado e inclinações abruptas, mas pouco extensas. É adequado a todas as idades e requer um nível razoável de preparação física.

Um itinerário exigente abrange um percurso com elevado grau de dificuldade, com terreno por vezes difícil, com mudanças repentinas de gradiente. Pode apresentar troços irregulares e é aconselhado para adultos com boa preparação física⁷⁵.

A forma dos percursos é, também, variável, podendo ser classificados como – circular / fechado ou linear / aberto (TOVAR, 2010:26).

⁷⁵ Conteúdo baseado em informação retirada de http://www.parquesdesintra.pt/wpcontent/uploads/2013/06/INFO_percursos_pedestres.pdf

Quanto à sua extensão podem apresentar-se como percursos de Grande Rota (GR) e têm, geralmente uma extensão superior a 30 km; e como percursos de Pequena Rota (PR) e a sua extensão não deve exceder os 30km.

Este tipo de circuitos são itinerários de forte atrativo turístico, disponíveis para diferentes públicos-alvo e faixas etárias, tendo como o objetivo primordial a visita às minas, de onde era extraído o minério, que posteriormente era encaminhado para a 'Separadora'.

Propõem-se, assim, uma sinalização adequada às necessidades estéticas dos percursos, através de diversificados materiais, tais como placas direcionadas, placas informativas, painéis informativos e balizas.

Os painéis informativos deverão conter a descrição da atividade que ocorreu nestes espaços, assim como recomendações ou advertências e contactos úteis.

Estes painéis informativos encontram-se, habitualmente, no início do percurso, em pontos de acesso ao percurso, ou em postos de observação. Contêm *informação sobre o percurso em si, sobre a área envolvente e outra informação que possa ser útil ao turista. Assim, pode encontrar-se neste tipo de painéis, em relação ao percurso: mapa ou esquema, distância total, grau de dificuldade, descrição genérica e legenda das marcas utilizadas e entidade responsável; em relação à área envolvente: informação histórica, património natural e cultural, descrição da paisagem, contactos úteis e de emergência / segurança ou qualquer outra informação considerada oportuna* (TOVAR, 2010:26).

As placas informativas são sinais que prestam informação complementar e não propriamente sobre o percurso em si.

Na falta de suportes naturais para pintura de marcas será inevitável o recurso a balizas que identificarão o percurso e orientarão os turistas.

Os percursos pedestres balizados alimentam uma tradição de mais de um século na Europa, fazendo parte integrante e incontornável das regiões europeias, enriquecendo o património das mesmas.

Carece, acrescentar, que também será prioritário contemplar processos de limpeza da vegetação envolvente beneficiando os percursos pedestres. Sempre que possível, dever-se-ia proceder à construção e instalação de mesas e bancos, caixotes do lixo e respetiva sinalética, de modo a que se encontrem facilmente identificados e acessíveis aos turistas.

Posteriormente, estes percursos pedestres poderão ser homologados garantindo, desta forma, a prática do pedestrianismo, bem como a segurança dos praticantes e a proteção do meio onde a modalidade se realiza.

O Regulamento de Homologação de Percursos Pedestres vem permitir a objetividade, a transparência, a uniformização e o rigor dos processos de implementação e manutenção de

percursos homologados, fatores necessários a uma correta implantação e desenvolvimento do pedestrianismo.

Pretende-se, assim, implementar itinerários, que proporcionem interesse e se adequem à disponibilidade temporal de cada indivíduo, indo ao encontro das suas preferências. Neste sentido, apresentam-se dois tipos de percursos, designadamente percursos pedestres e percursos com meio de transporte, uma vez que o território mineiro da Serra d'Arga ostenta grandes dimensões.

Percursos Pedestres:

4.3.2.1. 'Percurso da Separadora'

Local de partida:	'Separadora' (41°46'12.21"N / 8°35'30.51"W)
Local de chegada:	'Casa da Montanha do Cerquido'
Duração média do percurso:	6 horas
Extensão:	16, 9 km
Grau de dificuldade:	Exigente
Tipo de percurso:	Linear
Tipo de rota:	Pequena Rota
Pontos de interesse:	<ol style="list-style-type: none">1. 'Separadora'2. Minas de Santa Justa (13,9 Km)3. 'Centro de Interpretação e Vivência Ativa da Natureza' (14,1Km)4. Ribeiro de Água Levada (14,9 Km)5. Minas de Água Levada (15 Km)6. Mina de 'Estorãos' (15,3 Km)7. 'Casa de Montanha do Cerquido' (16, 9 Km)

Descrição:

Este percurso (Anexo 15) inicia-se na antiga 'Separadora' ('Centro de Informação do Minério), onde se estabelecerá o primeiro contacto com os turistas, fornecendo toda a informação sobre o percurso e sobre o território mineiro a desvendar.

Depois segue-se até à ponte romana e medieval de Ponte de Lima, ex-libris desta vila minhota, para depois se alcançar a ecovia que nos ligará até ao Palácio de Bertandos, onde poderá

vislumbrar um edifício de características maneiristas, apresentando uma imponente escadaria exterior, cuja história remonta ao século XV.

Do Palácio de Bertandos seguir-se-á até ao Centro de Interpretação da Área Protegida das Lagoas de Bertandos e S. Pedro de Arcos, atravessando esta zona húmida constituída por verdejantes tapadas com fauna e flora características do local.

Este espaço é convidativo para os amantes do ambiente podendo apreciar a natureza envolvente.

Daqui ruma-se até bem perto da Quinta de Pentieiros, local dedicado ao mundo rural que se encaixa em perfeita harmonia com a paisagem campestre tipicamente minhota.

Segue-se depois em direção aos lugares de Paredes e Sangemondes, da freguesia de S. Pedro de Arcos, onde se pode apreciar o casaria e a vinha conduzida na tradicional ramada deste espaço rural.

O itinerário continua pelo estradão florestal em direção à Serra d'Arga passando pela antiga casa do Guarda-Florestal e encaminhando-nos até aos quartéis de Santa Justa.

Pouco antes de alcançar os quartéis de Santa Justa, do lado esquerdo, pode observar as escombrelas de significativa dimensão das minas de Santa Justa (Figura 44).

Estas minas de volfrâmio revelam a atividade decorrida na década de 30/40 do século passado, resultantes da informalidade mineira.

Localizam-se todas ao longo da encosta, muito próximas umas das outras até bem próximo da linha de água, onde se encontra uma galeria cuja entrada está obstruída com pedras.



Figura 44 – Escombrelas das Minas de Santa Justa

Fonte: Própria

Já nos quartéis pode aproveitar para apreciar a paisagem panorâmica envolvente, com vista para o vale do Lima dos concelhos de Ponte de Lima e Viana do Castelo, até à foz.

Este espaço é um ponto de referência da Serra d'Arga, associada à crença popular relacionada com o local de martírio das duas irmãs: Justa e Rufina. É um local de romaria, onde se situa a Capela de Santa Justa, que antigamente servia como espaço de convívio para confrontar a tradição oral e transmitir as novidades de toda a região.

Atualmente os antigos quartéis estão a ser alvo de uma requalificação para se transformarem num 'Centro de Interpretação e Vivência Ativa da Natureza', caracterizado por possuir diversas valências e serviços, nomeadamente no apoio aos turistas.

De Santa Justa parte-se para o lugar do Cerquido, começando por atravessar o ribeiro de Água Levada (Figura 45), onde podemos contemplar a paisagem moldada pela exploração mineira.



Figura 45 – Ribeiro da Água Levada

Fonte: Própria

Neste local vislumbram-se, desde logo, as escombrelas referentes à exploração mineira de volfrâmio (Figura 46), testemunho da informalidade mineira, à procura de novas formas de enriquecimento.

Pode apreciar o ribeiro, aproveitado na época para lavagem do minério.



Figura 46 – Escombreliras das Minas de Água Levada

Fonte: Própria

Mais à frente, logo a seguir a uma pequena subida, do lado esquerdo, aproveite para observar a antiga mina de ‘Estorãos’ (Figura 47) que apresenta consideráveis escombreliras e uma galeria de grandes dimensões, de onde era extraído volfrâmio e estanho.

Esta mina representa o trabalho e o esforço de uma população que moveu terras à procura do ‘ouro negro’ na década de 40, do século passado.



Figura 47 – Galeria da Mina de Estorãos

Fonte: Própria

Neste local pode, ainda, contemplar a paisagem serrana com pequenas estruturas criadas pelo homem para abrigo, enquanto se dedicava à pastorícia, e deleitar-se, também, com a natureza bucólica.

O percurso (Figura 48) dirige-se, depois, para o lugar do Cerquido, na freguesia de Estorãos, terminando na Casa de Montanha, local acolhimento, de informação e de repouso para os turistas.

Este local prima pela localização geográfica privilegiada, oferecendo inúmeros motivos de visita.

Aqui poderá admirar as casas em granito, os socalcos de montanha, os trilhos pedestres, os ribeiros e a vegetação endógena.

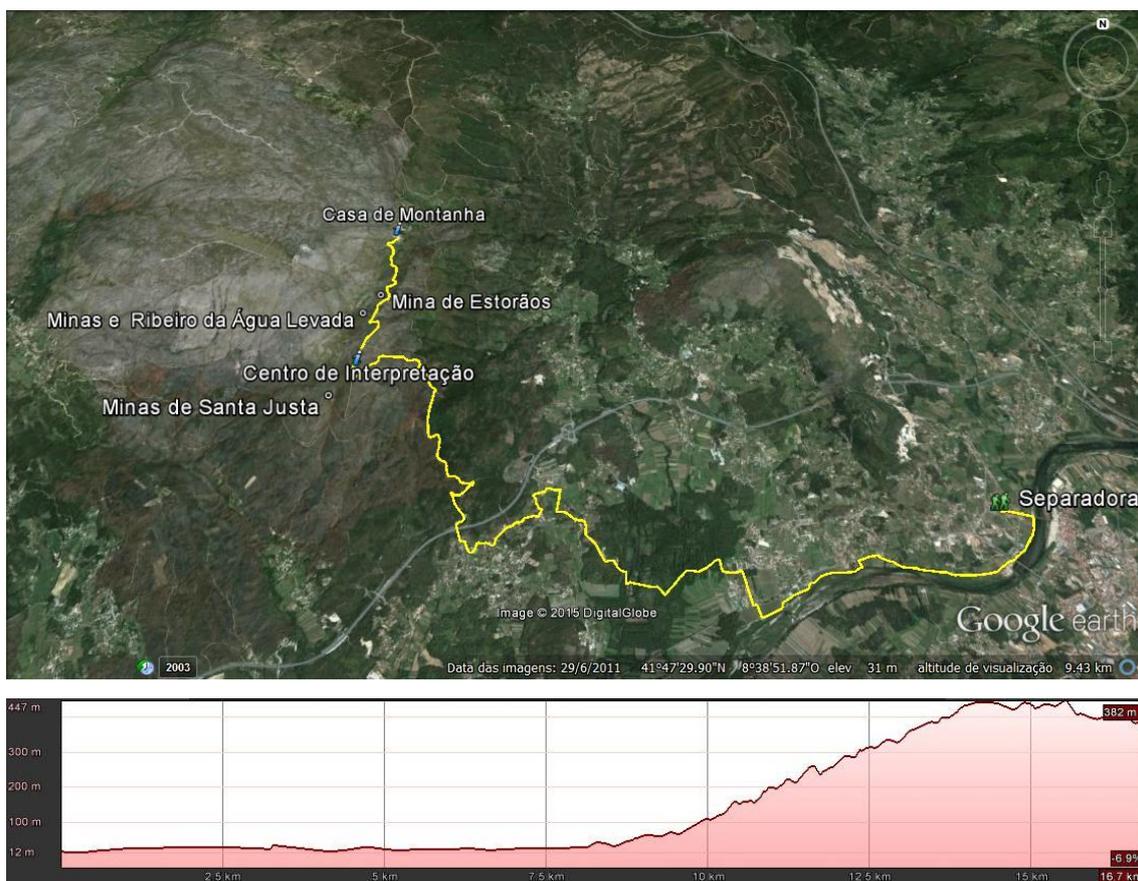


Figura 48 – Percurso da Separadora e correspondente perfil de elevação

Fonte: Própria, extraído do Google Earth

4.3.2.2. 'Percurso das Minas'

Local de partida:	'Casa de Montanha do Cerquido' (41°48'21.60"N / 8°40'34.28"W)
Local de chegada:	'Casa de Montanha do Cerquido'
Duração média do percurso:	3 horas
Extensão:	9,6 Km
Grau de dificuldade:	Moderado
Tipo de percurso:	Circular
Tipo de rota:	Pequena Rota

Pontos de interesse:	<ol style="list-style-type: none">1. 'Casa de Montanha do Cerquido'2. Mina de Estorãos (1,5 Km)3. Ribeiro de Água Levada (1,8 Km)4. Minas de Água Levada (1,9 Km)5. 'Centro de Interpretação e Vivência Ativa da Natureza' (2,7 Km)6. Minas de Santa Justa (2,9 Km – posto de observação)7. Mina do Fulão (8 Km – posto de observação)
-----------------------------	--

Descrição:

Este percurso (Anexo 16) inicia-se na Serra d'Arga, mais especificamente na Casa de Montanha do Cerquido, espaço que reúne todas as condições para ser o local de receção e informação aos turistas, ponto de partida ou chegada de itinerários turísticos, promovendo eventos de animação de base local e concebendo rotas e percursos na linha do *touring* cultural e paisagístico.

Parte-se deste espaço seguindo o caminho que liga o Cerquido aos quartéis de Santa Justa.

Antes de atravessar o ribeiro de Água Levada, do lado direito, encontra-se a antiga exploração de volfrâmio e estanho denominada 'Estorãos' que apresenta uma galeria e escombrelas de significativa dimensão (Figura 49).



Figura 49 – Escombrelas da Mina de Estorãos

Fonte: Própria

Esta mina era da responsabilidade de José Maria Soares Vieira e laborou desde 1939 a 1950. No ano de 1956 esta concessão passou para a responsabilidade de Godofredo Pereira Pinto encerrando, depois, em 1967.

Local para usufruir da paisagem envolvente que revela pequenas construções edificadas para abrigo do homem enquanto se dedicava à pastorícia.

Seguindo em frente, junto à descida antes do ribeiro, pode observar-se, do lado direito, várias escombrelas, fruto da informalidade mineira, da década de 40 do século passado, que gerou alguma riqueza e, conseqüentemente, desenvolvimento para a região.

Este ribeiro era o local de lavagem do minério, explorado nas minas vizinhas.

Nas minas explorava-se volfrâmio que depois era vendido a compradores, que andavam de porta em porta nas aldeias, ou era transportado à cabeça até à 'Separadora', no Largo da Freiria, em Arcozelo.

Passando-se o ribeiro e as minas de Água Levada sobe-se até ao Calvário de Santa Justa.

Daqui já se consegue vislumbrar os quartéis e a Capela de Santa Justa, assim como o futuro 'Centro de Interpretação e Vivência Ativa da Natureza', que servirá de ponto de acolhimento e informação aos turistas.

Este espaço era um local de romaria que consubstancia a crença popular de Justa e Rufina, local de martírio das duas irmãs, onde se encontra um penedo denominado de “Penedo da Virgindade”, onde as raparigas jovens colocavam a cabeça num buraco, obtendo a certeza de serem virgens, se a conseguissem retirar com facilidade. Interpretado como o penedo da fertilidade os jovens casais recorriam à Santa para conseguirem alcançar o tão ansiado filho.

Deste local observa-se perfeitamente as várias escombrelas das minas de ‘Santa Justa’, originárias da atividade mineira de volfrâmio decorrente da década de 30/40 do século passado. Estão situadas todas ao longo da encosta, muito próximas umas das outras até bem próximo do curso de água, onde se encontra uma galeria cuja entrada se encontra fechada com pedras.

De Santa Justa o percurso dirige-se até ao estradão florestal encaminhando-se, à esquerda, para regressar ao lugar do Cerquido. Durante esta caminhada poderá usufruir da paisagem envolvente constituída por pequenos bosques de espécies autóctones, arborizações de pinheiro bravo e eucalipto; áreas de mato e giestais, de uso predominantemente pastoril e culturas agrícolas permanentes como a vinha e os olivais.

No final do estradão segue em direção ao lugar do Cerquido podendo admirar a paisagem serrana moldada por matas e pequenos bosques de carvalho, azevinho e sobreiro, que, frequentemente, crescem na proximidade de cursos de água cristalinos.

Continua o percurso até encontrar a sinalética direcional do Cerquido (à esquerda). À sua frente poderá vislumbrar as escombrelas da mina do Fulão, assim como antigas construções dessa mesma exploração mineira (Figura 50), de relevante importância para a época.



Figura 50 – ‘Casa da Direção’ e escombrela da Mina de Fulão

Fonte: Própria

A sua concessão era da responsabilidade da empresa MIPOLI – Minas de Ponte de Lima - que se dedicou à exploração de volfrâmio, estanho tântalo e ouro na década de 40 do século passado.

Esta exploração gerou um aumento significativo de emprego para a população local e regional, tornando o território mais competitivo e desenvolvido.

Com esta mina surgiram novos edifícios nomeadamente a ‘Casa da Direção’ para albergar os diretores e engenheiros e a ‘Casa do Pessoal’ para alojar alguns trabalhadores mineiros, que ainda se encontram visíveis na paisagem mineira. Ao fundo, junto ao ribeiro, funcionava a lavoura desta concessão.

Esta exploração mineira permitiu, também, a abertura de novos acessos à Serra d’Arga através da construção de uma estrada e de uma ponte.

A abertura de caminhos gerou uma nova dinâmica, pois a facilidade em aceder à Serra d’ Arga era muito melhor, podendo efetuar-se o transporte do minério em viaturas, desde as minas situadas nesta serra até à ‘Separadora’.

Até essa época os acessos eram efetuados por trilhos ou caminhos de cabras.

O percurso continua até depois da ponte sobre o ribeiro do Cavalinho, onde irá encontrar um caminho, à esquerda, que fará a ligação até Bouça do Abade e desta até à Casa de Montanha, no Cerquido.

Durante esta última caminhada poderá observar os socacos de montanha, culturas agrícolas e as altas escarpas rochosas de granito que caracterizam o local.

O percurso (Figura 51) termina na Casa de Montanha, núcleo aglutinador da partida e chegada de itinerários turísticos.

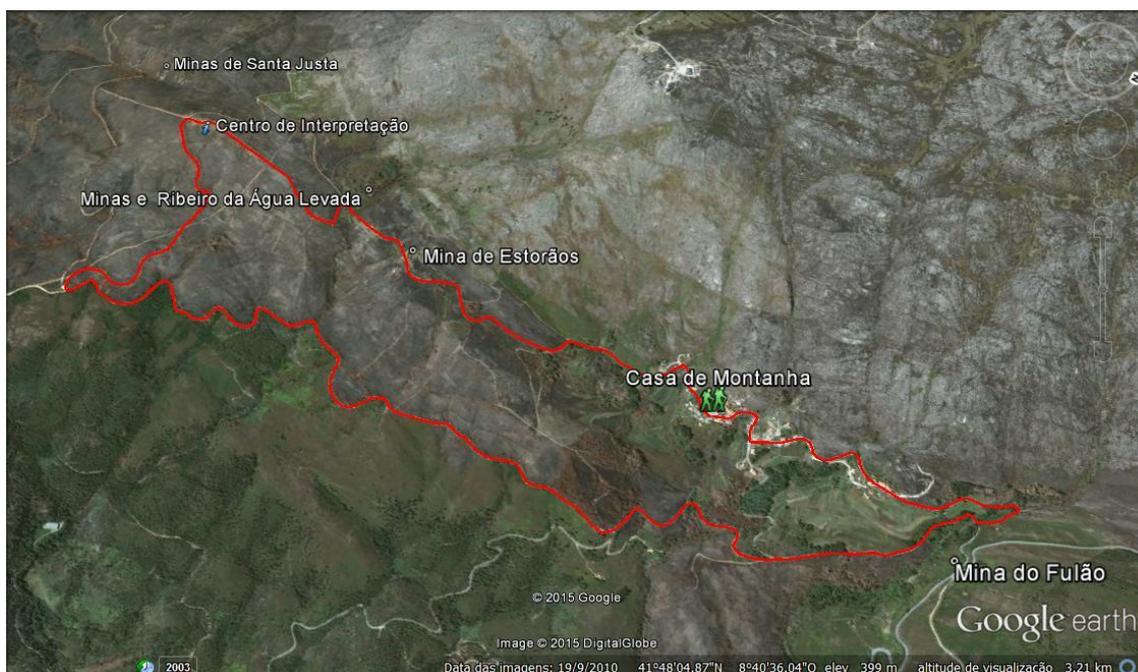




Figura 51 – Percurso das minas e correspondente perfil de elevação

Fonte: Própria, extraído do Google Earth

4.3.2.3. 'Percurso da Venda do Minério'

Local de partida:	'Casa de Montanha do Cerquido' (41°48'21.60"N / 8°40'34.28"W)
Local de chegada:	'Separadora'
Duração média do percurso:	4 horas
Extensão:	11,3 Km
Grau de dificuldade:	Moderado
Tipo de percurso:	Linear
Tipo de rota	Pequena Rota
Pontos de interesse:	<ol style="list-style-type: none"> 1. 'Casa de Montanha do Cerquido' 2. Mina do Fulão (0,8 Km) 3. 'Separadora' (11,3 Km)

Descrição:

Este percurso (Anexo 17) representa o itinerário que antigamente era efetuado pelos trabalhadores mineiros que, desde a Serra d'Arga, traziam o minério à cabeça para ser vendido na 'Separadora'.

O percurso inicia-se na Casa de Montanha do Cerquido (Figura 52), local de acolhimento e informação aos turistas. Este espaço disponibiliza, também, alojamento, em perfeita harmonia com a paisagem e espaços dedicados a exposições.



Figura 52 – Casa de Montanha do Cerquido

Fonte: Própria

Seguimos depois pela estrada que liga o Cerquido a Estorãos.

À saída do Cerquido, em frente, pode observar-se as escombrelas (Figura 53) e edifícios da antiga exploração mineira de volfrâmio, estanho, tântalo e ouro denominada “Fulão”.

Os edifícios visíveis serviram para albergar antigos trabalhadores mineiros e engenheiros e direção da concessionária, intituladas designadamente por ‘Casa do Pessoal’ e ‘Casa da Direção’.



Figura 53 – Escombrela da Mina do Fulão

Fonte: Própria

Esta exploração gerou um considerável desenvolvimento da região através da construção de estradas e da oferta de emprego para a população, sedenta do “fácil enriquecimento”.

Virando à direita, pode, de seguida, admirar antigos moinhos do Cerquido que junto ao curso de água laboravam, e ancestrais sobreiros de dimensões consideráveis.

Ao longo do percurso pode observar-se a paisagem campestre e florestal constituída por campos agrícolas em socalcos de montanha, por olivais e pomares e por pequenos bosques de espécies autóctones, arborizações de pinheiro bravo e eucalipto.

Vai-se descendo na estrada municipal 1354 passando pelo lugar da Costa até ao lugar da Pica, admirando a paisagem rural com as suas vinhas na tradicional ramada.

Da Pica o percurso dirige-se para a igreja de Estorãos, atravessando uma pequena ponte e dirigindo-se pela antiga estrada podendo admirar antigas fontes.

Já na igreja de Estorãos, segue até à ponte romana com a sua característica azenha e depois até Santo Amaro. Daqui encaminha-se para a Veiga da Agra e da Lousa, onde poderá observar as veigas tipicamente minhotas, passando pelo monumento designado ‘Estátua das Quatro Mãos’ que invoca a união das quatro freguesias (Estorãos, S. Pedro de Arcos, Moreira do Lima e Sá) na luta por ultrapassar as dificuldades sentidas na década de 60, do século passado, com o primeiro projeto de emparcelamento agrícola português e regadio.

Depois segue em direção a Sá até à Senhor da Saúde, encaminhando-se a partir deste local pela estrada que nos guia até à Senhora da Luz.

Da Senhora da Luz dirige-se para a ‘Separadora’, local onde muitos mineiros vendiam o minério, principalmente aos dias de feira, para auferirem rendimento e conseguirem desfrutar da feira, comprando os bens necessários.

Neste local termina o percurso (Figura 54) e fornece-se as informações e esclarecimentos aos turistas.

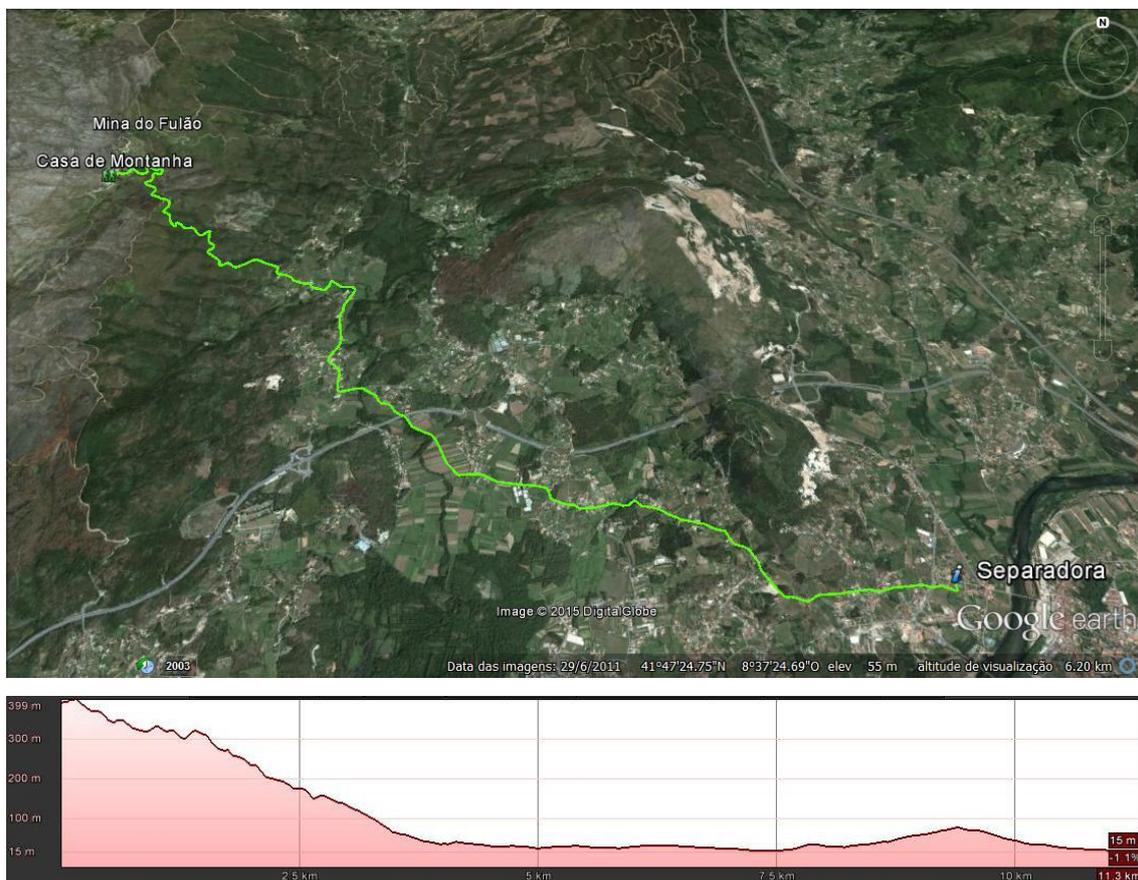


Figura 54 – Percurso da venda do minério e correspondente perfil de elevação

Fonte: Própria, extraído do Google Earth

Percurso com meio de transporte⁷⁶:

4.3.2.4. 'Percurso da Represa'

Local de partida: 'Separadora' (41°46'12.21"N / 8°35'30.51"W)

Local de chegada: 'Casa de Montanha do Cerquido'

Extensão: 16,6 Km

Tipo de percurso: Linear

- Pontos de interesse:**
1. Barragem do Lourinhal (9,6 Km)
 2. Mina do Fulão (12,5 Km)
 3. Mina do Cavalinho (14 Km)
 4. 'Casa de Montanha do Cerquido' (16,6 Km)

⁷⁶ Este percurso poderá ser realizado com um meio de transporte próprio (automóvel) ou através de autocarro (para grupos, mediante inscrição e marcação prévia).

Descrição:

Este percurso (Anexo 18) representa o itinerário que era feito desde a ‘Separadora’ até à Serra d’Arga, após a abertura da estrada que gerou uma nova dinâmica, podendo efetuar-se o transporte do minério em viaturas, desde as minas situadas nesta serra até à ‘Separadora’.

O percurso inicia-se na antiga ‘Separadora’, espaço onde era tratado o minério oriundo das minas da Serra d’Arga.

Deste local segue-se pela estrada nacional em direção a Viana do Castelo, optando seguidamente pela estrada nacional que se dirige à Serra d’Arga em direção a Moreira do Lima, aproveitando para desfrutar de toda a paisagem marcadamente rural, serpenteada por ribeiros cristalinos.

Depois de Moreira encaminha-se para o lugar do Lourinhal, passando por uma ponte, que foi construída pela empresa MIPOLI, com o objetivo de aceder mais facilmente à serra.

Após a ponte, à direita, encontra-se um caminho em terra batida que nos leva até à represa do Lourinhal (Figura 55) ou barragem de finos do Lourinhal.



Figura 55 – Represa do Lourinhal

Fonte: Própria

Esta estrutura surgiu devido à intensa exploração mineira ocorrida nesta área que acarretou uma alteração artificial do leito do ribeiro de Fragos.

Junto ao curso de água da Ribeira do Seivalvo, afluente deste rio, foi construída uma lavaria das minas e, como forma de reter os escombros presentes neste leito, foram construídas duas

barragens. Uma delas junto à lavaria da antiga mina e outra próximo da ponte do Lourinhal. A primeira cedeu à força das águas, seguindo todo o escombros para a outra barragem, que ainda subsiste atualmente.

Esta estrutura passa despercebida, parecendo natural.

Após esta paragem segue-se em direção ao Cerquido passando pela localidade mineira das 'Mãos', onde existiu também uma mina com o mesmo nome.

Depois passa-se pela exploração mineira do Fulão, onde se pode observar as escombrelas e edifícios construídos para alojar os engenheiros e os trabalhadores mineiros. Esta mina foi de crucial importância para a época

O percurso segue, podendo dirigir-se em direção a Arga de Cima, parando no lugar do Cavalinho, onde se encontra identificada uma antiga exploração mineira de volfrâmio e estanho da responsabilidade da empresa 'Entrepósito Mineiro do Minho', em funcionamento na década de 40 do século passado.

Presentemente ainda é visível uma galeria e uma trincheira, assim como uma escombrela de dimensões consideráveis, por cima da mina, junto à estrada.

Próximo da galeria existe, também, uma casa de xisto que, de acordo com o plano de lavra da antiga concessão, corresponde ao local da antiga lavaria manual. Mais em baixo, perto desta, encontra-se um edifício de exíguas dimensões, que constitui o antigo paiol desta mina.

Deste local segue-se em direção ao Cerquido, passando-se novamente pela mina do Fulão. Poderá contemplar mais atentamente esta área mineira de valor patrimonial, agora noutra perspetiva, no lado oposto do vale que nos separa da mina.

O percurso (Figura 56) termina na 'Casa de Montanha', espaço de acolhimento e informação aos turistas.

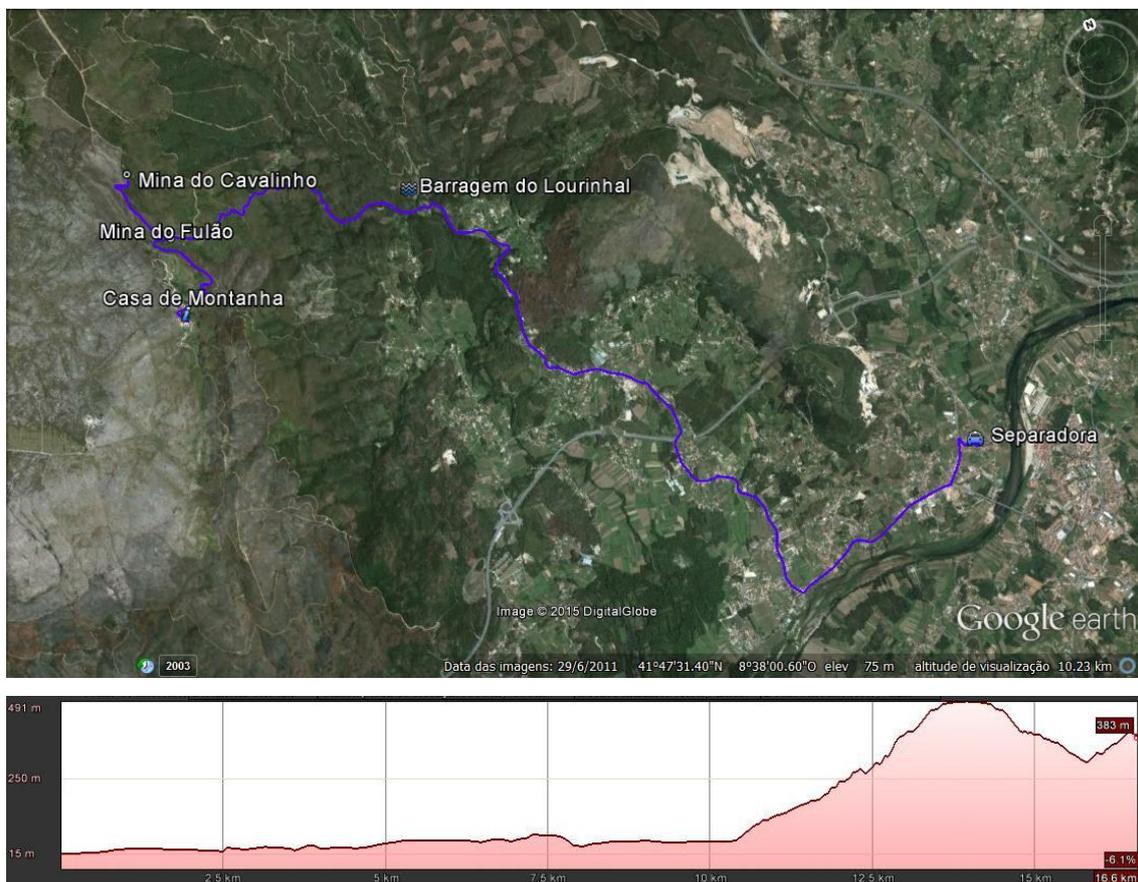


Figura 56 – Percurso da Represa e correspondente perfil de elevação

Fonte: Própria, extraído do Google Earth

O circuito pelas Minas da Serra d'Arga serão o fio condutor desta viagem marcada por temas fortes, tais como Património, Vida Rural, Natureza e Tradição.

O itinerário convidará a conhecer um património valioso, reflexo de vivências passadas.

Neste cenário natural conseguirá desfrutar do mundo rural, através do contacto com aldeias serranas, dos campos cultivados e da convivência com homens e mulheres entregues à vida campestre, numa labuta diária direccionada para a agricultura e pecuária.

Ao longo do percurso poderá apreciar toda a natureza envolvente: as paisagens, os ribeiros, a fauna e a flora típicas desta serra.

Através de heranças transmitidas ao longo dos tempos poderá admirar tradições incorporadas nesta região que caracterizam a paisagem e o modo de ser e estar da população local.

Paralelamente poder-se-á disponibilizar aos turistas ofertas complementares, associado ao percurso das minas, nomeadamente outros percursos paisagísticos e monumentais existentes na Serra d'Arga, que são um potencial turístico endógeno, a título exemplificativo:

- Turismo religioso (S. João d'Arga, Santa Justa, São Lourenço da Montaria, Nossa Senhora do Minho)
- Percursos pedestres em espaço de montanha (Trilho do Lobo do Atlântico)
- Turismo aventura (Bike Parque e Quinta de Pentieiros)
- Turismo de natureza (Área de Paisagem Protegida das Lagoas de Bertandos e S. Pedro de Arcos, Quinta de Pentieiros e a própria Serra d'Arga que pertence à Rede Natura 2000).

Este itinerário poderá ser enriquecido com serviços de alojamento e restauração nas freguesias serranas, através da recuperação e dinamização das antigas casas para fins turísticos, nomeadamente os edifícios construídos para alojar engenheiros (Figura 57) e os trabalhadores das minas (Figura 58), que, durante a exploração mineira, permaneciam durante toda a semana na serra. Estes edifícios ainda se encontram na serra, onde permanecem as estruturas das casas com paredes, em ruínas e invadidas pela vegetação.

Apresentando condições naturais, existem, ainda, na serra numerosas casas de xisto que já foram recuperadas, e outras que requerem recuperação, ostentando grande potencial para alojamento, restauração e/ou ponto de informação turístico, caso os seus proprietários demonstrem interesse em investir nesta área.



Figura 57 - Casa do Pessoal – fotografia atual

Fonte: Própria



Figura 58 - Casa da Direção – fotografia atual

Fonte: Própria

A correta implementação destes itinerários acarreta o estabelecimento de múltiplas parcerias, de forma a tornar os percursos viáveis e sustentáveis, baseando-se na partilha de conhecimento, experiências e de estratégias diferenciadoras.

4.4. Estabelecimento de parcerias nacionais e internacionais para promoção do património industrial e mineiro

O património industrial e mineiro tem a capacidade de se tornar protagonista de uma rede de organismos e projetos vocacionados para o turismo que conservam potencial para se transformarem em lugares turísticos.

Neste sentido, torna-se imprescindível o estabelecimento de parcerias para tornar sustentável um projeto baseado em índoles culturais, turísticas e científicas, que abarca a salvaguarda e valorização patrimonial.

A existência de uma correlação clara de parcerias deverá basear-se numa conjugação de esforços com instituições sólidas, credíveis e experientes para agregar valor ao projeto e se converter num recurso turístico de grande relevância, como aconteceu já noutros países. Esta cooperação cultural torna-se uma ferramenta fundamental para construir e ancorar novas estratégias participativas, favorecendo relações, partilhas e conhecimentos.

Uma das parcerias mais significativas a estabelecer será com a Câmara Municipal de Ponte de Lima, com as Juntas de Freguesia de Estorãos, Cabração e S. Pedro de Arcos e com a ADRIL.

O Município de Ponte de Lima, em parceria com as Juntas de Freguesia e proprietários das minas, edifícios e terrenos, poderá contribuir para o enriquecimento cultural da região através do fornecimento de informação de antigas minas, de dados históricos acerca da atividade mineira e cooperar para o desenvolvimento de roteiros turísticos e para a criação de espaços museológicos inovadores abarcando recepção ao turista e alojamento temático. Poderá, ainda, melhorar a gestão e planeamento territorial georreferenciando e sinalizando poços, cortas e galerias existentes no território mineiro da Serra d'Arga.

A ADRIL, tendo subjacente um modelo de desenvolvimento socioeconómico, poderá ser um parceiro importante na obtenção de financiamento tornando o projeto sustentável.

Será pertinente, também, que o Município apoie este projeto com infraestruturas existentes na Serra d'Arga, como “A Casa de Montanha do Cerquido”, na aldeia do Cerquido que já se encontra totalmente equipada para alojamento, complementada com áreas para exposições e espaços para recepção aos turistas. Desta forma, existiria na Serra D'Arga um ponto de atendimento e de informação aos visitantes e turistas.

Uma outra valência fundamental para apoio ao turista será o futuro “Centro de Interpretação e Vivência Ativa da Natureza” (Figura 59) a implementar pelo Município de Ponte de Lima junto aos antigos Quartéis de Santa Justa, próximo das minas, que incluirá uma panóplia de serviços de carácter diversificado e multifuncional, nomeadamente turístico, com espaços de apoio aos visitantes e alojamento, brevemente disponível ao público.



Figura 59 – Centro de Interpretação e Vivência da Natureza

Fonte: Própria

No plano nacional poderá integrar-se este projeto na iniciativa conjunta da Direção Geral de Energia e Geologia, da Empresa de Desenvolvimento Mineiro SA e do Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, incluindo os itinerários no *Roteiro das Minas e Pontos de*

Interesse Mineiro e Geológico de Portugal. Trata-se de um projeto de relevante contributo e significado interesse para o conhecimento do património mineiro e geológico de Portugal que tem como objetivo divulgar um conjunto de ofertas locais já implementadas, valorizando o património e difundindo o conhecimento científico.

Internacionalmente será oportuno e pertinente integrar o futuro ‘Centro de Informação do Minério’ na Rota Europeia de Património Industrial (ERIH), que se constitui uma fonte de informação turística sobre o património industrial europeu.

Os itinerários turístico-culturais às minas da Serra d’Arga deverão incorporar a Rede Europeia de Património Mineiro (Europamines), criada no âmbito do Programa Cultura 2000, da União Europeia, que desenvolveu um código de boas práticas para a sustentabilidade de projetos de conservação e interpretação do património mineiro na Europa, assim como conjeturou a criação de estratégias modelares para a defesa dos valores e interesses dos sítios de património mineiro. O desenvolvimento do projeto prevê, também, a sua integração nas *“Rotas do Volfrâmio na Europa – Memória dos Homens e Património Industrial”* que foi identificado pelo IS CET (Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo) / CIIC (Centro de Investigação Interdisciplinar e Intervenção Comunitária), como sendo um projeto de grande interesse e potencial para as comunidades locais nele envolvidas, pela valorização dos seus recursos, potenciando, assim, o desenvolvimento local e o surgimento de novas dinâmicas turísticas, como também, uma grande valia para a comunidade académica, que através da investigação e do trabalho de campo, tem no presente projeto a possibilidade de partilhar as várias áreas do conhecimento aplicando-as nos territórios envolvidos⁷⁷. Uma rota europeia que tem por base as minas de volfrâmio numa oferta turística inovadora e capaz de projetar no espaço e no tempo a memória histórica e patrimonial do povo europeu.

Torna-se, também, primordial a instituição de parcerias com a Galiza, geograficamente localizada próxima desta região, que já possui uma vasta experiência e detém projetos convenientemente implementados para atrair turistas que valorizam este tipo de património, nomeadamente o projeto das Minas de Fontao e das Minas de San Finx de Lousame, entre outros de particular relevância.

Convém salientar que Ponte de Lima é um dos destinos turísticos escolhidos pelos espanhóis, que consideram esta região culturalmente atrativa. O património mineiro será mais um recurso turístico a disponibilizar, complementando todos os outros já oferecidos e acessíveis para visita. Com esta parceria pretende-se reforçar esta região como um destino de eleição de turismo cultural, contribuindo para o desenvolvimento da localidade e dos seus habitantes.

⁷⁷ Ver <http://routesofwolfram.eu/pt/projeto/enquadramento.html>

Outra estratégia a desenvolver será a implementação de mais uma parceria que originará a inclusão destes itinerários no projeto europeu Atlanterra/ Green Mines que apresenta como linhas de ação a promoção do turismo cultural e de natureza, bem como a divulgação da cultura e tradições associadas às atividades mineiras e a uma gestão sustentável deste património histórico, cultural e natural. O Atlanterra/ Green Mines encoraja a criação de projetos em sítios mineiros e integra dez parceiros de cinco países diferentes designadamente Grã-Bretanha, Irlanda, Portugal, Espanha e França.

Todas as parcerias a implementar permitirão potenciar o conhecimento deste tipo de património e desenvolver sinergias entre entidades, instituições, associações investigadores e especialistas, essenciais para o sucesso de um projeto de reabilitação de minas abandonadas e de desenvolvimento local.

Almeja-se, assim, promover o envolvimento de stakeholders diversos, através da implementação de modelos de participação diferenciados e do desenvolvimento de um quadro de parceiras alargado.

CONCLUSÃO

A proposta de promover o património mineiro de Ponte de Lima como nova opção turística pode estabelecer uma complementaridade às atividades económicas e à diversidade programacional já existentes.

A cultura enquanto causa catalisadora é criadora de desenvolvimento e elemento de consolidação coletivo que através dos recursos patrimoniais potencializa e atrai turismo.

Este modelo de projeto qualifica o uso de uma antiga estrutura física de cariz industrial que se pretende implementar para novas perspetivas turístico-culturais, lúdicas, pedagógicas e científicas.

A recuperação do imponente edifício da 'Separadora' transformará um imóvel degradado num espaço agradável que, inteligentemente adaptado e respeitando um necessário equilíbrio conjuntural, dignificará a localidade e a região.

Surgirá, assim, um 'Centro de Informação do Minério' que funcionará associado à implementação de itinerários turístico-culturais às minas da Serra d'Arga que irão valorizar a cultura desta vila e fomentarão um considerável e significativo movimento económico na região.

Este futuro centro de informação, cultura e lazer constituirá um repositório de conhecimento e de identidade cultural, social e histórica de uma época marcada pela exploração mineira.

São, assim, apresentados múltiplos benefícios em aplicar o turismo cultural de forma organizada, através de um prévio planeamento que incentive a cooperação entre proprietários, autarquia, entidades e associações para se alcançar êxito.

Considerando, porém, que não existe uma única resposta viável para um projeto de revitalização, conclui-se que a solução válida passa necessariamente pela consideração de programas adequados às características arquitetónicas do edifício e às necessidades locais, procurando conciliar-se estes dois cruciais aspetos.

Nesta conformidade, a qualidade dos espaços a criar deverão garantir o conforto na sua utilização e responder às exigências do novo programa introduzido, assim como respeitar a essência industrial e os valores patrimoniais da preexistência.

Este tipo de intervenção revelar-se-á um meio fundamental para atingir a salvaguarda de um edifício industrial com valor cultural, preservando a memória social local.

Esta será uma aposta na relação positiva entre o Património Mineiro e o Turismo Industrial, associados a um projeto sobre uma estrutura industrial com valor histórico e cultural.

A valorização e preservação deste património cultural, considerado como uma mais-valia, é um elemento vital a defender, pois reveste-se de particular importância e apresenta todos os elementos necessários para ser um farol de atratividade, que incidirá sobre turistas que procuram este tipo de segmento turístico que se almeja oferecer.

A implementação de itinerários turístico-culturais servirá para alavancar o projeto propiciando a dinamização e geração de atividades e dinâmicas locais e regionais imprescindíveis à preservação deste tipo de património.

Estes itinerários, ancorados em diversificadas estratégias de marketing, atrairão turistas que originarão um paulatino crescimento dos índices de repetição e recomendação da visita contribuindo para a implementação de um produto turístico empreendedor capaz de transformar o território. Através de lógicas de apelo à criatividade estes percursos atuarão como renovadores e requalificadores de antigas zonas mineiras, atualmente abandonadas e degradadas, que irão cativar turistas com vontade de voltar a experimentar.

Este tipo de projeto terá que assentar em premissas de um bom planeamento, que gerará um desenvolvimento sustentável e apresentará amplos benefícios à população local, nomeadamente oportunidades de diversificação e consolidação económica, criação de emprego, valorização da identidade local e autenticidade cultural.

Neste contexto, será de crucial importância que todos os interessados sejam envolvidos para se implementar um projeto dinâmico, inserido numa região cuja população será parte integrante do respetivo processo, promovendo-se, deste modo, a participação de todos os stakeholders locais. Pretende-se, desta forma, que o projeto alcance um forte espírito de cooperação e colaboração entre todos os intervenientes.

Conclui-se que o património industrial mineiro baseado em princípios de sustentabilidade e planeado de modo integrado e responsável, melhorará a qualidade de vida da população local e acarretará vantagens competitivas indiscutíveis.

Este tipo de património aliado ao turismo irá fomentar a identidade cultural e preservar as memórias locais permitindo o desenvolvimento e a incrementação de emprego, através da criação de infraestruturas e serviços indispensáveis à indústria turística.

Pretende-se, assim, proporcionar o desenvolvimento do turismo no meio rural, com uma oferta viável, que vise a intervenção e revitalização local e regional, através o estabelecimento de um conjunto de parcerias nacionais e internacionais que permitam garantir a sustentabilidade do projeto nas suas mais distintas valências.

Da investigação importa-nos afirmar que a exploração mineira modificou a história desta região na medida em que representou novas oportunidades de trabalho e novas formas de visualizar o futuro.

De salientar que a população foi a protagonista deste projeto, principalmente aqueles que contribuíram com valiosos depoimentos para o desenvolvimento desta investigação. Sem estes testemunhos e memórias não seria possível a realização do estudo, pois a bibliografia existente sobre esta temática é reduzida. As experiências relatadas por antigos trabalhadores da 'Separadora' e das minas foram fundamentais e de grande relevância para a execução deste trabalho.

Este é, certamente, um estudo inacabado, sujeito a julgamentos e críticas, mas que servirá de base para investigações futuras, nomeadamente na área do património cultural, industrial e mineiro.

BIBLIOGRAFIA

I Congresso Internacional da Rota do Românico : comunicações

(2012). Lousada : Centro de Estudos do Românico e do Território. 163p. ISBN 978-989-97769-1-3.

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de (2003) – ***Povoamento Romano do Litoral Minhoto entre o Cávado e o Minho***. [S.l.] : Edição do Autor. 469 p.

ALMEIDA, Carlos A. Brochado (2007) - ***Ponte de Lima: uma vila histórica do Minho***. Ponte de Lima: Município de Ponte de Lima. 383 p. ISBN 978-972-8846-14-5.

ALONSO, Joaquim Mamede (2008) - ***As condições naturais e o território de Ponte de Lima***. Ponte de Lima: Município de Ponte de Lima. 327 p. ISBN 978-972-8846-17-6.p. 85.

ÁLVAREZ ARECES, Miguel Ángel (2001) – ***Patrimonio Industrial, Identidad cultural y sostenibilidad***. In Arqueología Industrial, Património y Turismo Cultural. Gijón : Incuna - Asociación de Arqueología Industrial. (Los ojos de la memoria). ISBN 84-607-2646-0 . p. 13-31.

ÁLVAREZ ARECES, Miguel Ángel (2001) – ***Asturias: Patrimonio y Turismo Industrial***. In Arqueología Industrial, Património y Turismo Cultural. Gijón : Incuna - Asociación de Arqueología Industrial. (Los ojos de la memoria). ISBN 84-607-2646-0 . p. 63-72.

ÁLVAREZ ARECES, Miguel Ángel (2003) – ***Industrias culturales y patrimonio industrial: hacia un eje cantábrico en los itinerários industriais europeos***. In Estruturas y paisajes industriales: proyectos socioculturales y turismo industrial. Gijón : Incuna - Asociación de Arqueología Industrial. (Los ojos de la memoria). ISBN 84-607-8821-0 . p. 15 – 39.

ÁLVAREZ ARECES, Miguel Ángel; GONZÁLEZ MARROQUÍN, Vitor (2002) – ***Mapa de recursos del patrimonio industrial***. In Património Industrial: Lugares de la memória. Gijón : Incuna - Asociación de Arqueouseologia Industrial. (Los ojos de la memoria). ISBN 84-607-5576-2 . p. 87-108.

ALVES, Raquel Cepeda (2014) – ***Contribuição para um sistema de gestão integrada de sítios mineiros do NW de Portugal*** [em linha].Braga: Universidades do Minho [Consult. 30

nov. 2014]. Disponível em WWW: <URL:
<https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/30265>>.

ARMADA, Fina d' (2008) – **Mulheres de Riba de âncora na febre do estanho e do volfrâmio**. In *Estudos Regionais*, II Série, n.º 2. p. 169-196.

BALCAR, M.; PEARCE, D. (1996) - **Heritage tourism on the West coast of New Zealand**. In *Tourism Management* 17(3). p. 203-212.

BARBOSA, Rui C. (2013) – **Minas dos Carris – Histórias Mineiras na Serra do Gerês**. [s.l.]: Edição Independente. 278 p. ISBN 978-989-20-4327-2.

BARROQUEIRO, M. (2005) - **O declínio de Centro Mineiros Tradicionais no contexto de uma Geografia Industrial em mudança: As Minas de Aljustrel e da Panasqueira**. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana e Planeamento Regional e Local. Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

BESSIERE, Jacynthe (2000) – **Valeurs rurales et imaginaire touristique**. AMIROU, Rachid; BACHIMON, Philippe, dir. – In *Le tourisme local: une culture de l' exotisme*. Paris: l'Harmattan.

BRANDÃO, J.M. (2002) - **Recuperação e fruição de uma herança patrimonial comum**. In Brandão, J.M. (coord.). *Actas do Congresso Internacional sobre Património Geológico e Mineiro*. Lisboa: Museu do Instituto Geológico e Mineiro, 5-12.

CALDERON MORENO, M. (2006) - **Peñarroya-Pueblonuevo**. Museo geológico minero. In *Boletín de la Asociación Provincial de Museos Locales de Córdoba* 6. p. 263-268 [em linha]. [Consult. 21 março. 2014]. Disponível em WWW:<URL:
http://www.museoslocales.com/Archivos/Adjuntos/Contenidos/Boletin_n_6.pdf >.

CANO GARCÍA, M. (2006) - **Belmez. Museo histórico y del Territorio Minero**. In *Boletín de la Asociación Provincial de museos locales de Córdoba* 6. p. 47-51 [em linha]. [Consult. 21 março. 2014]. Disponível em WWW:<URL:
http://www.museoslocales.com/Archivos/Adjuntos/Contenidos/Boletin_n_6.pdf >.

CAÑIZARES RUIZ, C. (2008) - **El atractivo turístico de una de las minas de mercurio más importantes del mundo: el parque minero de Almadén (Ciudad Real)**. In *Cuadernos de*

Turismo 21. p. 9-31 [em linha]. [Consult. 21 março. 2014]. Disponível em WWW:<URL: <http://revistas.um.es/turismo/article/view/24971/24261>> .

CAPEL, Horacio (1996) - ***El Turismo Industrial y el Patrimonio Historico de la Electricidad*** . In Catalogación del Patrimonio Histórico. Actas de las I Jornadas sobre Catalogación del Patrimonio Histórico. Hacia una integración disciplinar. Sevilla 19 al 22 de abril de 1995. Sevilla: Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico. p. 170-195. [em linha]. [Consult. 21 março. 2013]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.ub.edu/geocrit/sv-14.htm>>.

CARRASCO GUIASADO, Y.; AUTE, F. J. (2004) - ***Arquitectura industrial en Peñarroya-Pueblonuevo a finales del siglo XIX y principios del XX***". In Servicio de Publicaciones del Ayuntamiento de Peñarroya-Pueblonuevo, Córdoba.

CARVALHO, Carlos Neto de, [et al.] (2010) – ***Tempos loucos do Volfo*** [em linha]. [s.l.] : [s.n.] [Consult. 10 maio. 2014]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.naturtejo.com/ficheiros/conteudos/pdf/geoturismo/5.7.pdf>> .

CARVALHO, Paulo (sem data) – ***Património e Território: dos lugares às redes*** [em linha]. Centro de Estudos Geográficos: Universidade de Coimbra [Consult. 21 out. 2013]. Disponível em WWW:<URL:http://www.sper.pt/VCHER/Pdfs/Paulo_Carvalho.pdf>

CASANELLES RAHOLA, Eusebi (2001) – ***O Patrimonio Industrial***. In Arqueologia Industrial, Património y Turismo Cultural. Gijón : Incuna - Asociación de Arqueología Industrial. (Los ojos de la memoria). ISBN 84-607-2646-0 . p. 33-44.

CASTILLO CANALEJO, Ana M. [et al.] (2010) – ***El turismo industrial minero como motor de desarrollo em áreas geográficas em declive: un estudio de caso***. In Estudios y Perspectivas en Turismo. Vol. 19. p. 382 -393 [em linha]. Espanha: Universidade de Córdoba [Consult. 30 janeiro 2014]. Disponível em WWW:<URL:http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S185117322010000300004&script=sci_arttext>.

CAVALHEIRO, João (2011) – ***O Volframista***. Viana do Castelo: Junta de Freguesia da Meadela. 259 p. ISBN 978-989-95871-7-5.

CENTER (2011) – ***Experimente e viva o Vale do Lima***. Ponte de Lima: ADRIL.

COCOISSIS, H. (2009) - ***Sustainable Development and Tourism: Opportunities and Threats to Cultural Heritage from Tourism***. In L. Girard & P. Nijkamp (Eds.), Cultural Tourism and Sustainable Local Development. Surrey: Ashgate. p. 47-56.

CHON, K; EVANS, M. R. (1989) - ***Tourism in a rural area - A coal mining-county experience***. In *Tourism Management* 10 (4). p. 315-17.

COLE, D. (2004). ***Exploring the Sustainability of Mining Heritage Tourism***. In *Journal of Sustainable Tourism*, 12(6). p. 480 - 494.

COSTA, Francisco da Silva; CORDEIRO, José Manuel Lopes (2013) – ***Património hidráulico e arqueologia industrial: o caso do Rio Ave no Noroeste de Portugal*** [em linha]. Braga: Universidades do Minho [Consult. 10 jan. 2014]. Disponível em WWW: <URL:https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/25049/1/PATRIM%C3%93NIO%20HIDR%C3%81ULICO%20E%20ARQUEOLOGIA%20INDUSTRIAL%20O%20CASO%20DO%20RIO%20AVE%20NO%20NOROESTE%20DE%20PORTUGAL_F.Costa,%20J.%20Lopes%20Cordeiro.pdf>.

CORDEIRO, José Manuel Lopes (2001) - ***Museología y museografía industrial***. In ÁLVAREZ ARECES, Miguel Ángel (coord.) - *Arqueología Industrial, Patrimonio y Turismo Cultural*. Gijón: INCUNA. p. 41-52.

CORDEIRO, José Manuel Lopes (2012) – ***Oportunidades e fragilidades do Turismo Industrial***. In *Revista turismo & desenvolvimento/ Journal of Tourism and Development*. Aveiro: Universidade de Aveiro, Associação de Gestão e Planeamento em Turismo. ISSN 1645-9261. N.º especial, 1. P. 9-18.

CUETO ALONSO, G. (2009) - ***Reutilización turística del patrimonio minero de Cantabria***. In *Cuadernos de Turismo* 23. p. 69-87 [em linha]. [Consult. 21 março. 2014]. Disponível em WWW:<URL:http://revistas.um.es/turismo/article/view/70181/67651>.

CUVELIER, P. (2001). ***Le tourisme industriel, tentative de clarification conceptuelle***. In M. Damien & C. Sobry (Eds.), *Le tourisme industriel: Le tourisme du savoir-faire?* (pp. 15-29). Paris: L'Harmattan..

DUARTE, Luís Miguel (s.d.) – ***A actividade mineira em Portugal durante a Idade Média*** [em linha]. [Porto]: Faculdade de Letras do Porto [Consult. 11 jan. 2012]. Disponível em WWW:<URL:<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2022.pdf> >.

EDWARDS, J.; LLURDÉS, J. (1996) - ***Mines and quarries: Industrial heritage tourism***. In Annals of Tourism Research, 23(2). p. 341-363.

FERNÁNDEZ ZAMBÓN, G.; GUZMÁN RAMOS, A. (2004) - ***El patrimonio industrial-minero como recurso turístico cultural: el caso de un pueblo-fábrica en Argentina***. In Pasos Revista de Turismo y Patrimonio Cultural 2 (1). p. 1001-109 [em linha]. [Consult. 21 março. 2014]. Disponível em WWW:< URL: <http://www.pasosonline.org/Publicados/2104/PS080104.pdf> >.

FERNÁNDEZ ZAMBÓN, Guillermina; RAMOS SCHENK, Aldo Guzmán (2005) - ***Patrimonio industrial y rutas turísticas culturales: algunas propuestas para Argentina*** [em linha]. [s.n.]: Universidade de Murcia [Consult. 11 jan. 2012]. Disponível em WWW:< URL:<http://www.redalyc.org/pdf/398/39801506.pdf>>.

FERREIRA, A. (2003) - ***O turismo como propiciador da regeneração dos centros históricos. O caso de Faro***. PhD thesis, Aveiro: Universidade de Aveiro.

FERREIRA, Ana Catarina Gomes (2012) – ***A Mina de São Domingos: passado industrial, futuro turístico*** [em linha]. [Estoril]: Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril [Consult. 30 janeiro 2014]. Disponível em WWW:<URL:http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0CDQQFjAB&url=http%3A%2F%2Fcomum.rcaap.pt%2Fbitstream%2F123456789%2F4444%2F1%2F2012.04.009_.pdf&ei=kYtCU7SPDLKV7AaKt4CQDQ&usg=AFQjCNEODeHdfrV_P1li_x2UcDt0MDqItQ&bvm=bv.64125504,d.ZWU>.

FERREIRA, Cláudia Margarida de Oliveira Vaz (2012) - ***Potencial Turístico do Património das minas de volfrâmio de Rio de Frades (Arouca)***. Porto: ISCET. Dissertação de mestrado.

FERREIRA, Fábio Daniel Almeida (2011) – ***Percursos, Território e Património: o caso de Vila Nova de Gaia*** [em linha]. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto [Consult.

30 janeiro 2014]. Disponível em WWW:<URL:http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/57430/2/TESEMESFABIOFERREIRA000148513.pdf >.

FERREIRA, LUÍS (2009) - ***Impactos do Turismo nos Destinos Turísticos***. Porto: Percursos & ideias – Revista científica do ISCET, n.º 3 &4, II série (online) 2011/2012. [em linha]. [Consult. 30 janeiro 2014]. Disponível em WWW: <URL: http://www.iscet.pt/sites/default/files/PercursosIdeias/N3_4/Revista20112012Tur_0.pdf>.

FERREIRA, Luís; AGUIAR, Lúcia; PINTO, Jorge Ricardo (2012). ***Turismo cultural, itinerários turísticos e impactos nos destinos*** [em linha]. Cultur: Revista de Cultura e Turismo. [Consult. 10 jan. 2014]. Disponível em WWW:<URL: http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/ano6-edicao2/7.turismo-cultural.pdf >.

FREIRE, Dulce (2001) – ***A febre do volfrâmio***. In História n.º 37, 23 (3.ª série). p. 38-34.

FREW, E. (2000) - ***Industrial tourism: a conceptual and empirical analysis***. PhD thesis. Victoria University of Technology: Melbourne.

GÓMEZ, D.J.C. e MARTÍNEZ, A.G. (2006). ***Patrimonio Minero, en el ámbito inter e intranacional***. 1ª Jornada sobre el Patrimonio Minero de Burguillos del Cerro. Badajoz.

GÓMEZ, D.J.C., MARTÍNEZ, A.G. e MACIAS, E.R. (2002) - ***El patrimonio geológico y minero, un importante factor a considerar en el cierre de minas***. In Brandão, J.M. (coord.), Actas do Congresso Internacional sobre Património Geológico e Mineiro, Lisboa: Museu do Instituto Geológico e Mineiro, 239-245.

GONÇALO, Liliana Maria Barros (2013) – ***A atividade mineira na região transfronteiriça da Serra do Gerês - Xurés (Trás-os-Montes - Minho-Galiza): influenciadas Minas dos Carris e Mina Las Sombras nos sistemas naturais e humanizados*** [em linha]. Braga: Universidade do Minho [Consult. 20 set. 2014]. Disponível em WWW:< URL: http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/28072 >.

HORTELANO MÍNGUEZ, L. A. ; PLAZA GUTIÉRREZ , J. A. (2004) - ***Valoración de algunas propuestas de desarrollo en la Montaña palentina a partir de la promoción de iniciativas turísticas vinculadas al patrimonio minero***. In PITTMM 75. p. 413-433 [em

linha]. [Consult. 21 março. 2014]. Disponível em WWW:<URL:
http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CB8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fdialnet.unirioja.es%2Fdescarga%2Farticulo%2F3769815.pdf&ei=Q_OvWPSULIfraNehgsgE&usq=AFQjCNGHKfPfdXNBHe-Ig6l_JJOuWUYdA&sig2=AbMirPIXUKboaWIWjLaNYw&bvm=bv.83339334,d.bGQ>.

HOSPERS, G. (2002) - ***Industrial heritage tourism and regional restructuring in the European Union***. In European Planning Studies n° 10 (3). p. 397-404.

JANSEN-VERBEKE M. (1999) - ***Industrial heritage: a nexus for sustainable tourism development***. In Tourism Geographies, an international journal of tourism space, place and environment. vol. 1, no. 1. p. 70–85.

JUNTA DE FREGUESIA DE ESTORÃOS, *Livro de actas, 1941-1944*.

LAGE, Maria Otilia Pereira - ***Wolfram = volfrâmio [Texto policopiado] : terra resolvida, memória revolta para uma análise transversal da sociedade portuguesa : 1930-1960***. Coimbra: [s.n.]. Dissertação de doutoramento. p. 222.

LIMA, Maria Fernanda Domingues Lages (2004) – ***Modelo de caracterização de impacte ambiental para escombreliras reactivas – equilíbrio e evolução de resíduos de actividade extractiva*** [em linha]. Braga: Universidade do Minho [Consult. 11 jan. 2012]. Disponível em WWW:< URL:<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/896> >.

LIMA, Maria Fernanda Domingues Lages de, (2006) – ***Caracterização e estratégias de valorização sustentável de ocorrências geológicas com importância patrimonial*** [em linha]. Braga: Universidade do Minho [Consult. 20 março 2013]. Disponível em WWW:< URL:<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6022>>.

LÓPEZ HONOJA, Sunilda [et al.] (2002) – ***Caracterización y valorización de instalaciones abandonadas de la minería de cromo com fines patrimoniales***. In Didáctica e Interpretación del Patrimonio Industrial. Gijón : Incuna - Asociación de Arqueoseología Industrial. (Los ojos de la memoria). ISBN 84-934613-0-X . p. 145 – 152.

MARTÍN GIUGLIELMINOER, Marcelo (2002) – ***Interpretación del Patrimonio y gestión de recursos culturales para el desarrollo del território***. In Didáctica e Interpretación del Patrimonio Industrial. Gijón : Incuna - Asociación de Arqueología Industrial. (Los ojos de la memoria). ISBN 84-934613-0-X . p. 24-39.

MATOS, J.X.; [et al.] (2002) - ***Património Mineiro Português: Estado Actual da Herança Cultural de um País Mineiro***. In Brandão, J.M. (coord.), Actas do Congresso Internacional sobre Património Geológico e Mineiro, Lisboa: Museu do Instituto Geológico e Mineiro, 539-554.

MENEZES, J. (1988) - ***Perspectivas do Desenvolvimento da Actividade Mineira em Portugal***. In Boletim de Minas 25(2): 331-341.

MIRANDA, Miguel (2008) – ***O Rei do Volfrâmio: a última viagem, com todo o requinte***. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 278 p. ISBN 978-972-3545-3.

MOTA, Ana Cláudia dos Santos (2011) – ***Turismo industrial: Nova força económica para municípios – caso de Águeda*** [em linha]. Aveiro: Universidade de Aveiro [Consult. 11 jan. 2012]. Disponível em WWW:<URL: <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/7812/1/247299.pdf> >.

NUNES, João Paulo A. (1998) – ***Arqueologia industrial e museologia da mineração do volfrâmio: uma abordagem introdutória***. In *Actas do seminário museologia e arqueologia mineiras*. Lisboa: Museu do I.G.M.: 69-80.

NUNES, João Paulo Avelãs (2005) – ***O Estado Novo e o Volfrâmio (1933-1947)*** [Texto policopiado]: Projectos de sociedade e opções geoestratégicas em contextos de recessão e de guerra económica. Coimbra: [s.n.]. Dissertação de doutoramento. p. 41.

NUNES, Paulo Jorge de Oliveira Martins (2010) – ***Recursos Geológicos não metálicos: Prospecção, Pesquisa, Exploração (‘rochas industriais, argilas, areias, ornamentais’)*** [em linha]. [Lisboa]: Universidade Técnica de Lisboa [Consult. 20 março 2013]. Disponível em WWW:<URL: <https://dspace.ist.utl.pt/bitstream/2295/809075/1/tese%20portugues.pdf> >.

OLIVEIRA, J., [et al.] (2002) - **Diagnóstico Ambiental das Principais Minas Degradadas do País**. In Boletim de Minas, 39(2): 67-85.

OLIVEIRA, Leandro Silva Oliveira (2012) - **A utilização do patrimônio industrial como fator dinamizador do Sul Catarinense** [em linha]. Curitiba: [s.n.] [Consult. 11 jan. 2013]. Disponível em WWW:<URL: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/turismo/article/viewFile/26582/17706> >.

PARDO ABAD, Carlos J. (2002) – **Las ciudades británicas y la rehabilitación turística y residencial del patrimonio industrial**. In Didáctica e Interpretación del Patrimonio Industrial. Gijón : Incuna - Asociación de Arqueoseología Industrial. (Los ojos de la memoria). ISBN 84-934613-0-X . p. 119 – 131.

PARDO ABAD, Carlos J. (2002) – **La reutilización del patrimonio industrial como recurso turístico. Aproximación geográfica al turismo industrial**. [em linha]. Treballs de la societat Catalana de Geografia: [s.l.] [Consult. 11 jan. 2013]. Disponível em WWW:<URL:<http://www.raco.cat/index.php/treballsscgeografia/article/viewFile/247692/331651>>.

PARDO ABAD, Carlos J. (2008) - **Turismo y patrimonio industrial : un análisis desde la perspectiva territorial**. Madrid : Síntesis. ISBN 978-84-975656-3-9. p. 11.

PÉ-CURTO, A. [et al.] (2002) - **Património Geológico da Mina do Bugalho – Valorização do seu Passado Histórico-Mineiro**. In Brandão, J.M. (coord.), Actas do Congresso Internacional sobre Património Geológico e Mineiro, Lisboa: Museu do Instituto Geológico e Mineiro, 211-218.

PEREIRO PERÉZ, Xerardo (2002) – **Itinerários Turístico-culturais: análise de uma experiência na cidade de Chaves** [em linha]. Chaves: UTAD – Pólo de Chaves [Consult. 21 out. 2013]. Disponível em WWW:<URL: http://home.utad.pt/~xperez/ficheiros/publicacoes/turismo_cultural/Intinerarios_Turismo_Cultural_Urbano.pdf >.

PEREIRO PERÉZ, Xerardo (2003) - ***Patrimonialização e transformação das identidades culturais***. in José Portela e João Castro Caldas (Org.de) *Portugal Chão*. Oeiras: Celta editora. p. 231-247.

PEREIRO PERÉZ, Xerardo (2009) - ***Turismo Cultural: Uma visão antropológica***. In PASOS: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural. El Sauzal (Tenerife. Espanha): Asociación Canaria de Antropología. 307 p. [em linha]. El Sauzal (Tenerife. Espanha): Asociación Canaria de Antropología. [Consult. 1 março 2014]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosoedita/PSEdita2.pdf> >.

PONTES, Célia Maria Vilela (2013) – ***Casa Brasonadas de Guimarães: um itinerário turístico – cultural***, Vol. I [em linha]. Braga : Universidade do Minho [Consult. 22 fev. 2014]. Disponível em WWW:<URL: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/24389> >.

POTENZONI, Adriana (2002) – ***Una aproximación pedagógica para la valoración del patrimonio industrial***. In Didáctica e Interpretación del Patrimonio Industrial. Gijón : Incuna - Asociación de Arqueoseología Industrial. (Los ojos de la memoria). ISBN 84-934613-0-X . p. 179 – 187.

PREITE, Massimo (Coord.) (2002) – ***La reutilización del patrimonio minero en la Toscana***. In Patrimonio Industrial: Lugares de la memoria. Gijón : Incuna - Asociación de Arqueoseología Industrial. (Los ojos de la memoria). ISBN 84-607-5576-2 . p. 17-32.

PRETES, M. (2002) - ***Touring mines and mining tourists***. In *Annals of Tourism Research*, 29(2). p. 439-456.

PUCHE RIART, O. (2006) - ***Patrimonio minero de España: aspectos económicos***. In Rábano, I. y Mata-Perelló, J. M. (editores) *Patrimonio geológico y minero: su caracterización y puesta en valor*. Instituto Geológico y Minero de España: Madrid. p.15-25.

RUELA, Carlos (1991) – ***A Separadora: achegas para a história Limiana***. Jornal Cardeal Saraiva. (6 dezembro 1991) 5.

RUELA, Carlos (1991) – ***O Mineiro: achegas para a história Limiana***. Jornal Cardeal Saraiva. (13 dezembro 1991) 5.

- RUELA, Carlos (1991) – ***Comercialização do Estanho em Vitorino dos Piães: achegas para a história Limiana***. Jornal Cardeal Saraiva. (6 dezembro 1991).
- RUIZ BALLESTEROS, E.; HERNÁNDEZ RAMÍREZ, M. (2007) - ***Identity and community-reflections on the development of mining heritage tourism in Southern Spain***. In *Tourism Management* 28. p. 677-687.
- SANTA OLALLA, Begoña de (2002) - ***Imágenes y paisajes de la vid y el vino? Bases para un itinerario cultural?***. Douro – Estudos & Documentos, vol. VII(14), (4º). p. 223-236.
- SANTOS, M. e TINOCO, A. (1998) - ***Um projecto de musealização para as Minas do Lousal***. In *Arqueologia & Indústria* 1. p. 117-125.
- SERRANO, Ana Catarina Bispo (2010) – ***Reconversão de espaços industriais: três projectos de intervenção em Portugal*** [em linha]. Lisboa: Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa [Consult. 21 out. 2013]. Disponível em WWW:<URL:<https://dspace.ist.utl.pt/bitstream/2295/787437/1/Ana%20Serrano%20-%20Dissertacao.pdf>>.
- SILVA, Alberto Oliveira e (2012) – ***Município lança rede de Turismo Industrial. Diário de Aveiro***. [em linha]. [Consult. 11 jan. 2012]. Disponível em WWW:<URL:http://umonline.uminho.pt/uploads/clipping/NOT_78929/4490149744901497.pdf>.
- SILVA, Ana Paula Amaral Simões (2011) – ***Rotas turístico-culturais em Ílhavo*** [em linha]. Aveiro: Universidade de Aveiro [Consult. 10 dez. 2013]. Disponível em WWW:<URL:<http://ria.ua.pt/bitstream/10773/7904/1/Rotas%20turisticoculturais%20em%20c3%adlha%20avo.pdf>>.
- SILVA, J.; FORTES, V. (2010) - ***Turismo de descoberta económica - uma oportunidade para Portugal?*** [Resumo alargado]. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 3(13/14), 1059-1060.
- SILVA, J. M. Leal da (2009) – ***A corrida à riqueza no “Rush” mineiro: caso de Arouca na Segunda Guerra Mundial***. Dissertação de Mestrado em Antropologia-Movimentos Sociais. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas: Universidade Nova de Lisboa. 160 p.

SILVA, J. M. Leal da (2011) – ***VOLFRO! Esboço de uma teoria geral do “Rush” mineiro: o caso de Arouca.*** [s.l.]: ADPA – Associação de Defesa do Património Arouquense. 383 p. ISBN 978-972-9474-47-7.

TICCIH (2013) – Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial: The International Committee for the Conservation of Industrial Heritage. [em linha]. [Consult. 19 maio 2014]. Disponível em WWW: <URL:<http://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>>.

TIELVE GARCÍA, Natalia (2001) – ***El Patrimonio Industrial Asturiano. Una valoración museística.*** In Arqueología Industrial, Patrimonio y Turismo Cultural. Gijón : Incuna - Asociación de Arqueología Industrial. (Los ojos de la memoria). ISBN 84-607-2646-0 . p. 73-80.

TOVAR, Zília Maria de Serpa de (2010) – Pedestrianismo, percursos pedestres e turismo pedestre em Portugal [em linha]. Estoril: Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril [Consult. 10 dez. 2013]. Disponível em WWW:<URL:http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/2409/1/2010.04.013_.pdf>

TRANCOSO, Claudia e Almirón Analía (2005) - ***Turismo y Patrimonio. Hacia una relectura de sus relaciones.*** In Aportes y Transferencias. Argentina, vol. 1, n.º 9. p. 66-74.

VALENTE, S. e FIGUEIREDO, E. (2007) - ***Marcadas pela Mina - Actividade mineira vs Comunidades Locais,*** In Borrego, C. Miranda, A.I.; Figueiredo, E.; Martins, F.; Arroja, L e Fidélis, T. (org.). Um Futuro Sustentável – Ambiente, Sociedade e Desenvolvimento - Actas da 9ª Conferência Nacional do Ambiente, Aveiro: Universidade de Aveiro, pp. 111-118.

VALENTE, S. (2008) - ***«Sol nunca houve nem há-de haver...» As Minas da Panasqueira e seus impactos nas comunidades locais.*** Dissertação de Mestrado em Sociologia – Políticas Locais e Descentralização do Poder: As Novas Áreas do Social. Coimbra: Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra.

VALENTE, S. e FIGUEIREDO, E. (2008) – ***Feridas abertas na terra: da degradação dos sítios mineiros à sua recriação patrimonial – o caso das Minas da Panasqueira*** [em linha]. Coimbra: Colóquio Ibérico de Estudos Regionais [Consult. 10 dez. 2013]. Disponível em WWW:<URL:http://sper.pt/oldsite/actas7cier/PFD/Tema%20II/2_19.pdf>.

WALL, G., & MATHIESON, A. (2006). *Tourism: changes, impacts, and opportunities*.
Harlow: Prentice Hall.

ANEXOS

MINARGA – Minas da Serra d' Arga, L.da

MINARGA—MINAS DA SERRA D'ARGA, L.ª
PONTE DO LIMA

ANO ECONÓMICO DE 195__

Ficha de Lançamento N.º _____

Importância-Esc. **25,587**

Cl. a debitar *Fornecedores - Fruto de juros*

Cl. a creditar *Caixa*

Descrição: *Campa para a compra de terra e para a compra de fôr*

Revogação de concessões em 1992

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
 SECRETARIA DE ESTADO DA ~~INDÚSTRIA~~ INDÚSTRIA
 DIRECÇÃO - GERAL DE GEOLOGIA E MINAS

3144

Publicado no D.º da R.º n.º 234 II Sªª
 de 14 de Outubro de 1992.

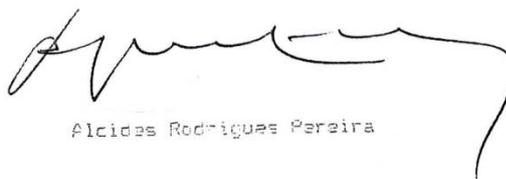
POR DESPACHO MINISTERIAL DE 25 DE JUNHO DE 1992:

Revogados, ao abrigo do nº. 4 do artigo 46º. do Decreto-Lei nº. 90/90, de 16 de Março, os alvarás de concessão de exploração das seguintes minas, situadas no concelho de Ponte de Lima, distrito de Viana do Castelo:

NUMERO	DENOMINAÇÃO	SUBSTANCIA	FREGUESIA
2899	CUMIEIRA Nº. 1	columbio e tântalo	Cabração
2900	ANDORINHEIRAS	idem	Estorços
2901	ESCUSA Nº. 2	idem	Cabração
<u>3147</u>	EIRADAS	tântalo e nióbio	idem

DIRECÇÃO-GERAL DE GEOLOGIA E MINAS, 17 de Setembro de 1992.

O DIRECTOR-GERAL



Alcides Rodrigues Pereira

IF/IF

Revogação de concessões em 1992

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ~~ENERGIA~~ INDÚSTRIA
DIRECÇÃO - GERAL DE GEOLOGIA E MINAS

Publicado no D.º da R.º n.º 237 111 347
de 14 de Outubro de 1992

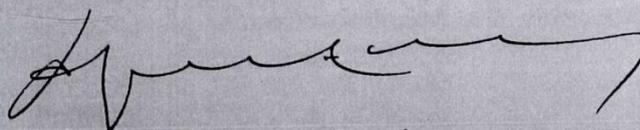
POR DESPACHO MINISTERIAL DE 25 DE JUNHO DE 1992:

Revogados, ao abrigo do nº. 4 do artigo 46º. do Decreto-Lei nº. 90/90, de 16 de Março, os alvarás de concessão de exploração das seguintes minas, situadas no concelho de Ponte de Lima, distrito de Viana do Castelo:

NUMERO	DENOMINAÇÃO	SUBSTANCIA	FREGUESIA
2308	ESCUSA Nº. 1	tantálio	Cabração
2325	S. SALVADOR	estanho	Rebordões (Souto)
2482	PORTELA DO FOJO	idem	Facha
2651	CACHADINHAS	estanho e volfrâmio	Vitorino dos Piães
2652	MONTE DO CASTELO	idem	idem
2663	CAVALINHO	idem	Estorãos
2664	LAGOA	idem	idem

DIRECÇÃO-GERAL DE GEOLOGIA E MINAS, 11 de Setembro de 1992.

O DIRECTOR-GERAL



Alcides Rodrigues Pereira

IS/IS

Guião do inquérito ao proprietário da 'Separadora'

No âmbito do Mestrado de Património e Turismo Cultural, da Universidade do Minho, pretende-se desenvolver um estudo que incide sobre o património mineiro de Ponte de Lima. As suas opiniões são muito importantes para uma reflexão criteriosa e enriquecimento do estudo.

Agradecemos, desde já, a sua prestigiosa colaboração.

1. Nome:
2. Idade:
3. Local de Residência:
4. Quem são/ ou eram os proprietários da 'Separadora'?
5. Quais as empresas que laboravam neste edifício?
6. Qual a data de iniciação da atividade?
7. Qual era a finalidade ou o tipo de atividade desta indústria?
8. As empresas dedicavam-se à exploração mineira. De onde vinha o minério?
9. Que minerais eram explorados ou extraídos?
10. Qual era a finalidade do minério? Para onde era levado?
11. Quantas pessoas trabalhavam na empresa (edifício da 'Separadora' e minas)?
12. Que tipo de funções exerciam?
13. Possui algumas fotografias ou documentos relacionados com a empresa ou atividade desenvolvida que poderá ceder para colocação no trabalho?
14. As empresas funcionavam com máquinas? Que tipo de máquinas?
15. Tem conhecimento se atualmente ainda existem máquinas dentro do edifício?
16. Qual a data de encerramento da empresa? Qual o motivo?

Guião de entrevista de antigos trabalhadores da ‘Separadora’

No âmbito do Mestrado de Património e Turismo Cultural, da Universidade do Minho, pretende-se desenvolver um estudo que incide sobre o património mineiro de Ponte de Lima. As suas opiniões são muito importantes para uma reflexão criteriosa e enriquecimento do estudo.

Agradecemos, desde já, a sua prestigiosa colaboração.

1. Nome:
2. Idade:
3. Local de Residência:
4. Como se chamava a empresa onde trabalhou?
5. Função ou cargo exercido na empresa:
6. Números de anos que trabalhou na empresa? Data inicial: Data final:
7. Faça uma descrição geral do edifício. Como era constituído o seu interior? Quantos espaços tinha e quais eram as suas funcionalidades?
8. Conhecia os proprietários da empresa? Sim Não
9. Como se chamavam?
10. Tem conhecimento de qual a data de iniciação de atividade da empresa?
11. Qual era a finalidade e/ou tipo de atividade desta indústria?
12. A empresa funcionava com máquinas? Sim Não . Quantas?
13. Que tipo de máquinas? Grandes Pequenas . Faça a descrição dessa maquinaria:
14. As empresas deste edifício tinham minas associadas? Sim Não .
15. Se sim, quais eram a minas e onde se situavam?
16. Que tipos de minerais eram extraídos?
17. Qual era a finalidade da maioria do minério explorado?
18. Para onde era levado?
19. Como era efetuado o transporte do minério?
20. Quantas pessoas trabalhavam na ‘Separadora??
21. Que tipo de funções e /ou cargos exerciam?

22. De onde eram oriundos, na sua maioria, os trabalhadores do Entreposto (localidade e/ ou concelho) ?
23. Existiam mulheres a trabalhar no Entreposto? Sim Não .
24. Que tipo de tarefas/cargos lhe eram atribuídos?
25. Que medidas de proteção existiam no trabalho que efetuavam?
26. Possui algumas fotografias ou documentos relacionados com esta empresa, ou atividade mineira que nos possa ceder para colocação no trabalho? Sim Não .
27. Gostou de trabalhar na empresa? Sim Não .Justifique a sua resposta.
28. Tem conhecimento da data de encerramento da empresa? Sim Não .
29. Se sim, qual o motivo desse mesmo encerramento?
30. Como era a vida laboral daquela época (visão geral em relação aos trabalhadores), mais especificamente a vivenciada pelos trabalhadores do Entreposto?
31. Como descreve essa época da exploração do minério?
32. Tem conhecimento se as pessoas que trabalhavam na exploração do minério (minas) eram somente oriundas do concelho ou da região ou existiam também pessoas de fora da região a trabalhar nas minas e a procurar este tipo de trabalho?

Guião de Entrevista dirigido a familiares dos trabalhadores e conhecedores da ‘Separadora’

No âmbito do Mestrado de Património e Turismo Cultural, da Universidade do Minho, pretende-se desenvolver um estudo que incide sobre o património mineiro de Ponte de Lima. As suas opiniões são muito importantes para uma reflexão criteriosa e enriquecimento do estudo.

Agradecemos, desde já, a sua prestigiosa colaboração.

1. Nome:
2. Idade:
3. Local de Residência:
4. Conhece a antiga ‘Separadora’? Sim Não
5. Quais os motivos que o levaram a conhecer a ‘Separadora’?
6. Data do seu primeiro contacto com a ‘Separadora’: Data final:
7. Faça uma descrição do edifício. Como era constituído o seu interior? Quantos espaços tinha e quais eram as suas funcionalidades?
8. Conhecia os proprietários da empresa? Sim Não
9. Como se chamavam?
10. Tem conhecimento de qual a data de iniciação de atividade da empresa?
11. Qual era a finalidade e/ou tipo de atividade desta indústria?
12. A empresa funcionava com máquinas? Sim Não . Quantas?
13. Que tipo de máquinas? Grandes Pequenas . Faça a descrição dessa maquinaria:
14. A ‘Separadora’ tinha minas associadas? Sim Não .
15. Quais eram a minas e onde se situavam?
16. Que tipos de minerais eram extraídos?
17. Qual era a finalidade da maioria do minério explorado?
18. Para onde era levado?
19. Como era efetuado o transporte do minério?
20. Possui algumas fotografias ou documentos relacionados com esta empresa, ou atividade mineira que nos possa ceder para colocação no trabalho? Sim Não .

21. Tem conhecimento da data de encerramento da empresa? Sim Não .
22. Se sim, qual o motivo desse mesmo encerramento?
23. Como era a vida laboral daquela época (visão geral em relação aos trabalhadores), mais especificamente a vivenciada pelos trabalhadores da 'Separadora'?
24. Como descreve essa época da exploração do minério?

Guião de Entrevista dirigido a antigos trabalhadores das minas

No âmbito do Mestrado de Património e Turismo Cultural, da Universidade do Minho, pretende-se desenvolver um estudo que incide sobre o património mineiro de Ponte de Lima. As suas opiniões são muito importantes para uma reflexão criteriosa e enriquecimento do estudo.

Agradecemos, desde já, a sua prestigiosa colaboração.

1. Nome:
2. Idade:
3. Local de Residência:
4. Que idade tinha quando começou a trabalhar nas minas?
5. Quantos meses/anos trabalhou nas minas?
6. Em que período temporal? 19_____ a 19_____.
7. Como se chamavam as minas onde trabalhava?
8. Onde se localizavam (freguesia)?
9. Quantas horas trabalhava por dia?
10. Qual era o seu ordenado (remuneração)?
11. Pagavam ao mês, semana ou dia?
12. Que tipo de serviço/ tarefa/ cargo efetuava nas minas?
13. Que tipos de minerais eram extraídos?
14. Tem conhecimento de qual era a finalidade da maioria do minério explorado?
15. Quantas pessoas trabalhavam por mina?
16. Que tipo de funções, cargos e/ou serviços existiam nas minas?
17. De onde eram oriundos, na sua maioria, os trabalhadores das minas (localidade e/ ou concelho)?
18. Existiam mais homens ou mulheres a efetuar este tipo de trabalho?
19. Gostou de trabalhar nas minas? Sim Não Justifique a sua resposta.
20. Qual a data de encerramento das minas onde trabalhou?
21. Como era a vida laboral daquela época (visão geral em relação aos trabalhadores e ao trabalho)?
22. Como descreve essa época da exploração do minério?

23. Conhece alguma estória ou situação alusiva à exploração do minério? Sim Não . Pode partilhá-la connosco?
24. Sabe se havia muito contrabando nesta região associado ao minério? Sim Não .
25. Enriqueciam muito com o contrabando? Sim Não . Partilhe connosco alguma estória relatada ou dê-nos a sua opinião sobre o assunto.
26. Como era feita a vossa alimentação? Tinham horários definidos? Sim Não . O que comiam?
27. A que horas saiam de casa para as minas? A que horas voltavam?
28. O percurso era feito: Sozinho acompanhado em grupo .
29. Tinham pausas laborais? Sim Não . O que faziam?

Guião de Entrevista dirigido a familiares dos antigos trabalhadores das minas

No âmbito do Mestrado de Património e Turismo Cultural, da Universidade do Minho, pretende-se desenvolver um estudo que incide sobre o património mineiro de Ponte de Lima. As suas opiniões são muito importantes para uma reflexão criteriosa e enriquecimento do estudo.

Agradecemos, desde já, a sua prestigiosa colaboração.

1. Nome:
2. Idade:
3. Local de Residência:
4. Como se chamava a pessoa que trabalhou na exploração do minério?
5. Que tipo de parentesco ou afinidade tinha com essa pessoa?
6. Que idade tinha essa pessoa quando começou a trabalhar nas minas?
7. Quantos meses/anos trabalhou nas minas?
8. Em que período temporal? 19_____ a 19_____.
9. Como se chamavam as minas onde trabalhava?
10. Onde se localizavam (freguesia)?
11. Quantas horas trabalhava por dia?
12. Qual era o seu ordenado (remuneração)?
13. Pagavam ao mês, semana ou dia?
14. Que tipo de serviço/ tarefa/ cargo efetuava nas minas?
15. Que tipos de minerais eram extraídos?
16. Tem conhecimento de qual era a finalidade da maioria do minério explorado?
17. Quantas pessoas trabalhavam por mina?
18. Que tipo de funções, cargos e/ou serviços existiam nas minas?
19. De onde eram oriundos, na sua maioria, os trabalhadores das minas (localidade e/ ou concelho)?
20. Existiam mais homens ou mulheres a efetuar este tipo de trabalho?
21. Sabe se essa pessoa conhecida/amiga gostou de trabalhar nas minas? Sim Não Justifique a sua resposta.

22. Tem conhecimento da data de encerramento das minas onde essa pessoa trabalhou? Sim Não
23. Se sim. Qual o ano?
24. Como era a vida laboral daquela época (visão geral em relação aos trabalhadores), mais especificamente a vivenciada pelos trabalhadores das minas?
25. Como descreve essa época da exploração do minério?
26. Conhece alguma estória ou situações alusivas à exploração do minério? Sim Não . Pode partilhá-la connosco?
27. Sabe se havia muito contrabando nesta região associado ao minério? Sim Não .
28. Enriqueciam muito com o contrabando? Sim Não . Partilhe connosco alguma estória relatada ou dê-nos a sua opinião sobre o assunto.

Mina do Fulão

Descrição Geral:

Trata-se de uma antiga exploração mineira da responsabilidade da concessionária MIPOLI - Minas de Ponte de Lima, Limitada - que se dedicou à exploração de volfrâmio, estanho tântalo e ouro na década de 40 do século passado.

Esta exploração gerou um aumento significativo de emprego para a população local e regional, tornando o território mais competitivo e desenvolvido.

Com esta mina surgiram novos edifícios nomeadamente a 'Casa da Direção' para albergar os diretores e engenheiros e a 'Casa do Pessoal' para alojar alguns trabalhadores mineiros, que ainda se encontram visíveis na paisagem mineira (Fig. 1 e 2).

Ao fundo, junto ao ribeiro, funcionava a lavaria desta concessão.

Esta exploração mineira permitiu, também, a abertura de novos acessos à Serra d'Arga através da construção de uma estrada e de uma ponte.

A abertura de caminhos gerou uma nova dinâmica, pois aumentou, favoravelmente, a facilidade em aceder à Serra d' Arga, podendo efetuar-se o transporte do minério em viaturas, desde as minas situadas nesta serra até à 'Separadora'.

Até essa época os acessos eram efetuados por trilhos ou caminhos de cabras.

Atualmente, ainda, são visíveis escombrelas (Fig. 3) e os edifícios descritos anteriormente, embora se encontram em mau estado de conservação, não possuindo telhado, portas e janelas.

Esta mina está integrada nos roteiros turísticos-culturais do Património Mineiro da Serra d'Arga.



Fig. 1 - Casa da Direção



Fig. 2 - Casa do Pessoal



Fig. 3 - Escombrela da Mina do Fulão

Recomendações e advertências:

- A entrada nas galerias é desaconselhada devido ao elevado grau de degradação em que se encontram e ao risco de abatimento;
- Não se deve recolher materiais de escombrelas ou utilizar água proveniente das minas pelo risco de contaminação;
- Os edifícios de apoio às minas estão em ruínas pelo que não se deve entrar nesses espaços;
- A circulação pelo monte ou encosta das minas é perigosa e desaconselhada devido à existência de inúmeros poços não sinalizados.

Contactos úteis:

- Município de Ponte de Lima - Telf. (+351) 258900400;
- Posto de Turismo de Ponte de Lima - Telf. (+351) 258900400;
- Unidade Local de Saúde do Alto Minho - Telf. (+351) 258909500;
- GNR de Ponte de Lima - Telf. (+351) 258900240;
- Bombeiros V. de Ponte de Lima - Telf. (+351) 258909200;
- Serviço Nacional de Emergência SOS - Telf. 112.

Mina do Cavalinho

Descrição Geral

Trata-se de uma antiga exploração mineira de volfrâmio e estanho da responsabilidade da empresa Entrepósito Mineiro do Minho, em funcionamento na década de 40 do século passado.

Nesta área mineira verificou-se a existência de dois tipos de exploração: a aluvionar e a subterrânea.

Presentemente, ainda, é visível uma galeria (Figura 1) e uma trincheira (Figura 2) neste local.

Por cima das minas, junto à estrada, encontra-se uma escombreira (Figura 3) de significativas dimensões.

Próximo da galeria existe, também, uma casa de xisto (Figura 4) que, de acordo com o plano de lavra da antiga concessão, corresponde ao local da antiga lavaria manual. Mais em baixo, perto desta, encontra-se um edifício de exíguas dimensões, que constitui o antigo paiol desta mina (Figura 5).

Ambos os edifícios se encontram em mau estado de conservação, não possuindo telhado, portas e janelas.

Esta mina está integrada no roteiro turístico-cultural intitulado 'Percurso das minas de Estorãos' que poderá descobrir através da exploração deste território.

Recomendações e advertências:

- A entrada nas galerias é desaconselhada devido ao elevado grau de degradação em que se encontram e ao risco de abatimento;
- Não se deve recolher materiais de escombreiras ou utilizar água proveniente das minas pelo risco de contaminação;
- Os edifícios de apoio às minas estão em ruínas pelo que não se deve entrar nesses espaços;
- A circulação pelo monte ou encosta das minas é perigosa e desaconselhada devido à existência de inúmeros poços não sinalizados.

Contactos úteis:

- Município de Ponte de Lima - Telf. (+351) 258900400;
- Posto de Turismo de Ponte de Lima - Telf. (+351) 258900400;
- Unidade Local de Saúde do Alto Minho - Telf. (+351) 258909500;
- GNR de Ponte de Lima - Telf. (+351) 258900240;
- Bombeiros V. de Ponte de Lima - Telf. (+351) 258909200;
- Serviço Nacional de Emergência SOS - Telf. 112.



Fig. 1 - Galeria da Mina do Cavalinho



Fig. 2 - Trincheira da Mina do Cavalinho



Fig. 3 - Escombreira da Mina do Cavalinho



Fig. 4 - Antiga lavaria da Mina do Cavalinho



Fig. 5 - Antigo paiol da Mina do Cavalinho

Mina de Estorãos

Descrição Geral:

A antiga exploração mineira de 'Estorãos' apresenta uma galeria (Fig. 1 e 2) e escombreyras (Fig. 3) de significativa dimensão, de onde era extraído volfrâmio e estanho na década de 40, do século passado.

Segundo o plano de lavra esta área era constituída por duas galerias travessas, utilizando o método dos degraus invertidos para o desmonte, sendo que os mineiros trabalhavam com o escombroy aos pés e o minério sobre a cabeça.

Esta mina era da responsabilidade de José Maria Soares Vieira e laborou desde 1939 a 1950.

No ano de 1956 esta concessão passou para a responsabilidade de Godofredo Pereira Pinto encerrando, depois, em 1967.

Este território mineiro representa o trabalho e o esforço de uma população que moveu terras à procura do 'ouro negro'.



Fig. 1 e 2 - Galeria da Mina de Estorãos



Fig. 3 - Escombreyra da Mina de Estorãos

Recomendações e advertências:

- A entrada nas galerias é desaconselhada devido ao elevado grau de degradação em que se encontram e ao risco de abatimento;
- Não se deve recolher materiais de escombreyras ou utilizar água proveniente das minas pelo risco de contaminação;
- Os edifícios de apoio às minas estão em ruínas pelo que não se deve entrar nesses espaços;
- A circulação pelo monte ou encosta das minas é perigosa e desaconselhada devido à existência de inúmeros poços não sinalizados.

Contactos úteis:

- Município de Ponte de Lima - Telf. (+351) 258900400;
- Posto de Turismo de Ponte de Lima - Telf. (+351) 258900400;
- Unidade Local de Saúde do Alto Minho - Telf. (+351) 258909500;
- GNR de Ponte de Lima - Telf. (+351) 258900240;
- Bombeiros V. de Ponte de Lima - Telf. (+351) 258909200;
- Serviço Nacional de Emergência SOS - Telf. 112.

Minas e Ribeiro da Água Levada

Descrição Geral:

No lugar de Água Levada vislumbram-se, desde logo, as escombrelas referentes à exploração mineira de volfrâmio (Fig. 1), testemunho da informalidade mineira, à procura de novas formas de enriquecimento.

Este local apresenta, também, um ribeiro (Fig. 2), aproveitado na época para lavagem do minério.

As minas representam o árduo trabalho de homens e mulheres dedicados à atividade mineira.

Primeiro escavavam a terra à procura do minério. Depois, colocavam-no em sacos e transportavam-no, às costas ou à cabeça, até ao ribeiro, onde procediam à sua lavagem.

Posteriormente, o minério era vendido a intermediários que andavam nas aldeias, a comprar de porta em porta, ou era carregado até à 'Separadora', no Largo da Freiria, em Arcozelo - Ponte de Lima.



Fig. 1 - Escombrelas das Minas de Água Levada



Fig. 2 - Ribeiro da Água Levada

Recomendações e advertências:

- A entrada nas galerias é desaconselhada devido ao elevado grau de degradação em que se encontram e ao risco de abatimento;
- Não se deve recolher materiais de escombrelas ou utilizar água proveniente das minas pelo risco de contaminação;
- Os edifícios de apoio às minas estão em ruínas pelo que não se deve entrar nesses espaços;
- A circulação pelo monte ou encosta das minas é perigosa e desaconselhada devido à existência de inúmeros poços não sinalizados.

Contactos úteis:

- Município de Ponte de Lima - Telf. (+351) 258900400;
- Posto de Turismo de Ponte de Lima - Telf. (+351) 258900400;
- Unidade Local de Saúde do Alto Minho - Telf. (+351) 258909500;
- GNR de Ponte de Lima - Telf. (+351) 258900240;
- Bombeiros V. de Ponte de Lima - Telf. (+351) 258909200;
- Serviço Nacional de Emergência SOS - Telf. 112.

Minas de Santa Justa

Descrição Geral:

As minas de volfrâmio de Santa Justa revelam a atividade decorrida na década de 30/40 do século passado, resultantes da informalidade mineira, conforme se pode observar através das escombrelas de significativa dimensão (Fig. 1).

Esta informalidade mineira é testemunho do esforço e trabalho de homens e mulheres, oriundos da localidade e da região, à procura de novas formas de enriquecimento que gerou um considerável desenvolvimento económico para o concelho.

Localizam-se todas ao longo da encosta, muito próximas umas das outras até bem próximo da linha de água, onde se encontra uma galeria cuja entrada está obstruída com pedras.

Esta mina está integrada nos roteiro turístico-cultural do 'Percurso das Minas' que poderá explorar e descobrir.



Fig. 1 - Escombrelas das Minas de Santa Justa

Recomendações e advertências:

- A entrada nas galerias é desaconselhada devido ao elevado grau de degradação em que se encontram e ao risco de abatimento;
- Não se deve recolher materiais de escombrelas ou utilizar água proveniente das minas pelo risco de contaminação;
- Os edifícios de apoio às minas estão em ruínas pelo que não se deve entrar nesses espaços;
- A circulação pelo monte ou encosta das minas é perigosa e desaconselhada devido à existência de inúmeros poços não sinalizados.

Contactos úteis:

- Município de Ponte de Lima - Telf. (+351) 258900400;
- Posto de Turismo de Ponte de Lima - Telf. (+351) 258900400;
- Unidade Local de Saúde do Alto Minho - Telf. (+351) 258909500;
- GNR de Ponte de Lima - Telf. (+351) 258900240;
- Bombeiros V. de Ponte de Lima - Telf. (+351) 258909200;
- Serviço Nacional de Emergência SOS - Telf. 112.

Requerimento de autorização de transmissão por venda da concessão mineira denominada "Pedrinhas Brancas"

Processo da Mina n.º 2237

PARA DEZ BOMBAS DE ENLU-
 MENTES NOS TERMOS DO ART.º
 2.º DO DECRETO N.º 5648 DE 5 DE
 MAIO DE 1974.
 NOTA N.º 258 de 20/2/71
 CIRCUNSC. MINEIRA DO ARCO
 13/5/71 Costa Tante

Nos termos da Lei não
 é permitido aumentar o
 número de linhas deste
 papel ou escrever nas
 suas margens.



C.º S.º DE MINAS	
Folha N.º	1
Proc.º M.º	454
Mina N.º	2237
Trienio	70-72

Senhor Secretario de Estado da Industria

Excelencia:

A SOCIEDADE MINEIRA DO ARCO, LDA., com sede na Praça D. Filipa de Lencastre, 22-Porto, requer a V. Exa. autorização para transmitir, por venda, à Empresa Mineira GEOMINA, Lda., sociedade comercial por quotas, com sede em Vila Nova de Cerveira, distrito de Viana do Castelo, a sua concessão mineira de estanho denominada "PEDRINHAS BRANCAS No.1", com o numero de ordem 2237 da Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, sita na freguesia de Cabração, concelho de Ponte de Lima, distrito de Viana do Castelo, nos termos do contrato a celebrar entre estas duas sociedades.

Porto, 22 de Abril de 1971.

Francisco Braz Rodrigues

Reconheço a assinatura supra de Francisco Braz Rodrigues, na qualidade de gerente da Sociedade Mineira do Arco, Lda, como verifiquei por conhecimento pessoal.- Porto e 3º Cartório, 30 de Abril de 1971.

Deste 7\$00 Conta nº 60

O Ajte do 3º Cartório

Francisco Rodrigues

Requerimento de solicitação de venda à empresa mineira GEOMINA, Lda., da concessão mineira denominada "Pedrinhas Brancas n.º 1" pela Sociedade Mineira do Arco, Lda.

ADON DES BONDOS DE ENCLU-
 MENTES NOS TERMOS DO ART.º
 2.º DO DECRETO N.º 5646 DE 5 DE
 MAIO DE 1971.
 NOTA N.º 258. 2021
 CIRCUNSC. MINEIRA DO NORTE
 13/15/71 Costa

Processo da Mina n.º 2237



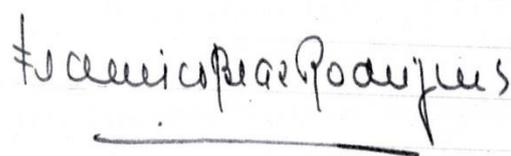
C.º S.º DE MINAS	
Folha N.º	1
Proc.º M.º	454
Mina N.º	2237
Trienio	19 70 72

Senhor Secretario de Estado da Industria

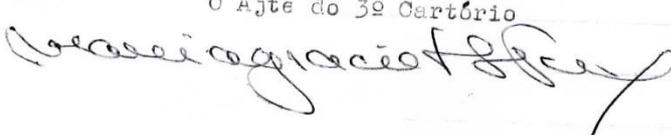
Excelencia:

A SOCIEDADE MINEIRA DO ARCO, LDA., com sede na Praça D. Filipa de Lencastre, 22-Porto, requer a V. Exa. autorização para transmitir, por venda, à Empresa Mineira GEOMINA, Lda., sociedade comercial por quotas, com sede em Vila Nova de Cerveira, distrito de Viana do Castelo, a sua concessão mineira de estanho denominada "PEDRINHAS BRANCAS No.1", com o numero de ordem 2237 da Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, sita na freguesia de Cabração, concelho de Ponte de Lima, distrito de Viana do Castelo, nos termos do contrato a celebrar entre estas duas sociedades.

Porto, 22 de Abril de 1971.



Reconheço a assinatura supra de Francisco Braz Rodrigues, na qualidade de gerente da Sociedade Mineira do Arco, Lda, como verifiquei por conhecimento pessoal.- Porto e 3º Cartório, 30 de Abril de 1971.

Deste 7\$00 Conta nº 80
 O Apte do 3º Cartório


Reclamação contra os pedidos de concessão feitos pela MIPOLI



ESTADO DE MINAS
Folha N.º 31
Proc.º N.º 1471
Mina N.º
Tribuna 19.5.0.19.57

Exmo. Senhor Engenheiro Director Geral
de Minas e Serviços Geologicos

De 6 de Maio de 1949
escudos de emblemas
do art. 2.º do decreto n.º 9646
REPARAÇÃO DE MINAS
de 6 Eng.º Chefe
10 SET 1949

José Alberto Calheiros Lobo, casado, industrial, morador na rua de Nevala, nº140, no Porto, socio da Sociedade por cotas "Entreposto Mineiro do Minho, Lda", com sede em Ponte do Lima, vem reclamar contra os pedidos de concessão feitos pela "MIPOLI-Minas de Ponte do Lima, S.A.R.L", publicados no Diario do Governo de 6 de Julho de 1949, III Serie, nº154, com os fundamentos seguintes:

- a) Os registos que se pretendem concessionar foram feitos inicialmente pelo "Entreposto Mineiro do Minho, Lda" (doc. 1).
- b) Ao terminar o prazo que cabia ao "Entreposto Mineiro do Minho, Lda" para requerer o concessionamento desses registos -(para tres deles faltavam apenas 24 horas) -, o Gerente do "Entreposto" encarregado de efectivar e obter a concessão dos mesmos, não o fez, e, sem disso dar conhecimento á Sociedade, efectuou novos registos, desta vez em seu nome particular (Doc.2).
- c) Esses registos foram depois negociados e endossados á firma "MIPOLI", de que o citado Gerente do "Entreposto" é também Administrador.

Porque o reclamante se sente lesado com estes factos, que agora chegam ao seu conhecimento, roga a V.Excia. se digne mandar suspender esses processos até esclarecimento

Requerimento da Geomina, Limitada a solicitar o averbamento da concessão mineira denominada "Escusa"

PAGOU DEZ ESCUDOS DE EMOLUMENTOS NOS TERMOS DO ART. 4º DO DECRETO N.º 9846 DE 8 DE MAIO DE 1924. V34 L.º 204
NOTA N.º 10/12/71 *Luiz Silva*
CIRCUNSC. MINEIRA DO NORTE

Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.

Processo da Mina n.º 2535

IMPOSTO DO SELLO

A Rm. de Vila Nova de Cerveira
12-11-71

Senhor Secretário de Estado da Indústria

Excelência

C.º S.º DE MINAS
Folha N.º 1
Proc.º N.º 599
Mina N.º 2535
Trienio 1970 1972

Geomina, Limitada, com sede na freguesia de Covas, concelho de Vila Nova de Cerveira, vem requerer a V. Ex.ª se digne mandar averbar em nome desta sociedade a concessão mineira n.º. 2535, denominada "Escusa", de estanho, existente na freguesia da Cabração, concelho de Ponte de Lima, *V. Castelo*.

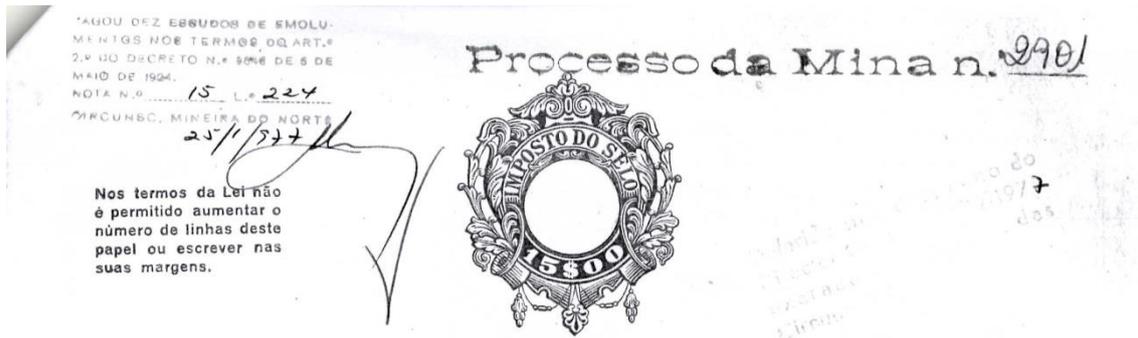
A referida concessão mineira foi adquirida por compra à Sociedade Mineira do Arco, Limitada.

Pede a V. Ex.ª. deferimento.

Vila Nova de Cerveira, 7. de Dezembro de 1971.

Geomina, Limitada
Um sócio-gerente,
António Augusto de Sá

Requerimento da empresa MIPOLI a solicitar suspensão da mina denominada "Escusa"



Senhor Secretário de Estado
da Energia e Minas

Excelência

MIPOLI-MINAS DE PONTE DO LIMA-S.A.R.L., representada pela Associação dos Industriais de Ourivesaria e Relojoaria do Norte, concessionária da mina nº. 2901, de colómio e tântalo, denominada ESCUSA Nº. 2, situada na freguesia de Cabração, concelho de Ponte de Lima, distrito de Viana do Castelo, não podendo mantê-la em lavra activa devido a dificuldades eventuais e económicas e carência de mão de obra adequada, roga a Vossa Excelência se digne autorizar, nos termos do Decreto Nº. 27.540 e do Artº. 114º. do Decreto-Lei Nº. 18.713, a suspensão de lavra desta mina durante o ano de 1977.

Pede deferimento

Ponte de Lima, 20 de Janeiro de 1977

MIPOLI-MINAS DE PONTE DO LIMA-S.A.R.L.

O ADMINISTRADOR

ASSOCIAÇÃO DOS INDUSTRIAIS DE OURIVESARIA E RELOJOARIA DO NORTE

O Director-Técnico da Mina

[Handwritten signature]

O PRESIDENTE DA Direcção
[Handwritten signature]
CRISTOVÃO DA ROCHA MONTEIRO

PERCURSO DA SEPARADORA



1. Separadora



O percurso tem início na antiga 'Separadora' (atual 'Centro de Informação do Minério'), onde se estabelecerá o primeiro contacto com os turistas, fornecendo toda a informação sobre o percurso e sobre o território mineiro a desvendar.

Seguir-se-á, depois, até à ponte romana e medieval de Ponte de Lima, ex-libris desta vila minhota, para depois se alcançar a ecovia que nos ligará até ao Palácio de Bertandios, onde poderá vislumbrar um edifício de características maneiristas, apresentando uma imponente escadaria exterior, cuja história remonta ao século XV.

Do Palácio de Bertandios seguir-se-á até ao Centro de Interpretação da Área Protegida das Lagoas de Bertandios e S. Pedro de Arcos, atravessando esta zona húmida constituída por verdejantes tapadas com fauna e flora características do local.

Este espaço é convidativo para os amantes do ambiente podendo apreciar a natureza envolvente.

Daqui rumar-se-á até bem perto da Quinta de Pentieiros, local dedicado ao mundo rural que se encaixa em perfeita harmonia com a paisagem campestre tipicamente minhota.

Segue-se depois em direção aos lugares de Paredes e Sangemondes, da freguesia de S. Pedro de Arcos, onde se pode apreciar o casaria e a vinha conduzida na tradicional ramada deste espaço rural.

2. Minas de Santa Justa



O itinerário continua pelo estradão florestal em direção à Serra d'Arga passando pela antiga casa do Guarda-Florestal e encaminhando-nos até aos quartéis de Santa Justa.

Pouco antes de alcançar os quartéis de Santa Justa, do lado esquerdo, pode observar as escombrelas de significativa dimensão das minas de Santa Justa.

Estas minas de volfrâmio revelam a atividade decorrida na década de 30/40 do século passado, resultantes da informalidade mineira.

Localizam-se todas ao longo da encosta, muito próximas umas das outras até bem próximo da linha de água, onde se encontra uma galeria cuja entrada está obstruída com pedras.

Já nos quartéis pode aproveitar para apreciar a paisagem panorâmica envolvente, com vista para o vale do Lima dos concelhos de Ponte de Lima e Viana do Castelo, até à foz.

Este espaço é um ponto de referência da Serra d'Arga, associada à crença popular relacionada com o local de martírio das duas irmãs: Justa e Rufina. É um local de romaria, onde se situa a Capela de Santa Justa, que antigamente servia como espaço de convívio para confrontar a tradição oral e transmitir as novidades de toda a região.

Atualmente os antigos quartéis estão a ser alvo de uma requalificação para se transformarem num 'Centro de Interpretação e Vivência Ativa da Natureza', caracterizado por possuir diversas valências e serviços, nomeadamente no apoio aos turistas.

3. Centro de Interpretação e Vivência ativa da Natureza



Este espaço incluirá uma panóplia de serviços de carácter diversificado e multifuncional, nomeadamente turístico, com espaços de apoio aos visitantes e alojamento, brevemente disponível ao público.

4. Ribeiro de Água Levada

De Santa Justa parte-se para o lugar do Cerquido, começando por atravessar o ribeiro de Água Levada, onde podemos contemplar a paisagem moldada pela exploração mineira.

Pode apreciar o ribeiro, aproveitado na época para lavagem do minério.



5. Minas de Água Levada



Neste local vislumbram-se, desde logo, as escombrelas referentes à exploração mineira de volfrâmio, testemunho da informalidade mineira, à procura de novas formas de enriquecimento.

6. Mina de Estorões

Mais à frente, logo a seguir a uma pequena subida, do lado esquerdo, aproveite para observar a antiga mina de 'Estorões' (Figura 47) que apresenta consideráveis escombrelas e uma galeria de grandes dimensões, de onde era extraído volfrâmio e estanho.

Esta mina representa o trabalho e o esforço de uma população que moveu terras à procura do 'ouro negro' na década de 40, do século passado.

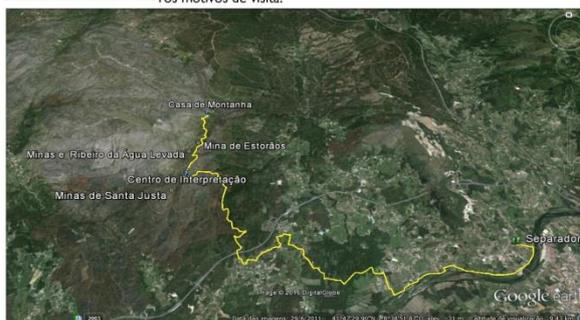


7. Casa de Montanha do Cerquido



O percurso dirige-se, depois, para o lugar do Cerquido, na freguesia de Estorões, terminando na Casa de Montanha, local acolhimento, de informação e de repouso para os turistas.

Este local prima pela localização geográfica privilegiada, oferecendo inúmeros motivos de visita.



Local de partida: 'Separadora'
Local de chegada: 'Casa de Montanha do Cerquido'
Duração média do percurso: 6 horas
Extensão: 16,9 Km
Grau de dificuldade: Exigente
Tipo de percurso: Linear
Tipo de rota: Pequena Rota

PERCURSO DAS MINAS



1. Casa de Montanha do Cerquido



O percurso tem início na Serra d'Arga, mais especificamente na Casa de Montanha do Cerquido, espaço que reúne todas as condições para ser o local de receção e informação aos turistas, ponto de partida ou chegada de itinerários turísticos, promovendo eventos de animação de base local e concebendo rotas e percursos na linha do *touring* cultural e paisagístico.

2. Minas de Estorãos



Antes de atravessar o ribeiro de Água Levada, do lado direito, encontra-se a antiga exploração de volfrâmio e estanho denominada 'Estorãos' que apresenta uma galeria e escombrelas de significativa dimensão.

Esta mina era da responsabilidade de José Maria Soares Vieira e laborou desde 1939 a 1950. No ano de 1956 esta concessão passou para a responsabilidade de Godofredo Pereira Pinto encerrando, depois, em 1967.

Local para usufruir da paisagem envolvente que revela pequenas construções edificadas para abrigo do homem enquanto se dedicava à pastorícia.

3. Ribeiro de Água Levada



Seguindo em frente, junto à descida antes do ribeiro, pode observar-se, do lado direito, várias escombrelas, fruto da informalidade mineira, da década de 40 do século passado, que gerou alguma riqueza e, consequentemente, desenvolvimento para a região.

Este ribeiro era o local de lavagem do minério, explorado nas minas vizinhas.

4. Minas de Água Levada



Neste local explorava-se volfrâmio que depois era vendido a compradores, que andavam de porta em porta nas aldeias, ou era transportado à cabeça até à 'Separadora', no largo da Freiria, em Arcozelo, Ponte de Lima.

Passa-se, depois, o ribeiro e as minas de Água Levada e sobe-se até Santa Justa, passando-se pelo calvário com o mesmo nome.

Daqui já se consegue vislumbrar os quartéis e a capela de Santa Justa, assim como o 'Centro de Interpretação e Vivência Ativa da Natureza'.

5. Centro de Interpretação e Vivência Ativa da Natureza



Este espaço servirá de ponto de acolhimento e informação aos turistas.

É um local de romaria que consubstancia a crença popular de Justa e Rufina, local de martírio das duas irmãs, onde se encontra um penedo denominado de "Penedo da Virgindade", onde as raparigas jovens colocavam a cabeça num buraco, obtendo a certeza de serem virgens, se a conseguissem retirar com facilidade. Interpretado como o penedo da fertilidade os jovens casais recorriam à Santa para conseguirem alcançar o tão ansiado filho.

6. Minas de Santa Justa



Do Centro de Interpretação e Vivência Ativa da Natureza observa-se perfeitamente as várias escombrelas das minas de 'Santa Justa', originárias da atividade mineira de volfrâmio decorrente da década de 30/40 do século passado. Estão situadas todas ao longo da encosta, muito próximas umas das outras até bem próximo do curso de água, onde se encontra uma galeria cuja entrada se encontra fechada com pedras.

7. Mina do Fulão



De Santa Justa o percurso dirige-se até ao estradão florestal encaminhando-se, à esquerda, para regressar ao lugar do Cerquido. Durante esta caminhada poderá usufruir da paisagem envolvente constituída por pequenos bosques de espécies autóctones, arborizações de pinheiro bravo e eucalipto; áreas de mato e giestais, de uso predominantemente pastoril e culturas agrícolas permanentes como a vinha e os olivais.

No final do estradão segue em direção ao lugar do Cerquido podendo admirar a paisagem serrana moldada por matas e pequenos bosques de carvalho, azevinho e sobreiro, que, frequentemente, crescem na proximidade de cursos de água cristalinos.

Continua o percurso até encontrar a sinalética direcional do Cerquido (à esquerda).

À sua frente poderá vislumbrar as escombrelas da mina do Fulão, assim como antigas construções dessa mesma exploração mineira de relevante importância para a época.

A sua concessão era da responsabilidade da empresa MIPOLI - Minas de Ponte de Lima - que se dedicou à exploração de volfrâmio, estanho tântalo e ouro na década de 40 do século passado.

Com esta mina surgiram novos edifícios nomeadamente a 'Casa da Direção' para albergar os diretores e engenheiros e a 'Casa do Pessoal' para alojar alguns trabalhadores mineiros, que ainda se encontram visíveis na paisagem mineira.

Ao fundo, junto ao ribeiro, funcionava a lavoura desta concessão.

Esta exploração mineira permitiu, também, a abertura de novos acessos à Serra d'Arga através da construção de uma estrada e de uma ponte.

A abertura de caminhos gerou uma nova dinâmica, pois a facilidade em aceder à Serra d'Arga era muito melhor, podendo efetuar-se o transporte do minério em viaturas, desde as minas situadas nesta serra até à 'Separadora'.

O percurso continua até depois da ponte sobre o ribeiro do Cavalinho, onde irá encontrar um caminho, à esquerda, que fará a ligação até Bouça do Abade e desta até à Casa de Montanha, no Cerquido.

Durante esta última caminhada poderá observar os socacos de montanha, culturas agrícolas e as altas escarpas rochosas de granito que caracterizam o local.



Local de partida: 'Casa de Montanha do Cerquido'
Local de chegada: 'Casa de Montanha do Cerquido'
Duração média do percurso: 2 horas
Extensão: 9,6 Km
Grau de dificuldade: Moderado
Tipo de percurso: Circular
Tipo de rota: Pequena Rota

PERCURSO DA VENDA DO MINÉRIO



1. Casa de Montanha do Cerquido



Este percurso representa o itinerário que antigamente era realizado pelos trabalhadores mineiros que, desde a Serra d'Arga, traziam o minério à cabeça para venderem na 'Separadora', no Largo da Freiria, em Arcozelo.

O percurso inicia-se na Casa de Montanha do Cerquido local de acolhimento e informação aos turistas. Este espaço disponibiliza, também, alojamento, em perfeita harmonia com a paisagem e espaços dedicados a exposições.

2. Mina do Fulão



Segue-se depois pela estrada que liga o Cerquido a Estorãos.

À saída do Cerquido, em frente, pode observar-se as escombrelas e edifícios da antiga exploração mineira de volfrâmio, estanho, tântalo e ouro denominada "Fulão".

Os edifícios visíveis serviram para albergar antigos trabalhadores mineiros e engenheiros e direção da concessionária, intituladas designadamente por 'Casa

do Pessoal' e 'Casa da Direção'.

Esta exploração gerou um considerável desenvolvimento da região através da construção de estradas e da oferta de emprego para a população, sedenta do "fácil enriquecimento".

Virando à direita, pode, de seguida, admirar antigos moinhos do Cerquido que junto ao curso de água laboravam, e ancestrais sobreiros de dimensões consideráveis.

Ao longo do percurso pode observar-se a paisagem campestre e florestal constituída por campos agrícolas em socacos de montanha, por oliveiras e pomares e por pequenos bosques de espécies autóctones, arborizações de pinheiro bravo e eucalipto.

Vai-se descendo na estrada municipal 1354 passando pelo lugar da Costa até ao lugar da Pica, admirando a paisagem rural com as suas vinhas na tradicional ramada.

Da Pica o percurso dirige-se para a igreja de Estorãos, atravessando uma pequena ponte e dirigindo-se pela antiga estrada podendo admirar antigas fontes.

Já na igreja de Estorãos, segue até à ponte romana com a sua característica azenha e depois até Santo Amaro. Daqui encaminha-se para a Veiga da Agra e da Lousa, onde poderá observar as veigas tipicamente minhotas, passando pelo monumento designado 'Estatua das Quatro Mãos' que invoca a união das quatro freguesias (Estorãos, S. Pedro de Arcos, Moreira do Lima e Sá) na luta por ultrapassar as dificuldades sentidas na década de 60, do século passado, com o primeiro projeto de emparcelamento agrícola português e regadio.

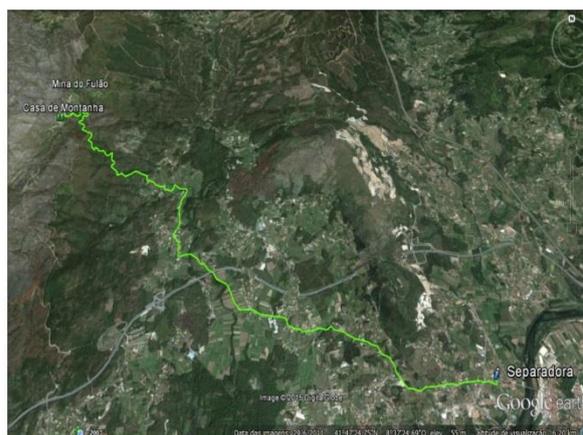
Depois segue em direção a Sá até à Senhor da Saúde, encaminhando-se a partir deste local pela estrada que nos guia até à Senhora da Luz.

3. 'Separadora'



Da Senhora da Luz dirija-se para a 'Separadora', no Largo da Freiria, em Arcozelo, local onde muitos mineiros vendiam o minério, principalmente aos dias de feira, para auferirem rendimento e conseguirem desfrutar da feira, comprando os bens necessários.

Neste local termina o percurso e fornecem informações e esclarecimentos aos turistas.



Local de partida: 'Casa de Montanha do Cerquido'

Local de chegada: 'Separadora'

Duração média do percurso: 4 horas

Extensão: 11,3 Km

Grau de dificuldade: Moderado

Tipo de percurso: Linear

Tipo de rota: Pequena Rota

PERCURSO DA REPRESA

1. 'Separadora'



Este percurso representa o itinerário que era feito desde a 'Separadora' até à Serra d'Arga, após a abertura da estrada que gerou uma nova dinâmica, podendo efetuar-se o transporte do minério em viaturas, desde as minas situadas nesta serra até à 'Separadora', situada no Largo da Freiria, em Arcozelo, Ponte de Lima.

Neste contexto, considerou-se apresentar este percurso como um 'Percurso com meio de transporte'.

O percurso inicia-se na antiga 'Separadora', espaço onde era tratado o minério oriundo das minas da Serra d'Arga.

Deste local segue-se pela estrada nacional em direção a Viana do Castelo, optando seguidamente pela estrada nacional que se dirige à Serra d'Arga em direção a Moreira do Lima, aproveitando para desfrutar de toda a paisagem marcadamente rural, serpenteada por ribeiros cristalinos.

Depois de Moreira encaminha-se para o lugar do Lourinhal, passando por uma ponte, que foi construída pela empresa MIPOLI, com o objetivo de aceder mais facilmente à serra.

2. Barragem do Lourinhal



Após a ponte, à direita, encontra-se um caminho em terra batida que nos leva até à represa do Lourinhal (Figura 55) ou barragem de finos do Lourinhal.

Esta estrutura surgiu devido à intensa exploração mineira ocorrida nesta área que acarretou uma alteração artificial do leito do ribeiro de Fragos.

Junto ao curso de água da Ribeira do Seixalvo, afluente deste rio, foi construída uma lavaria das minas e, como forma de reter os escombros presentes neste leito, foram construídas duas barragens. Uma delas junto à lavaria da antiga mina e outra próxima da ponte do Lourinhal. A primeira cedeu à força das águas, seguindo todo o escombros para a outra barragem, que ainda subsiste atualmente.

Esta estrutura passa despercebida, parecendo natural.

3. Mina do Fulão



Após esta paragem segue-se em direção ao Cerquido passando pela localidade mineira das 'Mãos', onde existiu também uma mina com o mesmo nome.

Depois passa-se pela exploração mineira do Fulão, onde se pode observar as escombreiras e edifícios construídos para alojar os engenheiros e os trabalhadores mineiros. Esta mina foi de crucial importância

para a época fomentando o desenvolvimento económico da região.

3. Mina do Cavalinho



O percurso segue, podendo dirigir-se em direção a Arga de Cima, parando no lugar do Cavalinho, onde se encontra identificada uma antiga exploração mineira de volfrâmio e estanho da responsabilidade da empresa 'Entrepasto Mineiro do Minho', em funcionamento na década de 40 do século passado.

Presentemente ainda é visível uma galeria e uma trincheira, assim como uma escombreira de dimensões consideráveis, por cima da mina, junto à estrada.

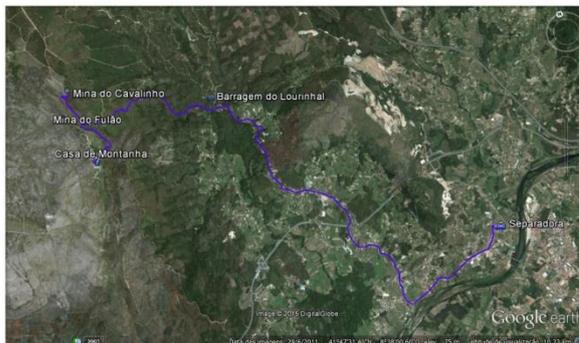
Próximo da galeria existe, também, uma casa de xisto que, de acordo com o plano de lavra da antiga concessão, corresponde ao local da antiga lavaria manual. Mais em baixo, perto desta, encontra-se um edifício de exíguas dimensões, que constitui o antigo paiol desta mina.

4. Casa de Montanha do Cerquido



Deste local segue-se em direção ao Cerquido, passando-se novamente pela mina do Fulão. Poderá contemplar mais atentamente esta área mineira de valor patrimonial, agora noutra perspetiva, no lado oposto do vale que nos separa da mina.

O percurso termina na 'Casa de Montanha', espaço de acolhimento e informação aos turistas.



Local de partida: 'Separadora'

Local de chegada: 'Casa de Montanha do Cerquido'

Duração média do percurso: 4 horas

Extensão: 16,6 Km

Tipo de percurso: Linear